

C O L E Ç Ã O N O R D E S T I N A

Augusto dos Anjos e sua Época

2ª Edição

Humberto Nóbrega



EJ Editora
UFPB

COLEÇÃO
NORDESTINA

**AUGUSTO DOS ANJOS
E SUA ÉPOCA**

- 2ª edição -



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitora MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ
Vice-Reitora BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA

EJ Editora
UFPB EDITORA UFPB

Diretora IZABEL FRANÇA DE LIMA
Supervisão de Administração GEISA FABIANE FERREIRA CAVALCANTE
Supervisão de Editoração ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR
Supervisão de Produção JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

CONSELHO EDITORIAL ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL (Linguística, Letras E Artes)
FABIANA SENA DA SILVA (Interdisciplinar)
GISELE ROCHA CÔRTEZ (Ciências Sociais Aplicadas)
ILDA ANTONIETA SALATA TOSCANO (Ciências Exatas e da Terra)
ADAILSON PEREIRA DE SOUZA (Ciências Agrárias)
LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA (Ciências da Saúde)
MARIA DE LOURDES BARRETO GOMES (Engenharias)
MARIA PATRÍCIA LOPES GOLDFARB (Ciências Humanas)
MÁRIA REGINA VASCONCELOS BARBOSA (Ciências Biológicas)

HUMBERTO NÓBREGA

**AUGUSTO DOS ANJOS
E SUA ÉPOCA**

- 2ª edição -

João Pessoa
Editora UFPB
2018

Direitos autorais 2018 – Editora UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA UFPB

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

Projeto Gráfico	EDITORA UFPB
Cotejo & Diagramação	Jerfson Oliveira
Revisão de Texto	Gregório Pereira

Catlogação na fonte:
Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

N754a Nóbrega, Humberto.
Augusto dos Anjos e sua época / Humberto Nóbrega. - 2. ed. -
João Pessoa : Editora UFPB, 2018.
440 p. : il. ; 15 x 22 cm. - (Coleção Nordestina, 103)
ISBN: 978-85-237-1355-3
1. Literatura brasileira. 2. Crítica e interpretação. 3. Poemas -
Augusto dos Anjos. I. Título.

UFPB/BC

CDU 82(81)

EDITORA UFPB Cidade Universitária, Campus I - s/n
João Pessoa – PB
CEP 58.051-970
<http://www.editora.ufpb.br>
E-mail: editora@ufpb.br
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:



Nota ao leitor

A Editora UFPB preservou os aspectos linguísticos inerentes ao vocabulário e à ortografia em respeito à natureza histórica da obra.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

À Guisa de Justificação	9
-------------------------------	---

CAPÍTULOS

I • PRESTÍGIO DA FESTA DAS NEVES	17
II • AUGUSTO, POETA HUMORISTA?	41
III • A VERVE DE AUGUSTO CONTRA O PROVINCIANO POETA AMERICO FALCÃO	61
IV • AUGUSTO, POETA GALANTEADOR.....	73
V • AUGUSTO FACETO.....	127
VI • AUGUSTO, CRONISTA SOCIAL	183
VII • AUGUSTO, POETA DE ANÚNCIOS COMERCIAIS.	197
VIII • AUGUSTO ROMÂNTICO SUAS FRUSTAÇÕES.....	211
IX • AUGUSTO, POETA DE CRISTO, DE DARWIN E DE HAEKEL.....	225
X • A AFEIÇÃO FAMILIAR DE AUGUSTO	261
XI • AUGUSTO, PROFESSOR, CRÍTICO LITERÁRIO E POLEMISTA	311

XII • O SOCIALISMO NA POESIA DE AUGUSTO	343
XIII • AUGUSTO E A ALIENAÇÃO DO ENGENHO DO PAU D'ARCO	363
XIV • AUGUSTO NÃO FOI TUBERCULOSO	385
SOBRE O AUTOR.....	427

À GUISA DE JUSTIFICAÇÃO

Colecionador de jornais, adquiri o hábito de ocupar os momentos de lazer com a leitura de gazetas antigas Periódicos de várias idades e de gêneros os mais diversos literários, políticos, humorísticos, esportivos guardo-os, tanto da Paraíba como de outros Estados e do estrangeiro também, alguns já velhos, de quase um século. Manuseá-los é uma maneira de sentir o passado, única realidade humana no dizer de Anatole France.

Que me acoimem, pois de passadista. Nasci assim, com essa sensibilidade que empresta a uma reminiscência suave, maior valor que a castelos arquitetados por inveterados sonhadores.

Subscrevo e adoto o pensamento de Benavente:

“as recordações encerram mais poesia do que a esperança; do mesmo modo como as ruínas são muito mais poéticas do que os planos de um edifício em projeto”...

Certa feita, tendo de estudar um tema de minha especialidade, controvertida e árido, resolvi por mero desfastio, entremear com um assunto de outra natureza, mais leve, mais suave. Havia adquirido, fazia pouco tempo, a coleção do **Nonevar**, período de 1908, jornalzinho que por muitos anos circulou durante os dias da festa de Nossa Senhora das Neves, a padroeira da cidade de João Pessoa.

E logo à primeira leitura, fui tomado de agradável surpresa. O artigo estava vazado naquêlo estilo empolado e inconfudível de Augusto dos Anjos. Açuçada a minha curiosidade por suspeita tão estarrecedora, procurei certificar-me, e qual não foi a minha satisfação ao encontrar lá no meio dos integrantes do corpo redacional, escrito com tôdas as letras, o nome do poeta.

Joguei de lado tudo o que era de tratados e revistas científicas, que me entulhavam a mesa, e passei a ler, com a avidez de quem precisa desalterar, os exemplares, em número de onze, daquela fôlha humorística, descobrindo, aqui e ali, trabalhos que revelavam a mesma procedência.

Desde que me entendo de gente, sou um afeiçoado da poética de Augusto. Ainda adolescente, adquiri um exemplar da primeira edição do EU. E embora não pudesse perceber tôda a grandeza e toda a penetração do pensamento do artista, aprendi de cór, porque soavam aos meus ouvidos de uma maneira harmoniosa, profunda e bela, vários de seus poemas.

Habituei-me a ler e a anotar tudo o que encontro relacionado com o EU e seu autor.

Mas, até então, só conhecia o Augusto a quem os críticos classificavam de poeta da dor, poeta da tristeza, do pessimismo, da incredulidade, poeta fronteiroço da loucura e que cêdo contraira a tuberculose! Um dêles, chegou ao desplante de aponta-lo como aferrado a hábitos profundamente anti-higiênicos! E toda estas deformações estavam passando em julgado, como verdades inconcussas!

Aquelas páginas desbotadas pelo deslizar do tempo (mais de cinquenta anos que fôram impressas) vieram revelar-me um outro Augusto bem diferente: crédulo, alegre e chistoso, inspirado em motivações do belo e do jucundo, facêtas desconhecidas e até mesmo negadas pelos seus exegetas mais eminentes. Na verdade ali o temos decantando as beldades e focalizando os jovens de talento ou os janotas de então; fazendo-se de cronista social e poeta de anúncios comerciais.

A par dessas revelações, ditas páginas, trouxeram ao meu espirito o ambiente da província nos primeiros anos dêste século, com suas figuras ainda jovens e dominantes, e agora quase tôdas desaparecidas.

Tentei reconstituir aquele meio social, através de metódica perquirição com as pessoas remanescentes e os guardados daquela quadra longínqua.

Obedecendo à ordem cronológica com que Augusto perfilou as **deusas** e os **smarts** daqueles período, fi-los desfilar neste ensaio. Procurei pôr em evidência seus traços marcantes de nobreza moral, de inteligência, de beleza e, mesmo, de excentricidades, para que o leitor melhor admirasse, aqueles vultos que impressionaram o poeta. Quando possível, estampeei suas fotografias, justamente na era em que se viram augustianamente focalizadas.

Dêsse trabalho de levantamento estético-histórico, me convenci que, a mocidade, quando iluminada pelo fulgor do talento, permanece incólume à ação do tempo. O espiritual, por assim dizer, não sofre a influência do decorrer dos anos.

Ao reler na maturidade o **Panegírico de Santa Mônica**, de autoria de um seu colega de Seminário, D. Casmurro percebeu essa influência imperecível do passado e afirmava:

“aquelas outras caras me fitavam nas páginas frias do Panegírico! Não, não eram frias; traziam o calor da juventude nascente, o calor do passado, o meu próprio calor”.

Não posso dizer que o **Nonevar** irradia o meu próprio calor, porque não tive a ventura de pertencer à geração dos seus cintilantes colaboradores.

Mas através dêsse jornalzinho de festa, pude fitar, ao lado das formosas senhorinhas, a fisionomia das mais notáveis intelectualidades paraibanas, nas duas primeiras décadas desta centúria.

Acredito, talvez, proporcione êste ensaio uma regressão histórica, nos conceitos até agora vigentes em tórno da personalidade de Augusto. Êle aqui aparece bem diverso de como tem sido dividido nos quadros da crítica literária e nas pesquisas científicas que a sua figura de homem e de poeta tem provocado.

O **Nonevar** era parte integrante dos festejos religiosos, em louvor à padroeira da cidade.

Terminada a pia novena, a gazeta deixava de circular. Sem o valor dos órgãos de opinião pública, êsse jornalzinho, inçado de literatices e graceios, tinha, contudo, a virtude de proporcionar uma visão objetiva e perfeita da influência que a festa católica exercia outrora na vida da província. Os maços de hoje não podem imaginar como seus avós se empolgavam com a novena em honra à excelsa Virgem das Neves.

São os frutos dessas abordagens e as divagações delas derivadas, que focalizarei neste trabalho.

É o estudo singelo de um mero diletante das belas letras sem pretensões inovadoras.

Não interpretarei o resultado dessas indagações.

O prisma precípua de minha apreciação sôbre Augusto, é o seu humorismo. Não se me afigura jactância afirmar que, sob êste ângulo, a crítica ainda não o visualizou. Que ela o faça com a clarividência e a sensibilidade artística de seus mestres. Estou apenas mostrando uma floresta virgem, sem ousar penetrá-la. Com a timidez decorrente de minha obscuridade de provinciano, quero, tão sómente, figurar como o indicador de um roteiro novo a ser palmilhado por aquêles que, desejarem contemplar, mais de perto, uma obra de exuberante beleza.

“Outro que não eu, a pena tome”.

As paginas do **Nonevar** reascenderam meu culto pelo poeta do tamarindo.

Corri às bibliotecas públicas e às particulares. Embrenei-me em pesquisas revolvendo livros de tombo, coleções de jornais, assentamentos eclesiásticos, e fazendo buscas em cartórios, fruto dos quais consegui, ao compulsar processos de inventário e partilha, alcançar os pentavós de Augusto. Examinei cêrca de seiscentos documentos, além de vários objetos guardados por mais de uma geração de Carvalho dos Anjos.

Selecionei todo êsse material; providenciei fotocópias das peças que me ofereciam maior interêsse. De viva voz e ainda mediante correspondência epistolar, colhi subsídios de quem me pudesse ministrar. Dirigi-me a altos dignatários da República e da igreja e também a humildes camponêses da várzea da Paraíba. Os filhos do poeta, seus irmãos, cunhados e outros parentes seus, consanguíneos e afins; seus amigos, companheiros, confrades e alunos, e por último, a quase totalidade das figuras que, perfilados pela sua pena em o **Nonevar**, ainda sobrevivem, eu, num incontido afã de bisbilhotar a personalidade de Augusto, as entrevistei.

Antes de chegar ao fim destas linhas, escritas à laia de explicação, ímpele-me o dever de mencionar o nome de alguns amigos que muito auxílio me prestaram na elaboração dêste modesto ensaio. Quero referir-me a Coriolano de Medeiros, Mariana Cantalice, Juvenal Coelho, Olivina Olivia e Rita Ricardina Carneiro da Cunha, Alexandre da Costa Cunha Lima, Edson Neri, Odilon Ribeiro Coutinho, Luiz Gonzaga Buriti, José Machado Filho, Julia Gabino Bezerra Cavalcante, Davina Queiroz, Celso Mariz, Luciano e Manoel Ribeiro de Moraes, Dilermano Luna, Mário Raposo, Celso Otávio de Novaes, João Celso Peixoto, Júlio dos Anjos, Heronides Cunha e Humberto Pinho, dos quais me vieram preciosos elementos ou me indicaram fontes, pertinentes a identificação de pessoas e reconstituição de fatos ligados a **Augusto dos Anjos e sua época**.

A Seraphico da Nóbrega Filho, da Academia Paraibana de Letras, inteligência brilhante, invejável cultura e memória prodigiosa, consigno o seu maior e melhor agradecimento, pelo quanto de estímulo e sugestões me deu para a elaboração deste trabalho.

Substancial ajuda, bondosamente prestada, na revisão dos textos recebi do professor Paulo Bezerril, da Faculdade de Direito da Paraíba. Espírito cintilante, possuidor de sólidos conhecimentos jurídicos e humanísticos, de lamentar é que não tenha querido ainda publicar um livro. Talvez, à míngua de tempo, absorvido todo entre o fôro, a cátedra e a música, arte de que é exímio diletante.

Do ex-presidente Carlos Luz, preclaro filho da cidade de Leopoldina, há pouco desaparecido, colhi valioso cabedal referente aos derradeiros quatro meses de vida de Augusto, que foram passados lá na chamada Atenas Mineira.

Igualmente ao Cônego José Ribeiro Leitão, vigário geral da referida cidade, recebi informes os mais importantes sôbre a última fase da existência do poeta.

Agradecido sou ao jovem acadêmico de direito José Augusto Nobre, por intermédio de quem travei amizade com dona Francisca de Carvalho Rodrigues dos Anjos, falecida ha um mês. Foi essa veneranda criatura, ainda lúcida e bem lúcida, nos seus oitenta e quatro anos de idade, quem me forneceu a mais vasta e copiosa soma de informes e documentos que eu poderia conseguir a respeito do poeta do “EU”. Graças à sua apresentação, pude ainda conhecer aos seus sobrinhos Glória e Guilherme, filhos de Augusto, dos quais granjeei excelentes adminículos.

Também merece ressaltar aqui a colaboração recebida do Prof. Arnaldo Tavares. A árvore genealógica de Augusto e a casa-grande do engenho Pau d’Arco, são dois bicos de pena de sua autoria, feitos com os dados que lhe forneci.

Não devo esquecer, igualmente, de assinalar a assistência recebida do teatrólogo Ariano Suassuna, meu amigo de infância, na fase de composição e impressão dêste “Augusto dos Anjos e sua Época”.

Na enumeração daquêles a quem tanto ocupei na preparação desta obra, não seria justo omitir a colaboração da senhorita Ivonilda de Andrade Botelho e do sr. Manoel Macedo Junior, as pessoas que gentilmente, tomaram o encargo de datilografar toda a matéria aqui enfeixada e todos os documentos a serem copiados.

Ao finalizar estas linhas explicativas, desejo externar ao magnifico reitor Mário Moacyr Porto a gratidão que lhe renda pela sua iniciativa de fazer editar êste livro, sob o patrocínio da Universidade da Paraíba.

A generosidade de Sua Magnificência foi um encorajamento à realização de meu desejo de divulgar “Augusto dos Anjos e Sua Época”. E foi, sobretudo, uma homenagem de seu esclarecido espírito à memória de um dos maiores poetas paraibanos, um dos maiores poetas do século.

Engenho Goiamunduba, 7 de setembro de 1961

Humberto Nóbrega

CAPÍTULO I
PRESTÍGIO DA FESTA
DAS NEVES



Por volta de 1900, o acontecimento religioso e social de maior relêvo na Província era, sem dúvida, a Festa das Neves.

O povo se preparava durante o ano, para viver aquelas dez noites tradicionais.

Na véspera do encerramento do novenário, o Cura da Sé, no consistório da Matriz, elegia os juízes, escrivães, tesoureiro, procuradores, mesários e demais noitários responsáveis pelo do ano seguinte. E na Missa cantada, antes do sermão, o vigário proclamava os eleitos. Terminada a cerimônia, precedido da banda de música, quase todo o povo ia em cortejo à casa dos juízes designados, cumprimenta-los pela altíssima distinção que acabavam de receber.

A animação era surpreendente.

Os festejos se iniciavam às cinco horas da manhã, e terminavam, praticamente, na madrugada subsequente. Comentando o fulgor que então esplendia, o velho professor Coriolano de Medeiros, festejado historiador coestaduano, informa que o decêndio dedicado à festa corria quase todo em completa vigília.

Feita a escôlha, cada qual trazia uma sugestão, uma nova idéia ou lembrava uma providência a fim de que o próximo novenário se apresentasse com maior brilho. E quando era de sua proximidade, os jornais se enchiam de reclames. Casas comerciais a anunciar a renovação de seus sortimentos. E como os chapéus eram de palha da Itália; as meias, da Escócia; os calçados, de Viena; a sêda, do Porto; o figurino, parisiense, tudo importado, aquêles anúncios davam o câmbio da transação.

Os artistas também ocupavam as secções pagas das gazetas.

Uns ofereciam seus serviços na parte iluminatória. Àquele tempo, dada à falta de energia elétrica, saber dispor os combustores a querosene, a azeite de *carrapato* (mamona), a acetilêneo ou lanternas com velas de cêra, constituía uma arte.

Os pirotécnicos Joaquim Coitinho, Antonio Girão, Davino Menêses vinham de outras plagas competir com José Fernandes (porteiro do Teatro Santa Rosa), “Seu Frederico” da Rua da Ponte e “Seu Valdevino” de Barreiras, na confecção e venda de salvas, girândolas, fogos de lágrima furta-côr, de bengala e peças de artifício.

Os armadores de balão, Francisco Pereira da Silva, Augusto Pires Ferreira, Aurélio Filgueira, Luiz Amendoim (um excêntrico maometano), José Arsênio Serrano Navarro anunciam as vantagens dos seus “aereostáticos que se perdiam na região do infinito”, cada qual, com mais pormenor no formato e nos matizes. Corria muito dinheiro.

Lojas de outras praças estabeleciam aqui efêmeras filiais. A *Chapelaria Rafael* era uma freguesa de todos os anos, competindo com a *Chapelaria Pena*, de Antonio Pena e a *Botina Elegante*, de Joaquim Etelvino com *Le Paradis*, de Manoel da Cunha.

Modistas do Recife e mesmo de Salvador, mal se apagavam as fogueiras de São João iam aparecendo. Assim, a *Casa Cantalice*, de Diomedes Cantalice, a *Rainha da Moda*, de Avelino Cunha e a *Casa Vesúvio*, de Vicente Rattacaso, na cidade baixa, atraíam a fina flor da aristocracia tabajara. E nova fogueira se ascendia (desta vez para queimar dinheiro), na aquisição das *toilettes* expostas pelas Mmes. Berta, Luiza, Anita, Garcia, etc.

Enquanto isto, os pobres não precisavam ir ao Varadouro. Renovavam seu guarda-roupa, mesmo na Rua Direita, no *Capricho*, de Mendes Ribeiro, na *Sempre-Viva*, de Virgílio Barbosa da Silva e ainda na rua Nova, no *Cosmorama*, de José Maria de Andrade.



Uma senhora trajando pelo rigor da moda, em 1908

Essa nítida e natural divisão de comércio (cidade alta e cidade baixa) assemelhava-se a uma modalidade espontânea e bizarra de vingança social. Os burgueses desciam para se abastecer. A plebe subia para comprar.

Compunham o quadro de modistas indígenas Nena Mendes, Sinhá Gomes, Ritinha Carneiro da Cunha, Bem Figueirêdo, Ritinha Câmara, Cibela Amaral e poucas mais.

A moda, como sempre, apresentava seus requintes.

O uso do chapéu era comum. Para os homens, obrigatório.

De Carlos Dias Fernandes partiu a primeira reação contra o uso do chapéu, atitude que foi seguida por Tavares Cavalcanti. Não colocavam na cabeça, mas conduziam-no à mão. . .

Certa feita, exprobaram essa atitude de Tavares, de imitar o diretor de “A União”. É que, naquele tempo, andar pelas ruas com a cabeça descoberta era cometer um ato de excentricidade, uma transgressão as tradições e ao recato da própria sociedade.

E, também, algo de exibicionismo. Tavares, homem de personalidade, de talento, retorquiu: “Que importam êsses comentários de estar eu imitando o que Carlos Dias tem de bom!”.

Para o sexo frágil, o chapéu era de formato o mais diverso. Adornado com pluma, flor, véu, pássaro e um invariável grampo que, atravessando-o de lado a lado por entre a cabeceira, o sustinha contra a ventania. Tal grampo, em reuniões de grande aglomeração, foi causa de acidentes. Nas manobras com a cabeça, na igreja, no pátio e em outras oportunidades, arranhou muitas caras. Havia mesmo senhoras que se celebrizaram pelo número relativamente avultado de ferimentos praticados.

Internamente, usavam-se “calças de perna” e corpinho coberto pelo espartilho (couraças ou aspas) e, por cima, camisa e saia branca, (hoje combinação e anágua, respectivamente) guarnecidas de rendas, bicos e fitas. Havia também as anquinhas.

Os vestidos atacavam em cima, no pescoço, e, semelhantes hábitos desciam além dos tornozelos. Por isso, havia o



Um “Smart” em 1908

porta-cauda, um broche grande próprio para levantar de lado o excesso de fazenda.

Arrepanhar bem as sobras da saia representava um especial donaire na elegância feminina. Sôbre evitar que a roupa arrastasse pelo chão, tinha a virtude de revelar os enfeites (bordados, rendas, fitas, etc.) da saia branca.

Sendo hábito, então, realizar-se na Noite das Moças, um baile no Clube Astréia, a cauda do vestido era suposta, despregável, de tal arte que a dama, quando oportuno, facilmente dele se desvencilhava.

A blusa, com golinha e coberet feito de lã ou fazenda rendada, exibia, às vêzes, um jabot no peitilho. Já existia o bolero.

A saia, tipo godet, chamava-se de sino, sendo muito apreciada a corselete.

As senhoras por se acharem em estado interessante, não se privavam de comparecer às solenidades. Usavam o ensemble então denominando-o *matinée*.

Os calçados mais em voga eram de duraque providos de lacinhos do mesmo tecido e fivelas de cima a baixo e a velbotina, atacada de um lado por uma carreira de botões e guarnecida em cima por uma auréola de pêlos. Estiveram em moda também os sapatos de setim, de veludo preto ou bordados com vidrilhos verdes, vermelhos ou rôxos. Salto carritel para mocinhas e salto Luiz XV para as senhoras.

As meias, que eram rendadas, acompanhavam a côr do vestido. E assim, cada toilette se apresentava com suas respectivas peúgas.

As luvas tinham tipo especial para cada solenidade.

Constituia *gaffe*, por exemplo, acompanhar a passeata que saía, à tarde, com a bandeira dos encarregados da noite, calçando intei ras, de cano alto, as quais deviam ser usadas apenas nas novenas.

De dia, o tipo adequado era a *mitaine*, luvas curtas, sem dedos, para permitir a exibição, tão apreciada, de anéis, desde o indicador ao mínimo, isto em ambas as mãos.

Leques de pluma, sêda ou papel cetim eram trazidos, segu ros a longos trancelins de ouro enrolado várias vêzes ao pes coço. Ostentavam-se relógios presos a ricas *chateaines*; cassoleta com monogramas ou fotografias de entes queridos, cama feus, broches, e pulseiras de vários tipos.

Não se andava de bolsa, mas raramente se deixava o guarda-sol de sêda do Pôrto ou de lã, enfeitado de renda e babado. Cabo comprido de madreperola ou castão dourado com laços de fita.

Os marmanjos começavam a abandonar o *croisé*; mas o prestígio do frack era absoluto. O paletó lascado atrás começava a ser apreciado. De sua confecção encarregavam-se os mestres Lisboa, Jurubeba, Sampaio, Pierrio e Manoel Roberto, sendo os dois primeiros os mais afamados.

Posteriormente, a partir da segunda década do século, os ternos passaram a ser confeccionados na *Torre Eifel*, de Manoel Henriques de Sá, na *Rainha da Moda*, por Marcos Evangelista, na *Alfaiataria Zácara*, por Mateus Zácara, em *Domingos Griza*, por Estevam Conte na *Alfaiataria Gameiro*, por Belarmino Carneiro, ou por J. Eduardo de Holanda, na *Alfaiataria do Norte*.

O templo recebia rica e profusa ornamentação.

Os pintores Lira e Rogaciano, êste despachante aduaneiro, se esmeravam em apresentar, cada ano, uma nova e mais sugestiva cena.

Era, porém, nos adôrnos internos que mais se caprichava.

Os armadores (os decoradores de hoje) José de Passos, Belmiro Ramalho, Manoel Moça, José Navarro, e Manoel Pinto mostravam-se cada vez mais caprichosos no enfeitar o santuário, as naves, o púlpito e as tribunas. Para iluminação chamavam Francisco Bezerra, encarregado, também, da Festa do Carmo, o qual “executava um trabalho excelente e por preço baixíssimo”, segundo seu próprio anúncio nos jornais da época.

Os candelabros limpos da poeira de um ano inteiro voltavam a rebrilhar.

Para atender ao apêlo do Vigário, colhiam-se tôdas as flôres dos jardins particulares e as praças públicas também mandavam suas rosas, jasmins e dalias e estefanotes para o embelezamento dos altares.

Poucos, muito poucos os que deixavam de cooperar para a suntuosidade dos festejos.

Tudo era assunto. Precisava-se de algo com que entreter o tempo. Algo que não fôsse negócio, interesse material, preocupação de lucro, mercancia.

Daí as polêmicas, as discussões, às vezes acaloradas, quase travavam, nas colunas dos jornais, a respeito das chamadas pompas profanas. Veja-se, por exemplo, a veemência com que a *Gazeta do Comércio*, de 24 de julho de 1895 abordava esse tema:

“Deve ser abolida **in-totum** a ostentação vaidosa do luxo, ao serviço de Deus, como testemunha, constrangimento, nas festas de Nossa Padroeira, a Senhora das Neves, e que ora se aproxima.

Temos notado muitas vêzes ali que o afã predominante d’alguns encarregados, destas festividades é para o decôro do pátio da Igreja, deixando o ponto principal, o interior do Templo, que deveria primar, sobretudo, pois ali é que está o trono daquela Mãe Santíssima Protetora extremosa de nossas almas. Ainda o ano passado, contaram-nos, despendeu-se mais de quatorze contos de reis, sem que um ceutil fosse aplicado na nossa Catedral”.

Era assim que nossos avós viviam! Existência de costumes provincianos.

Com o evolver do tempo a tradicional Festa das Neves, que era de início, um novenário, foi-se dilatando nos seus dias de função. Época houve em que “o novenário”, chegou a durar dezoito dias! Mas enquanto ganhava expansão no tempo, perdia em brilho e distinção nas solenidades.

O aparecimento da luz elétrica, a fundação de jornais humorísticos para comento dos acontecimentos sócio-elegantes, durante aquêles festejos à Padroeira da cidade, a instalação do célebre “Pavilhão Dom Ulrico”, no páteo da Catedral, e fatos outros gerados pelas complicações da vida moderna, concorreram para emprestar aos festejos um nôvo e diferente sentido.

O sermão da missa cantada, no dia do encerramento, não seria proferido por qualquer sacerdote. Só os reconhecidos oradores sacros tinham a honra de subirem ao púlpito naquela solenidade. O renome do escolhido deveria atrair à Casa de Deus, não apenas os fiéis, mas ainda os efeiçoados de um bom verbo, embora não professassem o credo católico.

Daí a razão por que somente a pregadores do estôfo de um Padre Lindolfo, um Fernando Lopes, um Santinho Coutinho, um Padre Amorim, vigário de Itambé, era dado fazer o panegírico da Senhora das Neves.

A facúndia, a retórica, a profundeza dos conceitos, a elegância do gesto, o timbre de voz, todo êsse conjunto de requisitos que o bom orador deve reunir, tudo era apreciado e devidamente criticado pela assistência.

Conta-se até, que, certa feita, o entusiasmo provocado por um dêsses pregadores, subiu ao ponto de levar os beletristas Castro Pinto, Rodrigues de Carvalho e Eliseu Cesas a prorromper, dentro da própria Igreja, em aplausos calorosos, com pasmo e escândalo para a maioria dos fiéis.

O côro da Catedral integrado por cantores e instrumentistas de grande virtuosidade, dentre os quais Florentino Rammalho, Minervino Mindêlo da Cruz, José Porciúncula, Antonio Secundino de Oliveira, José Bernardino, Benedito Silva, José Serrano, Epímaco Batista, José de Araújo, os irmãos Plácido, Vencelêncio e Diomedes Cesar e tantos outros, encantava pela técnica e maviosidade das execuções.

Levavam-se grandes missas, a de Colais, por exemplo, grandes “Te Deum”, como o de São Joaquim, grandes novenas e antifonas, pois a êsse tempo ainda não havia o Vaticano baixado o breve “Motu próprio”, por meio do qual fôram proibi das, dentro das igrejas, as músicas de sabor profano.

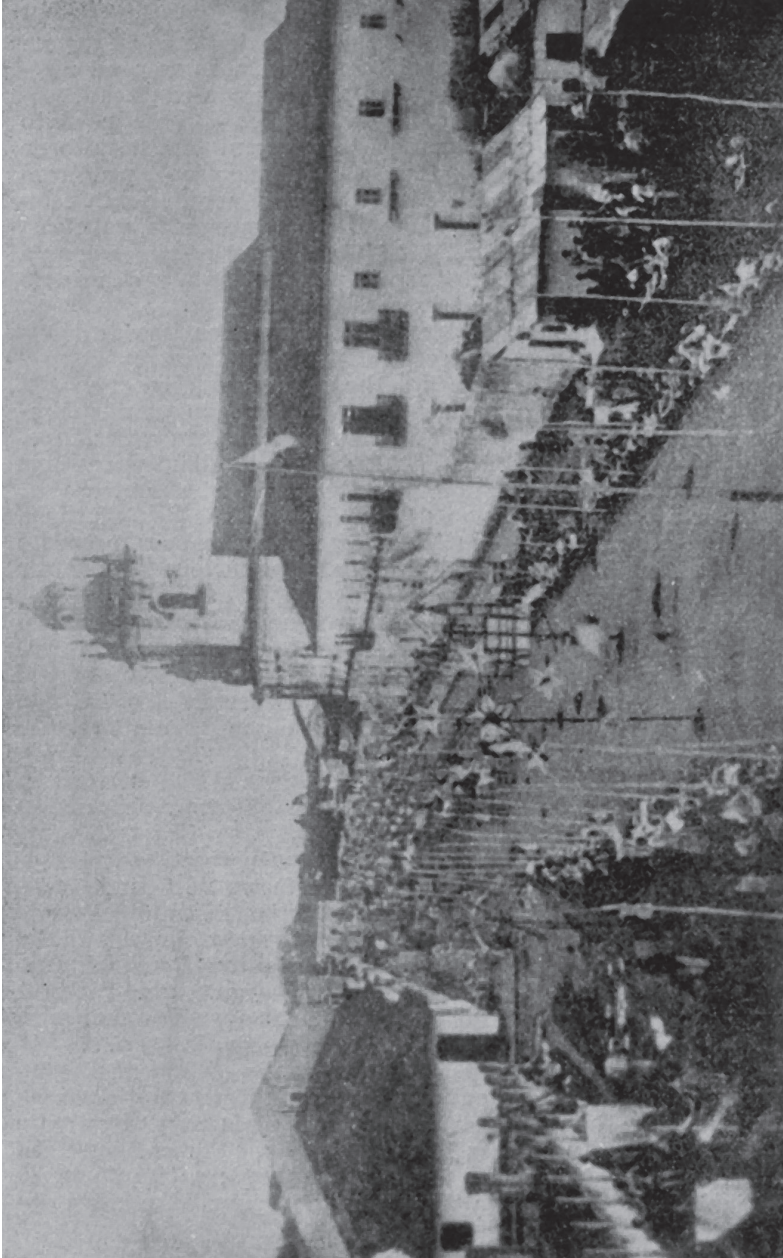
No pátio, várias bandas de música se sucediam executando marchas, dobrados, mazurca, valsa, polcas, *shots*, *Pas de Quatre* e peças de harmonia. As melhores eram a do Batalhão de Segurança, sob a batuta do alferes Camilo Ribeiro e a do 27º Batalhão de Infantaria dirigida pela maestro Manoel Menelau Gomes Marinho, as quais mantinham constante rivalidade.

De merecida fama gozava a banda da Sociedade de Artistas, Mecânicos e Liberais, denominada “Lira Paraibana”, que tinha a sua frente o musicista J. Rodrigues Correia Lima, o conhecido Prof. Zé Grande.

Era um deleite para o povo, quando, terminada a tocata da noite, a “Lira” se recolhia ao alojamento, ao som do mavioso dobrado “Lamego”, composição do seu regente.

A “Casa Prealle”, do Recife, adquiriu os direitos autorais, dessa composição, cuja melodia foi, posteriormente adaptada a outros arranjos orquestrais.

A mocidade a êsse tempo, era mais afeiçoada à sublime arte de Beethoven. Nos serões familiares, faziam-se recitativos, ao som de suaves melopéias, como “Dalila”, e cantavam-se modinhas acompanhadas ao piano. Os rapazes não tinham a tentação das “boites”, nem sentiam a solicitação do automóvel, coisas que ainda não existiam na cidade. Dedicavam-se às serenatas que organizavam com seresteiros possuidores de excelentes vozes, violões, flautas, violinos, bandolins e outros instrumentos de timbre delicado. Eram, quase sempre, verdadeiros concertos realizados ao luar, tarde da noite, à janela das encantadoras dulcinéias. Por isso, dominar perfeitamente o teclado, dedilhar com desembaraço as cordas do pinho ou soprar com maestria uma flauta, além de uma revelação de pendor artístico, representava o complemento de uma boa educação.



Paraíba, 1908. Avenida General Osório ornamentada para a “Festa das Neves”.

Mas retomemos a figura de Zé Grande êsse perfeito mestre da música e disciplinador de músicos. Magro, alto de estatura, espadaúdo, rosto redondo, olhar enérgico e penetrante meio escondido por trás de uns óculos de aro de prata colocados nas asas do seu apêndice ptarrínico, prognata, cabeleira de algodão, um tanto alquebrado pelos anos, vivia a ensinar a sonora arte, pelas casas das melhores famílias e a quantos procuravam para êsse mister.

Furar o bombo da música, representava, nos albores do século, uma distração de mau gôsto e de graves consequências a que se entregavam as turmas de boêmios valentões.

Os moços dados a arruaças, compraziam-se com a realização dessa reprovável pândega. A mais temida era a dos *capoeiras*, que, imitando o bloco da Mauricéia, dividiam-se em dois grupos, conhecidos pelos nomes de *Quarto* e *Hespanha*.

Certa ocasião, quando a banda do Batalhão de Segurança formava para deixar o pátio da festa, um desabusado cadete que servia no 27º Batalhão de Infantaria anunciou: “Vou furar bombo da Polícia”.

Houve estupefação geral. E um filho de Carlos Auxêncio Monteiro da França, de nome João, rapaz bem disposto, revoltado com aquela atitude, tomou a defesa da banda musical ameaçada e bradou, alto e bom som: “Seu cadete, o Sr. não fure o bombo da Polícia; se assim fizer dou-lhe um tiro nos dentes”.

A intervenção dêsse rapaz foi providencial. A ameaça não se consumou e, destarte, evitou-se choque entre a soldadesca dos dois lados.

Da outra vez, o bando dos capoeiras preparou-se para ir rasgar o bombo da “Lira Paraibana”. Mestre Zé Grande enfático e resoluto; revidou o intento afrontoso, fazendo dispersar a banda para enfrentar, como enfrentou, os desordeiros a facção. A pele do grande tambor saiu ilesa, entretanto a *Botica Universal* de Silva Lemos, teve que abrir tarde da noite, para socorrer os feridos dos golpes de facção e navalhadas e vender sua arnica para aliviar as bengaladas de *quiri* e de *canela de veado*...

Outros conjuntos musicais igualmente costumavam com parecer à Festa. Ano houve em que fôram armados cinco coretos, na rua Nova! Dêsses conjuntos os mais constantes eram ais “Banda dos Aprendizes Marinheiros”; a “Filarmônica Tibiri”, dirigida pelo maestro Francisco Bayard; a “Fanfarrá 29 de junho”, a “Curica” e a “Sabueiro” de Goiana. Anteriormente, ainda tocaram também a “Euterpe”, formada por empregados do comércio e a do “Clube Astréa”.

Uma das crônicas publicadas no “O Chique”, jornalzinho da festa, dá bem a medida do que era uma noite de novena de Nossa Senhora das Neves, em 1913. Dizia o cronista:

“Correu com promissora animação a noite de ontem. O páteo os tentava bela decoração de bandeiras de variegadas côres e artísticos pos tes de iluminação pública, aumentados para mais esplendor do páteo. Víamos belas **toilettes** de aprimorado gosto, transluzia, nos semblantes a alegria, que sempre domina aquêles que participam do uníssonos estrépito que vibra em tôdas almas embaladas pelo mesmo sentimento.

É a nossa festa!

As nossas patrícias, abandonam por dias a vida enclausurada; entregam-se em incontido entusiasmo à lide incessante, das populações de centros mais adiantados.

Moçóilas sonhadoras, nos albores de uma nobilidade sã, impelidas pela fatalidade orgânica entregam-se, com simplicidade de sua alma candida, ao “flirt”, primeiras relações cordiais, fluidos transmissores dos enleios d’alma. Frases hieroglíficas aos encontros rápidos, pedaços de corações a mesa do Amor, tudo marca uma metamorfose em nossa vida apática de longos meses hibernais. Palpitantes, côres em que se tingem o véu de nossa existência, dão expansão à natu-

ral nervosidade dos moços; momentos recordativos daquêles que já fruíram a nectar santo de uma época que já vai longe e que vagamente volta em tons de ocaso de ilusões mortas!.

Eis um aspecto da grandeza sublime de nossa Festa!

E não raro todos os anos, dêsse seio bendito, acrisolados pelos laços do himineu, jovens pares aos quais rasga-se o horizonte de uma estrada a trilhar, semeada de flôres, que juntos fusionando-se irão gozar...

Alcova cheirosa de tépidos aposentos os espera tranquila, enquanto por uma nesga de céu azul, passam moles nuvens portadoras de bençãos...

Que belos são os efeitos da crença, que transportes perpassam, muitas vezes pelo fôro íntimo daqueles para quem, sómente não basta os alimentos do corpo os gozos da terra, e buscam no pão celeste o fulcro de todos os seus passos! O incomparável rabino da Galiléia, com as sementes fecundas de sua doutrina, influiu poderosamente na evolução universal; seu verbo inflamado de convencido, estigmatizando os vícios de sua época, reboou bem longe, transpôs montanhas, deslizou por vales, saiu das entranhas rudes de um povo inculto e empolgou todos os núcleos civilizados; como tufão derubou, esfacelou, transformou, enfim, a velha ética e doou à humanidade uma das mais puras morais. Contentemo-nos com isso!

Que a festa de nossa **Mater Adorabilis**, sempre transborde de júbilo e sua crença continue florescendo”.

Festa assim, tão empolgante, merecia antes do aparecimento de sua imprensa própria um destaque especial nas crônicas do periodismo local.

As folhas diárias, durante aquêles dez dias, quebravam a austeridade de seu noticiário conservador.

Os comentários políticos (e a polícia centralizava os assuntos), as polêmicas literárias ou filosóficas, os artigos de cunho doutrinário, o escasso serviço telegráfico, tudo se restringia um pouco para abrir espaço à crônica da festa.

E lá vinham as alusões ao brilho da igreja, à animação do pátio, as charangas, aos fogos, aos balões, à elegância dos pelintras e à faceirice feminina. Nesta parte, desciam os plumitivos à minúcia no traçar o perfil e descrever as *toilettes*, tendo apenas a cautela de indicar a perfilada pelas suas iniciais.

Apesar de vasadas em estilo respeitoso e sóbrio, essas crônicas, vez por outra, melindravam a susceptibilidade daqueles que eram mais reacionários.

A *Gazeta do Comércio* permite hoje avaliar o cavaco que elas suscitavam.

Exemplo disto é o trecho abaixo, extraído de uma Carta Aberta, assinada por “Alguns Pais de Família”, a propósito do cunho profano dos festejos:

“E quanta insensatez ainda descobrimos; surgem nessa. época cronistas improvisados que vão para as colunas dos jornais analisar a elegância de Fulana ou Sicrana, dando primazia a esta ou àquela; e vós pais de família, por que não protestais contra essa petulância que só pode afetar a moral sã, os sentimentos puros dos corações jovens de vossas filhas?”.

Dias depois, vem à resposta na mesma folha:

“Esses cronistas, alguns dos quais têm peregrinado pelas colunas de vossa gazeta, Srs. Redatores, vós os conheceis bem. São moços de talento que numas discições deslumbrantes e adoráveis da arte e de estilo analisam, é verdade,

com um certo **chic** de expressões as **toilettes** de nossas gentilíssimas patrícias, mas também não se esquecem de tecer elogios à festa pura mente religiosa como poderemos provar com coleções de jornais desta terra”.

Esses trechos aqui transcritos demonstram que tal prática é bem antiga.

E não obstante essas recriminações, persistiu até 1906.

No ano seguinte as crônicas evoluíram para um jornal inteiro. Deixaram de ser feitas nos diários da terra para irem formar um periodismo próprio especializado.

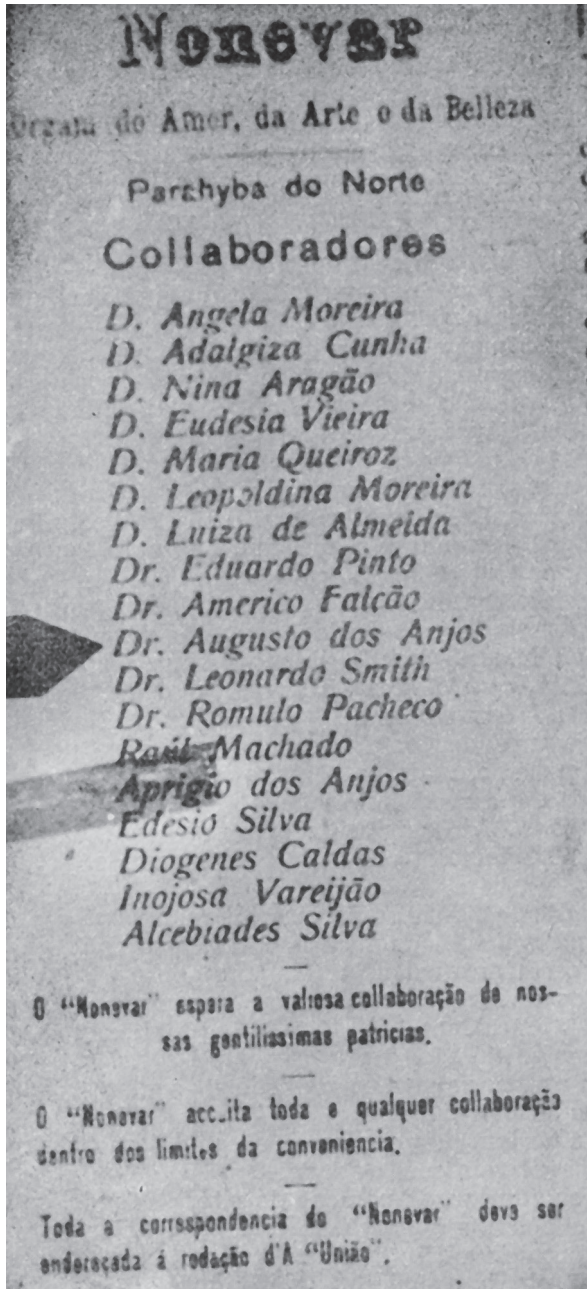
A Gazeta do Comércio, de Manoel Henrique de Sá, não mais publicou a seção “Nevescal”, assim como o “Comércio” de Artur Aquiles, abolira a local “Cinematógrafo”, as quais eram destinadas à reportagem das noites de novena.

Surgiu, então o NONENAR, jornalzinho dedicado exclusivamente à festa, e cuja circulação durava apenas os dias do novenário. Em todos os seus exemplares, lia-se, logo após o título, que era impresso em letras capitais, essa enfática epígrafe: “Órgão do Amor, da Graça e da Beleza”. E com o *Nonenar* inaugurou-se êsse tipo de imprensa efêmera, imprensa de festa, cheia de verve, humor, sátira, epigramas, perfis e louvaminha ao belo sexo.

A reconstituição, se bem que perfuntória, do quadro dessa tradicional e importantíssima festa religiosa, visa a habilitar o leitor não paraibano a compreender o papel daquela efêmera e humorística imprensa.

A Festa das Neves tinha uma significação social de muito relêvo em nosso meio. Ninguém podia quedar-se indiferente aos seus enleios. Bom paraibano, ou bom católico, não recusaria sua cooperação para o brilhantismo dos atos, quer litúrgicos, quer profanos.

Cada noite era dedicada a uma classe ou profissão. Todos os anos a distribuição obedecia à seguinte ordem: 1^a da Justiça; 2^a



Corpo redacional do "Novenar", em 1908

dos Vendelhões; 3ª dos Lojistas; 4ª dos Artistas; 5ª dos Em pregados Públicos; 6ª dos Militares; 7ª dos Caixeiros; 8ª dos Estudantes; 9ª das Moças e 10ª dos Juízes da Novena.

E cada uma das comissões que primasse por emprestar mais brilhantismo, maiores pompas à sua noite.

Tudo como que se imantava e era atraído pelos encantos da festa. Tudo. Até acontecimentos políticos. A instalação da Assembléia Legislativa coincidia com a grande data da Padroeira.

Deputados e políticos do interior quase todos, intencionalmente, acompanhados de suas filhas solteiras, chegavam à Capital com certa antecedência. E, juntando o útil ao agradável, enquanto os pais reverenciavam a Virgem das Neves e homenageavam o Presidente do Estado, as sinhazinhas cumpriam seus deveres de cristãos e prestavam seu culto ao Deus Cupido...

Havia atrativos para todos. Todos os gostos. Tôdas as idades. Tôdas as bolsas.

Para as crianças o carrossel, as gulodices e outros divertimentos compatíveis com a idade.

Para os adultos, as pompas do rito, os fogos, os balões, as músicas, os botequins e as barracas. E, principalmente, os passeios ao longo do pátio da Rua Nova com sua característica e espontânea seleção social de primeira e segunda roda, para não confundir a *burguesia* com a *plebe*. Muitas jovens, que, pelo regime patriarcal, então vigente, não frequentavam a sociedade, no decorrer do novenário, acompanhadas dos pais, participavam dêsses passeios. E lá iniciavam seus *flirts*, muitos deles “coroados de êxito”, pois levavam à realização do sétimo mandamento – o indissolúvel...

A festa influía de modo sensível sôbre os negócios. As lojas e armarinhos expunham suas especialidades e aumentavam suas vendas, preparando a festança. No pátio os humildes com seus tableiros, vendiam amendoim, rolete, sequilhos, confeitos e outras iguarias apreciadas pela massa.

Inegável era a sua repercussão nos domínios da inteligência. Dava ensejo a que se revelassem cronistas, poetas e humoristas.

Certames especializados, com ares de coisa séria, consagravam as mais belas e apoteosavam os mais feios da urbe.

E era uma evocação à lembrança de nossa Cidade.

Concentrando as atenções gerais, a festa representava, sob vários aspectos, uma fôrça dinamizadora das atividades dos paraibanos.

Em 1923, Dias Fernandes, já saudosista das antigas pompas, assim descrevia o seu fausto:

“Nêsse tempo meio romântico, que de nós se aparta por um decênio, a Festa das Neves revestia um fulgor de Olimpíada, com torneios poéticos, concursos de graça e de beleza, que os nossos bardos celebravam, ao modo rigorosamente helênico de Pindaro e Teócrito.

O **Nonenar** era o **estadium** dêsses gentis recontros que grangeavam para Felipéa uma lustrosa reputação de cultura de bom-gôsto e galhardia”.

E, mais adiante, continuando a descrição da pia novena e o considerável lugar que nela ocupava o jornal de Augusto (impresso cada noite em papel de côr diferente) aduzia o insigne polígrafo de Renegada:

“À noite, após os cânticos à Senhora das Neves, o **Nonenar** abria na rua em festa, entre música, pregões e luminárias, as suas verdes, cerúleas ou rubras asas de falena, derramando pólen de rimas nos castos corações enamorados”.

Augusto não pôde (já foi acentuado) fugir ao seu poder atrativo. Integrou-se nela. Como qualquer mortal compareceu às novenas. Perambulou pelas calçadas onde os divertimentos se

apresentavam. Frequentou os bares improvisados. Observou. Inspirou-se. Colaborou nos jornalsinhos. Descreveu com minúcias a própria festa, com suas lendas e seus encantos; foi seu cronista social. Pilheriou. Fez perfis. E foi perfilado. Compôs quadras para anúncios comerciais. Sonetizou a despedida do Nonevar, quando essa gazeta, terminado o período do novenário, entrou em fase de recesso:

DESPEDIDA

A luz do “Nonevar” hoje se apaga,
Muito embora a saudade horrenda ruja
Como uma loba hedionda que encabuja
Numa explosão enormemente aziaga.

Canta hoje essa fealdade atra que estraga
A humanidade – esta infeliz coruja
A nutrir-se da própria roupa suja
Como um moscardo dentro duma chaga

Na veemência medonha da mandinga
Não generalizou essa catinga
Que aos estômagos bons causa receios

Interpretou assim a Natureza,
Começou em concurso de Beleza
E terminou, apoteosando os feios

Sem dúvida, suas crônicas, seus versos, suas produções enfim, pela profundidade e originalidade dos conceitos, foram logo identificados.

E é de crer que em instante psicológico de exacerbação das tendências para o matrimônio, o momento em que as jovens têm a mente povoada de sonhos e fantasias, a figura de Augusto, aureolada pelo brilho do valor intelectual, tenha realçado como um grande partido.

E dos melhores. Moço. Solteiro. Bacharel em direito. De excelente família. Brilhante, genial, certo, que as moças da época devem ter procurado conquistá-lo. Quem sabe até se não fôram correspondidas?!

Augusto, portanto, não fugiu as atrações que a Festa das Neves exercia sôbre a mocidade de seu tempo. Comparecia aos atos religiosos, frequentava o pátio, escrevia em um dos jornais de que foi até diretor.

Seguiu, assim, o mesmo ritmo dos costumes provincianos então imperantes.

CAPÍTULO II
AUGUSTO, POETA
HUMORISTA?



Esmaecidas pela ação do tempo, as velhas coleções do “Nonevar”, recheadas de motejos e remoques elegantemente trocados pelos jovens inteligentes da época, representam uma fuga do mundo presente ao passado.

Nos quatro primeiros anos do jornalzinho, a crônica rimada, com ares de artigo de fundo, cantando a excelsitude da Filha do Sião e exaltando a graça e o encanto da mulher paraibana, era vazada no estilo tipicamente augustiano. O ajustado emprêgo dos vocábulos, a expressão simbólica das idéias, o uso dos polissílabos, o conteúdo lógico das várias e oportunas citações, o sistema paralelístico de sua prodigiosa elaboração, tudo, enfim, revela o talento superior e a personalidade invulgar do seu autor.

Na verdade, os poemas de Augusto possuem algo daqueles *níveis de significação* antevistos por Eliot num drama de Shakespeare:

Para o auditório mais sensível há o argumento;
para o mais intelectual, o personagem; para o
mais literário, suas palavras e estilo e para o au-
ditório de maior sensibilidade e conhecimento,
um sentido a se revelar gradualmente.

Naquelas velhas coleções, sem abandonar a técnica do seu verso e o seu modo de ser poeta, Augusto aparece, ora galanteador, a encender a formosura de suas patrícias; ora facêto, talhando na rima com o estilete da verve e da malícia, verdadeiras caricaturas dos “smarts” do seu tempo; ora a fazer de *cronista social*. Ainda se apresenta, compondo quadrinhas de pro pagada comercial, nas quais, apesar da vulgaridade do assunto deixa impressas as côres

do seu estilo. Revela-se erudito, pessimista, invoca fisionomias doentes, usa proparoxítonos e, afinal, emprega o mesmo sistema de versejar.

Têm-se, assim facêtas, até agora pouco reveladas, da personalidade artística do poeta: humorismo, lirismo, crença.

Estas afirmativas, talvez, causem estarrecimento aos admiradores da obra do poeta. Isto porque, em tôrno do seu pendor elegíaco, já se formou uma forte auréola de austeridade que repele tôda e qualquer nuance da alegria, como forma de interpretação.

Contudo, o achado não se afasta da ordem natural das cousas.

Fôsse por acanhamento, com receio de se não vulgarizar, ou por não apreciar o sentido cômico das cousas, Augusto omitia-se sempre, recalrava-se mesmo ao comentar, com certa malícia e de modo gracioso, os acontecimentos da sociedade e os atos dos homens.

Tendo vivido apenas três décadas passagem muito rápida pelo mundo não teve tempo de sendimentar o sentido ético-estético de sua próprio personalidade. Daí, talvez, o seu temor em revelar-se comicial, em explorar o patético.

Eis por que a vasta bibliografia que estudo e interpreta o poeta, em sua generalidade, conclui por considera-lo incapaz de fazer humor.

Mas é de ver que um espirito privilegiado, como o de Augusto, não podia permanecer de todo insensível a essa expedita e graciosa modalidade de expressar o pensamento.

Assim, um momento humorístico na vida de Augusto, longe de constituir um novo aspecto de sua artística personalidade, afigura-se um traço comum, revelador tão somente de sua condição humana, integral e perfeita.

Aliás, quem sabe se as suas precauções não eram tomadas para esconder a consciência, que tinha, de estar criando uma escola, escola que desgraçadamente, não encontrou continuadores à altura?

O material até aqui à disposição de seus estudiosos; induzia a interpelar sua obra literária como verdadeira sublimação, ante fatores adversos de natureza ecológica, social ou étnica, aliados a um desajustamento entre a realidade cósmica e o seu Eu.

No entanto, Augusto compôs até *versos carnavalescos*. A senhora Maria José Fernandes dos Anjos, viúva do deputado federal Artur dos Anjos, o irmão mais velho do poeta, forneceu ao autor dêste livro os seguintes versos, afirmando com absoluta convicção, que “Chico das Couves” era o seu cunhado Augusto. Convém assinalar, as figuras nêles focalizadas, são na sua maioria, parentes consanguíneos ou afins dos Carvalho dos Anjos.

VERSOS CARNAVALESCOS

Digno, como um presidente
 CLOSNNESCO, tangendo guisos
 Abro a válvula dos risos
 Para alegrar esta gente.

Meu povo, não seja leso!
 Reparem Manoel Hipólito
 Das brincadeiras acólito
 E Perú de roda obesa.
 Vejam como êle está têsô!
 O seu olho não balança.
 Mas o que nêle a esperança
 Estrangula, e o pôe de mólho,
 Não é, meus senhores, o ôlho
 E o promontório da pança.

Boas-noites, seu Mesquita
 Deixe de fazer esgares
 Olhe a seta dos olhares
 Daquela moça bonita!
 Para que se precipita?!
 Coma presuntos e engorde
 Mesquita, não durma, acorde
 V. é lá criancinha.
 Agora uma perguntinha:

Seu Mesquita, V. morde?
Que fenomenais arranjos
Que impulsos de bode esperto
Será aquêle de certo
Dr. Odilon dos Anjos?
Em matéria de marmanjos
Ninguém o excede, em verdade.
Possuí tudo: a exiguidade
Dos seus bigodes de gato;
E aqui não há nenhum rato
Que o vença em sagacidade.

Olhe o Benjamim Fernandes
Sujeito de mãos gorduchas
Que é fabricante de buchas
E tenta transpor os Andes
Usa umas pernas tão grandes,
Que até me causam receio,
E forte no bamboleio
Tem pestanas de estupim,
Toma figa, Benjamim,
Vá de retro, bicho feio!

Possúo a harpa de David,
E embora, senhores, peque
Eu faço um salamaleque
À elegância de Nini.
Ninguém me expulsa daqui
Não há ninguém que me expulse
Faltam-me as rimas em ulce
Que sorte aziaga e mesquinha
Bravos de D. Donzinha
E da elegância de Dulce!

D. Áurea aceite deveras
Meus parabéns, olhe, aceite
Eu peço que não engeite
Estas palavras sinceras
Rasgue as máscaras austeras
Isto lhe não da trabalho
D. Nevinha Carvalho
Responda, não vá embora,
Diga, porque é que a. senhora

Não faz versos para O Malho.
Vamos fazer da Folia
Um alegórico mastro!
É D. Eurídice Castro
Quem no-lo fazer devia,
Mas fica para outro dia
Esta exótica incumbência,
A absurda resplandecência
Do carnaval continue
Que o povo, quando se inflúe
Não interrompe a alegria.

Como um soberbo pachá
Aqui termino. Aqui fico
(Entre parêntesis). Chico
Solon ou Chico de Sá
Como êle, talvez não há,
Raspou noutra dia o andó
Premeditando atitudes
As vêzes, resmungo só
De elegância, come-grudes
E escreve Dulce com O.

Chico das Couves

O poeta mesmo se confessava um pessimista quando afirmava que a

“...infra austral substância calma Plasmou, aparelhou, talhou minha alma Para cantar de preferência o horrível”.

E se julgava:

“Ah! com certeza Deus me castigava
Por toda parte, como um réu confesso
Havia um juiz que lia o meu processo
E uma força especial que me esperava”.

Os subsídios que agora aparecem e são trazidos a conhecimento têm, não há negar, uma certa importância, desde quando

possibilitam uma revisão ou retificação de conceito sôbre a personalidade artística e humana de Augusto.

Até aqui, as interpretações de sua musa, quase sem discrepância, se pautaram em elementos auridos no EU (forma, estilo, manifestações autocríticas, revelações filosóficas), e bem assim, na aparência física, por vêzes tão enganosas. Uma vida que se dedicou ao mundo das coisas imateriais, um espírito que se alcançou às culminâncias da intelectualidade, merece mesmo um reexame, quando a seu respeito, surgem elementos novos capaz de modificar o conjunto de sua paisagem íntima. O próprio interêsse literário, como o de natureza científica e histórica, assim aconselha, a bem da verdade, para que se não continue a ter uma idéia deformada, por que vista através de decisões imperfeitas, consideradas, porém imutáveis.

Desconhecida, até bem pouco, qualquer manifestação de sua alma que não fôsse tristeza, revolta, imprecação, derrotismo, excentricidade, em sua arte somente se lobrigavam aflições, dores, mágoas, angústias. E, em sua individualidade (soma e psique) não eram vislumbradas sinão psicopatias, taras ancestrais, tiques, doenças. Dir-se-ia um estado mórbido, trazendo-lhe aguçamento ou aprimoramento espiritual.

Efetivamente, parece que certos males, quando afetam os eleitos da inteligência, longe de inferiorizá-los, contamina-os de exaltação e clarividência.

Souza, Martins, ocupando-se em seu livro *In Memoriam, da* nosografia do autor do “Elogio da Morte”, poeta invulgar, à semelhança de Augusto, poeta misantropo, pessimista, com preocupações filosóficas, tal qual Augusto o foi, escreve:

“Antero era daqueles que, no encéfalo deixavam atrofiar relativamente as células subalternas na mesma graduação em que se iam hipertrofiando as unidades histológicas de primeira categoria”

Flóscolo da Nóbrega, ocupante, na Academia Paraibana de Letras, da cadeira que tem por patrono Augusto dos Anjos (cadeira nº 1), no discurso de posse, focaliza com bastante profundidade e censura essa maneira simplista de se julgar o homem pelo seu aspecto psico-somático, ou pela forma malsã de sua obra:

“Esse mau vêzo de julgar pelas aparências, foi comum a chamada crítica científica, que pretendeu transportar para a arte os processos e métodos das ciências naturais. Para tais críticos, tôda manifestação da talento era sintoma de nevropatia e tôda criação artística, um produto de taras degenerativas; o próprio gênio não era senão uma degenerescência extremada”. “...não admira, pois, o que tem acontecido a Augusto, cuja obra vem sendo objeto preferencial de exames de médicos, neurologistas e psicanalistas, que nela se comprazem em evidenciar sintomas de tôdas as mazelas. O diagnóstico varia com a especialidade do critico: enquanto uns falam em tuberculose, morfêia, psicastenia, outros opinam pela esquizofrenia, lipemania, delírio onírico, paranóia”.

Versejando de forma original, produzindo trabalho artístico de excepcional magnitude, claro é que Augusto com o brilhantismo do seu estro, atraísse e mesmo apaixonasse grande parte da intelectualidade brasileira.

Na verdade, existe hoje, nas letras nacionais, o que se poderia denominar uma autêntica bibliografia augustiana. Teses de doutoramento, estudos psicanalísticos e psico-patológicos, ensaios literários e interpretativos, conferências, entrevistas jornalísticas, edições inteiras de suplementos literários, tudo isto à se ocupar do EU e da personalidade do seu autor.

De certo, a ressonância da obra, de Augusto não se fez sentir além fronteiras, em virtude das dificuldades decorrentes de uma

perfeita e fiel tradução, para outros idiomas, de poemas modelados no seu estilo científico.

Mas quem entra em contato com o poeta, admira-lhe o valor, colocando-o muito acima da normalidade. Enquadrá-lo como uma personalidade psicopática, de acordo com a classificação de alguns estudiosos constitui, não há negar, uma contraditória maneira de apreciá-lo.

Daí, procurarem entrever em sua musa, taras hereditários, ao invés de lampejos geniais. Além das luzes do seu talento, enxergam sinais de neuro-psicoses. Do seu próprio soma, extraem-se deduções apriorísticas. Artur Ramos, no trabalho “Augusto dos Anjos à Luz da Psicanálise”, publicado nos *Anais Médico-Sociais da Baía* nº 2, incide, *concessa venia*, em erronia, quando procura situar o artista do EU no chamado estado fronteiro da loucura (borderland of insanity). E após desenvolver uma série de comentários e apreciações de natureza psicoanalítica, conclui por afirmar:

“... E, assim, perderam os hospícios um esquizofrênico nas suas estatísticas e logrou a Arte mais um cultor a acrescentar no número dos seus afeiçoados”.

A crônica literária de Medeiros e Albuquerque, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, edição de 30 de setembro de 1928, foi dedicado a Augusto, sob o expressivo título “O Livro mais estupendo, EU”. Nela o vibrante jornalista de *Páginas de Crítica*, pôs em relêvo a beleza e singularidade das produções do poeta, vazadas tôdas elas, segundo seu conceito, em linguagem pouco acessível às Musas. Dissertou admiravelmente sobre a diversidade de dialetos utilizados pelas duas classes de artistas – o que trabalha com a matéria e o que trabalha com o Espírito. O homem da máquina e o homem de inspiração poética.

Enquanto na tecnologia das atividades materiais a idéia deve ser clara, precisa, sem variantes de interpretação, na poética, o

que lhe empresta sentido estético, é o indeterminado, o simbólico, o ornamental. Destarte, enquanto naquelas cada vocábulo deve indicar uma idéia, nesta, “cada têrmo enunciará um mundo de idéias”.

Poetizar com cientificismo, somente para os espírito privilegiados.

A certa altura, o saudoso cronista do Jornal do Comércio, influenciado que fôra, pela errônea versão então dominante, disse, a respeito de Augusto:

“...Sua poesia é um caso à parte, o que se pode chamar um belo caso, com a mesma significação que o adjetivo belo tem na linguagem dos médicos, porque de fato é um caso patológico em tôda extensão da palavra”.

Julgou-o ainda incapaz de incursionar, com sua lira, nas clareiras da satira, nos setores da facécia ou do humorismo.

As velhas páginas daquele jornalzinho de festa desfazem porém, essa formulação. Nelas, Augusto o profundo e circunspecto poeta do EU aparece com aquêle “humorismo superior dos fortes”, de que nos falava Euclides da Cunha.

Não o obsecava, apenas, a “monomania da putrefação”, que segundo Agripino Grieco, lhe dominava o espírito. Sua inspiração também não jorrava somente ao influxo dos “espetáculos do lázaros, dos tísico se dos epiléticos” ou dos “cemitérios e dos morcegos”. Colhia ainda motivos em outras fontes, embora o elenco daqueles temas, temas prediletos, definissem na apreciação de João Ribeiro¹, o livro, o autor e sua estética.

Para o irreverente Antonio Torres, Augusto era “O Poeta da Morte”, classificação que De Castro e Silva completou “da morte e da melancolia”. As citações para aqui trasladadas podem parecer fastidiosas, mas têm a virtuosidade de mostrar em que plano era Augusto, até então colocado.

1 João Ribeiro “O Poeta do EU”. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 22 da Março da 1920.

Veja-se, a êsse propósito, a palavra de Santos Neto, amigo de infância do poeta e seu companheiro de faina jornalística. É um juízo emitido antes de Augusto haver publicado o EU. Neurastênico, irresoluto, tímido, apreensivo, fisionomia sempre triste, e “o cérebro um mundo povoado de coisas estranhas”.

Era assim que aquêlê jornalista via o poeta, a quem ainda considerava um super emotivo, com hiperestesia da sensibilidade. Para comprovar a variação de humor, a que estava sujeito o poeta, narra Santos Neto um pequenino episódio a que assistira: – Certa vez, um advogado de grande conceito, ao encontrar-se com Augusto, de quem era amigo e admirador, dirigiu-lhe um gracejo elegante e destituído de malícia. O poeta, porém, estomagou-se e, quebrando uma velha e preciosa amizade, retrucou com aspereza:

“Engana-se, não seja tolo. Mesmo acororado no ínfimo do que sou, só lhe reconheço o mérito da ansianidade”

Momentos depois, voltando-lhe a calma, reconheceu o excesso da reação, e declarou-se arrependido.

Santos Neto tinha-o efetivamente na conta de frenético, excêntrico, tristonho, mas declara:

“o que faz com que não observe nas manifestações do seu EU, o fenômeno de uma psicose é que êle (Augusto) permanece em pleno vigor das faculdades intelectuais, raciocina e tem consciência absoluta dos seus atos”.

Em trabalho que publicou no trigésimo dia do falecimento do poeta² José Américo de Almeida, após aludir à frieza com que a imprensa indígena recebera o EU, em contraste evidente com a apoteose póstuma e “a consagração dos novos vitoriosos e

2 J. Américo de Almeida, “Augusto Anjos - No trigésimo dia do seu falecimento”. A **união**, Paraíba, 12 de dezembro de 1914.

venerandos medalhões que lhe perpetuaram a fama no Parnaso”, descreve-o como “um misântropo dessa misantropia que é o retiro espiritual dos torturados”. Faz referência ao pessimismo do poeta que destilava uma bondade permanente, e termina bradando:

“Mas, a verdade é que sua poesia não têm escola! É um grito estrangulado de fatalidade fisiológica, é o eco de uma alma sombria e funda como um mistério, é o ritmo das suas sábias generalizações, é o berro assombroso do seu destino, são as obsessões da sua psicologia incompreendida”.

Outro paraibano que muito se ocupou Augusto foi Álvaro de Carvalho. Diversas vezes, pelos jornais e em ensaios focalizou o amigo “que conheceu de perto”, sob os pontos de vista estético e psico-patológico. Estampa-o como “um psicastênico”... “uma OEU é quase todo um grito de dor, uma inexorável imprecisão à natureza e à vida. Recapitulando “o caminho por quase todos os críticos que se ocuparam de Augusto”, assevera:

“...impressionistas ou românticos, todos têm explorado o enigma surpreendente de suas criações; Todos lhe assinalam o sombrio dos versos, o descontrolo dos nervos, a força do pensamento, a elevação das idéias, as excelências das imagens, a tristeza que o domina. Todos lhe descrevem as originalidades, lhe enumeram os **tics**, lhe reconhecem as taras, lhe citam as fobias, os arrebatamentos, excentricidades, lhe louvam a timidez e lhe sublimam o saber e o talento”.

A figura de Álvaro de Carvalho é digna de admiração, e deve passar à posteridade, como um exemplo de confiança própria, individual e força de vontade. Era um talento invulgar, servido por vasta cultura, especialmente no domínio filosófico, assunto sobre o qual manteve polêmicas e escreveu obras ainda hoje estudadas.

Começou a vida bem criança na Estrada do Carro, hoje rua Barão do Triunfo, em João Pessoa, como simples aprendiz de barbeiro, para ajudar o velho pai Mestre-escola em Bananeiras, professor de humanidades em João Pessoa, diretor da Instrução Pública (em função da qual excursionou pelas repúblicas do Plata estudando-lhes a organização) secretário de Estado, deputado federal, vice-presidente, e, afinal, presidente da Paraíba.

Nesse último posto, colheu-o o movimento revolucionário de 1930. Apeado do poder, caiu com edificante dignidade, no mais belo e respeitoso ostracismo.

“Homem voluntarioso e digno, adotando como divisa “colocar o dever acima de tudo”, e tendo como traço predominante do seu caráter “não admitir meias palavras”, sua passagem para o isolamento político foi altivo e em tudo condizente com o seu passado.

Perdendo o poder por força de um movimento armado, não assinou termo de renúncia. Rejeitou oferecimento de segurança pessoal. Tratou apenas de recomeçar a vida. Três dias após a deposição, dirigiu-se ao estabelecimento onde ensinara e reassumiu a cátedra. Nessa conjuntura, jamais deixou de, como dantes, percorrer a pé, sozinho, os pontos mais movimentados da cidade.

Minguando-lhe as possibilidades materiais na terra natal, emigrou para o sul do país. Foi para o Estado de São Paulo, onde a generosidade de um antigo discípulo, Gervásio Bonavides, o acolheu fazendo-o professor de renomado colégio, na cidade de Santos, e projetando-o na advocacia.

Álvaro, porém, era um apaixonado da terra paraibana, terra, como êle próprio disse lá em São Paulo, “em cujo ambiente físico e moral, vim à luz, cresci e me fiz homem”. E, assim, logo reconstitucionalizado o país, voltou aos pagos. Reintegrou-se no exercício de sua cátedra de Inglês, no Colégio Estadual, e reincetou as atividades no periodismo indígena. Foi um dos fundadores da “Academia Paraibana de Letras”, em cuja revista muito colaborou.



Álvaro de Carvalho

Além de inúmeros trabalhos esparsos publicados na imprensa, integram-lhe o acêrvo literário as seguintes obras: “Ensaaios de Crítica”; Ensaio de Crítica e Estética; Revelações do EU; “Relatório” apresentado ao Govêrno do Estado de uma viagem de estudos ao Uruguai e à Argentina; “Nas Vésperas da Revolução 70 dias na presidência do Estado da Paraíba” e “Augusto dos Anjos e Outros Ensaaios”, tôdas já esgotadas.

Inestimável serviço prestaria o Poder Público à nossa cultura se promovesse a publicação de tôdas essas obras.

Para se medir o quilate de Álvaro de Carvalho, como homem de pensamento e de estudos, basta que se atente para o conceito em que o tinha Jackson de Figueredo. Como é sabido, êsse líder católico, em matéria de crenças e nos domínios mentais da ciência suprema, adotava doutrina diametralmente oposta ao ensaista paraibano. No entanto, a respeito dos seus livros “Ensaaios de Crítica e Estética” e “Revelações do EU”, afirmou que continham

“revelações de um pensador novo e sério (...) pensador original e, sobretudo, probo (. . .) que, mesmo discordando do seu ponto de vista geral, não raro se é forçado a aceitar muitas das suas conclusões sôbre casos particulares”.

Os poemas de Augusto, até aqui conhecidos, eram brados de inconformação e de protestos diante da miséria e contrastes da vida. O Sem dúvida, em o EU, o sorriso quando aparece é para estampar o sofrimento:

“E muitas vêzes, à meia noite rio
Sinistramente, vendo o verme frio
Que há de comer a minha came toda”.

Ou então:

“Rio, num sardonismo doloroso
De ingênita amargura”

Um riso assim, constituindo como que um ríctus exteriorizador de uma tortura.

Mas não só de pungência foi o seu curto e acidentado trilhar por êste *Vale de Lágrimas*.

Pode ser que *um urubu tenha pousado em sua sorte*. No entanto, aí não fêz casa de morada. Sua vida teve os altos e baixos bem próprios da contingência humana.

Os irmãos Goncourt, romancistas que, segundo Garcia Lopes, sabiam apreciar, em estilo refinado e artificioso, os aspectos mais patológicos e grosseiros da existência humana, eram bastante admirados por Augusto que, em um dos seus poemas, os citou, julgavam necessário:

“para expressar o grande, o atormentado, o nervoso, o pungente, o dramático, dias monótonos, tranquilos, um estado plácido de todo ser, um recolhimento burguês”.

E o Engenho Pau d’Arco ambiente bucólico e remanso oferecia a quietude tão propícia a essa maneira de gerar a expressar imorredouras obras de arte.

Médico, que foi, durante um longo decênio, da “Usina” em que se transformou aquêlê velho burgo, o autor destas páginas conhece bem tôdas aquelas paragens. Por muitas e muitas vêzes, teve a oportunidade de, em sua faina de atender doentes, nas terras do antigo Pau d’Arco, atravessar vales, palmilhar veredas, caminhar por entre macegas. Antigo e inveterado admirador de Augusto, adquiria o hábito de entremear a aridez de uma anamnese clínica (quando o consulente se lhe afigurava de idade correspondente ao tempo em que ali vivera o poeta) indagações relativas à vida de seu conterrâneo.

Essas divagações encerravam a par de um culto à memória do vate, um sentido de higiene mental. Serviam para quebrar

a monotonia das histórias sempre repetidas, dos conhecidos males regionais.

É que, após algum tempo de atividade, em mesmo local, em contato com um grupo de população homogênea como é o povo que trabalha na indústria canavieira, a nosologia, pela repetição dos casos fica trivial. O *facies*, a procedência, os hábitos de vida retratam logo o diagnóstico de uma mesma entidade mórbida.

As perquirições e os exames objetivos, apenas, confirmam a suspeita levantada pelo chamado *ôlho clínico*.

Desta forma, nada mais fastidioso que ouvir pacientemente, num só dia, dezenas de narrativas, mais ou menos semelhantes, se não houver, aqui e ali, o derivativo de um assunto que desperte um outro interesse no interlocutor. E haverá, por ventura, para o homem do campo, simples, modesto, coisa mais agradável que relembrar episódios da vida de um grande vulto, com quem conviveu na niveladora intimidade da infância?

Infelizmente, o autor dêste livro quando médico da Usina Santa Helena nem sequer pensava em escrever algo sôbre Augusto. Daí, a sua falta de cuidado em anotar o que, a respeito do poeta, lhe diziam alguns velhos camponeses remanescentes do Engenho Pau d'Arco. Contudo, chamava-lhe a atenção o fato de, quase sem discrepância, ouvir o relato de que na meninice, Augusto não fôra um retraído. Lia muito. Mas brincava, corria. Gostava igualmente dos folguedos inerentes a essa idade. Na juventude, ainda no Engenho, estudando humanidades constituía seu passatempo favorito, segundo o testemunho daquêles que fôram seus contemporâneos, improvisar sessões de juri, nas quais preferia a posição de Advogado.

Em 1959, passados nove anos, o autor voltou ao antigo Engenho Pau D'Arco, dessa vez, porém, com o propósito de fazer pesquisas. Hospedou-se na casa em que o poeta nascera, alias já reformada. Esteve na capela do Senhor do Bom Fim, onde o poeta se tomou cristão e em cuja sacristia recebeu lições de catecismo. 'Percorreu aquêles terrenos, cenário inspirador de poesias

eternas, hoje cortados pelos canais de irrigação e transformados em vastos canaviais.

Mas, nessa visita ao Pau d'Arco, só encontrou do tempo do poeta, para entrevistar, o octogenário Valdevino Soares, e aquela legendaria “árvore de amplos agasalhos”, imortalizada nos versos de Augusto e inspiradora deste belo soneto de Matias Freire:

TAMARINDO

Fui visitar, sozinho, alma cheia de sonhos,
O velho tamarindo, à cuja sombra Augusto
Dos Anjos escreveu os seus primeiros versos,
Naquela augusta paz de um campo verdejante.

Parti, manhã divina, a aurora já nascendo,
Os bentivis cantando, às margens do caminho
E de auri roxa côr os paudarqueiros altos
Abrindo sôbre a mata as florações fulgentes.

Ao pé do tamarindo orei, num salmo agreste,
Qual cenobita, ao pé de uma árvore sagrada,
Já triste e moribundo, ao peso dos cem anos.
E o velho tamarindo, esquálido, sem folhas,
Sussurra de saudade, ao vento, pelos galhos,
E a luz do sol lhe doira os últimos alentos.

Como o saudoso Matias Freire, o autor deste trabalho, também conheceu o velho Tamarindo quase na agonia. Contudo, naquele retôrno, em 1959, encontrou-o, por assim dizer, remoçado. A sensibilidade de Odilon Ribeiro Coutinho contratou técnicos agrônomos, fitopatologistas e salvou a vetusta árvore do aniquilamento, restituindo-lhe o viço e a copagem frondosa.

Oxalá, ela, que “guarda”, como uma caixa derradeira / o passado da Flora Brasileira”, pudesse resistir, “abraçada com a própria eternidade”, ação do tempo, como a beleza imarcescível dos versos de Augusto.

CAPÍTULO III
A VERVE DE AUGUSTO
CONTRA O PROVINCIANO
POETA AMERICO FALCÃO



Não é demais insistir nesse lado, aparentemente contraditório, da individualidade do poeta, essa facêta de seu espírito pouco conhecida e por isso mesmo negada por alguns críticos o humorismo só agora estudada à luz das antigas páginas de Nonenar de revelações de pessoas de sua família.

Augusto, que tinha a preocupação de cantar da dor universal se que via na alegria uma doença e na tristeza a sua única saúde, aparece, naquelas colunas, como um poeta faceto, demonstrando capacidade de ser êmulo de um Gregório de Matos, caso houvesse cultivado a arte de chasquear.

Parece que, de Algodão de Deus quem tanto admirava; aprendeu ser “de risos e lágrimas a vida”.

Aliás, o humorista nem sempre tem a alma alegre. E quantas e quantas vêzes não exterioriza, sem o querer, os seus mais íntimos recalques!

Vem a pêlo recordar:

“Quanta gente talvez que ri, existe
 Cuja ventura única consiste
 Em parecer aos outros venturosa! ...”

O grande cultor da sátira que foi Gregório de Matos, há pouco invocado, não era um espírito jucundo. Muitos de seus versos contém “Em cada sílaba uma gota de veneno”.

Afirmam os críticos que Molière, ridicularizando, nas suas incomparáveis comédias, o marido condescendente, nada mais fazia que retratar sua própria personalidade.

O maior poeta de todos os tempos, Shakespeare, patético, trágico, burlesco, espirituoso, padeceu de melancolia.

O eterno D. QUIXOTE DE LA MANCHA “foi gerado em um cárcere, onde tôda a incomodidade tem seu assento e onde todo o triste ruído faz a sua habitação”. Assim descreveu o seu ambiente de trabalho – o cubículo escuro da prisão de Argamasilla – o triste e imortal Miguel de Cervantes Saavedra. Preso como devedor, “pagando o crime de ser pobre”, sem a mão direita, que havia perdido na batalha de Lepanto, e padecendo, ainda, de gengivite escorbútica.

Não é ao conhecido professor da Faculdade de Medicina de Lion - Rabelais, a princípio franciscano, depois beneditino e por último cura do Meudon, que se deve a criação de Pantagruel, essa jovial figura de filósofo epicurista?

E Montaigne, especulando em seus *Ensaio*s as fraquezas humanas e a vaidade dogmática, não era um hipocondríaco?!

Nosso saudoso Humberto de Campos, fescenino e irreverente nas suas crônicas do Conselheiro XX, não fôra um moralista, triste e sofredor, nos derradeiros anos de sua afanosa existência?!

Augusto não quis exercitar-se no humorismo, gênero para o qual não sentia pendores espirituais. Entretanto, quando episodicamente nele incursionou, revelou-se de uma chistosidade bem elegante e original.

Perfilado, logo no segundo número do *Nonevar* de 1908, por seu irmão de musa Américo Falcão (*Américo Augusto de Souza Falcão*), que, sob o pseudônimo *Rapaz de Branco*, era o responsável pela secção *Croquis*, Augusto deixou a resposta para o jornal do último dia da festa. Talvez, que, com essa demora no revide, visasse a evitar novas provocações. Não se sentia bem traquejado naquele estilo. Ainda assim valendo-se do pseudônimo do irmão Aprígio dos Anjos, replicou, com este soneto:

PERFIL CHALEIRA

O oxigênio eficaz do ar atmosférico,
O calor e o carbono e o amplo éter são
Valem três vezes menos que este Américo
Augusto dos Anzóis Souza Falcão. . .

Engraçado, magríssimo, pilhérico
Quando recita os versos do Tristão³
Fica exaltado como um doente estético
Sofrendo ataques de alucinação.

Possui claudicações de peru manco,
Assina no “Croquis” Rapaz de Branco
E lembra alto brandão de espermacete. . .

Anda escrevendo agora mesmo um poema
E há no seu corpo igual a um corpo de ema
A configuração magra de um sete

Zé do Páteo

Aí temos ao vivo, em silhueta de corpo inteiro, o Américo Falcão, com seu metro e setenta de altura e pouco menos de 55 quilos de pêso, delgado, sífótico, barulhento na prosa, risão e chistoso, a irradiar, entre os colegas, *os fosfenos* de seu talento poético.

A ressonância da inteligência de Américo não tomou maior expansão porque êle só se afastara da província natal para ir prestar exames na velha Faculdade de Direito do Recife.

Américo tangia sua lira para o humorismo, a sátira, o amor, o culto à natureza e especialmente ao mar de Lucena, praia onde nascera. Retratava figuras, fatos e coisas do cotidiano, sempre com fino espírito e aguda penetração. Era talentoso, inspirado, e sua arte tinha espontaneidade.

Coriolano de Medeiros narra o seguinte fato, ilustrativo dessa espontaneidade do mavioso poeta praieiro.

3 Pseudônimo do Eduardo Pinto, em O Nonevar

Certa noite, alguns rapazes (entre os quais, êle e Américo), vagavam pelas verêdas da Praia de Lucena, quando são atraídos pelo som de uma viola e pela voz de um dêsses cantadores repentistas dos nossos sertões, que estava a fazer seus descantes perante uma pequena assistência.

Aproximaram-se. E depararam uma dessas inteligências robustas, mas obscurecidas. Um boêmio, dominado pela cachaça e errante como todos os menestréis.

Américo, ouvindo aquêle folclorismo magnífico, tomou-se de entusiasmo. Pegou de um violão e, dedilhando-o, mediu fôrças, com o bardo popular. Estabeleceu-se então um desafio bizarro, espirituoso e prolongado.

Às provocações esfusiantes do cantor anônimo recebiam, na mesma altura, imediato revide. Se romanescos, eruditos ou insultuosos, obtinham, no mesmo diapásão, réplica equivalente. Houve, assim, em estrofes populares, aos clarões do improviso, uma troca de prolongados elogios, motejos, glorificações elouvaminhas. Eram dois gigantes que se degladiavam. Foi uma justa que se desenrolou à orla branca da areia, onde o mar vive a cantar sua eterna canção:

“Lá num recanto plácido e saudoso,
Onde a lua silente o mar prateia
A Feliz, tecendo o enrêdo luminoso
Dos mistérios fatais da lua cheia”

Não houve vencidos. Américo sempre fôra um magnânimo. Quis, apenas, brindar os amigos. E o espetáculo que se viu foi a defrontação de dois mundos bem distintos. Dois níveis de civilização. Dois sistemas de fulgurações. De um lado, um diamante bruto, *in natura*. Do outro, um diamante lapidado, rebrilhando em tôdas as suas facêtas.

Américo era, na verdade, um artista nato. Apesar de haver sido, durante muitos anos, diretor da Biblioteca do Estado, nos livros não buscava inspiração para transmitir sua emocional poesia.

Sua arte não emergia das páginas de outros poetas. Mas promanava daquela romântica Lucena, cheia de sussurros e gemidos do velho mar, agitada pelo “leque dos coqueirais” e “eternamente beijada pelos lampejos do luar”.

Américo era o poeta favorito dos espíritos nitidamente provincianos. O poeta dos namorados. O poeta das cândidas donzelas, que se deixavam embevecer pelas românticas serenatas. E, apesar de tudo nele tresandar à Província que lhe serviu de berço e túmulo, o eco de suas magníficas estrofes repercutiu além fronteiras, chegando a comover a um Ademar Tavares, que o definiu como “o poeta dos humildes e dos praieiros, dos coqueiros e dos pescadores”.

Um contacto com o artista, através do *Croquis* que traçou de Augusto:

CROQUIS ADORÁVEIS PATRÍCIAS

Pelo braço vos trago um grande poeta
Tipo moreno, angelical, franzino,
Das almas dêste mundo a mais correta,
E dos poetas da terra o mais divino!

Guarda no peito um coração de esteta,
Faz versos desde os tempos de menino. . .
Tem o semblante de piedoso asceta
E é grande e forte nas questões de ensino.

Bacharelou-se o ano passado e veio
A dizer e a cantar glorificado:
“Meu engenho Pau d’Arco abre-me o seio”!...

Quando fala é tão doce e é sempre rindo,
E lá no Engenho vive apaixonado
Por um frondoso e verde Tamarindo!

Rapaz de Branco

Esse jôgo de perfis se explica. Vínculos de estreita camaradagem ligavam os dois poetas.

Quando da morte de Augusto, Américo dedicou-lhe longo e sentido poema, no qual, sem se aperceber, oferecia valioso subsídio à revelação de alguns aspectos psicológicos da personalidade de seu irmão de arte. Não é possível transcrevê-lo totalmente. Apenas o intróito:

“De Augusto fui sempre amigo
Na mais doce intimidade.
Vivia sempre comigo,
Nos tempos da mocidade”.

E neste tom meigo e evocativo, prossegue. Todo êle é um hinode exaltação e de dor à perda do companheiro prematuramente desaparecido. Canto cheio de beleza e sentimento estético.

É um magnífico retrato da alma de Augusto! Revela o amigo como êle verdadeiramente era. A existência que levava.

Existência de poeta provinciano. Compatível com a idade e com a época. Guardando no íntimo a inquietação dos jovens e na mente as cintilações do gênio. “Falava como um profeta por entre as nuvens de um sonho”. Mas era um sonhador que via “a saudade chorando, no seu destino de poeta”.

Américo alude aos passeios sem destino, em que palestravam e discutiam sôbre todos os assuntos, desde os triviais aos mais transcendentales problema. As confidências feitas por Augusto a respeito de seus sofrimentos, em linguagem tão expressiva que “parecia à voz da alma”. Evocara o seu inesquecível tamarindo (o tamarindo acompanhava sempre o seu espírito), a quietude e a solidão do Pau d’Arco, a paisagem humana ali existente. Por sua vez, Américo, certamente, segredava-lhe seus , planos e seus anseios. E embevecido, discorria sôbre “A verde gameleira de meu Pai”, e memorava a Enseada de Lucena, onde tanto escutara “a voz da maré cheia no seu eterno poema sonoro”.

No ano seguinte (1909), ainda em o Nonevar, Augusto voltou a gracejar com Américo. Dessa vez, numa só quadra em tom de louvaminha:

A. F.

Fazendo mesmo o esforço mais insano
A fonética humana não define
O sentimento dêste Lamartine
Que, entretanto, nasceu paraibano.

Para encerrar neste capítulo, a transcrição dessas silhuetas em versos, apreciemos o ritmo do duelo que se estabelera entre os dois irmãos: Aprígio (Zé do Páteo), a se degladiar com Augusto (Petronius)

PERFIS CHALEIRAS

Este último perfil, que não se mete
Em brincadeiras que a moral irrita
E um rapaz que há pouco tempo habita
Na rua Mãe dos Homens dezessete.

Além dos seis irmãos, por sua dita.
Tem mais um, que sou eu, formando sete;
Augusto não carrega canivete,
Nem as moças namora pela fita...

É bacharel, pondo a modéstia à parte
As suas poesias têm muita arte;
Usou ultimamente óculos pretos...

E para terminar esta estopada,
Não me deixa dormir de madrugada
Resmungando tristíssimos sonetos.

Zé do Páteo

SMARTS

Ap. dos A.

Este que em rimas ásperas debuxo
Sem lhe votar o mínimo respeito,
Espécie de anacreôntico sujeito
Que não liga importância, alguma ao luxo.

Aguenta tudo: pândegas, repuxo,
Inalteravelmente satisfeito
Não receia ter febre, dor de peito
Nem solitária a lhe crescer no **bucho**.

Faz diabólicas coisas, esperneia,
Satiriza com gosto a gente feia,
Julgando-se por isto homem feliz.

E dêse o Prata às plagas do Amazonas
E o remorso ambulante das **trintonas**
Com o seu **cabulosíssimo** nariz.

Petronius

Ainda noutro número:

TIPOS

Ap. dos A.

Este endemoniado e único tipo
Bisneto espiritual de Satanaz,
Lembra, na sua crítica mordaz,
As sátiras mordentes de Menippo.

O “PERFIL CHALEIRA”, dedicado a Américo Falcão, fora publicado sob a responsabilidade de “Zé do Páteo”, pseudônimo de Aprígio dos Anjos, poeta humorístico dos mais apreciados. Pena que seja um perdulário de suas produções, que são conhecidas, apenas, através de recitativos, almanaques, jornais e revistas.

O linguajar e a técnica dos versos traem a autoria, apontando, de modo inconfundível em cada estrofe, o poeta do Eu.

O próprio Aprígio, cujo testemunho foi invocado para dissipar dúvidas, não hesitou em proclamar que aquêle soneto perfil do poeta Américo Falcão saíra, todo inteiro, da pena de Augusto.

Poeta da angústia, da dor, do pessimismo, poeta da poesia científica, nefelibata, Augusto seria insincero se, em sua arte, desse gasalhado a sentimentos reveladores de euforia e contentamento.

Entretanto, na juventude, época gentil da vida, rapaz de província, sofreu a interação do meio, e fez humorismo como todos os jovens poetas do seu tempo. Mas não foi um humorista *invita Minerva*. Seus ditos chistosos, suas chufas, elegantes e eruditas eram espontâneas, hilariantes, com perfeito ajustamento à pessoa visada. Eram carapuças que bem calhavam à cabeça do alvejado.

Conhecesse Medeiros de Albuquerque mais êsse matiz da vasta e rica personalidade do poeta do “EU”, e de certo não teria naquela crônica literária do Jornal do Comércio de 30 de Setembro de 1928, asseverado que:

“Augusto dos Anjos era incapaz de fazer um verso humorístico pois esse rapaz era e não poderia deixar de ser um pessimista amargo”.

E êste seu aligeirado conceito, doravante, não receberá mais o aval dos que se dedicam ao estudo do legado literário do grande e inimitável vate paraibano.

CAPÍTULO IV
AUGUSTO, POETA
GALANTEADOR



As coleções do “NONEVAR”, além dos elementos de informação que contém, relativamente à sociedade local, na primeira década deste século, possuem o grande mérito de nos revelar um Augusto bem diferente.

Naquelas colunas, o autor do EU não se nos apresenta aquele poeta triste, macambúzio, só preocupado com princípios filosóficos e concepções materialistas.

Ali, nas páginas cinquentenárias do “jornalzinho elegante que se propunha a ser a delícia espiritual do novenário festivo”, o que se vê é um Augusto alegre, galanteador, lírico, mavioso a cantar, em eruditos e primorosos versos, a formosura da mulher.

Que êle próprio se denuncie, nestas estrofes, endereçadas, ao que parece, à sua noiva Ester:

FOTOGRAFIAS

Êi-la a máxima silfide impoluta
 A plenipotenciária da Beleza
 Que a própria gente bárbara traz presa
 A sua egrégia estética absoluta.

Canta, e a gente a davídica harpa escuta!
 - Ah! Tamanha harmonia é, com certeza,
 Tôda a objetivação da Natureza
 Rendida ao Som, no término da luta.

E **Norme liane** ideal a ela nos prende;
 Quando ela chega, oculto gênio ascende
 Na imensidade a elipse ígnea dos sóes...

Seu canto é o **Nibelungen** da Germânia
 E o homem extraordinário da Lituânia
 Talvez chorasse, ouvindo a sua voz.

Antes da transcrição de vários outros destes primores, com que Augusto exaltava a beleza da mulher paraibana, a quem, poeticamente, denominava “filha única do Céu”, convém trasladar os formosos poemetos com que êle, todo ano, fazia a apresentação da pequenina folha humorística. São cânticos de louvor, preces dirigidas à Senhora das Neves.

Embora escritos para uma gazeta de festa provinciana, em tom de brincadeira, sem maiores preocupações, êsses poemetos, na forma como na substância, não desmentem a portentosidade das composições reunidas no *EU*, onde o espírito do poeta, criador de belezas, revelando-se em outros horizontes, se agiganta e se completa. Mesmo no estilo humorístico, procurando fazer verve, Augusto não sabia disfarçar ou ocultar o seu espírito polimático, os seus conhecimentos científicos e filosóficos das poesias do “*EU*”:

“Senhora Virgem Mãe - Surjo hoje em vossa festa
 Como na Ásia surgiu outrora o Zend Avesta
 Que achou intérprete em Anquetil-Duperron,
 Sei vibrar tôda a escala hierárquica do som,
 Transmitindo minha ahna aos dedos dos pianistas.
 À ciência da imortal grei dos ginosofistas
 Alí o alto saber da indiana Trimourti.
 “Maior que Michelet, sou Rabelais que ri
 E arrebenta com o riso a máscara malvada
 Com que Deus achincalha a geração inchada
 Dos que trazem no sangue a, herança de algum mal.
 Gozo, além de tudo isto, a virtude especial
 Da fluidificação imponderabilíssima
 Que reduz a Óleo suave e a suave água tenuíssima
 A substancia malsã da agra injúria, mordaz.
 Tal um ferro, batendo o osso dos animais
 Com a fôrça da impulsão, depressa o pulveriza,
 Igualmente a êste sol que as plantas carboniza
 E ao rígido rigor da xantofila má

NONEVAR

AMAR AMORE COMPARTILHAR...

Segunda epocha || FESTA DAS NEVES—Noite da Justiça de 1908 || Noite primeira

NONEVAR

Senhora Virgem-Mãe—Surjo hoje em vossa festa
 Como na Asia surgiu outr'ora o Zend-Avesta
 Que achou interprete em Anquetil-Duperron.
 Sei vibrar toda a escala hierarchica do som,
 Transmittindo minh'alma aos dedos dos pianistas.
 A sciencia da immorttal grey dos gymnosophistas
 Allio o alto saber da indiana Trimourti.
 Maior que Michelet, sou Rabelais que ri
 t: arrebenta com o riso a mascara malvada
 Com que Deus achincalhia a geraçao inchada
 Dos que trazem no sangue a herança de algum mal.
 Cidzo, alem de tudo isto, a virtude especial
 Da fluidificaçao imponderabilissima
 Que reduz a oleo suave e a suave agua tenuissima
 A substancia malsã da agra injuria mordaz.
 Tal um ferro, batendo o osso dos animaes
 Com a força da impulsão, depressa o pulverisa,
 Igualmente a este sol que as plantas carbonisa
 E a terra fôrta da ventosidade, pul
 Reduz os vegetaes recortando as
 Virgulas de carvão, globulos granitarnes,
 E a terra também as saudades enorme.
 A ignea, a farello e a outras fragmentações...
 Eu venho encher de luz os vossos coraçoes:
 Igual ou superior a Zermene-Akerene
 Substituindo o odio infrêne e a atra diatribre infrêne
 Pela necessidade: altruistica de amar,
 Virgens de minha terra, eu sou o Nonevar,
 Aquelle rouxinol feito de sentimento
 Que nunca precisou de diabo de instrumento
 E nem de outra inferior coadjuvacao qualquer,
 Para cantar o Amor e as graças da Mulher
 Filha unio do Ceu, Mulher Parahybana,
 Eu cerebro nesta hora a dignidade humana,
 Que eternamente em vós se consubstanciou.
 Vós sois Nossa Senhora em pedaços, e eu sou
 A neve que cahiu por sobre esta cidade
 Para symbolisar a vossa virgindade,
 E servir de tapete á flôr dos vossos pés.
 Não receeis, pois, de mim, as broncas phrases cruéis
 Que, pronunciadas, ao fulgor destas gambiarras
 Cahem sobre o coração como oitocentas barras
 De bronze bruto ou como agul tigre, a morder
 Deixa na carnacão mortal de cada ser,
 Toda a perpetuidade infame de uma nodoa.
 A legião de homens maus—azorrago-a, incommódo-a
 Com o horrído aspecto dum enérgumenno a rir,
 A palavra que vae dos meus labios sahir
 E a palavra que sae da bocca de um gigante
 E na onda ascensional da acustica triumphante
 Galga num jacto o ar alto e vae bater no Ceu.
 Burguezes! Ante mim, tiraí vosso chapéu.

Horas bemvindas!

Horas fugaces, tecidas de harmonia e de luz, horas que cahia da ampulheta como perolas finas perdidas entre grãos d'arcia, horas bendictas, salve!

Bendictas sejaes entre todas, horas mysticas e suaves em que a alma se evola da terra n'um rosario de enleios!

As brisas da patria que ciclam em vós, horas inestimaveis, têm sussurros maviosos e perfumes ineffaveis. Por que se impregnaram de todos os canticos e de todos os olóres. O céu azul entornou docuras, a terra exhalou caricias, a alma se inundou de jubilos.

E de tudo isto vos fustas horas de festa, em que a terra se solta, e o peitor se aquece e o coração se dilata e o corpo se desramam a marchetal-o de globulos luminosos, a Virgem das Neves desce do seu throno ethereo e por uma senda invisivel chega. Ella-pousa no seio da patria. Em cada cerebro tem uma irradiação, em cada coração um ritmo.

Fugi, oh letricas amarguras, fugi, penas indiziveis! São as horas do noventario, são as horas em que vivemos para sentir, e sentimos para adorar a terra Mãe dos mortaes, a pura Rosa dos Céus.

Horas celestes de divino amor, bemvindas na terra, sede bendictas no céu!

— — —

1.ª NOITE—JUSTIÇA

São encarregados da noite de hoje:

Des. Amaro Beltrão, Candido Pinho, Feliciano Hardman, Ignacio de Brito e Antonio da Trindade; drs. Thomaz Mindello, João Americo, Honorio de Figueiredo e Guilherme da Silveira, tabeliães Major Ignacio Evaristo, Pedro Ulysses e Brazillmo Wanderley.

O "Fac-Simile" acima reproduzido, conforme vai anotado em seu alto, representa o número inaugural do "Nonevar", em sua segunda fase, data de 1908, aberto com um trabalho de Augusto. Na realidade, o famoso jornalzinho mundano foi lançado em 1907. Não obstante o autor haver encontrado em suas pesquisas exemplares exparços do "Novenar", do ano do seu nascimento, não lhe foi possível obter o primeiro número.

Reduz os vegetais receptáculos a
 Vírgulas de carvão, glóbulos graniformes,
 Eu reduzo também as saudades enormes
 A fumaça, à farelo e a outras fragmentações. . .
 Eu venho encher de luz os vossos corações:
 Igual ou superior a Zermane-Akerene
 Substituindo o ódio infrene e a atra diatribe infrene
 Pela necessidade altruística de amar,
 Virgens de minha terra, eu sou o Novenar.
 Aquêlê rouxinol feito de sentimento
 Que nunca precisou de diabo de instrumento
 E nem de outra inferior coadjuvação qualquer,
 Para cantar o Amor e as graças da Mulher
 Filha única do Céu, Mulher Paraibana,
 Eu celebro nesta hora a, dignidade humana,
 Que eternamente em vós se consubstanciou.
 Vós sois Nossa Senhora em pedaços, e eu sou
 A neve que caiu por sôbre esta cidade
 Para simbolizar a vossa virgindade,
 E servir de tapete a flor dos vossos pés.
 Não receies, pois, de mim, as broncas frases cruéis
 Que, pronunciadas, ao fulgor destas gambiarras
 Caem sôbre o coração como oitocentas barras
 De bronze bruto ou como ágil tigre, a morder
 Deixa na carnação mortal de cada ser,
 Tôda perpetuidade infame de uma nódoa.
 A legião de homens maus, azorrago-a, incomodo a
 Com o hórrido aspecto dum energúmeno a rir,
 A palavra que vai dos meus lábios sair
 E a palavra que sai da bôca de um gigante
 E na onda ascensional da acústica, triunfante
 Galga num jato o ar alto e vai bater no Céu.

Burgueses! Ante mim, tirai vosso chapéu”.

NOVENAR - 1909

“Padroeira soberana: Eis-me, hoje, em vossa casa
 Outra vez. Outra vez um fragmento da ampla asa
 Materna, com que o **kchátria** e os **sudras** prótegeis,
 Ajoelhado, eu vos peço... Eu vos peço, outra vez,
 Com a cabeça oprimida e triste dos que pensam,

A neve tutelar e a bondade da benção
 Que em minha trajetória hão de sempre cair!
 Represento, talvez, mais do que o Desatir
 A consubstanciação dos tradicionalismos
 O princípio de luz que esclarece os abismos,
 O facho acidental caído sôbre o caos,
 O fogo redentor e útil que os germens maus
 Consume, com a eficácia especial duma esponja.
 Sem saber declinar os verbos da lisonja,
 Eu sou o Novenar do vosso coração,
 O livro ubiqüitário e único de oração,
 Em que as virgens do mundo, à hora da tarde, rezam
 Quando a. Saudade chega, e os vegetais se enfesam,
 E elegiaca, ante o astro igneo que já se pôs
 Estruge a irracional fonética dos bois
 Numa canção de instinto, ainda mal educada,
 Que a gente ouve, a tremer, com a alma muito apertada
 E uma vontade enorme e íntima de morrer.
 Virgens da Paraíba, eu vou aparecer,
 Enea tiorba, a anunciar, alto e por tôda parte
 A eternidade do **Eu, e a independência da Arte;**
 Universalizando a emoção singular,
 Invariável no tempo, hei de sempre vibrar
 Na estática 'fatal das emoções humanas.
 Os gregos com a Odisséia e os indus com os Puranas
 A máxima figura antiga de Moisés,
 A Idade-Média com todos os menstréis
 E tôdas as canções que a sua noite encerra,
 Tudo que tem erguido e engrandecido a terra
 A lira de Saul e os psalmos de David:
 Tudo isto, como um Deus eu trago para aqui.
 Sou a revelação do **noumeno absoluto.**
 Somente eu sei, sómente eu conheço, eu perscruto
 O mistério do tato e o segredo do som.
 Tenho a penetração de Edouard Pailleron
 Que para devassar tôda a alma feminina
 Nunca necessitou de intervenção divina
 E artifícios brutais de jogral ou segrel.
 Tocaram minha frente os dedos de Daniel.
 E eu, profeta, com a unção dêsses sagrados dedos,
 Agarro a Natureza e lhe arranco os segredos
 Um por um, como quem uma autópsia faz.

Homero me emprestou seus versos imortais,
Destarte, irmão da musa hieratica de Homero
Assombrando Voltaire e enxotando Lutero
Sem a Maia falaz dos antigos indus,
Vendo na própria treva a gênese da luz,
Abraçado com o **Grand-Etre da Humanidade**
Cravando o iatagã terrível da verdade
Na fictícia Omoroka ancestral dos Caldeus
Igual ao coração legítimo de Deus,
A que o Universo inteiro o seu império empresta,
Foi assim que hoje eu vim cair na vossa festa,
Como a neve que cai às vêzes numa flor. . .

Adeus, Nossa Senhora! Adeus, Nosso Senhor!

NOVENAR 1910

Alma de Felipéia ignorada e esquecida
Na mais alta expressão dinâmica da Vida.
Sangue, estuando, a alardear rubros glóbulos bons
Surge hoje o “Novenar” de vossas tradições
Esta privilegiada e grande boca de ouro,
De onde jorra a ilusão que mata a água do choro
Na nascente infeliz das fontes lacrimais.
Não sou como os papéis que, com raiva, rasgais,
Condensadores maus de obsoletas idéias,
Onde, lúgubres, vêm tôdas as odisséias
Da dor hereditária e negra de cada um.
O lírico David e o assombroso Nahum
Ficam diante de mim agachados colossos!
A energia motriz de meus músculos moços
Lembra o Vândalo e lembra Álano medieval.
Às vêzes, estrangulo a rede neuronal
De horrendos arpagões, de espíritos já pretos
Traçando-lhes visões, pondo-lhes esqueletos
No fundo da consciência infecionada e má
Mas, para vós eu sou o anacreôntico **Eloá**
De Alfredo de Vigny - o rouxinol da França.
Pareço muita vez uma ave muito mansa;
Helênica ave ideal, apolínica flor
Oriunda de qualquer semente superior
Plantada pelas mãos magníficas de Sapho.

Incola íntimo do amplo impíreo ático, abafado
 Nesta terra de poeira e de implacável sol.
 Desejo com veemência ególatra, em meu prole,
 Comer neve, beber ânforas de falerno
 E num dia de Abril, dormir o sono eterno
 No berço maternal de vosso coração.
 Oh! abençoado seja o estado de incoação
 Da matéria inicial de onde, um dia, radiante
 Nasceu, como de um deus, a célula gigante
 Que fez a majestade enorme de meu sêr!
 Mefistófeles cruel, maligno e atro, a monder,
 Cravando a aspérrima unha incisiva na gleba,
 Alucinadamente, a irmanar-se com a ameiba,
 Arranhado, a tombar e a erguer-se a um tempo só,
 Com a língua inchada e horrenda estirada no pó
 Expressão modelar de energúmeno exausto
 Tôda a tragicomédia autêntica do Fausto
 E as medonhas criações diabólicas da Fé
 E o Satan miltoniano e o diabo de Grasset
 E os ritos ancestrais de Lao-Tseú e Mafoma
 Tudo isto, na coerência integral de uma soma
 São microcosmos vis, comparados a mim.
 Dansam agora no ar visagens de setim
 Sou eu que, reduzido a um flóculo de neve
 Imponderável como a molécula leve
 Que a sensação visual não pode descobrir
 Na ara de vossas mãos, venho ansioso cair!"

Agora, reapareça o Augusto cantor da beleza feminina,
 a traçar, com a música encantadora dos seus versos, o perfil das
 beldades da terra:

A. B.

Je pense comme un auge dans son rêve
 Que a misericordiosíssima mão divina
 Desta delicadíssima Angelina,
 De tão perfeita que é, não se descreve!

Que ignoto e audaz psicólogo se atreve,
 Com a sua aristotélica doutrina

A perscrutar essa alma feminina
Filha da luz do luar e irmã da neve?!

Com a subserviência búdica, de um pária,
Vejo, na irradiação extraordinária
Dos seus olhos, de um fúlgido onix bom.
Duas reproduções de um quadro heleno
Onde Sapho se vê com o olhar sereno
Suspirando na lira por Phaon.

É o retrato poético de

ANGELINA BALTAR

Quem a conheceu, quando na mocidade, afirma ter sido ela uma jovem de peregrina beleza. E a afirmativa não pode sofrer contradita, porquanto o tempo “esse implacável pintor de ruínas” não conseguiu apagar, por completo, a nobreza e a harmonia de sua plástica, nem o tom de doçura de sua personalidade. Muito alta, esbelta, rosto comprido, cabelos lisos, negros e muito finos, feições delicadas, olhos grandes, sonhadores, dentes de marfim, espírito calmo, refletido, alma de artista, Angelina Baltar, é hoje professôra jubilada de pintura e desenho, da Escola Normal do Estado.

Reside atualmente em Petrópolis, onde sempre é visitada por Glória dos Anjos Cruz, sua afilhada de crisma. Foi ela, quem pintou a colcha do primeiro casamento de Ester. Esse parentesco espiritual, advindo do sacramento da confirmação; evidencia como estreitos eram os vínculos que a ligavam à família de Augusto.

P. F.

Esta é a autêntica Erato prazenteira
Que, vestida de sol vibrando a Lira,
Mil rapsódias dulcíssimas inspira
Ao coração da humanidade inteira.

Na veemência afetiva derradeira,
Também, por seu amor com Dejanira,
Hércules, do alto monte Oeta se atira,
À meia-noite, às chamas da fogueira!

Terníssima Terpsichore pulquérrima,
Descida da montanha íngreme e aspérrima
Dentro de um carro heráldico de luz...

Quando ela vem, com as mãos cheias de lírios,
Param na terra todos os martírios
Quebram-se os braços trágicos da cruz!

Aí está, em verso de fino quilate, a fotografia que Augusto, sob o pseudônimo de Tales de Mileto, traçou da então senhorita

PRECILA FREIRE

Atualmente, esposa do grande industrial brasileiro e ex-senador da República Virgínio Veloso Borges, foi, na fase da juventude uma beleza romana de surpreendente fulgor.

Seu perfil, em estilo cada vez mais belo e exaltado, aparecia todos os anos, nos jornais da Festa.

Augusto comparou-a a uma “terníssima Terpsichore pulquérrima”, talvez porque ela, lembrando a deusa que dedilhava a cítara, sabia percutir o piano-forte com muita sensibilidade e desembaraço.

Manda a estética se diga que Precila Freire encantava pela formosura de seus traços e pela bondade angélica de seu coração. Epiderme bem alva e aveludada, graciosamente nodosa por discretas sardas, estatura regular, porte elegante, olhos negros, cheios de luz, cabelos pretos de andaluza, nariz afilado e bôca bem traçada, que mostrava, ao sorrir, a pérola dos belos dentes, sua imagem escultural dominava nas rodas mais elegantes daquela Filipéia, onde o poeta pontificava.

D. S.

O livro Manu e o Zend-Avesta
E tôda a ciência estética do mundo
Não têm, consoante um critico profundo
Concepção de Arte, mais perfeita que esta!

É a flor aristocrática da festa.
O sol, que é da atração cósmica, oriundo,
Aos seus olhos dois céus de amor fecundo,
Policromias dioptricas empresta.

Com uma sonoridade de harpa avoenga,
Sobre-excedendo à própria arte flamenga,
Todo o ano, inédita e única, ressurges.

Lembrando à alma unitária dos poetas
Uma Nossa Senhora que os estétas
Foram roubar na Catedral de Bourges!

Ainda para D. S., dedicou Augusto, no Novenar do ano seguinte, 1.910, duas lindíssimas estâncias:

O CALENDARIO DA FESTA

28 de julho

D. S.

Dulcida, abrindo, áurea e alva, a galeria
Das que, da excele e hierática hierarquia,
Fazem parte, trazendo, alto, a olhos nus
A absconsa e sepulcral cripta de Ellora
Nos raios calóricos da aurora,
Contribuições celígenas de luz.

Da horrenda escuridão das **Silvas** bastas
Emergindo com as pretas tranças vastas,
Misericordiosíssima, a cantar,
É como se surgisse, de repente,
Em noite tropical, cerrada e quente
Um pedaço brilhante de luar.

OVIDIUS



Dulce Silva

A perfilada é,

DULCE SILVA

Ornamento dos mais formosos, no *hight live* paraibano. É filha de Tito Silva, varão de admiráveis qualidades morais e intelectuais e que aqui fundou uma indústria vinícola, sempre florescente. Jornalista, foi o primeiro administrador da Imprensa Oficial e, nesta qualidade, diretor de “A União”. Professor de Latim e Literatura do Liceu Paraibano, era exímio tradutor de Horácio e Virgílio. Augusto o sucedeu nesta última disciplina.

Antes de casar com Odilon dos Anjos, e assim constituir-se cunhada do poeta, Dulce distinguía-se por ser a vencedora do maior número de concursos de beleza da cidade. As características de sua encantadora personalidade e os traços delineadores de sua estranha formosura estão bem gizados no perfil que, em seu louvor, publicou o “Nonevar” na Festa de 1910:

“Olhos cismadores, lânguidos e ternos levam a sonhar venturas paradisiacas, mundo ignotos. O seu sorriso, dando muitas vêzes início a cristalinas risadas; curtas e nervosas, tem a beleza luminosa de um surgir de aurora...

– Olhar assassino, compara se à lâmina fina de uma seta: penetra corações incautos, ferindo-os acerbamente, matando ilusões, venturas sonhadas.

– Cabelos sedosos, soltos negligentemente sôbre os ombros contornados, emolduram seu rosto graciosa de ninfa. Voz harmoniosa, plagia cavatinas entoadas por gaturamos, concertos de beijos ardentes e tímidos.

– Formas esculturais de um delineamento irrepreensível. O busto é esbelto, majestoso, o “chão reveste-se de galas para merecer-lhe uma pegada”.



Nenen Rosas

– Em seu coração puríssimo se aninham todos os sentimentos puros, menos o Amor. Através da timidez que lhe caracteriza, adivinha-se grande e insensibilidade às manifestações sublimes do afeto.

Santa entre as Santas, tem um devoto fiel”...

Viuva, atualmente, Dulce Silva dos Anjos reside no Rio, Estado da Guanabara.

N.R.

Quando, na radiosíssima viagem,
Pela poeira telúrica passeia,
A íntima e própria ânsia afetiva ateia
Nos emocionalismos de um selvagem.

Olha-a do alto, invejosa, a Lua Cheia,
O milagre de luz de sua imagem
Deixa, como lembrança da passagem.
Uma sequência de astros sôbre a areia

Treme no abalo inteiro dos neurônios
O coração de todos os Petrônios,
Com as sístoles e as diástoles ansiosas.

Quando ela balbucia, de mansinho
Como o cisne encantado do caminho,
A oração específica das rosas!

Neste soneto, faz Augusto o panegírico de

NENEN ROSAS

(Celina Rosas)

Há, na antiga rua São José, um solar que evoca as mais aristocráticas tradições da capital paraibana: é a vivenda que pertenceu a Floripes Rosas. O patriarca comprazia-se em abrir os salões à alta sociedade. E os segredos da sua hospitalidade e os requintes do seu bom gosto, fôram integralmente transmitidos aos filhos.

Suas filhas, cada qual mais encantadora, rezam as crônicas da época constituíam um dos conjuntos mais nobres e donairosos. Dentre elas, Nenen, era o ponto mais alto.

Porte fidalgo, rosto cheio, feições ternas e delicadas, olhos risonhos que infundiam ao mesmo tempo brejeirice e superioridade, Nenen, sempre elegante, irradiava doçura e encantamento onde quer que o seu vulto se apresentasse.

Viúva do saudoso farmacêutico Antonio Rabelo Júnior, foi proprietária do Laboratório produtor da afamada “Água Rabelo”, e vive, hoje, nesta capital, administrando os seus próprios bens.

V.L.

Vibram na sua voz clara de criança,
Como canto dos boukolos sicilianos
Todos os sentimentos sobrehumanos,
Dos nômades musars da antiga França!

Deus a conserve assim, por muitos anos,
Muito alva, muito meiga e muito mansa
Dando aos desesperados a esperança
De algum dia destruir seus desenganos!

Vem, mas vem como Vesper, vem rasgando
Tôdas as tardes, com o seu brilho brando
A última obscuridade e o último véu. . .
E, vindo inteiramente iluminada,
Parece que caiu sôbre a calçada
Um pedaço magnífico do céu!

Augusto assim desenhou a figura enfeitiçante de

VESPERTINA LEITÃO

Acompanhando seu pai, o então Major Damião da Costa Leitão, que veio comandar o 27º Batalho de Infantaria, chegou a esta Capital e se integrou inteiramente na sociedade paraibana, Vespertina Leitão, nascida nas Alagoas.

A família, aqui criou raízes. Ainda agora, descendentes daquele militar, que atingiu o generalato, honram as letras e a magistratura paraibanas.

Abel da Silva, exímio professor e jornalista conterrâneo, desposou uma de suas filhas, e, Vespertina, casou-se com Manoel Embiruçu, engenheiro baiano que trabalhava na Great Western, residindo atualmente no Rio.

Vespinha, como a tratam na intimidade, tinha uma plástica modelar: meio magra, tendência a alta, curvas bem proporcionadas, cabelos castanhos claros, em contraste com o anil dos olhos sonhadores e expressivos, pele nívea e sedosa, e fisionomia bela e fascinante.

Mas não era apenas o encanto físico que a singularizava. Vespinha aliava à sua beleza somática as cintilações de um espírito vivaz e altamente inteligente. Coursou a Escola Normal do Estado. Estudou piano e pintura. Sua palestra era fecundiosa, original e atraente. Comunicativa, sabia cultivar amizades e gostava imenso de promover festas de alta distinção na sua aprazível vivenda, à rua das Trincheiras, no chamado *Sítio dos Leões*.

M. B.

(1909)

Com a abundância, a fartura e a demasia
Das suas reais e egrégias graças, certo,
A vacuidade de qualquer deserto
Piedosissimamente ela encheria!

Tudo, quando procede da tristeza ,
E em abraços recíprocos se agrega,
Desde os olhos estéries de uma cega,
As mais negras criações da Natureza.

Tudo, unânime, ante ela, duma vez,
Diria, recobrando a luz perdida,
Como uma canção agradecida:
“Bendita seja tu, por toda a vida
Misericordiosíssima Mercês”

MB

(1910)

Eurípedes, o maior fisiologista
 Introspectivo das heterogêneas
 E atrás paixões humanas imortais
 Nas tragédias, nos jambos, nas partêneas
 Nos ditirambos e outros versos mais,

Que, aprofundando a natureza brava,
 Som que o tornasse o extremo esforço, exangue
 Parecia que, abrindo os corações,
 Tragicamente, as ânsias, arrancava
 Um lenço molhadíssimo de sangue,
 Para mostra-lo, a noite, às multidões.

Pois bem! Se o arcaico Eurípedes, hoje ainda
 Viesse, e a este festival 30 de julho
 Consagrasse seu poético mister.
 Lamentaria a própria glória finda
 Por sentir-se incapaz de em seu orgulho
 Pintar tua beleza de mulher.

Então, das femininas hierarquias
 Deusa coroada, sem que alguém pintar-te
 Pudesse após Eurípedes, talvez,
 Tu para todo o sempre ficarias
 Monopolizadora de minha Arte
 E credora de tôdas as mercês

Fôram êstes os hinos entoados por Augusto, em sua lira,
 à senhorita

MERCÊS BALTAR

Filha do Cel. Alípio Baltar, senhor do engenho Monguengue, Cecê, como a chamavam na intimidade, era esbelta, bem alva, tinha os cabelos negros e lusídios, olhos pretos, sonhadores, e seu semblante estampava uma perfeição quase divina. Pela graça e pela formosura, Mercês lembrava uma escultura grega. E a reiterada apoloquia do cantor do tamarindo roborava essa asserção.

Era bem dotada de talento e o cultivava. Fêz todo o curso da Escola Normal com notas distintas, exceto em música, arte para a qual não sentia pendor.

Inspirou ardente paixão ao seu lente de psicologia e pedagogia, com o qual prometeu-se em casamento.

Desditosa, não chegou, porém, a realizar o seu ideal, por que faleceu em plena felicidade onírica de noiva, na idade de ouro da vida, muito jovem e muito bela.

AVANI M.

Esta deusa infantil que hoje vos mostro,
Ajoelhado, com a citara em' sossego,
Lembra um miniatúresco idolo grego
Diante do qual, como um pagão, me prosto.

Nítidas, do ceu côncavo e alto, jorrem
Numa caudalosiíssima fluência
Sôbre sua arcangélica inocência
As línguas de ouro que no espaço correm.
A Humanidade, estúpida, de rastros
Contemple-a. . . Tôda a Flora se desfolhe
Vendo-a, e do Alto, com raiva ofídica, a olhe
O igneo exército etéreo e áureo dos astros.

Dentro desta moldura talhada para uma deusa, colocou Augusto o vulto da menina e moça

AVANI MONTEIRO

A primogênita do major do exército Álvaro Evaristo f. Monteiro, comandante da Polícia Militar do Estado, nos governos Walfredo Leal e João Machado. Elegantíssima, festiva e simpática, honra ainda a tradição de' beleza que deixou na terra natal. Imagine-se que deslumbramento não teria sido em criança, quando o poeta a decantou “deusa infantil” de “angélica inocência”. Sua foto, daquela época é um testemunho vivo e eloquente da justeza das imagens.



Avani Monteiro

Estatura baixa. Compleição breve línea. Pele da côr de Jambo. Pupilas negras irradiadoras de um fulgor meigo e expressivo, emprestando ao mimoso do seu rosto um que de boniteza imaterial e divino, e traduzindo ao mesmo tempo em espírito bondoso e ardente. Nariz bem feito. Bôca esculpida entre lábios de rubi, que, entre-abertos, gravavam nas faces, naturalmente rosadas, fascinantes covinhas.

A beleza e a graça de Avani zombam do tempo e desafiam ainda os cânones antropométricos a que se escravizam os escultores.

Presentemente, doce figura de matrona, mora no Rio, onde desempenha elevada função no Ministério da Agricultura.

A. SÁ

Verdade ou não! O fato é que se achava
Entre as superstições de um povo prisco
O Basilisco – um sáurio que matava
Com o olhar! – Teus olhos são de Basilisco. . .

Verdade ou não! Mas da Sereia diz-se
Que no alto-mar, noite de lua cheia,
Atraía com a voz o nauta!... Alice,
A tua voz é como a da Sereia...

Verdade ou não! Contam de Vênus que ela
O sonho de estatuária dos helenos,
Usando o Césto se tornou mais bela!
– Tu tens o Césto mágico de Vênus...

Eis porque é que de joelhos às tuas plantas
Lanças humilde a humanidade, a um gesto:
– Matas com o olhar, prendes com a voz, encantas
Com as mágicas virtudes do teu Césto...

Foi êste o descante que o poeta, por ocasião da Festa das Neves, de 1910, dirigiu à formosa jovem



Alice Sá

ALICE SÁ

Guarda ainda, na simetria bem ajustada de uma esbelta, alta e simpática matrona, os traços delatores de como foi formosa, a viúva do dr. Pedro Correia de Oliveira.

Foi um cidadão feliz o seu espôso. Neto de João Alfredo, o presidente do Conselho Imperial que aboliu a escravatura, filho e homônimo do antigo presidente da Província da Paraíba, desfrutando largo pretígio político e social, o destino o agraciou com uma consorte que, sôbre ser um modelo de beleza e dignidade, possuía em grau dos mais elevados, a difícil virtude da tolerância e da compreensão.

Os moradores da rua Nova, vizinhos da família Sá, devem, por certo, guardar na retina o vulto elegante e senhoril daquela moça que, quase tôdas as tardes, saía a passear, embalsamando a avenida com o perfume da sua graça. Seu olhar majestoso, inspirando um misto de ternura, magia e respeito, suas faces coradas sem o artificialismo da “maquillage”, seu rosto meigo e encantador, seu porte fidalgo e airoso, tudo isso, na harmonia do conjunto, constituía uma verdadeira festa, verdadeiro deslumbramento para a estesia dos olhos.

E como remate de todos Vêsses seus invejáveis predicados, era aquela moça que fôra educada na Suíça, dona de uma voz de timbre agradabilíssimo. Chegou mesmo a ser a nota chic daquele tempo, convida-la a participar das grandes cerimônias religiosas, cívicas e sociais, para que a maviosidade do seu canto deliciasse os ouvidos apreciadores da música vocal.

Ainda hoje seu porte atraente, seu trajar elegante e sóbrio e as suas atitudes civilizadas e finas atestam os bons colégios que frequentou na Europa.

ALZ. BASTOS

Esta a quem doce olhar, tímido, furtas,
De régio entono e de perfil bizarro,
Vem, coroada de pâmpanos e murtas,
Alegoricamente no seu carro.

Um punhado de pérolas lhe enfeita
A cabeleira esplêndida e o vestido!
Empunha, altiva, um cetro à mão direita.
E esmaga aos pés um coração ferido!

Ondeia, ao vento a chlâmide vermelha
No ombro alvo e nu, de rosa e leite, mórno
E a víbora da Inveja olha-a de esguelha,
Com a língua preta babujando em tórno!

O tigre do Ódio vê-se brando ante ela
E a serpente da Cólera ígnea, em calma!
Dormem quietas, em suma, às plantas dela
Tôdas as feras que nós temos nalma!

Traçam estas coplas, em exaltada inspiração, o perfil de

ALZIRA BASTOS

Até conhecer aquêla a quem dedicou todo o seu afeto, o espôso João Davino Flôres, Alzira, educada à antiga, bem cuidada e bem guardada dentro do santuário do lar paterno, levava uma, vida de extremo recato. Raramente ia à janela, e, quando saía a passear, era sempre acompanhada dos pais.

Avis rara in terra, quando aparecia na cidade, sua figura tomava excepcional relêvo, sobressaindo, na suavidade de suas linhas fisionômicas, o lindo contraste entre o trigueiro de sua epiderme e o glauco dos seus olhos.

Filha amantíssima, sentia imenso prazer em deliciar o velho pai, o comerciante Manoel de Carvalho Bastos, fazendo-o

ouvir belíssimos acordes de piano, instrumento que executava com muito sentimento e perfeição.

Reside, nesta hora em Fortaleza, ao lado do espôso, que é fiscal do consumo aposentado.

J. GUIMARÃES

Esta que o ebúmeo corpo, altivo, apruma
E, coroada de pétalas de rosas,
Vem transformando a estrada em que anda numa
Via-Láctea de flôres perfumosas:

Ótimo aroma suave e imorredoiro
Em tômo exala! E trêmula e convulsa,
Em sua voz, corda por corda, a de oiro
Lira de Safo apaixonada, pulsa.
E o alvo óleo suave, o brando Óleo piedoso
Que um sofrimento jóbico aliviando
Unta, de leve, as chagas de um leproso,
E-lhe menos' que o olhar, piedoso e brando!

Fúlvido, ante ela, o Sol, igneo, descerra.
Por merecê-la, o cofre áureo no espaço!...
E A o coração magnânimo da Terra.
Bate, mais forte lhe escutando o passo!

Este, o altar em que Augusto, com requintes de esteta, enfi-tronizou, na terceira noite da Festa, ano de 1910, a gentil senhorita

JÚLIA GUIMARÃES

Julinha, diminutivo que lhe puseram na casa paterna e que tão bem condiz com a ternura de seu semblante, era, pela fidalguia do porte, pela fascinação de sua própria pessoa, ornamento de notável relêvo, dos mais queridos e reverencia dos na sociedade paraibana.

Morena, de boa e agradável compleição, bôca caprichosamente desenhada, guardando dentes fortes, de uma alvura



Julinha Guimarães

sem jaça, tinha os cabelos castanhos-escuros, longos e anelados, a embelezarem-lhe a cabeça bem conformada. Todavia o traço mais indicador de sua beleza estava no olhar, que atraía pela meiguice e pela singularidade de expressão. Se é verdade que “os olhos são o espelho da alma”, a alma de Julinha há de ser cândida, tranquila, abençoada.

Vestía-se pelos últimos figurinos parisienses. Espírito claro e elevado, deliciava, com a doçura de sua voz, a platéia das reuniões íntimas. Certa ocasião, Rodrigues de Carvalho, conhecido poeta e beletrista paraibano, fê-la repetir nove vêzes a linda melodia *A Pequena Cruz do meu Rosário*, em uma daquelas festinhas de saudoso e puro encantamento, outrora tão de gôsto nas noites enluaradas na Praia do Poço.

Espôsa afetuosa do industrial e jornalista Epitácio Brito, vive hoje pelas suas virtudes e qualidades adamantinas do seu coração, cercada do amor do espôso e dos carinhos de sua numerosa descendência. Nesta, avulta a conceituada psiquiatra-infantil Lourdes de Brito Pessoa, casada com o cardiologista Vanildo Pessoa.

H. C.

Celebrem sua intrínseca realêza.
Para que a humanidade unânime o ouça
Os chólhos helênicos e o Pean...
Expressão superior da Natureza,
Promessa harmoniosíssima de moça
Sob a forma de estréia da manha.

Festejem-lhe inda o olhar de deusa etérea
O canto legendário do rapsodo
E as órficas, esplêndidas canções,
Ah! Certamente, a fôrça da matéria
Atingiu na escultura do seu todo,
A mais perfeita das agregações!

Receba ela por fim, de fonte erguida,
As comburentes dádivas de fogo
E a superabundancia celestial

Que o sol - o pai monástico da Vida,
Dando começo ao matutino jogo
Atira em sua forma escultural.

Na ânfora, destas sextilhas, queimou o poeta incenso
e mirra aos encantos de

HELENA CAMARÁ

As três filhas de Augusto Camará Correia de Sá, figura muito querida na Paraíba, deixaram imorredouras recordações pela maneira distinta por que se adornavam e pelo esmêro da educação, recebida aliás no *Colégio de Nossa Senhora da Conceição*. Êste, era instalado num velho sobrado local onde, hoje, é, a sede da Loja Maçônica Branca Dias. Eram mestras e dirigentes, daquele educandário, suas tias Anatilde, Amália, Áurea e Maria Urânia Camará, saudosas e 'beneméritas preceptoras paraibanas.

Helena, a mais moça das irmãs, distinguía-se por ser a mais alva, a mais loira e a mais risonha. Seu talhe, pequenino e gracioso, dava-lhe o charme de uma figurinha de biscuit, de rosto oval, olhos mimosos, cabelos ondulados.

Atualmente, viuva Mateus Ribeiro, reside em Niteroi, em companhia do filho e dos netos.

I. MONTEIRO

Esta é a irmã da alvorada, é a deusa grega
Que, motivando esplêndidos assombros,
De pé, sorrindo, a cabeleira aos ombros,
No áureo coche imperial da estrofe chega.

Vem fugida dos céus!... E à forte e nédia
Quadriga que de lá, da empírea altura,
Rápida a trouxe à terra, ainda segura
Com as sacras mãos pulquérrimas à rédea!

Vêde-a: os olhos ascendem-nos desejos,
A boca é um cálice de flor macia,

Um fruto de coral que desafia
Os pássaros quirisopteros dos beijos.
Ah! quando assoma o seu perfil bizarro,
Na conquista de todos os sentidos,
Rolam-lhe aos pés os corações feridos,
Ensanguentando as rodas do seu carro!

A deidade retratada nestas quatro líricas estâncias é

INÃ MONTEIRO

Tipo de andaluza, bonita, alta, delgada e esbelta, de olhos castanhos bem cintilantes, que emprestavam especial fulgor ao seu aspecto gentil e faceiro, Iná, temperamento vivo e alegre, era boa pianista, tocava violão e violino, e ainda revelava o seu talento artístico na pintura.

Inteligente e espirituosa, atraía com a palestra, sobretudo pela espontaneidade com que sabia sacar uma piada de bom gosto.

Prima de Ester, era, assim parente, por afinidade, de Augusto.

Casou-se com João Henriques de Araújo, conceituado comerciante que manteve nesta cidade uma das mais elegantes casas de calçado “O Chapim da Moda”.

Reside agora no Rio de Janeiro, ao lado do espôso, que ali exerce as funções de corretor da Bolsa de Café.

Abençoada foi a sua união conjugal. Entretanto, para não ser completa a felicidade, Iná e João Henriques não conseguiram criar um só dos filhos.

Dêste modo, sem maiores preocupações, Iná, em companhia do espôso, bem instalada no seu lar, empreende, vez por outra, passeios pelas Américas, pela Europa, sem esquecer suas visitas à terra natal.



Helena Camará

ALAIDE MONTEIRO

Salve, deusa que em Pafos se cultural.
Que extranha ave do céu, gárrula, canta
Dentro do ninho de coral da tua
Bela, suavíssima, ótima garganta?!

A caçoila da minha estrofe exale
A mirra e o incenso arábico mais brando
A ti que assim como Hércules Onfale,
Puseste aos pés a humanidade fiando!

E que, bem como a água de um lago imundo
A alvíssima asa imácula dos cisnes,
Atravessas os pântanos do mundo
Sem que a diáfana alvura da alma tises.

Diante o esplendor da tua maravilha,
Beijando as tuas tranças de veludo,
Flôr da espuma do mar de Chipre, filha
Do sol e irmã do luar: Eu te saúdo!

Na tela romântica dêstes versos, fez Augusto o debuxo
da individualidade sedutora de

ALAIDE MONTEIRO

Pequena de estatura, corpulenta, no soma Alaíde, bem
diferia de sua irmã Iná. Contudo, pertencente a uma época em que
os gramas e as polegadas não eram contempladas na aferição da
beleza, ela bem constituía um magnífico espécimen de mulher
formosa, sadia e forte.

Irrequieta, vivaz, graciosa, em tórno de sua figura, ha-
via sempre um ambiente de alegria e exultação. Voz maviosa,
de timbre angelical, era um deleite ouvi-la no côro das igrejas
ou realçando com a melodia de uma modinha sentimental, a
languidez das noites enluaradas, na encantadora Praia Formosa,
onde veraneava, seu pai Narcisio Evaristo Monteiro.



Iná Monteiro

Cabelos vastos, de um ébano reluzente, trazia-os sempre entrançados de cada lado de sua bem configurada cabeça. Disciplinar sua cabeleira, constituía sua única vaidade, pois Alaíde era displicente com sua própria formosura. Aprendera, sem dúvida, na “Introdução da Vida Devota”, de Francisco de Sales, o santo de sua predileção, que “a beleza para ser agradável, deve ser ignorada”.

Casada com Francisco Chagas Montenegro, assiste na Fazenda Ligeiro, em Campina Grande.

ALINE M.

(1909)

Justo é que fulja, a ver última, interna
com a vibratilidade de uma instante
A alma de todo cósmico brilhante,
Nesta fotografia derradeira.

Fragmentos astronômicos, pedaços
De céus e luar, tudo isso, envolto em neve
Para fazer-te a alva estrutura leve,
Veio imediatamente dos espaços.

Veio, e todos os dias vem de novo
E há de ficar ninguém sabe até quando
Ubiqua tiorba hierática, vibrando,
Nas emoções anônimas do povo.

ALINE M.

(1910)

No atro mármore mau dos versos maus
Gravo hoje esta que, adstrita a áureo pináculo,
Lembra o privilegiado receptáculo
Das prodigalidades de algum Deus.

Veze, possui, esta, Valquiria sã
O aspecto de uma rosa muito fresca
Desabrochando, alva e miniaturessca,
Numa paradisiaca manhã.

Bendita a estrêla de ouro que a conduz,
 E a cujos imperiosos magnetismos,
 Desaparecem todos os abismos
 Transformados em tálamos de luz.

Entoam êstes decassílabos, versos heroicos, louvores a singular figura de

ALINE MELO

Baixinha, gorducha, bem alva, cabelos castanhos-claros e lisos, olhar vivo penetrante, denotador de vitalidade espiritual, a figura de Aline dispensava *make-up* ou artifícios para dizer que era bela. E, além dos primorosos dotes físicos, com que fôra agraciada, depõem as suas contemporâneas, era ela um coração feito de bondade, meiga, piedosa e caritativa quase ao extremo.

Em um dos seus assomos nefelibáticos, Augusto, fascinado ante os atrativos de Aline, comparou-os a “fragmentos astronômicos, pedaços de céu e luar”.

Filha do comerciante português Jacinto Melo, muito jovem, contraiu núpcias com o bacharel José Leal, atualmente funcionário aposentado do Ministério da Fazenda; e muito jovem também faleceu, na cidade de Manaus, em consequência da picada de um venenoso inseto.

A. Moreira

Chega, e todas as vêzes que ela chega
 A vibração de monocórdios finos
 Enche, em concertos repetidos, o ar...
 Como que a alma da prisca gente grega
 Se ergue, ouvindo-lhe os risos **argentinos**
 Para, ainda, admiradíssima, a admirar.

E a gente, olhando-a, sente, súbita a ânsia.
 De, do estreitíssimo orbe, em que ela habita
 Ignorada dos mundos celestiais,

Levá. Ia, acima da terráquea estância
Até onde a massa cósmica infinita
Róla por sôbre as noites sepulcrais!

A objetiva do poeta, desta feita, focalizou, dentre as divas conterrâneas, a figura de

ARGENTINA MOREIRA

“Era uma efígie de Nossa Senhora”. Foi esta a expressão que uma de suas contemporâneas usou ao lembrar-lhe os dotes físicos e morais.

Neta de italianos e espanhóis, filha de português e brasileira, Argentina, em virtude dessa miscigenação, herdara, além da beleza física, refinamento estético e acendrado pendor artístico.

Maria Carrido Pacine, sua avó, aluna do maestro Tito Mattei, em Roma e que depois se diplomara pelo Conservatório de Milão, era casada com o empresário de companhias líricas italianas Tomás Pacine. Sob a responsabilidade dêste é que ocorreu, com singular brilhantismo; a primeira representação levada a efeito no Teatra Santa Isabel, do Recife, quando restaurado do incêndio que quase o destruíu.

Natural, portanto, que, com essa ancestralidade, Argentina saísse um temperamento essencialmente artístico. E como artista ela se realizou. Pianista e compositora de mérito, uma de suas valsas “Inspiração de Noiva”, foi, na segunda década dêste século, a melodia mais executada nas reuniões elegantes, nas retretas, no pátio da Festa das Neves e também mais tauteada pela mocidade de então.

Pele côr de jambo. Rosto formoso. Cabeleira copiosa e fôska. Olhar suave. Riso angelical. Voz doce e maviosa. Eis os traços marcantes da beleza de Argentina, a filha do abastado comerciante Albino Ferreira.

Muito religiosa, jamais se separava de um artístico crucifixo prêso ao pescoço por um trancelim de ouro.



Argentina Moreira

Viúva do industrial pernambucano Manoel Didier, reside em Recife.

C. TOSCANO

Climéria é todo o sonho da arte helena
Esculpido nos mármore de Paros,
Raios de sol num cálice de açucena
São-lhe no rosto os grandes olhos claros!

“Está naquela idade duvidosa”.
Que um poeta em versos rútilos descreve:
Menina e moça! Entrefechada rosa!
Entreaberto botão de flor de neve!

Rescende-lhe a palavra sobremodo
A um perfume de sandalo e bonina!
E a impecabilidade do seu todo
Pede urna estátua chriselefantina

Quando ela surge, e em torno os olhos vaga,
Turba as estrélas no alto espaço infindo:
Também o sol com o olhar lúcido apaga
Todos os astros quando vem surgindo!

Preito de admiração e aplausos tributados à juventude formosa e radiante de

CLIMÉRIA TOSCANO

Suas fotografias, tiradas em 1910, revelam, de modo bem fiel e extensivo, a harmonia e a perfeição de suas linhas fisionômicas. De estatura mediana, bem proporcionada; pele rósea sem jaças; olhos cintilantes realçados pela “ametista roxa das olheiras”; cabelos negros e vastos, lindamente penteados, Climéria era, sem favor, como bem comparou o poeta um “sonho de arte helênica esculpido nos mármore de Paros”.

Por sua beleza física e igualmente por sua beleza moral, merecera vários outros perfis, feitos em prosa, nas colunas elegantes do NONEVAR.

Ora a retratavam:

“Já repararam na feição puríssima da Virgínia do meigo e infeliz Penilo? É ela C.T. B. retraida e linda, perfeita e graciosa, flor de gelo ainda entreaberta refletindo na alma as tonalidades das auroras primaveris”.

Ora procuravam interpretar-lhe os sonhos e conjecturavam que ela tivera a visão de subir ao céu por uma escadaria de astros. E então explicavam:

“...O fenômeno foi êste: D. Climéria sobe, sempre na contemplação dos que a vem e a admiram, diariamente ascendendo, empolgando humildes corações; D. Climéria, deixando, a dormir, a percepção do meio ambiente, tem dentro dos olhos cerrados a refulgência de tôdas as estrêlas do céu, pois, quem olhos tais possui e uma graça irresistível no todo somente deve sonhar subindo para o céu por uma escadaria de astros”.

Casada com o dr. Severino Procópio, industrial e advogado que já ocupou elevados postos na administração pública, Climéria, na quietude do seu temperamento e na modéstia exemplar de uma vida tôda dedicada à família, guarda, ainda hoje, os traços aristocráticos de sua inocultável fidalguia.

D. C.

Há um movimento intrínseco e profundo
Na Natureza, para festejá-la;
E ela recebe, no âmbito da sala
A oblação panegirica do mundo.

Deuses desconhecidos superiores
Trazem todos os dias à su'alma
Numa conjugação placida e calma
Açafates pleníssimos de flores.

E ela dos deuses áticos, acima
Há de ficar, hierática, adorada
E para todo sempre perpetuada
Na ênea memória póstuma da rima.

Através destas rimas, compôs o poeta a sua “oblação
panegírica” a

DONZINHA CUNHA

Rezam as crônicas que, na mocidade, Donzinha era detentora de uma plástica que fazia lembrar a perfeição helênica. A beleza feminina, convém notar, é um atributo de sua família, atributo, aliás, que se vem perpetuando através de gerações. Basta dizer que, no primeiro concurso para a eleição da “Miss Paraíba”, foi vencedora uma de suas belas sobrinhas.

Tipo impressionante, esbelto, altura além do normal, tez morena, olhos verdes de grande expressão, rosto cheio, bem conformado, nariz afilado, bôca pequenina, que se entreabria em cândido e meigo sorriso, Donzinha irradiava graça, ternura e bondade e dava ao mesmo tempo, um sentido respeitoso ao ambiente em que se encontrava.

Em 1929, quando esteve pela última vez, mais demoradamente na capital paraibana, já casada em segundas núpcias com o General Feliciano Pinto Pessoa, homem que também militou no jornalismo e na política, Donzinha ainda guardava de maneira bem visível, o cetro da antiga majestade. Sua beleza, como que imarcescível, tinha sido respeitada pelas injúrias do tempo. A fidalguia do porte a acompanhou até o túmulo.



Climéria Toscano

O. XAVIER

Quando Olivia aparece o orbe se ascende
Todo, num brilho intenso e policromo,
E o tépido ar ambiente arde e resceende
A nardo, a incenso, a mirra e a cinamono!

Descem do Olimpo os deuses para vê-la;
O sol canta-lhe esplêndida, ígnea, loa;
Um anjo rindo assoma em cada estrêla
E éneo timbale célico reboa.

Depois da festa do Eter, do áureo bando
Dos astros a correr no espaço infindo:
Na terra, asas batendo... aves cantando...
Urnas de aroma, flóreas, se partindo!...

Mãos de roseo veludo e unhas de opala
Sacudindo-lhe pétalas em cima...
E os poetas, ajoelhados, a incensá-la
Com os dourados turíbulos da Rima!

Nestes “dourados turíbulos da Rima”, purificou o poeta com “nardo, incenso, mirra e cinamomo” à radiosa juventude de

OLIVIA XAVIER

E ao poema calha bem a sentença de Horácio: “*Ut Picture poesis*”. Olivia, sem nenhum obséquio, era um encanto de moça: forte, estatura regular, garbosa, olhos castanhos, grandes, cismadores, cabelos vastos e bem dispostos, a lembrar Berenice.

Nela tudo era encantamento, até um discreto prognatismo concorria para emprestar-lhe um certo quê de graciosidade.

Filha do talentoso ariense Prof. Francisco Xavier Júnior, catedrático em latim do “Liceu Paraibano” e autor de “Lições da Língua Materna”, excelente compêndio, por muito tempo adotado nas escolas do Estado, Olívia, inteligente e expedita, possuías-te uma alma de artista. Tocava bandolim e piano, e pintava com



Olvia Xavier

certa imaginação. Gênio expansivo, gostava de saraus elegantes. E diserta na prosa, exímia no dançar, não parava nos salões. Parenta muito próxima de Ester, espôsa de Augusto, Olívia manteve com a família do poeta os mais estreitos vínculos de amizade.

Casada, por procuração, em primeiras núpcias, com seu primo Eudésio Borges, tornou-se viúva antes de ao esposo se unir. Tempos depois, desposou o capitalista Egídio Tenan, fixou-se em Petrópolis, onde veio a falecer, sem deixar descendência.

PUPU F.

Quando ela vem, cheirando a nardo santo
Luminosa coluna no ar se eleva
E o reino demoníaco da treva
Desaparece como por encanto.

Força é que extraordinária óde encomiástica.
Melhor que o Pean e o canto das sereias
Celebre suos régias graças, cheias
Dos magníficos dons da fôrça plástica.

E tudo ante ela, envolta em nítido halo,
Como uma subserviente vassalagem
Venha trazer-lhe, à guisa de homenagem,
A alma reconhecida de vassalo

Cantam estas estrofes louvores a

LEOPOLDINA FERNANDES

Filha do comerciante Eduardo Fernandes, chamavam-na intimidade Pupu.

Seu genitor, cidadão progressista, de fino trato, inte grava uma das mais elegantes rodas sociais da cidade. Tinha o hábito, muito apreciável, de proporcionar, de quando em vez, à sociedade paraibana, esplêndidas recepções em seu palacete, contíguo à igreja de Nossa Senhora de Lourdes, prédio que depois, serviu, temporariamente de “Residência Presidencial”.



Pupu Fernandes

“Bal masqué” de Eduardo Fernandes, passou a ser uma tradição na cidade. Os participantes chegavam em imponentes Vitóriax puxadas por dois árdegos ginetes e logo se dirigiam à *sala de identificação*, para o devido reconhecimento e obter licença para cair nos festejos de Momo. Hermilo Cunha era quem, quase sempre apresentava a mais artística fantasia.

Também foi naquela vivenda que se organizou a primeira Orquestra Sinfônica da Paraíba, sob a direção do maestro Elias Pompilho, exímio pianista, que ainda exercia a profissão de odontólogo.

Foi, assim, neste refinado ambiente de arte, de música, de elegância, onde brilharam os dotes morais e físicos de Leopoldina, que veio a ser a primeira esposa do médico Sindulfo Pequeno de Azevedo. De estatura mediana, tinha os olhos miúdos e claros como os seus cabelos. Inteligente, refletida, plena de ternura, seu trato confirmava, integralmente o apotegma do filósofo de “As Confissões”: o bom não é senão o belo posto em ação.

SAF. OLIVEIRA

Esta que arrastaria a alma pristina
Dos gregos, inclusive Homero o mestre,
Por ser na crosta rígida terrestre
Um milagre de gênese divina:

Dá a quem crava sôbre ela o amplo olhar fundo
A ilusão psicológica do enleio!
Asa paradisíaca que veio
Para voar nove noites, sôbre o mundo.

Agora, adstrita à unânime harmonia,
Altarex lhe erga a humanidade serva,
Como os pagãos do templo de Minerva
Na nevrose feliz da idolatria.

E o luar lúcida esteira, ao som das liras
Estenda, embora escuro esteja, desde
Que ela apareça em cheio, enchendo o 3 de
Agosto, de Oliveiras e Safiras.

Com as tonalidades condoreiras destas quadras, foi traçado o perfil de

SAFIRA DE OLIVEIRA

Filha de Francisco de Oliveira, competente guarda-livros da firma Brito Lira & Cia., e representante dos afamados pianos “Red Star”, cedo, Safira, acompanhando os pais, deixou a cidade de seu nascimento, em busca de Belém do Grão Pará... Lá, porém, não se fixou. E, não decorrido muito tempo, foi residir no Rio de Janeiro.

Casou-se com o comerciário e sportman Henrique de Souza, indiano de Goa.

Alta, forte, reconchuda, tinha os cabelos brilhantes, tornados belamente crespos, segundo diziam, em consequência de uma febre tifóide de que fôra acometida, quando ainda muito jovem. Seu riso era alegre e franco, como a traduzir um feliz estado de imperturbável paz interior.

Parece, contudo, que seu maior feitiço residia no olhar abrasador, penetrante, cheio de resplandência. Retratando-a, em versos, Raul Machado desferiu êste exaltado galanteio:

“Olhos! Dois sóis girantes refulgindo
Dentro do céu pequenino do teu rosto”

ALICE S. CARVALHO

A humanidade unânime e alto a aplauda!
Porque a esta irmã. da aurora, quando desce
O sol, seu noivo, na celeste lauda
Epinícios de fogo áureo oferece!

Erguem-se em roda do seu vulto lindo
Nuvens claras de incenso muito brando...
Há por tudo um rumor de asas se abrindo
E um barulho de pérolas rolando.

Um deus doce licor do céu lhe oferta.
Numa rosa de pétalas vermelhas:
Rosa paradisíaca entreaberta
Para os beijos da aurora e das abelhas!

E a estatua de Anadiomene, alva e bela,
Diante de quem tôda beleza é pouca,
Os níveos braços move para ela,
Com um sorriso de mármore na boca!

Na auréola dêste poemeto, resplandece o vulto de

ALICE DE SOUSA CARVALHO

Filha do Cel. Francisco Carvalho, senhor de engenho e chefe político em Santa Rita, Alice, com o moreno suave de sua côr e seu ar de altíssima distinção era uma graça e uma simpatia de moça.

Dizem os coevos de sua juventude que fazia gôsto vê-la, cheia de garbo, a passear pelas ruas da cidade, em sua carruagem de quatro rodas puxadas por dois ágeis e bem tratados corceis.

Alice era um tipo forte, de semblante expressivo, a que um discreto prognatismo emprestava um certo It de graça e simpatia. Olhos miúdos. Sorriso franco. Tinha os cabelos castanhos-claros, bastante profusos e elegantemente arranjados, como se houvessem passados por um sabão de beleza ou pelas artísticas mãos de um hábil *coiffeur*.

Cedo, casou, indo residir na cidade do Recife. Tendo perdido o espôso, o funcionário aduaneiro Armando Hardman Monteiro, continua morando naquela cidade.

IVONE L.

D' "O Nonevar" no número último, é esta
Germânica e louçã silfide leve
Que vem fechar, com a sua mão de neve
O Calendário rútilo da Festa.



Alice Carvalho

Ah! com certeza, sem que o orgulho a entrone
Ceres, Vesta, Minerva, Juno e Eleusis
E a côrte mitológica dos deuses
São escôrias do céu, junto de Ivone.

Tentam da Inveja os infimos ofídios
Mordê-la. É em vão! Espera-os o hiante ocaso
Ivone, adeus! **Publius, Ovidius Naso**
(Que é o nome inteiro) ou simplesmente: Ovidius.

Fazem estas rimas o endeusamento de

IVONE LONDRES

A estética augustiana não exaltava apenas a beleza feminina quando plenamente realizada.

Seu impressionismo ia mais longe. Sublimava também os magníficos esboços de Eva, quando a precocidade de seu desenvolvimento, renunciava a perfeição plástica.

Ivone, filha do farmacêutico diplomado Manoel Soares Londres, o admirável e saudoso “seu Nozinho”, não havia ainda atingido doze primaveras, quando a inspiração do poeta a foi buscar para, ao lado das verdadeiras ninfas, encerrar o *Calendário da Festa*.

No seu rosto comprido, cheio e bem formado, engastavam-se dois enternecidos, olhos, um nariz talhado a primor e duas covinhas que aparecem ao sorrir. Cabeleira vasta, castanho escura, sempre caprichosamente penteada, mãos líricas e uma eterna meiguice congênita inafetada, constituíam outros tantos ornamentos de sua personalidade.

Nela bem coadunava o conceito emersoniano de beleza à antiga: “florescimento da virtude”. É hoje, viúva do médico Silvino Nóbrega. Mãe extremosa e felicíssima com sua descendência. Todos os filhos são titulados. Engenheiros uns, bacharéis outros, salientando-se dentre êles o dr. Wandick Londres da Nóbrega,



Ivone Londres

professor da Universidade do Brasil, latinista e romanista de renome internacional.

Espírito formado dentro dos seus princípios da moral cristã, Ivonei demonstrou, à sociedade conterrânea, toda a fortaleza de sua grande alma, com a resignação heróica que soube manter, ante o repentino falecimento do seu caçula, o diligente e esperançoso acadêmico de medicina Walter.

Ainda mereceram o cinzel dos galanteios estéticos do poeta, duas outras beldades, cuja identificação, a despeito das largas pesquisas realizadas, não foi possível descobrir. A elas foram dedicados estes poemetos:

J.F.

A. tempestuosa e atra alma bironiana
Que no Sardanapalo e no Manfredo
Aprendia, terrível e sem medo,
As convulsões da natureza humana.

Talvez estuando estúpida e atra, em face
De sua estonteadora forma helena,
Sentindo-se de súbito serena,
Como a vaga vencida, se acalmasse.

Por defini-la, Arquistas ou Arquiloco
Um século infeliz trabalharia,
Safo insuficientíssima seria
E píndaro seria muito pouco!
Destarte o defini-la é inútil. Basta
Ser ela uma rainha de ouro raro
Aos pés da qual, como um batráquio ignaro
A Humanidade humílima se arrasta.

ALTARES

**“Estes sinceros cânticos dispersos
À Musa Inspiradora dos meus versos”**

Quero que o povo ante esta deusa austera
 Ajoelhado lhe oscule o pó do rasto!
 E a espere ansioso, como quem espera
 A passagem magnífica de um astro!

Fugida das paragens luminosas
 Ainda a engrinalda, acesa, a última réstea. . .
 Caçam-lhe os pés dois cálices de rosas
 E o sol com o manto do seu ouro veste-a!

Alvo colar de pérolas pequenas
 Guarda no estojo de coral da bôca,
 Seu passo é leve como o das camenas
 E a estrada em que anda de magnólia touca.

Envergonhado o rouxinol se cala
 Lhe ouvindo a voz: – que a sua voz de santa.
 Povia a terra de aves, quando fala,
 Povia o céu de estrelas, quando canta!

Os olhos são-lhe quietos lagos onde
 Seu luminoso espirito se espelha
 E o coração, que a hóstia do amor esconde,
 Aurilavrado artóforo semelha!

A asa que ao sol, cortando águas serenas,
 Como um leque de prata, um cisne espalma,
 Tem nódoas e tem' máculas nas penas,
 Comparada à brancura de su'alma!

Anima-a celestial, vivido sopro...
 Romdam-lhe beijos rútilos os flancos!
 Ah!... Certo foi um deus com um sacro escopro,
 Quem lhe esculpiu os belos braços brancos!

Quando ela surge em meio de secretas
 Harmonias e brilhos singulares,
 Cantam todos os pássaros e poetas
 E iluminam-se todos os ALTARES.

CAPÍTULO V
AUGUSTO FACETO



Se, ao desenhar as silhuetas das lindas conterrâneas que, no pátio da Catedral, representavam “as plenipotenciárias da beleza”, Augusto revelou sua veia humorística, ao traçar as dos “smarts”, apresentou-se facêrto, cheio de verve e malícia, buliçoso, a mexer com um e com outro.

Os perfis dos “marmanjos” que o cinzelador do EU escrevia para o “Nonevar”, ao lado dos festejados humoristas que eram Eduardo Pinto, Aprígio dos Anjos, Leonardo Smith, Raul Machado e Américo Falcão, pelo burlesco das imagens e pela hipérbole dos relevos, equivalem a verdadeiras caricaturas rimadas.

Sob os pseudônimos de Tales de Mileto, o mais ilustre dos sete sábios da Grécia, Petronius – *o arbiter elegantiarum*, Scopus – o célebre escultor grego dos baixos relevos dos mau-soléus, Ovidius, o famoso poeta das Metamorphoses, Mercúrio, a deidade mais ocupada do Olimpo, o mensageiro e confidente dos deuses, o superintendente dos negócios de Júpiter e Anaxágoras - o fundador do teísmo filosófico, envolto assim nas clâmides de tão importantes personagens históricas, fazia êle, em cada uma das noites festivas, a apresentação espirituosa dos jovens da época, dos talentosos, como dos simplesmente elegantes ou frívolos.

Vergastava o “focalizado”, crivando-o de sátiras bem mordazes, usando às vêzes, de linguagem fescenina e maldosa.

Aliás o decêndio consagrado à Festa das Neves operava como que um eclipse no pudor da linguagem jornalística, que se libertava da proverbial austeridade, para dar vazão a recalques e ressentimentos, como a exteriorizar picuinhas e indiretas.

A Compulsadas as coleções do “Nonevar”, ano 1909 e 1910, veem-se esses “marmanjos” modelados nas secções “Smart”, “Tipos”, “Baixo Relêvo” e “Galeria dos Eleitos”, ora em quadras, ora em sonetos e poemetos, e um dêles até perfilado em prosa. Ei-los que vão desfilar:

MANOEL TAVARES CAVALCANTE

Foi o “smart” que abriu, em 1909, a série dos retratados. E sua estréia, por sinal, ocorreu, no momento histórico em que Rui Barbosa lançava as bases da memorável campanha civilista.

Baixo de estatura, narigudo, míope, um tanto prógnata, quase desprovido de pescoço, “papudo como um pombo”, no dizer de Gilberto Amado, cabeça avantajada em relação ao corpo, e uma giba que mais se traía pela saliência da omoplata direita, eis o seu físico.

Sua plástica, assim desengonçada, lhe valeu, da parte dos adversários políticos, a alcunha de *Frei Tatu*, e da irreverência do polígrafo Dias Fernandes, o epíteto jocoso de *Urubu Chumbado*. Ainda a êsse respeito, Liberato Bittencourt, em “*Paraibanos Ilustres*”, acentua que Tavares tivera “a natureza como madrasta”. Mas, homem de sensibilidade, dotado de fino gôsto estético, bem sabia êle suprir as ingratidões da natureza física usando uma indumentária elegante, feita a carater.

Naturalista convicto, era vegetariano e vivia sempre com a cabeça exposta. Criara a moda de andar com o chapéu na mão.

Talento gigantesco, aos vinte anos era bacharel laureado com o prêmio de viagem a Europa, pela Faculdade de Direito do Recife. De sua passagem naquele tradicional centro juridico, disse o mestre Clovis Bevilacqua:

“Dentre os alunos que terminaram o curso em 1901, três se destacaram: Joaquim Inácio de Almeida Amazonas, José Julio de Freitas Coitinho e Manoel Tavares Cavalcanti”



Manuel Tavares Cavalcante

Em 1909, depois de haver exercido por dois anos a deputação na Assembléia Legislativa do Estado foi eleito deputado federal e, pela vastidão dos seus conhecimentos granjeou dos seus pares o título de “dicionário vivo da Câmara”.

Tavares,

“Não tinha a plástica, – observou Celso Mariz – nem os acentos elegantes do tribuno, mas dispunha de palavra fluente, conceituosa e correta do orador. Foi sempre um parlamentar acatadíssimo pela compostura moral e pela competência em assuntos pedagógicos, de direito e de crítica política, com discursos vivazes em plenário e com pareceres luminosos nas comissões de que fez parte”.

Exerceu o magistério, tendo regido a cadeira de Literatura no “Liceu Paraibano” e a de História Natural, na “Escola Normal” do Estado. Transferindo-se para o Rio, bom jurista e latinista, que era, conquistou a cátedra de Direito Romano, na Pontifícia Universidade Católica. Conservou-se solteiro até quase aos cinquenta anos. Todavia, deixou uma prole numerosa e que lhe herdou a austeridade e dotes intelectuais.

Jornalista, na lídima expressão da palavra, não temia os grandes embates da imprensa. Sua pena era sempre a mesma: fulgurante, tersa, diserta, persuasiva, “contudente até onde não prejudicava a polidez e nem feria a verdade”, quer nos artigos de doutrina, quer redigindo leves *sueños* ou traçando ligeiras crônicas sociais.

Era, porém, incapaz de fazer um soneto ou uma simples quadra. E jamais deixou de lastimar essa falta de vocação para a poesia, até porque, em sua época, era condição exigida para integrar a *jeunesse dorée* da inteligência, manter certa cordialidade com as Musas. Dir-se-ia que os homens deviam compor, para que as mulheres os declamassem.



Murilo de Souza Lemos

Sem embargo das atividades políticas que desenvolvia, sempre arranjava tempo para dedicar ao convívio das letras. Além de inúmeros trabalhos esparsos conferências literárias, memórias e teses em congressos científicos, colaboração em jornais e revistas até estrangeiros, discursos e pareceres parlamentares - Tavares deixou dois importantes livros: “Memórias da Fundação da Paraíba” e “Epítomes da História da Paraíba”, obras que o credenciaram a um assento no “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” e a patrocinar, na “Academia Paraibana de Letras” a cadeira 36, ocupada por Maurício de Medeiros Furtado.

Auto-analisando-se, reconheceu, Tavares, que a timidez era, possivelmente o seu maior defeito. “Ler bons livros, cultivar o espírito” o seu *hobby*. Desejava morrer “sem ter feito uma lágrima, senão a da saudade”. Assim escrevera no “Album” de sua conterrânea Analice Caldas.

Faleceu em 1950. E são de Pedro Calmon, no elogio fúnebre que lhe fez, no “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” as seguintes palavras:

“O senso jurídico, o idealismo cívico, a veemência das convicções suavizada pela doçura cristã de um temperamento pacífico e retraído acentuavam a originalidade do seu perfil em que se comprovam a altivez e a bondade, características dominantes de sua fisionomia moral”.

Agora, vale conhecê-lo, através do perfil versejado por Augusto:

M. T.

“Dilue-se em vários círculos de agrado
Este que, oferecendo um chapéu novo,
Da à vista curiosíssima do povo
O aspecto de um **reclame vertebrado**.”

Tem a aparência elipsoidal de um ovo,
Bebe champagne num cíato dourado!
Contra o seu **carioquismo** requintado
Versos epigramáticos não movo.

A idolatria ideal das moças goza,
Este miniaturesco Rui Barbosa
Que anda fazendo eternamente roda.

Mas, mostrando-se sempre economista,
Prefere à propaganda civilista
A propaganda dos chapéus da moda”.

MURILO LEMOS

Naquela quadra pacata da vida provinciana, estudar na Europa ou mesmo excursionar pelo estrangeiro dava às pessoas um ar de superioridade. Êsses felizardos formavam uma verdadeira classe aristocrática. Procuravam distinguir-se dos de mais, já no vestir, já no falar, caracterizado pelo constante emprego de estrangeirismos.

Autêntico representante dessa fidalguia foi Murilo Lemos, que, em sua juventude, andara lá pelo Velho Mundo.

Inteligente, perspicaz, cultivado pela leitura de bons autores brasileiros e portugueses, Murilo, além da simpatia que despertava pela boa aparência pessoal, tinha em seu benefício a atração de uma excelente palestra.

Sempre exerceu o alto comércio. Mas nunca se desinteressou pelas cousas do espírito.

Também enveredou pela política, desempenhando um mandato de deputado estadual.

Nos últimos tempos, o Presidente João Pessoa fê-lo um dos seus auxiliares imediatos.

Faleceu repentinamente em 1937, no Rio de Janeiro.

Augusto focaliza-o, no humorismo destas três chistosas quadras:

M. L.

Não tem o ar democrático de acólito.
Para integralizar-lhe a imorredoura
Glória, faltam-lhe a altura de Zé Moura,
E algumas banhas de Manoel Hipólito.

Deixa escapar às vêzes muito digno
Na caudalosa fluência da conversa
Alguns períodos bons de prosa tersa
Que em meus arquivos ótimos consigno.

E é um gôsto vê-lo de óculos, e escura
Roupa, julgando com prazer profundo
Que é dêle que depende, neste mundo,
O progresso da estética futura.

MANOEL HIPÓLITO

Alto, gorducho, simpático, cabeça um pouco inclinada para o lado, sóbrio no falar e comedido nos gestos, inseparável de um guarda-chuva, Neco Hipólito, pela honradez de caráter e delicadeza de atitudes, era uma figura muito estimada, especial mente no meio comercial. Lá desenvolvia sua atividade, como guarda-livros da acreditada firma Paiva Valente & Cia., da qual veio a ser um dos principais componentes.

Casado com uma alemã de boa linhagem assimilou os hábitos germânicos, tornou-se até um perfeito apreciador de cerveja.

Fundou, com um selecionado número de amigos folgazãos, uma espécie de associação para troças e brincadeiras, denominada *Club Engole Fogo*, a qual promovia distintas e animadas festas.

Para Manoel Hipólito, fez Augusto o seguinte epigrama:

M. H.

Em sua obesidade soberana.
De gordalufu senador do Império
Há uma concentração de Budha sério
Meditando, alta noite, no Nirvana.



Manuel Hipólito

Se a **pernosticidade** atual se dana
Êle, como Calígula e Tibério,
Tem vontade de pôr no cemitério
Todos os monstros da sandice humana.

A Conservando até métodos nos passos
Com a força **tartarínica** dos braços
Detesta as demostênicas arengas...

Não anda recitando misereres
E em matéria, de queijos e mulheres
Só manda ver **flamengos e flamengas**.

ARTUR DOS ANJOS

Alegre, comunicativo, diletante do violão e das modinhas, Artur, o filho mais velho do dr. Alexandre, era um temperamento bem diverso do seu irmão Augusto.

Altura regular, olhos vivos, bigodes retorcidos, seu todo em nada lembrava os fósseis megaterianos.

Bacharel em direito, manteve na Paraíba um dos mais movimentados e rendosos escritórios de advocacia. Jeitoso como poucos na arte de ganhar dinheiro, de uma feita Gilberto Ama do chasqueou-o com êste conceito: “Augusto foi um gênio na poesia; você, Artur, é um gênio no comércio”.

Promotor Público, na capital, tornou-se famoso pela pontualidade na observância dos prazos processuais, e, especialmente, pelo brilho que emprestava à tribuna do juri na defesa dos interesses da sociedade. Era um encanto assistir a um dêsses duelos verbais, de tribunos do direito como Artur dos Anjos com Leonardo Smith ou Miguel Santa Cruz.

Político, exerceu o mandato de deputado federal, tendo sido o *leader* da bancada.

Vejamo-lo ao clarão dos remoqueos poéticos do Nonevar, quarta noite, de 1910:



Artur dos Anjos

A. DOS A.

Não possuí o arqueológico arcabouço
Dos megatérios desaparecidos...
São seus dedos magríssimos, compridos,
Tentáculos de um polvo muito moço.

A humanidade atual para ele é um osso
Exposto aos paladares atrevidos...
Ah! somente a dentuça dos sabidos
Há. de roer o quinhão que fôr mais grosso.

E promotor, há muito tempo, advoga,
Não consente que o mofo lhe encha a toga
Sob a exótica forma de estupim.

E ao cabo disto, tempo ainda lhe resta
Para todas as noites ir à festa
Comer unicamente amendoim.

ALEXANDRE DOS ANJOS

Irmão mais moço de Augusto, dêste recebeu orientação durante o curso de primeiras letras.

Tal qual os demais membros da família, Alexandre sempre revelou inteligência. Possui o dom excepcional de saber revidar qualquer pilhéria com oportunos repentes.

Bem conhecida ficou a pronta resposta que deu ao sarcasmo de uma de suas “gentis” conterrâneas. Com o intuito de fazer chiste, uma senhorita da alta sociedade, procurou por em evidência o tamanho nada pequeno da bôca de Alexandre, dizendo-lhe: “Você monopolizou as bôcas, não as deixou para mais ninguém”. E o excêntrico Alexandre, ouvindo a zombaria, respondeu *in continenti*: “Não; ainda deixei um pedacinho de bôca para você dizer asneiras”.

Talvez por ser o çacula, o benjamim da família, é quo, ao gizar-lhe a caricatura, Augusto pronunciou-se com muito espírito de troça, jogando-lhe pilhérias de sentido dúbio, meio fesceninas, como dá notícia o

SMARTS

Alex. dos A.

Dentre a camaradagem dos janotas
Como um peru anda fazendo roda
E com os seus semi-círculos, engoda
Os **chicos**, as **chiquinhas** e as **chicotas**.

Chamaram, noutro dia **borra botas**,
A êsse **Mané científico** da moda,
Cujo ar aristocrático, incomoda
A poze má das multidões idiotas...

Tem desejos danados de ir à França,
Satisfazer unicamente a pança,
E ler no original Edmond Rostand...

De regresso, smartissimo, tenciona
Recostado em jacintica poltrona
Comer pão com manteiga de manhã...

No ano anterior Augusto, em Tipos, havia focalizado seu *enfant gâté*:

AL. dos A.

Indubitavelmente não me queimas
Mau grado seres critico e elegante,
O cáustico de cada homem pedante
E o flagelo de tôdas as teleimas

EDUARDO PINTO PESSOA

É uma das figuras mais representativas de sua geração. Sobrinho do imortal Pedro Américo, honra as tradições de ta lento dos seus ascendentes.

Esgrimista da rima, é um admirável sonetista, mesmo quando explora o estilo humorístico, para o qual tem acentua do pendor. Pena é que suas produções poéticas, dispersas em jornais e almanaques editados outrora, sejam, hoje, de leitura limitada e

de difícil obtenção. Muito ganhariam as letras paraibanas, se essas produções fôsem coligidas e enfeixadas em livro.

Prosa agradável, cheia de sal e de finuras. Feliz no revide. Como encanecesse muito cedo, com a fisionomia ainda bastante jovem, fazia voltar o negro dos cabelos à custa de tinturas ou processos químicos. Descoberta e amistosamente censurada a mistificação, exculpou-se armando um calembur com o próprio sobrenome, empregado em função de verbo: “Eu, Eduardo, pinto...”

Bacharel em direito, foi juiz municipal do termo de Cruz do Espírito Santo e é hoje fiscal do consumo aposentado.

Militou no jornalismo político, exercendo-o com muita elevação, elegância e coragem pessoal. Redator-chefe do “Diário da Paraíba”, manteve decidida e vibrante oposição ao govêrno do então Presidente João Pessoa.

Fêz parte do corpo redacional do “Nonevar”, onde, diariamente, com um soneto estampado na Galeria dos Turunas, caricaturava, sob o pseudônimo Tristão da Cruz, um dos rapazes, bonecos da época.

Baixo, moreno, olhar ligeiro, passos miúdos, inflamado, ainda hoje, lá do Rio, onde reside, reascende seu entusiasmo, ao relembrar os encantos da Festa das Neves, na fase dourada de sua juventude. Recorda com emoção, os versos que compunha, cheios de diabruras, indiscreto, denunciante de amores incipientes e ocultos, e, bem assim a letra, que- aplicava à música dos hinos dedicados à Padroeira da cidade. O lapis inclemente de Augusto, assim pinta Eduardo Pinto:

ED. P.

(1910)

Êste valente espírito infernal
De expressão fisionômica jocunda
Que satiriza com ironia funda
Nossa grande sandice regional,



Eduardo Pinto

Sôbre a espinha (refiro-me à dorsal)
Da pernosticidade vagabunda
Aplica, rindo, formidável **tunda**
Afora uma injeção intraventral.

A acreditar-se na metempsicose
Para que a gente fantasias goze
E veja aberrações que nunca viu...

Êste endiabrado **smart** Eduardo Pinto,
E o espirito profano de **Jacinto**
Que no Espírito' Santo ressurgiu.

E. P.

(1909)

Pretende publicar um Ramaiana
Cujo herói principal o intuito nutre
De, com a raiva específica do abutre,
Estrangular a canalhice humana.

LEONARDO SMITH DE LIMA

Bacharel em direito, talentoso, possuidor de sólida e vasta cultura, Smith colaborou assiduamente na imprensa provinciana. Seus artigos, vazados em fino estilo, quer versassem sôbre temas de doutrina jurídica, quer sobre assuntos ou querelas políticas, eram sempre ávidamente lidos. Foi redator judiciário do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro e da *Gazeta dos Tribunais*. Seus escritos em matéria jurisprudencial ensejaram a criação do *Arquivo Judiciário*. Polemista apaixonado, ardente, jamais perdia o vigor e a segurança na argumentação.

Orador arrebatador, a sua presença na tribuna do juri de terminava desusadas enchentes nas galerias, do mesmo modo que, nos comícios políticos dos bacuraus,⁴ a sua palavra atraía e entusiasmava a totalidade dos adversários de Epitácio Pessoa.

4 Alcinha depreciativa dos partidários do Monsenhor Walfredo Leal, em 1915, na campanha pela renovação dos representantes da Paraíba no Congresso Nacional.

Nas horas alegres de boêmia a que o jovem Smith, com inteligência e elegância, sabia dedicar-se, seus discursos líricos, sentimentais, irônicos, e até furiosos, se necessários, amenizaram e salvaram muitas conjunturas difíceis...

Eduardo Pinto, em certa oportunidade, classificou-o de “o mais forte sectário da folia”.

Quantas e quantas vêzes, à porta do bilhar de Arquiticlinio ou do café de Joca Aranha ou, então, montados a cavalo, pelas ruas da cidade, êle e o brilhante advogado Guilherme da Silveira, não travavam as mais eruditas e apaixonadas dis cussões sôbre teses de Direito!

Poeta humorista, foi o idealizador do *Nonevar* e, durante a Festa das Neves, traçava em pinturescos sonetos, perfis masculinos.

Adversário ferrenho do situacionismo político, foi em 1916 demitido de advogado de ofício da Prefeitura da Capital.

Cinco anos depois, emigrou da Paraíba. Inicialmente para o Rio Grande do Sul, em Pelotas, como Fiscal de Bancos. E após, em 1922, fixou-se no Rio de Janeiro. Aí ingressou na magistratura, carreira a cujo pináculo atingiu a 31 de julho de 1950, com a conquista da desembargatoria. Seu irrepreensível desempenho na função judicativa do antigo Distrito Federal é enaltecida por uma placa de bronze colocada na sala da quarta vara civil, com a seguinte e expressiva inscrição: “Aqui fez justiça o Juiz Leonardo Smith de Lima”.

O *Petronius* do *Nonevar* assim o perfilou:

LEON SM

Este tipo, muito alto e muito louro,
Espécie de Voltaire contemporâneo
Tem lampejos satânicos no crâneo
E o próprio Mefistófeles no couro.

Areopagita assíduo dêste fôro
Arruine-o, esmague-o, enforque-o e, em suma, esgane-o

Todo aquêle **Mané, Chico** ou **Libânio**,
Que reccar seu talento imorredouro.

Olhem como êle agora faz caretas
Vê neste mundo extraordinárias tétas
Que a gente deve, sôfrega, mamar.

E ao cabo disto, num café urbano,
Achincalhando o sentimento humano
Põe-se estrondosamente a gargalhar.

JOSE AUGUSTO DE FIGUEIREDO

Era sobrinho do advogado e jornalista João Maximiano de Figueiredo, que foi, no Estado, um dos políticos de grande prestígio e evidência, tendo ocupado o cargo de secretário do govêrno provincial e exercido o mandato de senador da República.

Sem o brilho e a projeção do tio, José Augusto tinha, porém seu valor intelectual. Colaborava nas gazetas da cidade fazendo sempre jornalismo de oposição. Participantes das rodas mais finas e seletas do seu tempo, dava-se, com temperança, a uma discreta e elegante boemia.

De estatura baixa, corpulento e pescoçudo, era um temperamento irrequieto, neurastênico, impulsivo.

Casado com d. Judith Monteiro, deixou vários filhos inclusive a Sra. Zuleika Figueiredo, que reside atualmente em Londrina.

Seu “retrato sem retoque” foi estampado neste soneto:

J. A. F.

Baixissimo, de mãos miudas, anda
Como um ventilador, sem ter descanso,
Seu pescoço magérrimo de ganso
Surge sempre **roscofe** na quitanda.

Para a tábua o mundo inteiro manda
Quando à guela lhe vem o ardor do ranço
Mas tem meiguices de carneiro manso,
E usa muito nos pés **Sebo de Holanda**:

Faz reportagens de valor enorme
 Quando a lua e minguante pouco dorme,
 Há poucos dias, o Álvaro Monteiro

Lhe perguntou assim quase em segredo:
 Com que então, seu Totonho Figueiredo
Seu maganão, V. é escapoteiro?!

JOAQUIM DE ARAUJO FILHO

O desenvolvimento da Paraíba, no começo do século, era fenômeno bem sensível. Prova-o a febre de progresso, verdadeiro *boom* que desencadeou na capital, onde, em muitas coisas, inclusive na instalação de alguns modernos melhoramentos, houve antecipação, relativamente a outros centros bem maiores e mais ricos. Exemplicativamente, pode-se apontar a substituição dos arcaicos lampiões de querosene e dos incomodos veículos de tração animal, que tanto afeavam as artérias da cidade, pela iluminação elétrica e bondes também elétricos.

Atestando ainda essa fase de florescimento, estabelecimentos comerciais de diversos ramos surgiam, aqui e ali, muitos deles filiais de grandes casas sediadas nas praças do sul. A Drogaria Universal do Recife foi um destes. Aliás, comentavam as más línguas que não era só a venda de drogas o objetivo a que se propunha o novel estabelecimento. Sua instalação, murmuravam, obedecera a um plano muito bem concertado para facilitar, aqui na Felipéia, desembarque de mercadorias por via marítima. Verdade ou não, o certo é que, para gerencia-lo, veio um dos espíritos mais brilhantes da capital pernambucana, Joaquim de Araújo Filho, poeta, jornalista, homem de fino trato, erudito, fluente, em uma palavra, um *gentleman*.

A Drogaria, que ficava na rua Maciel Pinheiro nº 193, tornou-se logo um aprazível ponto de reunião da intelectualidade paraibana. Araújo Filho, muito simpático, muito comunicativo, sabia nuclear. Ninguém o excedia no cultivo das boas amizades,

como na observância das boas maneiras. Ainda hoje, se quizesse, poderia abrir um curso de *public relations*.

Castro Pinto, então Presidente do Estado, encerrado o expediente de Palácio, descia a pé, tôdas às tardes, acompanhado de Rodrigues de Carvalho e alguns outros auxiliares, até o Varadouro, para dar início à prosa, na botica do Araújo.

Nesses bate-papos, que versavam sôbre assuntos os mais variados: literatura, poesia, jornalismo, ciência, anedotas, mundanismo, etc. resolviam-se até altos problemas da administração pública. Em um dêles é que ficou assentada a convocação de Carlos Dias Fernandes que se achava no Recife, para auxiliar o govêrno, como diretor de “A União”.

Havia ocorrido, na metrópole do famoso Leão do Norte, um escandaloso caso romântico, de que fôra protagonista um filho do próprio Governador, acusado de haver desfeito o lar de um cidadão de elevada categoria social. O acontecimento, nem é preciso que se diga, foi, durante muitas semanas, objeto de acerbos comentários, entre as famílias. E a imprensa local, discretamente embora, não o deixou incólume. Registou-o com algumas alusões meio veladas, mas picantes.

Carlos, porém, coscuvilheiro, endiabrado, muito ardido, como sempre, não esteve pelos autos. Não se conteve. E, sem respeitar conveniências, decidiu-se a afrontar os poderosos, divulgando *cum grano salis*, a indecorosa ocorrência, por meio de um poema, gênero heróico, que publicou com o título de *Rapto de Helena*.

Na chocarrice, no epigrama, na sátira, Carlos era de uma verve extraordinária. Era mesmo inigualável, segundo dizia o seu contemporâneo Álvaro de Carvalho.

Bem se vê, portanto, que pequeno não fôra o teor de mordacidade e indiscrição contido naquela versalhada, feita especialmente para estortegar a suscetibilidade das figuras e famílias diretamente afetadas pelo escândalo acontecido. Uma desforra, em bom estilo, foi logo a solução alvitrada. O atrevido devia pagara ofensa com uma surra no lombo, custasse quanto custasse.

E o irrespeitoso autor do Rapto de Helena, tomado de pavor, viu-se em verdadeiros palpos de aranha. Recolheu-se a esconderijo seguro e, aflito, apelou para os conterrâneos e amigos da Paraíba. O socorro, porém, não lhe chegou fora de tempo. Rodrigues de Carvalho invocou os préstimos de Araújo Filho, cometendo-lhe a incumbência de ir buscar o poeta, são e salvo.

Ociosos é lembrar que mui difícil e arriscada era a tarefa de fazer uma pessoa visada, perseguida, escapar a vigilância da polícia de Pernambuco, aquê tempo enxertada de uma legião de capangas bem adestrados e disfarçados. Basta consi derar que o meio mais rápido de locomoção então existente ainda era o chamado trem de ferro.

Mas, Araújo Filho campou de herói. Revelou-se um notável estrategista no modo de organizara fuga. E assim, por uma espécie de rapto, que bem poderia ter sido cantado numa ode denominada *O Rapto de Carlos*, foi que Dias Fernandes voltou à Paraíba, para integrar e dirigir o corpo redacional de “A União”.

Não era somente na Drogaria Universal onde se formava a roda dos cavaqueadores da alta linha. Na própria casa de residência de Araújo Filho, de quando em vez, juntavam se eles em tertúlias e em jantares, a que compareciam, entre outros paredros do intelectualismo, as figuras de Orris Soares, Raul Machado, Augusto dos Anjos, quando de suas visitas a capital, e o presidente Castro Pinto, que, abrindo o coração à confidência, expunha as dificuldades do seu governo e as queixas pelas ingratidões de alguns amigos.

A Inteligência fecunda, Araújo Filho, durante a temporada que passou na Paraíba, publicou dois livros de poesia, “Eucholzgium” e “Citaredo”, êste editado pela Imprensa Oficial, no mesmo papel da Mensagem do Presidente Castro Pinto. Fundou, juntamente com Aprígio dos Anjos, João Coelho, Ildefonso Bezerra, Pires Ferreira se outros, em 25 de novembro de 1907, a “Academia Paraibana dos Novos”, agremiação literária que não chegou, porém, a emplumecer.

Arrebatado pelo talento artístico de Amália Agustini, graciosa prima-dona da Companhia Lírica Tomba, dedicou-lhe um madrigal muito terno e muito lindo, que mereceu exaltados elogios. A Tomba, conjunto teatral italiano de alto gabarito, coroa da de grandes sucessos, não se exhibia em qualquer platéia, Só aos espectadores do Rio, São Paulo, Salvador, Belém, Manaus, Recife (e da Felipéia por uma exceção) foi dado o prazer de assistir às suas representações. Digno de nota foi o romance que assinalou a sua permanência na capital pernambucana, onde o seu elenco perdeu uma das mais jovens e belas estrelas Gizella Gouvani, que abandonou a ribalta para tornar-se esposa de um bacharel de tradicional família alagoana.

Tão rico de inteligência, tão empreendedor no impalpável terreno das coisas imateriais, de lamentar, porém, que Araújo Filho carecesse de qualidades para vencer no mundo do comércio. Seus negócios começaram a diminuir. E o seu barco da fortuna, embora à voga surta, ia a pouco e pouco caindo; Castro Pinto renunciara a Presidência do Estado e, logo a seguir, desertara para o Rio de Janeiro. Muitos dos assíduos fregueses daquelas prosas da tarde tornaram-se impontuais e a própria clientela ia rareando. A Drogaria foi perdendo o brilho, o movimento comercial, até que um casual incêndio fê-la cerrar definitivamente as portas. Araújo Filho retornou à querência, na cidade do Recife, onde prosseguiu na sua atividade literária. Continuou a colaborar na imprensa, publicou vários livros, cerca de uma dezena, tendo ainda conquistado um lugar na Academia Pernambucana de Letras, cadeira nº 12.

Foi essa admirável figura de intelectual, cujo clichê o buril humorístico de “Scopas” gravou no metal deste soneto:

BAIXO RELEVO

A. Filho

Baixíssimo, de brancas mãos peludas,
De olhos esbugalhados de pitomba,

Com os seus juvenalescos risos, zomba
De todas as pessoas barrigudas...

Papa coroado de tertúlias mudas
Em versos decassílabos de arromba,
Apoteosou a companhia **Tomba**
E fez um poema inteiro sôbre Judas.

A íntegra idéia dá, com a cara chata,
De alva e esquisitíssima barata
Nascida num terreno estéril e agro.

Deseja ter os músculos de um núbio
E faz harmoniosíssimo conúbio
Com a musa superior de um poeta magro.

ABEL DA SILVA

Conforme se constata das coleções do *Nonevar*, Augusto, em 1909, modificou a maneira de tirar gracejos com os marmanjos. Em vez de epigramá-los por meio de sonetos, passou a fazê-lo por meio de quadras, quadras-perfis, que publicava sob a epígrafe de “Tipos”.

E o primeiro tipo, então, focalizado foi Abel da Silva, uma das grandes culturas e inteligências da Paraíba. Era um pouco franzino, de estatutra regular, irrequieto, neurastênico. O vigor intelectual que possuía recebera-o do pai, – o emérito latinista Joaquim José Henriques Silva, autor de uma excelente Gramática Latina, e homem que teve a honra de competir com o grande Tobias Barreto em um concurso para professor do idioma de Cícero, no Curso Anexo à Faculdade de Direito do Recife.

A êsse certame ainda concorreu um terceiro latinista, o padre Felix Barreto. E, rezam as crônicas, todos os três candidatos obtiveram o primeiro lugar. *Mirabile visu*: empataram.

Abel cursou a Faculdade de Direito do Recife e a Faculdade de Medicina do Rio Mas, falho de perseverança, abandonou ambos

os estudos em meio da jornada. Seu clima era a província. Sua categoria profissional, a cátedra. Seu ambiente, o jornalismo.

Excelente dídada, ensinou, em cursos particulares, português, francês, latim, física e química. Exerceu o cargo de Inspetor Geral do Ensino e foi professor de pedagogia da antiga Escola Normal do Estado. Seus conhecimentos de filosofia eram bem apreciáveis.

Erudito, facundioso, conversava que era um encanto. Espírito alegre e independente, dedicava as horas de lazer a uma reservada boêmia. Faleceu em 1933, aos 62 anos de idade. Em sua homenagem, existe, na capital paraibana, uma rua com o seu nome.

Augusto dirigiu-se a seguinte quadra:

A. DA S.

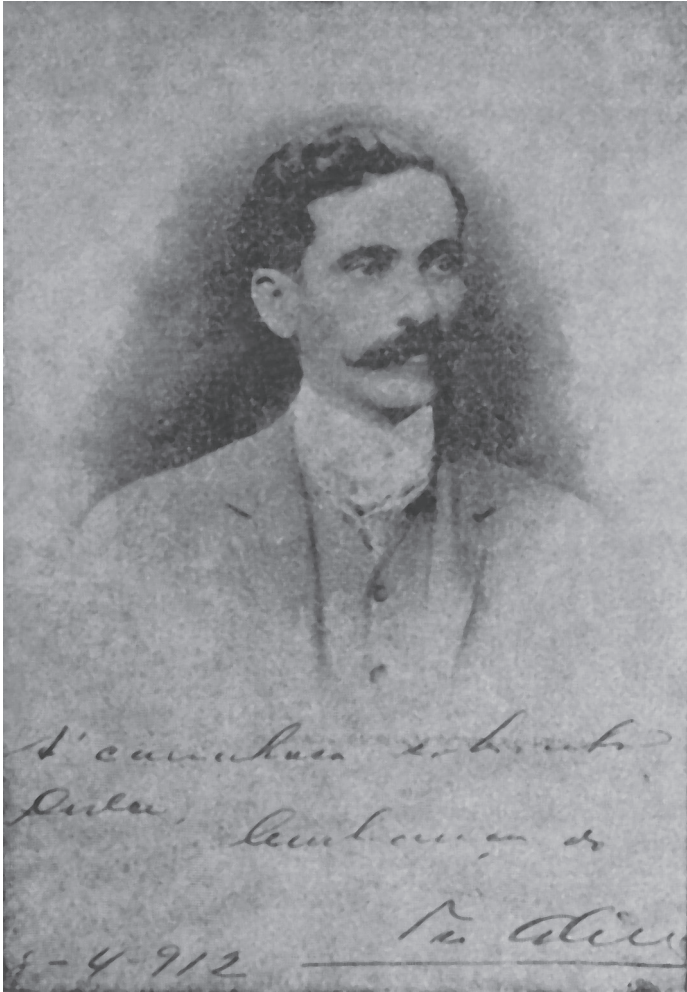
Sua magreza de faquir encerra
Como o algodão, ainda na maçã.
Uma organização de Emanuel Kant,
Pontificando a crítica da terra!

JOSÉ RODRIGUES DE CARVALHO

Moreno, baixo, rotundo e bem humorado. Eram estas as inculcas que se ministravam a quem precisasse distinguir a pessoa de Rodrigues de Carvalho, dentre os demais componentes de uma roda ou reunião.

Menino ainda, com dez anos apenas, mudou-se de Alagoíinha, sua terra natal, para a cidade de Mamanguape, onde passou a juventude em convivência com Castro Pinto, Dias Fernandes, José Vieira, Luiz Aprígio de Amorim e outros tantos talentos moços que então vicejavam na cognominada Atenas Paraibana.

À procura de melhores condições econômicas e culturais, deixou à velha Mamanguape, em demanda da capital do Ceará, em cuja Faculdade de Direito conquistou a carta de bacharel. Durante sua permanência em Fortaleza, lecionou Geografia no



Liceu Cearense, Lógica na Escola Normal, e exerceu, na Faculdade de Direito, a cátedra de Direito Comercial; tudo isto depois de haver trabalhado, lá na terra de Iracema, como prático de farmácia e funcionário de banco.

De volta à Paraíba, trazendo apreciável lastro de cultura, veio a ser procurador geral, consultor jurídico, deputado e secretário de Estado.

São de sua iniciativa, na Assembléia estadual, dois importantes projetos que logo se converteram em lei: o que instituiu a bandeira da Paraíba e o que criou o Montepio dos Funcionários Públicos.

Conhecedor de contabilidade e escrituração mercantil, foi também um dos melhores advogados dos auditórios paraibanos, tendo escrito artigos e obras de direito ainda hoje citadas.

Sua bonomia e simplicidade, porém, contrastavam com a argúcia e viveza com que esgrimia nos pretórios, as armas do causídico. Muito judiciosa foi a êsse respeito à observação? Feita por Horácio de Almeida:

“quem o visse assim bonacheirão e de ventre em arco, desmazelado e pachorrento, não o supunha jamais tão ágil no raciocínio, alegre e espirituoso, dentro da advocacia e perspicaz na política”.

Poeta de fina inspiração, seus sonetos “Viúva” e “Seios” muito recitados outrora, são hoje páginas de várias antologias. Não tinha, porém, afinidades para Camões. Reputava os *Luzíadas*, disse-o certa vez.

“uma coisa tão sem gosto que, quando a leio, tenho a impressão estar mastigando cascos de caranguejo”

Poemas de Maio, Prismas, Coração e Cancioneiros do Norte, são obras que bem recomendam o seu talento poético.

Esta última, aliás foi pela crítica colocada ao lado de *Os Sertões, de Euclides, como*

“um convite ao sentimento brasileiro pelo interesse da poesia popular”;

Sua pena muito produziu, também para os jornais. Rodrigues de Carvalho, no periodismo, jamais se entibiu ante a ameaça dos poderosos.

Deixou numerosa prole: 22 filhos, quase todos portadores de títulos universitários, dentre êles destacando-se o General Manoel Rodrigues de Carvalho, herói da F.E.B.

Faleceu no Recife em 1934. Traçando-lhe o necrológio, Aloísio Afonso Campos proferiu esta grande verdade:

“Rodrigues de Carvalho só foi hipócrita para esconder o sofrimento”.

É patrono da cadeira nº 29 da Academia Paraibana de Letras, ocupada pelo Pe. Manoel Otaviano.

Reconhecendo-lhes os méritos, o poeta honrou-o com a seguinte quadra:

R. C.

Éste poeta que canta as coisas leves
O Mucuripe, os pássaros e as crianças,
Vai realizar no festival das Neves
O consórcio das Musas com as Finanças

RAUL CAMPÊLO MACHADO

A elevação de Taperoá, antiga vila de Batalhão, à categoria de comarca, concorreu para que, no planalto da Borborema, uma determinada área viesse a ter a glória de ser o berço de um dos mais cintilantes espíritos da Paraíba. É que, a 7 de março de 1871, d. Júlia Campelo Machado, esposa do dr. João Machado da Silva,

promotor público da novel comarca, aí dera à luz o seu primeira filho, que, batizado na matriz local de N. S. da Conceição, recebeu o nome de Raul.

Ninguém poderia prever que aquele menino entroncado, de rosto largo, cabeça grande, quase desproporcional ao corpo, ia ser um poeta tão mavioso, tão encantador, a ponto de, pelos seus “versos maravilhosos” impressionar espíritos como Júlio Dantas e Osório Duque Estrada que o considerou

“sem o menor exagero o digno sucessor do poeta da Via Láctea”

O talento de Raul revelou-se muito precocemente. Aos três anos de idade já sentindo o eflúvio das musas, rimava um verso alusivo ao avô. Aos quinze, em plena meninice, lançava seu livro de estréia “Cristais e Bronzes”. E logo depois, ao atingir os dezessete anos, passa a publicar, nos jornais da terra, numa impressionante seqüência de primorosas concepções, sonetos da beleza de “Lágrimas de Cêra”, “Fortuna”, “na Praia”, e muitos que rapidamente se tornaram, segundo a palavra de Grieco,

“tão famosos como os mais famosos de Bilac e Raimundo Correia”.

Muitos dos seus poemas, para repetir a expressão de Onestaldo de Penaforte, “adquiriam direitos a antologias”. E são, hoje, lidos e recitados em outros idiomas mercê das traduções de Henri Lanteuil, em França, Luiz Bueno, no Uruguai, Miguel Macau, em Cuba e na Colombia, de Artigas Milan Martinez.

Espírito de atividades multifárias, no campo intelectual, não foi sómente na poesia que Raul se projetou. Crítico literário seu estilo ático e fluente sagrou-o um admirável prosador. Tão belo no verso como terso na prosa, Raul Machado representa uma dessas raríssimas e encantadoras simbiosas do mavioso poeta com o excelente escritor. É que, como êle próprio confessava, não podia resistir,

“às exigências, os reclamos inervantes, do seu vício de escrever”.



Raul Machado

Seu livro “Dança de Idéias”, pelo estudo que encerra, de alguns flagrantes intelectuais, bem merece a classificação de Sainte-Beuve: “uma história natural dos espíritos”.

As conferências que pronunciou, em João Pessoa e no Recife, sobre Augusto dos Anjos e a subordinada ao título “Abolicionismo na Arte”, dão a medida exata da força do seu pensamento, do poder expressivo e eloquente de sua palavra.

Jurista que foi, de profunda cultura e alta hierarquia, escreveu várias obras de direito, das quais são bem conhecidas “Delitos contra a Ordem Pública e Social”, “A Culpa no Direito Penal”, (livro vertido para o espanhol), e “Direito Penal Militar”, trabalho prefaciado pelo inolvidável Clovis Bevilacqua. Natural que um espírito assim tão fulgurante logo sentisse a imanização do talento de Augusto, mormente quando, na redação do Nonevar, um e outro passaram a mutuar afetuosos gracejos.

De uma feita, na secção de responsabilidade de Augusto, Raul inseriu esta quadra:

A. DOS A.

Ofmânico e bom poeta éste doutor,
Magro, moreno e, assim quase sem músculo,
Na estreiteza do fisico minúsculo
Guarda um talento que se faz impor!

O poeta do Tamarindo ressentiu-se com a intromissão indébita. A quadra parecia um auto-elogio. E exigiu uma explicação. Sem tardança, no número seguinte, lá vinha o Nonevar estampando:

ATENÇÃO!

Aquêlé último quarteto
Da secção “Tipos”, excele,
Não foi Tales de Mileto
Que o escreveu, mas Bernadelli

Para traçar, no jornalzinho humorístico, o perfil das jovens representantes do belo sexo, Raul havia adotado o pseudônimo de Bernadelli, que lembrava os dois irmãos Rodolfo e Henrique, mexicanos que se naturalizaram brasileiros e aqui viveram, o primeiro a esculpir no mármore as mais perfeitas estátuas e o segundo a gravar na tela os mais belos quadros.

Era da pragmática, como exigência mesmo do ofício, o uso do criptonômio, naquela imprensa especializada. Mas, na última noite da Festa, “descerravam-se os véus” e o autor de cada secção era revelado ao público, de corpo inteiro, sem embuços nem ambiazes.

Em 1908, Raul foi buscar seu pseudônimo na teogonia dos Romanos, adotando o nome do desforme marido da deusa Venus, o côxo Vulcano criador das obras fabulosas da História.

Eis como, em seu derradeiro número, o Nonevar o apresentou, tirando-lhe o disfarce:

“O Raul Machado teve este ano
 Uma lembrança que vale nove...
 Quis ser por fina fôrça **Vulcano**
 Esse que forja os raios de Jóve...
 Não se lembrando que êsse infeliz
 Que já não pode usar o chapéu...
 Um belo dia caiu do Céu
 Quebrando os... braços mais o nariz...”

Augusto, a quem Raul reverenciava, como um “espírito iluminado e fraterno”, correspondia com a mesma intensidade a admiração do amigo. “Homenagens fraternais” eram, por seu turno tribuladas pelo poeta da *Árvore da Serra* ao poeta da *Paisagem Tropical*. Ao tempo em que ambos residiam na Paraíba, privaram da maior intimidade. Como já ficara assinalado, sempre que Augusto vinha à Capital, almoçava com Raul na casa de Araújo Filho.

Nem mesmo os embates da vida ou a distância geográfica conseguiram arrefecer essa estima mútua. Prova-o, a carta abaixo

trasladada, escrita por Augusto quando apenas 28 dias o separavam da morte e divulgada recentemente por Apolônio Nóbrega⁵:

Leopoldina, 14 de outubro de 1914.

Caríssimo Raul Machado
Minhas homenagens fraternais.

Recebi teu bilhete-postal e com ele a exprobação alias justíssima que houveste por bem dirigir-me, atinentemente ao meu silêncio para com a tua, sob todos os pontos de vista, muito estimável pessoa.

Ainda bem que em semelhante desastre de minha afetividade, romanesco, integra no fundo do meu Ser, a virtude supérstite de reconhecer sinceramente a falta escandalosa em que incorri.

Reconheço-a em tôda a sua hediondez e experimento até nímio prazer em confessar-te! E assim que duas almas separadas por algum tempo pela diversidade de seus destinos materiais, tornam a encontrar-se um dia, adstritas ao determinismo de suas próprias afinidades inelutáveis.

Para êsse nosso conúbio psíquico de agora, ter a duração indefinida das coisas eviternas!

Eu continuo na direção do Grupo Escolar desta Cidade. A monotonia aqui é absoluta. Em dezembro próximo tenciono passar uns dias nessa Capital.

Escreva-me sempre. O Rômulo envia-te um abraço. Aperta contra o teu, o coração afogado em saudade de,

AUGUSTO DOS ANJOS

É de Augusto a “afronta afetuosa” da seguinte quadra:

R. M.

Ao over o seu pinclárico semblante
Iluminando a escuridão espêssa
Eu penso que ele leva na cabeça
Uma caixa de música ambulante...

5 Apolônio Nóbrega – **O Poeta de Lágrimas de Cêra**, conferência pronunciada na “Faderação das Academias de letras do Brasil”, Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1961.

JOÃO LEMOS

Pertencente a uma das melhores famílias paraibanas gente do mais elevado nível econômico e social, Joca Lemos bem soube desfrutar as benesses que a mão do destino, generosamente, lhe prodigalizou. Excursionou várias vezes à Europa, de onde voltava, trazendo sempre modas e hábitos alienígenos, que a província logo considerava bizarros e esquipáticos.

De uma dessas torna-viagens, apresentou-se envergando uma farpela de veludo, com gola e punhos rendados. Natural que semelhante indumentária, exótica, wildeana, repelida pelo clima e contrária às leis da ecologia, havia de despertar nos espíritos trocistas a veia da zombaria e da pilhéria. E não tardou que, a respeito do trajar, lhe diagnosticassem uma entidade mórbida *sui generis*: “traumatismo do bom gosto”.

Não há negar que, rapaz elegante de sociedade provinciana, Joca Lemos deveria sofrer facilmente a influência das coisas do velho mundo. Mas o certo é que se tornara meio excêntrico com o imitar os modelos europeu, difíceis de ser transplantados para os figurinos locais.

Falando corretamente o francês, era uma de suas excêntridades, exprimir-se a cada momento nessa língua, mesmo que o interlocutor a desconhecesse completamente. Prova de que não era um embromador deu-a, certa feita, vertendo para o idioma de Littré, um belo soneto de Araújo Filho.

Imaginando-se, talvez, *un homme à cheval* pelos aristocráticos *boulevards* de Paris, gostava de sair de casa, montado em árdego corcel, ostentando uma indumentária tôda especial, esporas e rebenque de prata, a esquipar, bem garboso, por entre as carruagens, cabriolés, vitórias e demais viaturas que trafegavam nas pachorrentas ruas da Felipéia.

E quando a pé, feito *promeneur*, era um gôsto vê-lo a dembular pela pacata urbe, trajando com elegância, *dernier cri*,

de polainas, polegar direito na cava do colête, e um indefectível monóculo, cujo uso, mera vaidade, constituía até um embaraço para a vista.

Apesar de possuir bastante vivacidade intelectual, não se preocupou com a conclusão do curso, que iniciara, de bacharel em ciências jurídicas e sociais. A vida descuidosa de estudante, cheia de atrativos e vazia de responsabilidades, fascinava mais ao antigo diretor do Arquivo Público do Estado que o simbólico anel de grau. Mesmo... é preciso convir que, naquele tempo, para o vulgo, filho de gente importante e rica era congenitamente doutor.

Bem complexa e singular a individualidade de Joca Lemos. Um belo espírito adornado de evidentes contrastes. Aprimorado no vestir, apresentando-se em sociedade sempre com gôsto e bizzarria, quando na intimidade da república, dizem, andava a pai Adão. Profundo admirador do povo francês, escolheu para espôsa uma alemã genuína de sangue e de berço. Afeito às coisas do pensamento, tornou-se depois, admirador de Pomona, proprietário de vasto laranjal, no Estado do Rio.

Inegável que a sua personalidade e o seu viver eram elementos bem fotogênicos para um retrato com as tintas de então de ver, portanto, que Augusto não iria deixar incólume, sem a mordicação de uma quadrinha, essa curiosa figura, homem de sociedade que, ao lado das manias e extravagâncias, tinha cultura, amava as letras, sem contudo desprezar a boemia. E assim mandou-lhe o poeta pelo *Nonevar* esta rima:

J. L.

Seu monóculo hierático de **smart**
Exportado da Rua do Ouvidor,
Sanclona este projeto de doutor
E o torna bacharel por tôda a parte...



João (Joca) Lemos

DIOGENES CALDAS

Próvido no cumprimento do dever, honesto em tôdas as atitudes, e diligente no trabalho, Diógenes Caldas, com sua bela vocação para as letras, não pede obséquio para figurar no panteon dos paraibanos ilustres e beneméritos.

Valetudinário e recolhido à vida privada, permanece, atualmente, na cidade do Rio de Janeiro, a indagar, muito interessado e cheio de saudades, pelas coisas da terra natal onde deseja dar o último suspiro.

Na juventude, fervoroso adepto do catolicismo, foi um dos mais ativos membros da “Mocidade Católica”, sociedade de fins literários, pios e recreativos, que fêz circular, durante certo período, um jornalzinho denominado “Voz da Mocidade”. Organizou também um conjunto de teatro, que representava em uma das dependências do Convento do Carmo, hoje Palácio Arquidiocesano.

Diógenes teve papel saliente em todos os setores de atividade dêsse sodalício. Escrevia bons artigos, fazia versos, compunha peças teatrais e participava do corpo cênico. De sua autoria é o drama “O Falso Mendigo”, muito elogiado pela crítica e aplaudido pela platéia da época.

Com muita tendência para naturalista, seu maior anseio era tornar-se “engenheiro civil ou então um modesto fazendeiro”. Mas o pai, magistrado, queria que seu primogênito o imitasse na carreira de aplicador da justiça.

E por isso, torcendo um pouco a inclinação, Diógenes veio a bacharelar-se em ciências jurídicas e sociais. Quando ainda acadêmico, exerceu o cargo de diretor da Biblioteca Pública do Estado, no qual se houve com muito equilíbrio e eficiência.

Todavia seu pendor para a vida pastoril e para o amanhã da terra, levou-o a trocar aquêlo pôsto de direção pelo modesto cargo de ajudante de inspetor agrícola. E aí, como se houvesse encontrado o seu verdadeiro ambiente, realizou-se satisfatoriamente “au grand complet”. No dorso de um cavalo, varou o Estado em tôdas as



Diógenes Caldas

direções. Organizou, em 1910, um questionário econômico dos municípios, empreendimento de que resultou importante informação estatística. Introduziu a premunicação da manqueira, por meio da vacinação dos rebanhos. Procurou melhorar a produção das terras, pelo processo da adubação, tendo sofrido, por causa dessa iniciativa, o dissabor de ser expulso da casa de um brutamontes, um retrógrado fazendeiro do município de Alagoa Nova. Promoveu a seleção das sementes. Por volta de 1916, intentou introduzir, no solo paraibano, a cultura do sisal. Fundou, em 1918, com Alvaro de Carvalho, Xavier Pedrosa, Isidro Gomes e Irineu Jofili, a “Sociedade Paraibana de Avicultura”, de cujo funcionamento muito lucrou o Estado. O sodalicio importou regular quantidade de galináceos e outras aves de boa raça e ministrou ensinamentos a respeito das modernas técnicas de criação. A produção do fumo em estufa foi outra realização de iniciativa sua.

O espírito de pioneirismo de Diógenes, porém, não atuou apenas no setor profissional.

Desportista, amigo das associações de natureza particular, fundou o “Clube de Football da Paraíba”, equipe cujos *teams* travaram entre si, o primeiro prêlio do esporte bretão na terra dos Tabajaras, a 22 de janeiro de 1908. Fundou, igualmente, o primeiro Tiro de Guerra da capital paraibana, o qual estreou em garboso desfile, no dia 13 de maio de 1909.

Diógenes foi ainda o organizador do Rádio Clube da Paraíba, que se instalou a 25 de novembro de 1924; e, posteriormente, subscreveu a lista dos sócios fundadores do Rotary Club de João Pessoa.

Em colaboração com Sílvio Torres, Alfeu Domingues e Antonio Lucena, fez circular, em janeiro de 1922, a “Paraíba Agrícola”, revista mensal que se propunha a “incentivar o desenvolvimento das riquezas públicas do Estado”.

Embora portador de um título de bacharel em direito, foi assim o que bem se poderia chamar um agrônomo prático, carreira

em cuja função logrou aposentar-se no serviço público federal.
Augusto dirigiu-lhe esta quadra:

D. C.

Austéro, superior, quase de beca,
Escavaca, remexe as livrarias,
E para aproveitar horas vadias
Faz paródias na própria Biblioteca

ORRIS EUGÊNIO SOARES

Bacharel de 1907, pela Faculdade de Direito do Recife, recebeu dos companheiros de jornada acadêmica, entre os quais estava Augusto, a honrosa distinção de ser o orador da turma. Amigo e admirador do poeta, conseguiu, graças aos ensinamentos que êste lhe ministrou, no momento mesmo de ser iniciado o exame, aclarar a tradução de uma dificultosa ode de Horácio e assim obter aprovação plena na cadeira de latim.

Secretário de Estado, no govêrno Camilo de Holanda, fêz reeditar, em 1919, como tributo de sua amizade ao inolvidável colega já desaparecido, o “EU”, acrescido de outras Poesias, pre-faciando a obra com um dos mais profundos e interpretativos trabalhos sôbre o autor, intitulado “Elogio de Augusto dos Anjos”.

Jovem, elegante, cheio de fulgor e esnobismo, Orris, pode dizer-se, foi o introdutor das *garçonnières*, *no meio paraibano*, tais os saráus característicos, as “festas íntimas” que promovia em seu bonito castelo, à praça Bela Vista, lá numa ponta da cidade.

Teatrorólogo, sua peça “Rogério”, vertida para outro idioma alcançaria renome universal.

Fêz jornalismo, tendo fundado “O Norte”, periódico de carater político, que, na campanha de 1915, pugnou pela causa epítacista.

Reside atualmente no Rio de Janeiro, sempre dedicado às letras e às coisas do espírito.

Em 1952, publicou o primeiro volume do seu Dicionário de Filosofia, obra que granjeou as mais honrosas apreciações da crítica especializada.

Convém, pois, conhecer o Orris Eugênio Soares de 1909, quando Augusto o perfilou, em Prosa e em verso, e as moças o consideravam maior partido da cidade, partido aliás desaproveitado porque seu constituinte continua solteiro e, ainda simpático, elegante, jovial, conservando o mesmo *aplomb*.

GALERIA DOS ELEITOS

O. S.

E um dos representantes mais genuínos da raça latina, este, que para o espírito do nosso povo ascende às máximas proporções de um Tolstói meridional.

A sua crítica superior, de envolta com as metáforas hugoanas do seu estilo, é uma espécie de operação cirúrgica, em que o artista consumado, excedendo o nível morfológico da sua compleição animal, dir-se-ia um gigante helênico, dissecando admiravelmente todo microcosmo social, e empolgando extraordinariamente tôdas às coisas, como uma figura legendária de superstição caldaica.

O aspecto conselheiral e burocrático do seu porte contrastando com a esquisitice grotesca da burguezia ambulante, tinha para, o meu espírito, ontem no pátio, o efeito emocionante de uma função melodramática, em que alternativamente se representassem perspectivas tão deslumbrantes como as de Walter Scott e escotismos tão picarescos como os de Molière...

OR. S.

E o Petrônio de nossa Paraíba,
Faz artigos, sentado num divã
E tem, como smartíssimo Rostand
Todos os requisitos de um escriba.

OSCAR SOARES

O atual secretário geral da Cruz Vermelha Brasileira, teve o seu fotótipo humorístico impresso no mesmo “Nonevar” que publicou o perfil de seu irmão Orris.

Oscar é, sob muitos aspectos, uma interessante figura humana. Dotado de permanente *sente of humour*, bem apessoado, prestimoso, afável, pronto nas soluções, fluente no conversar e uma esplêndida jovialidade espiritual eis algumas características de sua singular personalidade. José Lins do Rêgo dizia que “Oscar era um dos indivíduos mais inteligentes que conhecera”.

Vive no Rio, fleugmático, enfrentando o infernal trânsito carioca, como se fôra um menino, sem esperar que os veículos parem, para nêles entrar ou dêles sair.

Cheio de vivacidade, sempre irrequieto, mereceu do seu perfilador a coima de Siroco, por lembrar, nas atitudes, a escaldante corrente de ar que se desloca no Mediterrâneo.

Bacharel em direito, foi procurador geral do Estado e diretor do seu Patrimônio.

Jornalista ao lado do escritor Celso Mariz, dirigiu por alguém tempo, *O Norte*, vibrante e combativo diário que fez a campanha epítacista de 1915.

Político, exerceu em várias legislaturas o mandato de deputado federal, integrando na Câmara a Comissão de Finanças. Ao tempo da Velha República, foi dos mais eficientes representantes da Paraíba naquela Casa do Congresso, em que também se distinguiu pela justeza e oportunidade dos apertes.

Tem um filho Cláudio Oscar Soares, também bacharel em direito, que ocupa com brilhantismo uma cátedra no Colégio Pedro Segundo.

Seu *Tipo* foi matizado no cromo desta interessante estrofe de quatro versos:

OS. S.

Com um impetuossíssimo sirôco,
 Rolam no seu encéfalo as idéias,
 Conhece as carolíngias epopéias
 E é um Maupassant que nunca há de ser louco.

JOÃO LIRA

Abolicionista e republicano histórico, em Macaíba, Rio Grande do Norte, João Lira foi sempre um homem de grandes méritos. Pançudo, simpático, inteligente. Comerciante ativo e prático, assemelhava-se, na sua “Casa Colombo”, aos mais eficientes vendedores dos *boulevards* parisienses. Adotava a norma de jamais dizer “*não tenho*” ao freguês. Procurava substituir o objeto pedido e quando não o conseguia, a culpa não era da casa. A falta corria por conta do “atraso do navio”, da “demora na descarga” do “empêrrro burocrático nos despachos alfandegários”. E logo assegurava ao cliente: “amanhã pode vir que já teremos esta mercadoria”. No dia seguinte o artigo estava à venda, posto o houvesse comprado na loja vizinha...

Como nota ilustrativa e sua excepciona capacidade para o desempenho dos misteres do balcão, conta-se, a título de anedota que, a um simplório matuto que fôra adquirir um vulto do Menino Jesus para pagar certa promessa, vendera um bem modelado boneco de celuloide. E, assim, suprira com notável habilidade, a falta de mercadoria em seu estabelecimento. Suas palavras, seus argumentos, revelavam-se tão persuasivos que, com êles, o caipira convencera até o ingênuo vigário da freguezia a benzer o pequeno artefato como se fôra o icônico menino de Jerusalém.

Se bem que não possa ser considerado, um literato no rigoroso sentido da palavra, João Lira lidava bem com as letras e era um pesquisador à Capistrano de Abreu ou Rocha Pombo. Historiógrafo, escreveu vários e bem documentados livros sobre a vida de nossa Província. Editou, por muitos anos, o “*Al manaque do Estado da Paraíba*”, excelente repositório de informações, dados estatísticos e trabalhos literários.

Lente de Contabilidade no curso comercial do Liceu Paraibano, e de Corografia e História do Brasil, na Escola Normal, jamais faltou a uma aula. Profundo conhecedor das ciências



João Lira

contábeis, sua obra “Finanças dos Estados”, suscitou nos meios especializados apreciações e críticas as mais lisonjeiras.

Eleito, em 1904 deputado estadual na Paraíba, conseguiu depois, reeleger-se por mais duas legislaturas tendo desempenhado com brilho a outorga que o povo lhe conferira.

Na fase em que seu irmão Augusto Tavares de Lira ocupava a pasta da Justiça, conseguiu uma cadeira no Senado Federal como representante do Estado do Rio Grande do Norte. E como um dos componentes da Comissão de Finanças, na Alta Câmara, salientou-se pelo aprumo, objetividade e vigor de argumentação com que elaborava os pareceres que lhe eram afetos. Foi êle que, sem criar maiores gravames para o País, minorou situação de penúria em que vivia o funcionalismo público, com a célebre tabela que tomou o seu nome, “Tabela Lira” ainda hoje lembrada pelos técnicos de administração.

Homem dedicado ao serviço público, foi ainda um exemplo de chefe de família e um paradigma de amigo leal e prestimoso.

Dentrei os seus filhos, todos em situação de elevado nível social, destacam-se Roberto Lira, professor de Direito Penal na Universidade do Brasil e o Ministro João Lira Filho, do Tri bunal de Contas.

A Era assim que Augusto o enxergava:

J. L.

Com um tecido adiposo que me admira
Deseja, sem nenhum intuito espúrio,
Roubar do mitológico Mercúrio
A prioridade na invenção da **lira**.

ANTONIO RODOLFO TOSCANO ESPÍNOLA

Toscano Espínola, bem jovem ainda, já desfrutava pelo fulgor da inteligência e firmeza de caráter, justificada evidência política e social. De boa estirpe, era filho do bacharel Alfredo

Deodato de Andrade Espínola, que exerceu, por vários anos, a direção regional dos Correios, na Paraíba, cargo então de notória influência.

Excelente causeur, pilhérico, muito simpático e elegante, Toscano Espínola timbrava em cultivar os dotes do espírito, e sabia pô-los em dinamismo. Jornalista, pertenceu ao corpo redacional d' *O Norte e A União*, e foi colaborador muito apreciado do *Nonevar*.

A sorte sempre o afagou com agradáveis surpresas. Recém-formado, elegeu-se, em 1918, deputado estadual; e, logo depois, seguia para o Rio a convite de Epitácio Pessoa a fim de integrar a casa civil da presidência da República. Foi, assim, daqueles paraibanos que, levados para a metrópole pela mão do presidente Epitácio, souberam honrar e enaltecer a pequenina terra onde nasceram.

Bom jurista, ingressou, posteriormente na magistratura do antigo Distrito Federal, tendo alcançado, de triunfo em triunfo, o mais alto posto da carreira. Foi presidente do Tribunal de Justiça e também do Tribunal Regional Eleitoral. E hoje desembargador aposentado tendo por *hobby*, periodicamente, excursionar pelo velho mundo.

Sua silhueta, em traços rápidos e superficiais, foi feita na miniatura desta quadra:

A. E.

Feita com tôda a fleugma e tôda a calma
A sua reportagem superior
Não omite a minúcia de uma flor
Nem o segredo mínimo de uma alma

JOAQUIM CORREIA LIMA

Primo de Augusto, de quem era vizinho no engenho Santo Antônio, contiguo ao Pau d'Arco, e colega de turma de Aprígio dos Anjos, na Faculdade de Direito do Recife, Joaquim Correia Lima,

sem embargo da circunspeção que mantinha em todos os atos da vida, não ficou incólume aos dardos arremçados pelo “Nonevar”.

Tipo de boa estatura, forte, pescoço levemente inclinado para um lado, prazenteiro, viajava de trem, tôdas as manhãs, a Cabedelo, de onde só regressava pela tarde, quando terminava sua tarefa de funcionário do porto.

Era penitência sua perambular, à noite, pela rua São José, em homenagem a um promissor botão de rosas, a santa Nenen de sua devoção, a quem escreveu uma carta-proposta de casamento.

Depois de formado, fêz um concurso para telegrafista, carreira em que se aposentou. Reside atualmente no Estado do Rio, em Friburgo.

Augusto lhe dedicou esta quadra:

J. C. L.

Pontifices de arcádias amorosas,
Trata todas as moças com carinho
E gosta mais do cálice das rosas
Do que mesmo de um cálice de vinho

HERÁCLITO CAVALCANTI

Bananeirense ilustre, Heráclito Cavalcanti foi um dos homens mais combatidos e mais combativos do seu tempo. Têmpera forte, carater sem doblez, enfrentava e suportava tôdas as situações, ainda as mais árduas e aflitivas, despossuido de mêdo, sem desfalecimentos.

Sua grande virtude, rara e admirável qualidade, residia na maneira como sabia conciliar, sem o menor deslize, a dignidade da toga de desembargador com os altos e baixos de sua atividade de político militante. Tinha o senso exato das medidas e, quando necessários, estabelecia, no tempo oportuno os devidos limites entre a política e a justiça. Témis em primeiro lugar e acima de tudo. Reverenciá-la sempre e sempre conserva-la pulcra e imaculada, era o seu lema.

Dentre muitos, um só episódio basta para testificar o alto conceito de sua integridade funcional. Certa vez, em ruidosa demanda ajuizada no fôro de Itabaiana, proferiu decisão contrária a um dos seus melhores correligionários políticos. Êste, que era o Cel. Manoel Pereira Borges, inteirado da sentença, teve logo a iniciativa, aliás louvável, de prevenir o advogado de que não queria interposição de recurso, argumentando convictamente:

“se Heráclito julgou contra mim é porque não tenho direito, não tenho razão”

Jornalista ativo e destemeroso, tanto manejava a pena para traçar um artigo de crítica e de doutrina, como para compor a crônica leve, alegre, ou bordar o comentário contundente, o que fazia permanentemente, sob o pseudônimo de Mané Vigia, ora no “Diário do Estado”, ora em outro jornal A Tarde.

Ativo, combatente, sempre viveu no ostracismo. E o ostracismo, parece, era mesmo seu fadário.

Até o exílio sofreu, quando da chamada Revolução de 1930. Não houvesse contado com a fidalga acolhida de uma generosa família portuguesa a fim de seu irmão, o general Frederico Cavalcanti, e teria passado, lá no velho mundo, por provações as mais amargas.

Ao regressar ao Brasil, demitido e injustiçado, não perdeu, contudo, aquela fibra de lutador intemerato que o caracterizava.

E, ideólogo, ficou-se no Recife, a lidar pela vida, como proprietário de uma pensão, sonhando porque o país voltasse ao regime constitucional, para poder reorganizar, na Paraíba, o seu esfacelado partido.

Heráclito foi ainda um grande benemérito da orfandade. Ninguém conseguirá apagar-lhe o nome, no Orfanato Dom Ulrisco, como o maior benfeitor dêsse estabelecimento que vem cumprindo a sua filantrópica destinação de recolher e educar meninas desamparadas.

A cidade de Itabaiana, onde, por longos anos, exerceu a judicatura, deve-lhe uma boa cópia de serviços. Juiz, era ali também orientador político e inspirador dos melhoramentos urbanos que dependiam da iniciativa do poder público. Arborizou e ajardinou a velha cidade, cujos habitantes, em contra-prestação, como preito de reconhecimento, conservaram-lhe a memória, dando o seu nome a uma das principais artérias.

De estatura alta, forte, sanguíneo, alegre, movimentado, Heráclito, pelo seu otimismo e atitudes contava com um grande círculo de admiradores. Deixou numerosa prole: advogados, militares, industriais, bancários, fazendeiros e funcionários públicos.

Foi a essa singular figura de homem enérgico e combatente que o poeta dedicou a quadrinha que se subordina às iniciais:

DES. H. C.

Vi-o ontem, na tarefa atabalhoada,
De arranjar votos, nesta capital,
Para uma divindade nacional
Que possui um **denguinho** que lhe agrada

DIÓGENES PENA

De pequena estatura, bem vivo e insinuante, sempre trazendo com impecável elegância, primando pela beleza dos gestos e do fraseado que, por vêzes, se tornava um tanto rebarbativo, Diógenes Gonçalves Pena foi, na sociedade de seu tempo, figura das mais queridas e admiradas.

Estudante de humanidades, à época da maturidade, em que era permitido fazer, de uma assentada, todos os preparatórios que habilitavam ao exame vestibular nas Faculdades e escolas superiores, Diógenes, mercê de sua inteligência, conseguiu concluir os estudos em idade tão precoce que, antes de completar os vinte anos, já era bacharel em direito e promotor público em São Luiz do Maranhão.

Muito pouco, porém, demorou no exercício da promotoria. E, regressando à terra natal, dedicou-se ao comércio e à política.

Sócio da “Casa Pena”, estabelecimento de artigos de moda e elegância, revelou-se, pelo trato fidalgo e atraente, que sabia dispensar à clientela, um balconista de primeira ordem. Na política, desenvolveu, cheio de entusiasmo, grande atividade em prol da chamada “Campanha Civilista”. Quem visitar, lá no Rio de Janeiro, a “Casa Rui Barbosa”, encontrará cópia não sómente da procuração, mediante a qual, êsse grande homem, em 1909, constituía seu representante, com amplos e ilimitados poderes, na Paraíba, a Diógenes Pena, como também da correspondência trocada entre o constituinte e o procurador, durante os dias daquela jornada política.

Inteligente e ilustrado, dirigiu a Repartição de Estatística e Arquivo Público, fazendo editar, com excelente introdução de sua autoria, o primeiro Anuário Estatístico da Paraíba do Norte.

Prefeito da capital paraibana, na administração Camilo de Holanda, reconstruiu e modernizou o edifício sede da edilidade. Ao ensejo, homenageou a dois vultos políticos de sua admiração, apondo-lhes o retrato no gabinete principal da prefeitura.

A êsse propósito, conta-se que, visitando-o ali, dias após a entronização dos retratos, o velho Padre Meira, personificação do sarcasmo e da irreverência, depois de exaltar o bom gôsto da reforma, disse-lhe:

“Diógenes, complete a galeria, colocando no centro a esfinge de Cristo. Será uma homenagem de sentido mais real”.

Figura elegante e simpática, Diógenes tinha suas vaidades próprias, seus requintes. Comprazia-se em confessar que o seu tempo era dividido em duas fases: “uma da boêmia e outra do trabalho”.

Era exímio dançarino. Apreciava fumar charutos, imergindo-lhes a ponta em fino licor francês.

Usava monóculo, embora perfeita fôsse, como ainda é, a sua visão. E tudo isso, não se peja êle agora de dizer que o fazia por mero pedantismo. Era uma imitação a Eça, cujos livros lia constantemente.

Quando nao andava fardado era auditor de guerra trazia sempre uma flor à lapela.

Augusto colocou-o no engaste desta silhueta:

D. P.

Traz à lapela esplêndidas orquídeas
E surge, loquacissimo e contente,
De monóculo e anel, rindo alvarmente,
Com a imponência do **Júpiter** de Fídias

EVERALDO PESSOA

A boêmia, na província, obedecia a uma espécie de ritual tendo seus cultores “especializados”. Muitos rapazes dedicavam-se à música, aprendiam a tocar flauta, violão, violino, bandolim, e, quando dotado de boa gorja, adquiriam vasto repertório de modinhas e canções, só pelo prazer de uma seresta em linda noite de luar. Para as noitadas alegres, em que se faziam homenagens a Baco e a Sileno, havia os estetas da oratória, encarregados de proferir discursos nos momentos próprios, já para saudar um anfitrião, já para resolver algumas *paradas*.

E, ao lado dêstes, também havia o “bloco de choque”, composto de gente forte, gente doida, que ia furar o bombo da música ou enfrentar o “tempo quente” quando a coisa desarvorava.

Como quer que fosse, os prazeres de envolta com os perigos, irmanavam a turma folgazã.

Everaldo Pessoa, tipo alto, moreno, espadaúdo, corajoso, era do esquadrão da briga.



Seráfico da Nóbrega

Natural do Rio Grande do Norte, tinha algumas excentricidades: às vêzes, apresentava-se de barba crescida, bem fechada; e em outras ocasiões aparecia bem liso, escanhoado a capricho.

Augusto assim o satirizou:

E. P.

Tosquiou-se ultimamente, e assim tosqueado
Parece um singular beneditino
Amarelo, feíssimo, mofino
A lembrar-se dos tempos de barbado

FRANCISCO SERÁPHICO DA NÓBREGA (Senior)

Pelo seu talento e cultura, e ainda pela inteireza do carater, Seráphico da Nóbrega, sertanejo do Sabugi (Município de Santa Luzia), ocupou na vida pública do Estado, posições de grande relêvo e evidência. Foi mesmo uma das figuras de prol *herrenvolk* da velha política paraibana.

Titulado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, aí, na antiga capital da República, militou na advocacia, lecionou em vários estabelecimentos de ensino, e exerceu as funções de redator do Diário Oficial.

Voltando para o seu torrão, veio a ser diretor da Instrução Pública, diretor do Liceu Paraibano, procurador geral, deputado e, substitutivamente embora, presidente do Estado.

Em 1909, trasladou-se, novamente, para o Rio, mas desta vez como representante da Paraíba na Câmara Federal. No desempenho do seu mandato, pugnou denodadamente pela solução do problema das sêcas no Nordeste. E por esta causa, chegou a travar erudita polêmica com o notável parlamentar pau lista Martim Francisco, descendente dos Andradas, recebendo, no final, calorosos aplausos de todo o plenário, inclusive do pró prio opositor.

Compreensivo e profundamente generoso, Seráphico da Nóbrega, na função pública, como no exercício profissional e na

vida privada, foi um edificante exemplo de dignidade. Sincero, muito sincero e franco, possuía invulgar coragem cívica e moral. Procurador Geral do Estado, quando da revolução de 1930, abrigou em sua casa a quantos políticos, perseguidos pelos “puritanos do momento”, lá procuraram asilo. Sob a égide de seu teto, naqueles turbulentos dias revolucionários, estiveram duas ilustres figuras paraibanas: o ex-senador Francisco de Paula Porto e o atual Cel. Frederico Mindelo.

Na direção do Liceu, Seráphico, bom humanista que era, substituíu com proficiência, a qualquer momento, o professor de qualquer disciplina, conforme informação do escritor Veiga Júnior.

Memória ótima e ótima presença de espírito, era temido, na tribuna forense e na oratória parlamentar, pela felicidade com que redarguia os apartes.

Seus pareceres, na procuradoria geral, eram sempre substanciosos, calcados na lei e na melhor doutrina, de modo a merecerem acatamento e admiração por parte dos que militavam na atividade pretoriana.

Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, do qual teve a honra de ser o primeiro presidente.

Para imitar-lhe as atitudes e seguir-lhe os passos, deixou o Prof. Francisco Seráphico da Nóbrega Filho, lente de Direito Administrativo da Faculdade de Direito da Universidade da Paraíba, deputado estadual e membro da Academia Paraibana de Letras.

No ano em que o poeta o tomou por mote, Seráphico, já então deputado, preocupava-se, na Câmara, com a questão do ensino, depositando a êsse propósito fundadas esperanças no seu velho amigo Nilo Peçanha. E não se enganara. O ilustre campista, feito Presidente da República, atacou objetivamente o problema, fazendo implantar no país o ensino industrial, a cargo das Escolas de Aprendizizes Artífices.

Seráphico da Nóbrega, a quem Castro Pinto, certa feita, cognominou “a sensitiva do Partido”, face à delicadeza de seu

temperamento profundamente impressionável e à finura de sua sensibilidade, apreciava bastante as composições, então em moda, do maestro Camilo Ribeiro; e por êsses motivos dedicado lhe foi a seguinte quadrinha:

E deputado, e admirador, confesso
Da orientação política do Nilo,
Quando ouve qualquer valsa de Camilo
Soluça com saudade do Congresso.

CAPÍTULO VI
AUGUSTO, CRONISTA
SOCIAL



Em 1910, Augusto, que era então bastante jovem, manteve no Nonevar, com muito chiste e elegância, a crônica diária da tradicional Festa das Neves.

Assinava as produções com o pseudônimo *Cavaradossi*, nome que me trouxe à memória um passeio que, há coisa de dois anos, realizei na Cidade Eterna.

Quem, no Vaticano, caminhar pela Ponte Elio, em direção à Piazza Pia, há de ter, naturalmente, a curiosidade despertada por uma sólida e majestosa construção de forma circular, protegida por altas muralhas guarnecidas de ameias e guaritas. É o *Castelo Santo Ângelo*, construído por Adriano, no início da era cristã, para servir de mausoléu imperial. Com o evolover dos tempos, deram-lhe outras destinações. E, em eras passadas, serviu de prisão para o famoso gravador e estatuário Benevenuto Cellini, e ainda de ergástulo para a célebre parricida Beatriz Cenci.

Foi de uma de suas janelas que a fidelíssima Tosca se precipitou ao solo para acompanhar, na morte, o seu querido Cavaradossi, segundo o drama de Sordou, inspirador do gênio musical de Puccini.

Não ignorando, assim, alguns episódios da história do vestuário do tempo de Adriano, senti-me, diante d'êle, em bora jamais o houvesse contemplado, como se me encontrasse em frente de um cenário quase familiar.

Augusto não esteve em Roma. Não conheceu aquêlo ambiente, mas tinha predileção pela Tosca. Um dos seus deleites era ouvi-la e assistir, ante os olhos do seu espírito, ao desfilar das

imperecíveis figuras da grande ópera: Scarpia, o hipócrita e tímido chefe de polícia romano, o beleguim Spolleta, Angelotti, fugitivo do Castelo Santo Ângelo, Mario Cava radossi, o heróico e desventurado pintor, e Flória Tosca, a prima-dona sublime, no seu drama de ciúme, entremeado de cólera e de dor.

Daí, o motivo de, naquelas crônicas, Augusto usar o criptônimo de Cavaradossi, o grande artista que tinha seu atelier de pintura instalado na igreja de S. Andrea della Valle.

De admirar que, descrevendo uma festa popular, ambiente de alacridade, falando em música, cantando a beleza das mulheres, a policromia das peças pirotécnicas, a feérica das luzes, a alegria dos espíritos, os atrativos dos jogos e o devotamento a Baco, houvesse Augusto usado o nome de personagem tão infortunado na vida como na morte!

Não são essas crônicas e alguns perfis traçados em prosa as únicas produções do poeta, nêsse gênero literário. Vários outros trabalhos seus ainda existem, escritos nêsse mesmo estilo. Basta lembrar a conferência que pronunciou ao ensejo das comemorações da Abolição da Escravatura, no Teatro Santa Rosa; a acirrada polêmica que entreteve com dois professores conterrâneos, em 1909; e a série de artigos de crítica literária que publicou nos periódicos locais.

Augusto também manteve, por algum tempo, nos jornais da terra, uma seção semanal, de puro beletrismo, intitulada “Aos Sábados”. De um desses trabalhos, uma espécie de carta, referta de conselhos, dirigida a um *Desalentado Amigo*, vale transcrever, para não fazê-lo integralmente, apenas dois pequenos tópicos: o início e o término:

“Respondo hoje sua lamentável carta de dezembro, em que você como um corifeu sinistro de tragédia paga afirma lúgubremente que a rotina esterilizadora sufoca tôdas as espontaneidades superiores, cortando-lhes o livre desenvolvi-

mento subjectivo (...) Faça-me, por fim, o obsequio altruístico de rasgar dora em diante, em bem do próprio interêsse nacional, todos os livros de Emmanuel Kant”.

Augusto, conforme já ficou assinalado, não é um prosador fulgurante. Como prosador não passaria à posteridade.

Sem a escravização da métrica, sem a obediência ao ritmo, sem a preocupação da rima, sua desmedida imaginação, transbordante de idéias, prejudicava a narrativa. Sem as peias da contagem das sílabas no expressar o pensamento, seus períodos são longos e seu estilo meio difuso e penumbroso, apesar dos frequentes lampejos denunciadores do seu gênio.

De acôrdo com a opinião dos entendidos, a animação dos festejos populares de cunho religioso depende de três fatores principais: música, luz e fogos de artifício.

O estralejar das girândolas, o estampido das bombas, a alacridade sonora despertada pela execução das bandas de música, num pátio bem iluminado, asseguram o êxito de qualquer diversão destinado ao povo.

E é de ver que à percepção de Augusto não escaparam os efeitos de nem um desses elementos.

A Desde longa data, os festejos da padroeira da cidade, vêm-se prolongando por nove noites, cada uma das quais dedicada a uma classe. Êste expediente, destinado a despertar a emulação entre os noitários, concorria, muito e muito, para a pompa e o brilhantismo da festa.

Em uma das crônicas, dedicada à noite dos Vendelhões Augusto escrevia:

“Houve muita música, e uma esplêndida variedade de peças pirotécnicas, sucedendo-se uma às outras, num ritmo assíduo de alternativas metódicas o que vem comprovar a excelente orientação diretriz dos senhores noiteiros de ontem”.

Seu espírito privilegiado sensibilizava-se com as melodias e, ao que parece, não desgostava do foguetório. No dia consagrado aos Lojistas, faz esta confissão:

“A música executava peças harmoniosíssimas, despertando em nosso espírito reminiscências avulsas de saboroso pitagorismo esotérico.

Acendiamos à memória. com a obstinação de idéias mórbidas, leitnidades sonoras, dêste jaez: **Música est exercitium occultum nescientis se philosopahare animi.** Ninguém ouvia, porém, meu latim improficuo que tentava conceituar a música a imitação de Schopenhaeur e eu me sumia, como um simbolo neutro, arrastando a escória de minha sombra fenomenal, na promiscuidade barulhenta dos transeuntes.

Artigos múltiplos de pirotécnica requintada, a mesma iluminação ínfima, vários balões cortando em direção assencional, o espaço infinito, eis a história sintética de todos os festejos, ontem realizados, no pátio da Cathedral de N. S. das Neves.

Mas, sôbre tudo aquilo, numa transumanação visionária de gimosofista oriental, eu deixava pairar meu grande sonho panteísta de eterno consórcio indissolúvel com tôdas as forças mantenedoras da Natureza”.

Eis um trecho interessante, em que o poeta focaliza o efeito cênico de consórcio luz, música e fogos para o resplendor das comemorações:

“...Os fogos de artifício, magistralmente trabalhados, a música dos Artistas e a do Batalhão de Segurança, num raro jogo wagneriano da sonoridades recíprocas, a luz abundante, refletida em cheio sôbre a inércia mineralógica do granito, tudo isto formava um conjunto de deslumbrantes inefáveis que nos entravam fluidicamente pela alma”.

Em outra crônica, demonstradora da rigidez de sua formação moral, o vate estigmatizou a incipiente implantação, em nosso meio, daquele deus de fôrça irresistível para o mal, tão bem retratado por Anatole France em *O Jardim de Epicuro*:

“...De primeiro, o que nos atraiu a atenção, libertando do marasmo nascente nossa minguada virtualidade cerebral, foi uma casa tosca, prenhe de hirtas escórias decorativas, onde se desenvolvia, pela primeira vez, nesta terra de virtudes autóctones, um monstro ainda embrionário a roleta.

Em seu interior, indivíduos heterogêneos se apinhavam, adstritos fraternalmente, à camaradagem niveladora de um tropismo instintivo comum. Riam, com desarticulações mandibulares de **clown**, bêbados de sibaritismo tropical, alardeando incompletamente uma paródia vocálica da gargalhada autêntica dos **fabliaux**.

Amargurava-nos, então, a psique, com a força intensiva de uma alucinação do **sensorium**, o pressentimento espantoso de uma enorme calamidade que estava prestes a acometer-nos”.

Quando uma classe não festejava a noite que lhe era consagrada no novenário das Neves, a ira do Cronista Social con tra ela se voltava de maneira contundente e impiedosa. Indiferente à majestade da função ou ao prestígio dos seus integrantes, Augusto a azoïnava duramente.

Lendo-se, por exemplo, a “Crônica” da Noite da Justiça, tem-se à memória aquela passagem da Eneida, em que o príncipe herói do poema virgiliano, em versos maravilhosos, narra a Dido suas aventuras: “Como pode tanta cólera habitar a alma dos deuses”! Não se deve esquecer que Augusto era bacharel em direito, e, vez por outra, incursionava pelo Fôro. A despeito disso e de ser seu irmão Arthur, promotor público, integrante da classe e a

própria comissão responsável pelo fracasso da solenidade, nada o impedia de verberar:

“À noite de ontem, ostentando uma cenografia muito lúgubre, nos deu a impressão de que a Justiça da Paraíba do Norte havia aberto falência. Afigurou-se-nos, então, que nosso areopago forense, tornar-se-ia dona em diante um núcleo tristíssimo de bacharéis escaveirados, com a faculdade prosódica obstruída por uma alalia incurável, arrastando desconsoladamente pela sala de audiências as fósseis togas hipotecadas. O largo da Catedral de N. S. das Neves, oferecia sem nenhum exagero, uma perspectiva inteiramente desalentadora.

A iluminação elétrica, de um efeito intensivo péssimo, iluminava com reflexos mortiços toda aquela decadência sintomática que bem equivalia à justiça mundial agonizante, festejando com alguns círios e com o **Cinema Holley** a véspera de sua desintegração absoluta”.

Cronista social, a seu modo, analisava o conjunto das *toilettes* e as frequentadoras da igreja e do pátio, sem jamais se ocupar das *evas*, isoladamente.

Empregava sempre muita exuberância de expressão, riqueza de imagens e de erudição, mas, às vezes, num tom algo confusionista.

“Tôdas as môças, trajando finas **toilettes** irrepreensíveis, pareciam ressuscitar, num milagre espantoso de sobrevivência, a brilhante morfologia mística de uma religião do Passado, onde há sempre, deusas dominadoras, recebendo a homenagem poética dos épodos, cujo sumo desígnio finalístico era celebrar-lhes unicamente a grandeza.

Uma alegria absorvente apagava a multiplicidade brahmâmica das cores hierárquicas sociais, promovendo uma exultação coletiva que enchia tô das as almas igualmente e as arrastava, como um poderoso dínamo oculto, para aquela festa do prazer”.

E nêsse mesmo diapasão continuou descrevendo, números seguidos, o mundo feminino, a exhibir:

“Ricas **toilettes** numa encenação hierática de luxo, lembrando brancas esculturas animadas que perlustravam a Avenida General Osório”.

Às vêzes, se rejubilava:

“As môças não fizeram a **greve** consuetudinária, e algumas delas, trajando ricas **toilettes**, atraíam a atenção dos **escribas** pontifícios da moda”.

Noutras, profligava:

“Mas o escol feminino, em sua atrelagem eclesiástica a uma praxe sedição de longos anos, não exorbitou do estreito atrium doméstico, guardando-se cautelosamente para as últimas noites, que em seu entender, têm em contraposição as primeiras, a suprema vantagem cronológica da ulterioridade.

Deu isto escanchas a que houvesse preponderância quase exclusiva do elemento demográfico plebeu, a iniciar, numa solidariedade, de bactérias irmãs, uma vida promíscua de boqueteins, que fica sendo o exórdio macabro da festa, em sua expressão dinamica mais rudimentar”.

Imperava, então, na Filipéia o hábito saborosamente provinciano de colocar cadeiras nas calçadas para descanso do corpo e... tortura da vida alheia.

Havia nessas conversas à pureza, um verdadeiro tropismo sentimental e afetivo, que congregava as famílias amigas. E, naquelas altas rodas da bisbilhotice, aos cochichos, faziam-se comentários, procuravam-se interpretações equívocas, distorciam-se os fatos, censuravam-se as ações e até as possíveis cogitações do próximo. Um verdadeiro e impiedoso processo de dissecação!

Infelizmente êsse mau vezo de abelhudar em surdina, que parece ter o saber das coisas proibidas, ainda não desapareceu totalmente na sociedade local.

Mas, aquêles observatórios não poupavam, sequer, aos próprios componentes murmurejadores. É que ali as deusas paraibanas se estabeleciam na sua imutável ânsia de “roubar alguma coisa ao eterno”, segundo a feliz definição de amor de Sousay.

Êsse censurável costume de nossa gente também serviu de pasto à mordacidade das crônicas de Augusto.

“A tradicional fila de cadeiras lá estava, tendo a aparência bélica de um poste de defesa, organizado improvisadamente pela estratégia amorosa do feminismo”.

Coincidindo o novenário da Padroeira da cidade com a fase final da estação invernososa, acontece que, em algumas noites, a queda de fortes aguaceiros, perturbava, como ainda perturba, o brilho e o entusiasmo dos festejos.

E o paraibano, que vive, por assim dizer, em constante temor do flagelo das sêcas e como que a proferir quotidianamente a oração *ad patendam pluviam*, naqueles nove dias, ou melhor dito, naquelas nove noites festivas, chega quase a implorar aos céus que se conservem claros e bem límpidos.

Fazendo cômico com seus conterrâneos, o próprio Augusto, que à sombra do tamarindo “a árvore de amplos agasalhos”, do seu

amado Pau d'Arco, tanto saudava e bendizia a chegada das chuvas, o próprio Augusto, como cronista da festa, insurgia-se contra as mesmas chuvas tornadas entediantes e inoportunas naquelas horas de religiosidade e recreio.

“...Mas a chuva intervinha, com a sua melancolia complementar, molhando os paralelepípedos miúdos, e estendendo seus funesto domínio de tenebras compactas até as raízes psicológicas da nossa alma”. (...) “A noite de ontem, contrapondo-se por exceção, à tristeza cênica das que a tem precedido, seria de agradabilísimos efeitos emocionais, se a ausência das moças e a presença das chuvas, fusionando suas consequências péssimas, na mais decepcionante de todas as simultaneidades não na houvessem desfalcado substancialmente, roubando-lhe com fome epicurista o maior quinhão de alegria”.

Houvesse reduzido êsses trechos à métrica da sua inigualável poesia e, de certo, Augusto teria descrito com impressionante originalidade a desagradabilíssima sensação do jovem que se prepara para uma festa e é surpreendido com a queda de prolongadas e violentas chuvas.

Não esqueceu êle o elemento masculino. E, fato interessante, em tôdas as suas crônicas somente uma única vez chegou a declinar o nome de um vulto da sociedade local.

Nessa exceção prestou possivelmente sua homenagem ao criador do Nonevar, a quem havia sucedido na direção da fôlha humorística.

É bem interessante a alusão que fêz a Leonardo Smith, espírito brilhante, que dominava o pátio da festa das Neves com sua palestra primorosa, com o fulgor de suas frases e o estilete de sua sátira. Ei-la:

“...Mas a chuva desaparecera e a figura quente-leuca de Leonardo Smith, com seu dissolvente voltaireanismo familiar, debulhando uma **causerie** abundante, satirizava sabiamente a vida, como se houvesse aprendido no Cinosargo de Antísthenes a ciência do desapêgo búdico a todos os preconceitos humanos”.

Focalizando os homens, não se descuidou das bebidas alcoólicas, como provocadoras de euforia, loquacidade, maledicências e, sobretudo, desatadoras de recalques.

“Os botequins regorgitavam de **smarts** à caça de lúpulo fermentado, ressuscitando, aos poucos, o golpe de fina **causerie** intermediária, o espírito prístino de gloriosas arcádias desaparecidas”.

A frequência aos bares instalados na festa, repetida todos os anos, mantém ainda a tradição dêse genero de comércio, e, àquele tempo, constituía tema versado no noticiário de Augusto.

“Nos cafés, a álaire boêmia indisciplinada dava elastério franco às explosões sadias de uma sátira moça que não respeitava o entono austero da velhice, nem se adstringia, numa estrelagem escravizadora de peça secundária, aos velhos moldes inamovíveis da arte clássica”.

À sua percepção de cronista não escapou “o engano ledo e cego” da velhice inconformada a procurar virilizar-se com as decantadas virtudes afrodisíacas do amendoim. Apreciemos como o poeta aludiu ao fato:

O amendoim entupia as vísceras cansadas da decrepitude urbana, dando-lhe energias ilusórias que não exorbitaram do domínio puro da vontade.

Feito cronista elegante de festa religiosa provinciana, festa que “manteve a proverbial placidez, imanente a qualquer manifestação da vida social paraibana”, como dissera na Noite dos Estudantes, Augusto abordou, e não podia deixar de fazê-lo, temas frívolos, vazios de conteúdo. Bordou comentários, às vezes, picantes e cheios de verve, em tórno do belo sexo, da música, dos fogos de artifício, das passeatas, dos jogos, dos bares e botequins, das libações alcoólicas, das condições do clima, da iluminação, do pátio da catedral, dos rapazes galantes, então denominados *smarts*, do uso de colocar cadeiras na calçada, enfim, sôbre todos os aspectos que caracterizavam a Festa das Neves no seu tempo de rapaz.

Mas, mesmo assim, obrigado a escrever sôbre assuntos de tão manifesta futilidade, o inolvidável poeta de “O Poeta do Hediondo”, apesar de se encontrar no verdor dos anos, jamais abandonou a preocupação do cientificismo, da palavra rebuscada e difícil, de permanecer nas alturas:

(...) Mas um epilético moço, no auge da coreografia vesânica, dansava sua decadência nervosa, públicamente, expondo-se à varejeira dos remoques acérrimos.

E nós ficamos a pensar búdicamente, que, em suma, a Natureza era aquilo mesmo: na periferia, a festa, algumas visagens de ouro e neve que nos acenam de muito longe, e lá dentro um epilético perdido, desarticulando-se tragicamente, a simbolizar para sempre as mais negras hereditiedades da espécie...

CAPÍTULO VII
AUGUSTO, POETA DE
ANÚNCIOS COMERCIAIS



Não havia, sem dúvida, originalidade na propaganda comercial em versos, dos jornalzinhos da Festa das Neves. Eles apenas adotavam como rotina, um sistema esporadicamente lançado pelas suas confradeiras diárias.

As fôlhas noticiosas da Cidade até os primeiros anos deste século, em determinadas circunstâncias, vicariavam seus extensos e rebuscados anúncios, com leves estrofes de real efeito publicitário. Com este processo, vicariavam também suas fontes de renda, safando-se de ocasional despesa.

Realmente, surgindo um imprevisto maior na economia do periódico, uma ode espirituosa e bem ajustada a determinado produto, representava o recurso pronto e honesto para resolver a dificuldade.

Tal gênero de poesia não é acessível, como poderá parecer a todo cultor das Musas. Exige-se um trabalho conciso e preciso para exprimir em quatro ou seis linhas a excelência do que se apregôa e realçar as vantagens sôbre os demais concorrentes. Augusto, senhor de todos os meandros do Parnaso, também incursionou nessa literatura chamariz. Fê-lo ocasionalmente na imprensa diária e com certa assiduidade em Nonevar. Escrevendo a Sinhá-Mocinha, em julho de 1907, referia o poeta:

“ . . . E que a Festa das Neves se aproxima e eu fui convidado para constituir uma das principais partes colaboradoras de um jornalzinho elegante que se propõe a ser a delicia espiritual do novenário festivo.

Esse jornalzinho sairá tôdas as noites, e através o pretexto literário que o recomenda, esconde intuits puramente financeiros.

Ora, após o término da festa, poderei recolher às minhas arcas particulares de bacharelando necessitado alguma pecúnia consoiadora”.

Dessa forma, aos afeiçoados de sua inspiração, se descortina um novo caminho a açular-lhes os cuidados no estudo do estranho poeta.

Com efeito, ao se falar na poesia de Augusto, associa-se logo requintes de seriedade. A compostura e sisudez de seus escritos até agora divulgados, não possibilitavam admitir que êle se ocupasse com a banalidade (sob o ponto de vista literário) de indicar ao gesto, do povo, esta ou aquela utilidade, esta ou aquela casa de comércio.

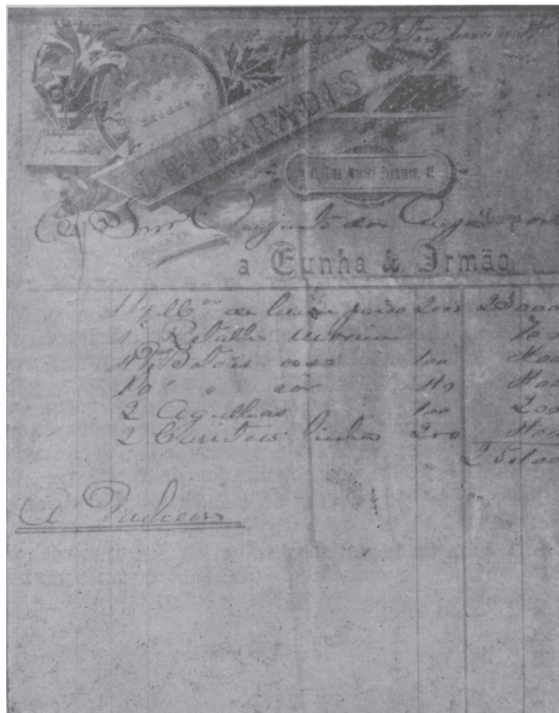
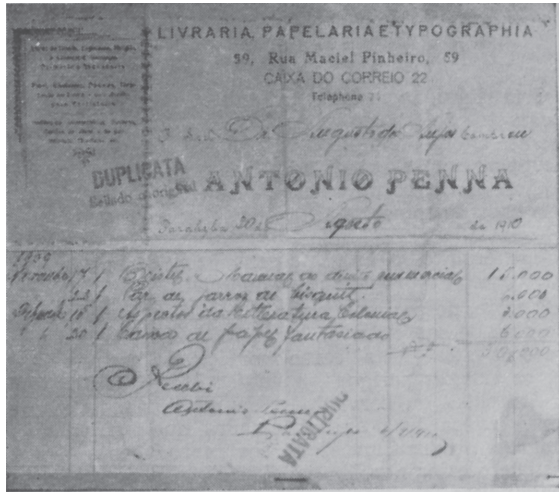
Todavia, o artista que tanto se empolgava com temas científicos, eruditos e, as vêzes, macabros, do mesmo modo é autor de versos de propaganda comercial.

É certo, nesses reclames não se afastava do seu irrepetível estilo nem de sua onímoda erudição. Pois o fazia decantando o “atraso da cidade”, as “caras morféticas”, as “morboses humanas”, os aziagos perigos”, o “observatório de Sagres”, a “búdica doutrina” ou servindo-se da mitologia. Apesar daquelas trágicas invocações e excentricidades, que manipuladas por vates inâbeis produziriam efeito contraproducente, a propaganda de Augusto atingia o fim colimado. Tinha um evidente sentido propagandista.

Eis algumas quadras, onde as cintilações do poeta se identificam em tôda sua pujança:

“E maior que, juntamente,
O grande Etna e o Chimborazo
O **Vesúvio** do Vicente
Mais do Angelo Rattacaso”.

“Nesta cidade onde o atraso,
Lembra uma cara morfética,
Fez monopólio da estética
A Loja do Rattacaso”.



Augusto, homem doméstico: notas de compras de objetos de uso pessoal e para o engenho.

Vicente Rattacaso foi um emigrante italiano, bem afeiçoado, honesto e empreendedor que aqui se estabeleceu, progrediu e casou com uma paraibana. A casa ostentava nome próprio, relembrando o Vesúvio, e, assim, a pátria distante. Ainda hoje o Vesúvio existe e explora o mesmo ramo de negócio. Que grande honra no presente saber que, há mais de cinquenta anos, um dos maiores poetas do século, entoava-lhe lôa, decantando-o com o expressivo conceito “monopolizador da estética!”

Outros estabelecimentos da cidade, igualmente mereceram as atenções da Musa alegre de Augusto.

A **Rainha da Moda**, de Avelino Cunha, uma das casas de maior prestígio do comércio paraibano, durante muitos anos, foi um dêles.

“Certo ninguém se incomoda
Nem corre aziagos perigos,
Comprando os belos artigos
Lá da “**Rainha da Moda**”.

“Sonoridade de sino,
E vibrações estridentes
Proclamam as excelentes
Boas novas do Avelino”.

A *Casa Pena* fundadas em 1883 por Antonio Pena, foi muito procurada, quando se tratava de adquirir artigos para homem, objetos de escritório e livros.

Ela também foi apontada a preferência do público pelo poeta do “EU”:

“Para que Páris raptasse
A formosíssima Helena,
Foi bastante que lhe desse
Um chapéu da **Casa Pena**”.

“**Como uma hóstia na patena**,
Eu hoje em versos levanto
Todo o brilho e todo o encanto
Da notável **Casa Pena**”.

Elvídio de Andrade manteve durante muito tempo um estabelecimento sempre preferido, não só pela variedade e distinção dos artigos que expunha como pela gentileza dos balconistas, todos pessoas da sua família:

“Vem-me agora, com certeza,
A enormíssima vontade,
De proclamar a riqueza
Da formosa **Casa Andrade**”.

Augusto, elegendo as doenças como um dos temas prediletos de seu éstro, não poderia esquecer nêsse ramo literário-propagandita, de falar em drogas e boticas de prestígio na sua época.

“Apregoamos a eficácia
Contra as humanas morbozes
Das profiláticas doses
Da **Silva Lemos Farmácia**”.

Ainda em sua propaganda, invocou o Observatório de Sagres.

“O Observatório de Sagres
Predisse, como sabemos,
Os muitíssimos milagres
Da **Farmácia Silva Lemos**”.

“O farmacêutico formado na Bahia”, Antonio Varandas de Carvalho, (como êle próprio anunciava) deixou na Paraíba um nome sempre invocado com simpatia e saudade pelos seus rom-pantes de bastante verve e bondade de um coração magnânimo:

“Se, doente, por vêzes andas,
Arrastando horrendos tédios
Vai à **Farmácia Varandas**
Que tens todos os remédios”.

Um remédio que teve fama e grande aceitação, foi a *Mediana do Aragon*. O Nonevar lhe dedicou estas rimas:

“Se minha musa não era
É um celestíssimo dom,
Que Deus presenteou à terra
A Mediana do Aragon.

“Garantimos, num assomo,
Não há remédio tão bom,
E efficacíssimo como
A **Mediana do Aragon**”.

Antonio Mendes Ribeiro, ex-presidente da Câmara dos Vereadores de João Pessoa, falecido há pouco, foi um dos raros arqui-milionários desta Província. O ponto de partida para sua fortuna foi a loja “*O Capricho*”.

Nascera Mendes Ribeiro no município de Catolé da Rocha, onde, aliás, às suas expensas construiu, equipou e entregou ao Governo, um prédio para a Escola Normal denominada Francisca Mendes, sua veneranda genitora.

“Avantesmas e duendes,
Genios maus da Natureza,
Fogem, perante a beleza
Do Capricho, de seu Mendes”.

“Sei que um chinês de rabicho
Lendo a búdica doutrina,
Fez propaganda na China
De tudo que há n’ **O Capricho**”.

No terceiro quarteto do século passado, aportou à Paraíba, vindo de Santa Cristina de Malta, o comerciante Antonio de Azevedo Maia. Homem de visão e tino para negócios, logo abriu duas casas comerciais: a *Casa Maia*, explorando o ramo de fazendas e modas e a *Mercearia Maia*, (ainda existente) para secos e molhados. Se notável era o sortimento, nem sempre seus preços se apresentavam dos mais acessíveis. O honrado português cobrava caro a possibilidade de se ser seu freguês...

Sinhá-Mocinha, contudo lá se abastecia. Augusto, certa feita, escreveu a genitora, após despachar uma nota, e a ela se queixou dêsse voraz apetite de ganho daquela afirmando:

“Remeto-lhe a conta das fazendas tomadas no estabelecimento do Maia, bem assim estas que aqui ficam, a saber: 4 gravatas, 4 pares de punho, 6 lenços e 8 pares de meias.

O valor de sua respectiva montagem pecuniária não é tão exorbitante como o das vezes transactas.

Creia Vmce., que longamente questionei acerca de sua redução, obtendo apenas diferenças pouco apreciáveis.

O Maia, ao que me parece, é um israelita deslocado na circunscrição geográfica de nossa terra, a querer incessantemente equilibrar-se com a nocividade aguda das suas tendências usurárias”.

Mas deixando de ser cliente agastado com a “conta” para apregoar, no jornal da Festa, o sortimento do velho Maia, o poeta gabava-lhe a abundância e o gôsto das provisões:

“Estrêla não há que atraia
A Mais do que os bicos e as rendas
E as finíssimas fazendas
Da loja de Antonio Maia

Não foi apenas em o Nonevar que Augusto divulgou essa modalidade pitorêscas de sua exuberante inspiração. Mesmo nas folhas diárias da cidade, êle versejou com o fito de propaganda comercial. Disso há provas do mais alto merecimento e insurpeição.

Celso Mariz, cuja probidade e talento a serviço da história da Paraíba, todos reconhecem e admiram, privou algum tempo da intimidade de Augusto. Celso dá seu testemunho, confirmando de forma expressiva que Augusto escreveu para *O Comércio* de Artur Aquiles, anúncios rimados.

O informante exercia naquele jornal as funções de auxiliar imediato do diretor, sendo-lhe cometido, especificamente, gerir as finanças do matutino.

Certa feita, aproximando-se o fim do mês, surgiram imprevistos compromissos monetários. Em tal conjuntura, lembrou-se da Tabacaria Peixoto. Seu proprietário, industrial progressista e amigo da imprensa, retribuía, sempre com generosidade, o apregoar a excelência dos cigarros de sua fábrica, *Santos Dumont, Fidalgos (ambré) e Amorosos*.

Nessa emergência surge Augusto na redação. Inteirado da dificuldade, aceitou a incumbência de resolvê-la. Precisava-se de uma anúncio retumbante, pois os credores proliferavam.

Logo mais entregou um trabalho pleno de graça, malícia e espirituosidade.

Para atingir melhor o efeito visado, dividiu a divulgação em duas partes a serem publicados em números sucessivos. Na primeira, arrasava o produto, para, no dia seguinte, apresentá-lo como insuperável ante seus concorrentes universais.

Os competidores de certo exultariam diante da veemente investida inicial. A verrina causaria um verdadeiro escândalo na praça e despertaria os mais descontraídos comentários na sociedade em geral. A sossegada vida provinciana excitar-se-ia tomando partido. O velho Peixoto ficaria surpreso e indignado. Mas, na manhã seguinte tomando conhecimento da completa retratação, gostaria, pois o *caso* faria convergir para os seus produtos as preferências gerais. E forçaria a saída dos cigarros.

Preliavam os autores o sucesso da iniciativa. A publicidade atingiria em cheio o seu alvo. Logo foi recomendado ao paginador um lugar de destaque para os versos-propaganda.

Todavia aquela dicotomização estragou tudo, resultando um merencório e imprevisto fim, contrário, inteiramente, às previsões iniciais.

Celso Mariz com a sua finura e simplicidade no escrever que faz lembrar o estilo de Machado de Assis, assim descreve o remoto incidente:

Tambaú, 30 - 12 - 1958.

Prezado Humberto Nóbrega,

Atendendo à sua bela carta, praieira de 24 último, respondo como posso, adiantando pouco para seu desejo de colher mais um traço elucidativo da grande e complexa psicologia de Augusto dos Anjos.

Conheci o poeta logo após minha vinda do interior para a Capital. Colocara-me no “O Comércio”, o jornal mais procurado da época, querido da mocidade, dos políticos de oposição e do povo. Colocara-me ali, escrevendo e tendo mesmo um papel na casa, por puro estímulo e bondade de Artur Aquiles e a tolerância dos numerosos moços de valor, que o cercavam. Todos estranhamente esperavam de mim alguma coisa, quando a minha ignorância e inexperiência nada prometiam. E que a solidariedade com eles, nas causas que alimentavam a vida intelectual e sobretudo política de “O Comércio”, solidariedade que eu manifestava com entusiasmo e decisão, nos atraía e irmanava. O grupo se compunha do mesmo Artur, de Coriolano de Medeiros, Neves Filho, Abel da Silva (a princípio), Ascendino Cunha, Álvaro de Carvalho, Benjamim Lins, Orris e Oscar Soares, Eduardo Pinto, Esperedião de Medeiros, Augusto Belmont, Santos Neto, Artur Moreira Lima que cintilaram muito tempo, todos ou quase todos bem sucedidos e confirmados pelo futuro. Dêstes e de outros de igual produtividade no momento que se apagaram nas letras, desviando-se para misteres mais práticos e duros na vida. Alguns ainda, como Afonso Gouveia e José dos Anjos, rapazes de extraordinário brilho, a morte levou cêdo, não os alcancei mais no cenáculo.

Para as fileiras dessa comparceria cívica e literária, chegou Augusto, repontando em luminosidades originais, que ainda não eram as da fase posterior de profundidade e construção apocalítica.

Eu era de todos o mais fraco na cultura, mas não na atividade, na sociabilidade e na freima combativa, o que por caso me dava algum valor aos olhos dos companheiros. Espécie de gerente ou secretário do “O Comércio”, ali recebia Augusto todo dia, quando pelas suas férias académicas ou já de morada definitiva na capital. Ali, na tenda que nos era comum, nos tornamos bons camaradas, tendo eu merecido dêle, nesta fase primitiva, a dedicatória de um sonêto.

Os versos chistosos que um dia pedi ao poeta visavam agradar um comerciante nosso amigo, Antonio Pereira Peixoto. Era êste um mestiço de Mamanguape, bem educado, bem vestido, pessoa distinta mesmo, que vivêra algum tempo em Natal e aqui se fixara de vez. Bem instalado, hospedava na casa onde residia, à praça Comendador Felizardo (hoje João Pessoa) o senador Pedro Velho, o deputado Eloi de Souza, o poeta Henrique Castriciano e outros vultos da alta sociedade do Rio Grande do Norte, em suas passagens para o Rio de Janeiro. Era também íntimo de Castro Pinto, de Rodrigues de Carvalho, de Coriolano de Medeiros e de Artur Aquiles. Era meu companheiro de mesa aos almoços, no hotel de Zé Dias, na rua Visconde de Inhaúma (hoje João Suassuna), descida para o Varadouro e recordação solene de nosso comércio em grosso, com os sobradões de três andares da época em que o algodão, devido a guerra separatista da América do Norte (1860-65), determinando lá o abandono das lavras, dera no Brasil o preço então escandaloso de 60 mil reis por arroba.

Peixoto, com todos êsses predicados e relações, era maníaco dos cigarros da Tabacaria de seu nome, que aqui fundara com certo luxo do instalações e marcas de ruidoso reclamo. Querendo ser amável com esta prenda de amigo, pedi a Augusto uns versos de apologia aos seus produtos. Opinei que os primeiros seriam depreciativos para justificar esmagadora contradita na edição seguinte. Prontamente, o poeta me entregou uma estrofe em dez linhas, aguda, cheia de verve, prevenindo desfavoravelmente os fumantes. Peixoto, assim me avistou de manhã, enfarruscou-se, fechou-me de tal modo sua fisionomia, que mais do que de um desagrado simples, me pareceu de raiva forte, esquisita naquele cavalheiro tão gentil. Aguardei a mudança que supunha certa no outro dia, quando outra estrofe ainda mais viva, eufônica e ritmada, depois de atacar o conceito da véspera, terminava:

“Os cigarros do Peixoto
São os melhores do mundo”.

Não me guarda a memória outra amostra de restrição, de réplica e de louvor, de imagem, nem de estilo, das ligeiras, incompreendidas estrofes. Lembro-me, sim, com tristeza de haver pago minha gafe, na intransigência de Peixoto que rejeitou explicações, se intrigou comigo, me cortou de suas relações, negando-me os cumprimentos de cortezia comum, seu bom-dia, boa-tarde, boa-noite.

Isto tinha ocorrido em 1905, depois e não antes do empastelamento do “O Comércio” por elementos exaltados do govêrno do Desembargador José Peregrino de Araújo. Apoiado em consciência na intenção que fora errônea, tola, mas não perversa, também não voltei por mim a Peixoto. Só em 1915, a sua iniciativa e chamado, nos encontramos de novo, esponja no passado, mãos dadas no presente sedutor de outra folha, “O Jornal do Comércio”, que o tendo

como suporte financeiro e tendo Coriolano de Medeiros, Rocha Barreto e o humilde subscritor desta como redatores, Rodrigues de Carvalho fundava com intuitos políticos, fracassados dentro de meses. Já então Peixoto se aproximava da morte e Augusto voara, desprendido de vez do resto da crisálida, para a transformação maravilhosa em que o gênio se consumou espiritualmente e biologicamente se consumiu.

Queira o distinto confrade relevar a palidez da informação e as partes estranhas quel o vêzo de recordar ligou, talvez impropriamente ao fato de seu interesse crítico.

(ass.) **Celso Mariz**

A musa de Augusto não se inspirou, portanto, apenas na sordidez e no disforme.

Ela se habilitou, igualmente, cantando as divindades celestiais, compondo poemas humorísticos e criando estrofes de sentido exclusivamente de atrativo e anúncios comerciais.

Era assim uma individualidade complexa, porém completa. Tinha o dom de se expressar (e dominar) em tôdas as manifestações parnasianas.

CAPÍTULO VIII
AUGUSTO ROMÂNTICO
SUAS FRUSTAÇÕES



“Para se amar não é necessário
licença da vontade”
Alarcon

Augusto não pôde fugir às contingências do amor. Seu coração encheu-se de ternura por alguma beldade de seu tempo. E, assim, amou, antes de encontrar o amor que o levaria a construir o lar. O amor do lar, porém, não se tornou mais feliz, porque foi efêmero. A morte o separou da idolatrada esposa mal haviam decorrido quatro anos, cinco meses e oito dias de casado! Mas, durante êsse pequenino espaço de tempo, êle e Ester viveram numa grande compreensão. É que entre ambos, parece, ocorrera aquêle raro fenômeno de eletividade recíproca.

Sua musa revoltada contra o amor, jamais verberava o *amor de esposa*.

Manuel Bandeira bem sentiu essa nuance, quando escreveu:

“Esse amor **amizade verdadeira** encontrou o Poeta (Augusto) no casamento e não deu mais atenção ao outro senão para estigmatizá-lo. Dêste amor amava os seus os pais, a mulher, os filhos, e em relação a estes sofria de lhes deixar a herança horrenda da carne, só consolado em pensar que em épocas futuras, haveriam de ser “no mundo subjetivo minha continuidade emocional”.

De fato, Augusto manifesta, em sua arte, verdadeira prevenção contra êsses amores fugazes, interrompidos pela instabilidade das amadas.

Desta forma, em seu versejar, condenava a volubilidade das namoradas com o mesmo pesar com que lamentava a morte prematura de alguma delas.

Formosa e encantadora condenação essa que constitui um dos pontos mais elevados de sua musa excelsa. O pássaro ferido entoando gorgeios mais belos!

Cabia-lhe à semelhança de Byron,

“Por Deus, eu amo, e o amor me ensina a melancolia”.

Augusto era contrário ao amor não duradouro. O amor que não recebeu o banho lustral da legalidade ou a unção santificante da igreja.

Ê dolorosa e impressionante a imprecação de Augusto, malgrado o seu sonho de pai, ante a repugnância por um feto, ser a quem iria amar na intensidade e na plenitude dos seus sentimentos paternais. Aquê feto, possivelmente, afigurava-se-lhe a irrealização, a infelicidade, a inexistência de um ente que iria ser a continuação de seu soma, e possivelmente a continuação do seu espírito. Foi o primeiro rebento do seu matrimônio. Êsse fracasso, talvez tenha-lhe, despertado o receio de que outros insucessos viessem obstar a perpetuação de sua espécie.

“E por isso, num lamento amargurado e aflito, o poeta chora a perda daquela “porção” de sua “plástica substância”, nestes versos em que parece haver atingido o sublime de sua arte.

SONETO

Ao meu primeiro filho, nascido morto com
7 meses incompletos. 2 de fevereiro de 1911.

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande fôrça fecundante
Da minha bronzeada trama neuronal.

Que poder embriológico fatal
Destruíu com a sinergia de um gigante.
Em tua **morfogênese** de infante
A minha morfogênese ancestral?!

Porção de minha plástica substância.
Em que lugar irás passar a infância.
Trágicamente anônimo, a feder?...

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido.
Panteisticamente dissolvido
Na **noumenalidade** do NÃO SER!

Admirável! Na poesia brasileira, pode dizer-se, não há notícia de um único soneto inspirado em feto.

Só êle, com sua singularíssima grandeza, dedicou versos a êsse “agregado infeliz de sangue e cal”.

Cause estranheza, provoque refutações, mas o desespero de Augusto, traduzido naquelas estrofes, bem merece comparado às aflições, de ANDROMACA, ao saber que ASTINAX o seu pequenino filho por decisão do “Conselho dos Gregos” ia ser para segurança da Hélade precipitado em cima, das muralhas.

Se Augusto teve sensibilidade para amar a um inviável em brião, “luz que não chegou a ser lampejo”, ser em gestação “panteisticamente dissolvido na noumenalidade de NÃO SER”, deve, a *fortiori*, ter amado, com tôdas as Veras, aquelas figu ras que lhe tocaram ao coração: seus pais, suas namoradas, sua esposa, seus filhos!

Amava a seu pai. Mas esse afeto não representava um simples estímulo para sua poesia. Augusto era um filho amantíssimo. Um filho que se constituira sócio do pai em todos os seus sofrimentos. Um filho que estivera com o pai até a última hora.

Sua sensibilidade artística chegou ao clímax, acrisolada pelas angústias do seu pai, tema que lhe inspirou tôda uma série de admiráveis sonetos.

Sua poesia, quando dedicada à figura paterna, é impressionante. Pai e filhos identificava-se. E o filho não sentia a menor revolta contra aquêle que lhe dera o ser. Um ser humano, tão cheio de sofrimento.

Por certo, Augusto bendizia ao pai que não tinha culpa dêsse seu sofrimento. Bendizia-o, talvez, porque seu genitor, logo cêdo, abriu-lhe o mundo iluminado das predileções do seu espírito: – as letras. Aos quatro anos, graças aos ensinamentos paternos, lia correntemente, e, com a idade de sete, compôs os seus primeiros versos.

Foi precoce na arte da poesia e das letras, como Mozart na divina arte da Música.

Na vasta e rica personalidade de Augusto, uma faceta que por certo impressionará a qualquer dos seus biógrafos – há de ser o seu exemplar amor paternal. E a esse propósito não se pode esquecer o edificante fenômeno da mutualidade afetiva estabelecido entre pai e filho. Difícil será dizer de quem era a maior se a do filho por dr. Alexandre, se a do pai por Augusto.

Dr. Alexandre costumava assessorar a Augusto em quase todos os passos. Acompanhava-o, sempre à Capital, e, apesar de já ser um homem grisalho, não se pejava de entrar de cambulho com os estudantes nos dias de exame, contanto quer desse estímulo ao filho.

Augusto, de sua vez, não temia sacrifícios na retribuição dessa ternura paterna. Era obediente, compreensivo e tributava ao pai verdadeiro culto de admiração. Tão amante que era dos livros, não hesitou de interromper o curso jurídico, já no 2º ano, para ficar ao lado do dr. Alexandre, quando êste, em 1904, acamou-se em consequência de uma trombose cerebral. E ao pé do leito do pai ficou, cheio de meiguice, doçura e paciência, a fazer de enfermeiro desvelado e incansável até aquela fatídica “Madrugada de 13 de janeiro”.

Essa amizade, assim tão grande e pura, não durou apenas enquanto vivia o pai. Do silêncio eterno para onde fôra, o dr. Alexandre continuara a receber as carinhosas mensagens do filho expressas em ritmos modelares:

Amo meu Pai na atômica desordem
 Entre as bôcas necrófagas que o mordem
 E a terra infecta que lhe cobre os rins!

Objeto de outro capítulo a influência recebida por Augusto, de seus pais, será oportunamente apreciada.

O poeta soube dividir o coração, partilhando-o, nas devidas proporções entre os pais, os irmãos, a esposa e os filhos.

O estudo de sua personalidade revela-o um compreensivo admirador do Amor. Do Amor em tôda a sua perfeita extensão. Do Amor sublimidade, que opera a “transubstanciação de instintos rudes”.

Em expressiva quadra, Américo Falcão, perfunctoriamente embora, fere essa facêta sentimental do seu amigo e irmão de arte. Veja-se êste excerto do seu poema “Augusto dos Anjos”, dedicado à memória do grande vate:

“Naquêles tempos primeiros.
 Pelas horas vesperais,
 Éramos nós os romeiros
 De corações virginais!”

Êste quarteto é uma singela noticia das deambulações que os dois poetas juntos faziam, levados pelo coração.

Possivelmente, alguma ingratidão feminina levou o cantor do “EU” àquêle lamento pessimista:

“Não sou capaz de amar mulher alguma
 Nem mulher alguma é capaz de me amar”.

Talvez o malogro no primeiro amor!

Menino de engenho, porém, criado sob o influxo benéfico do seu pai, que também lhe serviu de mestre, Augusto, já então vivendo para os livros, impregnou-se dos ensinamentos católicos, do sentido das rezas, dos benditos e das ladainhas. E por esta razão não trazia “um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o corpo”. Nem tão pouco fôra contaminado

por aquêlê vírus de libertinagem que contaminara a alma e o corpo de Carlos de Melo, personagem em parte auto-biográfica de José Lins do Rêgo. Muito ao contrário dêste, Augusto bem representa o tipo do menino de engenho de alma cândida, do menino de boa família e de bons costumes; do menino que bem representa o tipo daquele Sérgio, criação de Raul Pompéia.

Carlos de Melo aparece em “*Menino de Engenho*” sob na tutela patriarcal de José Paulino, homem cuja vida era orientada no sentido da materialidade. Homem em quem predominava o instinto sôbre o espírito. O velho era “um herege, e criava sua gente como bichos”. Homem de poucas letras e de quase nenhuma fé católica, era, sem o aperceber, um dos raros abencerragens do feudalismo.

O senhor do engenho Santa Rosa, que era proprietário de mais oito outros engenhos, não ensinou, pela palavra ou pelo exemplo, a moral cristã, o temor a Deus ao neto Carlos de Melo, retirado, logo na primeira infância do tumulto da cidade para um ambiente rural, onde, entre a senzala e a bagaceira reinavam a concupicência e a promiscuidade.

O sistema do engenho Pau d’Arco, diferia bastantemente do método que era usado no Engenho Santa Rosa. Ali vivia uma gente que muito se dedicava as coisas do espírito. Homens versados em humanidades, estudiosos, titulados em ciências jurídicas e sociais e bons conhecedores da doutrina cristã.

Êste, o meio doméstico em que se plasmou a personalidade de Augusto. Foi êle menino de engenho, mas um menino que pouco andava pela bagaceira. Vivia na casa grande a estudar, a cultivar o espírito, pois só para as letras sentia inclinação.

Também não o seduzia o ambiente de promiscuidade, licencioso e sensual, reinante na bagaceira. Seu convívio era na casa grande, no lar, onde a palavra, sábia e erudita, exercia de em par com os livros, irresistível fascínio para seu espírito.

Nem por isto, foi Augusto, na juventude, um arredio ou indiferente aos encantos do belo sexo, às atrações do *flirt*. No arquivo, bem precioso aliás, de Oscar de Castro – conhecido beletrista conterrâneo – presidente da Academia Paraibana de Letras, há um acêrvo de notas e poesias praticamente inéditas do genial poeta, que revelam os seus primeiros derriços com as sacerdotisas de Cupido.

Basta que se transcrevam êstes dois versos extraídos de uma redondilha, em que Augusto, ainda mal implumado, já exaltava, em seus descantes, a formosura feminina:

“Teus seios oh! morena,
Reliquia de Carrara
Tema ambrósia rara
Da mais rara verbena.

Aperta-me em teu peito
E dá-me assim, divina,
De lírios e bonina
Um veludíneo leito”.

São remígios de pequena altura que antecederam ao grande apogeu do poeta. Mas denunciam que, em seu coração de jovem, ardera o rubro crepitar das paixões, nascidas dos olhares e dos irresistíveis encantos das mulheres.

Há um soneto em que Augusto, todo romântico, se dirige a uma amada de quem a morte – “ponto final da última cena” – o separou.

São estrofes repassadas de lirismo sem grande expressão poética. Diga-se, porém, que na língua portuguesa êsse tipo de poesia sôbre a morte de amadas é de um pieguismo intolerável.

Somente Camões conseguiu triunfar quando arrancando do estro a inquietação, o desespêro e o sofrimento causados ora pela perda da companheira que trazia quando do naufrágio na foz de Mekong, ora pela ausência de sua inesquecível Dinamérica.

Augusto, quando na juventude, também praticou essa espécie de poesia.

SÚPLICA N'UM TÚMULO

Maria, eis-me a teus pés. Eu venho arrependido,
Implorar-te o perdão do imenso crime meu!
Eis-me, pois, a teus pés, perdoa o teu vencido,
Açucena de Deus, lírio morto do Céu!

Perdão! E a minha voz estertora um gemido,
E o lábio meu p'ra sempre afastado do teu
Não há de beijar mais o teu lábio querido!
Oh! Quando tu morreste, o seu sonho morreu.

Perdão, ,patria da Aurora exilada do sonho!
Irei agora, assim, pelo mundo, para onde
Me levar o Destino abatido e tristonho. . .

Perdão! E este silêncio e esta tumba que cala!
Insania, insania, insania oh! ninguém me responda...
Perdão! E êste sepulcro imenso que não fala!

Não é possível afirmar que Augusto tenha se conservado incólume ao amor.

Possivelmente a perda da bem amada, que foi um ideal truncado pela morte, o episódio gerador de suas frequentes revoltas contra a religião de seus pais. Não foi seródia a manifestação da vida sentimental do poeta.

O velho “Almanak do Estado da Parahyba”, no fascículo referente ao ano de 1900, grava em suas páginas, um soneto lírico, talvez o primeiro soneto publicado por Augusto, menino de quinze anos:

SAUDADE

Hoje que a mágua me apunhala o seio,
E o coração me rasga, atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio.
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noute quando em funda soledade
 Minh'alma se recolhe tristemente,
 P'ra iluminar-me a alma descontente,
 Se ascende o círiá triste da Saudade.

E assim afeito às máguas e ao tormento,
 E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
 Para dar vida à dor e ao sofrimento.

Da Saudade na campa enegrecida
 Guardo a lembrança que me sangra o peito,
 Mas que no entanto me alimenta a vida.

Inegavelmente, nesta singela composição, traçada pelo buril de uma criança, já cintilam os revérbos prenunciadores de um grande vate. Mas não é sómente esta a sua fundamental característica. O soneto ainda traduz a suavidade de um depoimento ligado, quem sabe, a algum pequenino romance mal epilogado, na incipiente adolescência do poeta.

Em 1901, “O Comércio”, jornal que se editava nesta Capital, sob a direção de Artur Aquiles, inseria, de vez em quando, colaboração de Augusto. Eram, em sua maioria, sonetos, composições que não tiveram a sorte de figurar no “EU”. Fôram versos tecidos na fase romântica da vida, quando o poeta, começando a bater as plumas, não se tinha ainda fixado no genero científico, no nefelibatismo que o caracteriza.

Dois dêes, inspirados em amor, em namoradas desaparecidas, aludem a cemitério, coveiros, cinzas do passado e outras motivações funéreas, como que a lembrar a frustração do primeiro afeto:

Num, o sepulteiro abraçara a profissão que o tornou “eterno companheiro da morte” para viver bem junto da bem amada, – seu amor primeiro”.

O COVEIRO

Uma tarde de Abril suave e pura
Visitava eu sómente ao derradeiro
Lar; tinha ido ver a sepultura
De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro
Com a cabeça para o chão pendida;
Eu senti a minh' alma entristecida
E interroguei-o: eterno companheiro.

Da morte, quem matou-te o coração?
Ele apontou para uma cruz no chão
Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois tomando a enxada gravemente,
Balbuciu, sorrindo alegremente:
Ai! foi por isso que me fiz coveiro!

Noutro, em que decantando os *Tempos Idos*, diz do seu “sonho sepultado no cemitério da Desilusão”, e da placidez de espírito que lhe traz o rememorar do Passado.

TEMPOS IDOS

Não enterres coveiro o meu Passado,
Tem pena dessas cinzas que ficaram!
Eu vivo dessas crenças que passaram,
E quero sempre tê-las ao meu lado!

Não, não quero o meu sonho sepultado
No cemitério da Desilusão,
Que não se enterravassim sem compaixão
Os escombros benditos de um Passado!

A! Não me arranques d'alma êste conforto!
– Quero abraçar o meu Passado morto
– Dizer adeus aos sonhos meus perdidos!

Deixa ao menos que eu suba à Eternidade
 Velado pelo cirio da Saudade,
 Ao dobre funeral dos tempos idos!

Cabe notar que o campo-santo da comunidade do Pau d'Arco, denominava-se "*Cemitério da Consolação*". Destarte é lícito pensar que a referência feita no segundo quarteto ao *Cemitério da Desilusão*, representa uma alusão antinômica. Aquêles antônimos, possivelmente, dirige-se à necrópole onde, quem sabe, repousam os restos mortais do seu amor de menino.

– Ora, êstes dois sonetos foram divulgados com pequeno intervalo. Lógico portanto é admitir que êles tenham sido ditados por um só motivo inspirador.

O malogro nos afetos iniciais, contribuiu, possivelmente, para criar no poeta aquela sua indisfarçada animosidade pelas cledicações amorosas.

Em "*Versos de Amor*", Augusto confessa-se um desencantado, cético diante do coração das mulheres!

Relembrando sua infância no engenho – possivelmente o palco de sua frustrada iniciação afetiva – estabelece paralelo entre o amor a cana. Esta, parecendo doce pode ser azeda. E, a seguir, declara conhecer o amor, através de amarga experiência.

Parece muito doce aquela cana.
 Descasco-a, provo-a, chupo-a... ilusão tredal!
 O amor, poeta, ê como a cana azêda,
 A tôda boca que a não prova engana.

Quiz saber que era o amor, por experiência,
 E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
 Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
 Tôdas as ciências menos esta ciência!

Porque o amor, tal como eu o estou amando
 Ê espírito, é éter, é substância fluida.

O desaparecimento de sua eleita, ainda quase criança, desencantou-o, trazendo-lhe certa revolta íntima e um que de melancolia e pessimismo. Daí a sua descrença, o seu quase nihi-lismo estado que, com o aprimoramento dos estudos, o levaram a uma poesia algo realista.

Contudo, mantinha, no íntimo, os resquícios do homem sensível aos apêlos do coração. Cortejava as moças, e, conforme o testemunho de Américo Falcão, volteava em busca de olhares e afetos femininos.

CAPÍTULO IX
AUGUSTO, POETA DE
CRISTO, DE DARWIN E
DE HAEKEL



Augusto, de família católica, iniciou-se na doutrina cristã através do catecismo, ministrado regularmente pelo Dr. Aprígio. Sua infância foi tôda cheia de vivências religiosas.

A capela do Senhor do Bom Fim, ainda hoje existente, era separada da casa grande apenas por um pequeno parreiral. Nela, todo ano, havia missa por ocasião da botada do engenho, do Natal, Ano Bom, e no aniversário do Doutor. Os festejos do Nascimento de Cristo, ficavam mais a cargo dos moradores; e o Dia da Circuncisão era comemorado por iniciativa e responsabilidade particular de Sinhá Mocinha que, muito piedosa tinha o hábito de rezar com os filhos as orações matutinas e vespertinas.

Augusto era bem atento às prédicas que o cônego Antonio Pereira de Castro, vigário de São Miguel de Taipu, fazia quando oficiava na capela do engenho Pau d'Arco. Nas suas visitas à igreja do Bom Fim, que ficava sob a jurisdição de sua paróquia, o cônego Pereira – padrinho do poeta costumava presentear o afilhado com esfiges de santos em medalhinhas e cartões.

Naquele meio rural, o mês de hiperdulía nunca foi esquecido, como também a devoção ao Coração de Jesus e o culto ao martir São Sebastião. Era o Dr. Aprígio quem tirava as novenas, sendo, porém, nos seus impedimentos substituído pelo próprio Augusto.

As conversações, na casa grande, vez por outra, giravam em tórno de temas religiosos. Castigos divinos, vida de santos, milagres, tentação do Demônio, eram assuntos que vinham sempre à baila.

Na capela do Bom Senhor do Bom Fim, as mulheres e as moças, entoavam ladainhas, benditos e hinos sacros, cânticos cujas melodias eram moduladas em assobio pelos garotos e pelos trabalhadores do engenho, como se fôssem verdadeiras canções do trabalho.

Augusto, menino, ficava enlevado pelas narrativas de aparições de alma, histórias de lobisomem, cobra-cabriola, e enchia-se de cautela ante o raconto de abusões reinantes no engenho.

A despeito disso, sua formação espiritual fôra modelada dentro da moral cristã e da escatologia católica, o que, entretanto, não o impediu de, na idade adulta, revelar em alguns versos laivos de rebeldia e agnosticismo.

Em consequência dos ensinamentos que recebera e do ambiente em que passara a infância, Augusto penetrou-se de um certo animismo, sistema filosófico de que jamais conseguira integralmente se libertar.

De certo, não cabe aqui senão assinalar a influência das primeiras impressões na alma infantil. E vem a pêlo lembrar o que diz Stekel:

“Os primeiros anos de vida, podem exercer um domínio duradouro sôbre o desenvolvimento do psiquismo”.

De tôdas as disciplinas que entao constituíam o curso de humanidades, Augusto teve como professor o próprio pai – o dr. Alexandre, que, em sua dedicação pelo filho, chegava ao extremo de trazê-lo, todos os anos, até às bancas examinadoras.

Hospedavam-se, pai e filho, em casa de um amigo que residia à rua Direita, no prédio onde hoje funciona a Academia Paraibana de Letras. Juntos, caminhavam, todos os dias, em demanda do Liceu Paraibano; e essa perfeita solidariedade existente entre um e outro, que poucas vêzes se separavam, impressionava a elite cultural da cidade.



Capela do “Senhor do Bom Fim”, no engenho “Pau d’arco”, hoje, Usina “Santa Helena”, onde o poeta se batizou.

Do ponto de vista pedagógico ou educacional, há quem desaprove essa assistência assim contínua e direta prestada por pai a filho, essa influência paterna exercida tanto no âmbito moral como no intelectual.

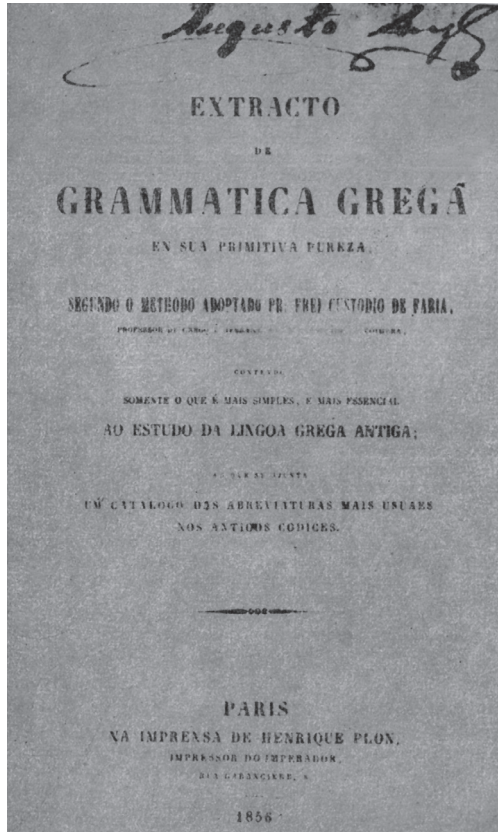
Na música, para não citar outros setores da arte, há grande cópia de exemplos que confirmam essa opinião. Maestros geniais, no decorrer de sua aprendizagem, tiveram a carreira ou o futuro artístico quase comprometido, face ao rigorismo excessivo da orientação do pai e mestre. Rolland descreve o suplício de Beethoven, quando menino, sob os ensinamentos do seu progenitor. Mozart é outro caso típico. Villa Lobos, na infância, submetido pelo pai e bom músico Raul Villa Lobos a um torturante estudo musical, teria possivelmente torcido a vocação, não fôsse a orfanidade paterna em que caíra aos onze anos de idade.

Parece, não ser fora de propósito, explicar também o materialismo manifestado por Augusto, em suas poesias, como uma forma de defesa de sua personalidade – uma maneira de reagir, uma tentativa de libertação. Seu materialismo, quem sabe, não resultava de uma demorada reflexão íntima. Constituía, antes, uma reação externa – uma demonstração de que se emancipava da *patria-potestas*, moral e filosoficamente.

O primeiro quartel de sua existência decorreu em ambiente profundamente religioso, sob a influência e a orientação da família, dos seus pais, gente que sempre professou o credo católico.

O co-proprietário do engenho Pau d'Arco, dr. Aprígio, padrao de Sinhá Mocinha e chefe de família, era homem temente a Deus, e que professava o catolicismo a moda antiga. Rezava êle próprio, os terços e as novenas dos santos cultuados no seu meio rural e como se fôra um sacerdote explicava o catecismo as crianças na capela do Senhor do Bom Fim.

Os pais de Augusto, por sua vez, em matéria de crença, trilhavam êste mesmo caminho.



GRAMATICA GREGA, de autoria do Pe. Inácio de Souza Rolim, “Padre Mestre e Comendador, versado em Matemática, Ciências Naturais, no Grego e no Latim, fez de sua terra natal, durante muitos anos, o ponto preferido para a educação dos jovens sertanejos. Assim, em pouco tempo tinha o local, população considerável, formando-se a cidade única na Paraíba, e talvez no Brasil, cujas bases sólidas se firmaram num estabelecimento particular de instrução”. In: DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DO ESTADO DA PARAÍBA de Coriolado de Medeiros, Rio de Janeiro, 1950.

Nessa gramática, devidamente autografada por Augusto, estou o poeta nos fins do século passado, aproximadamente em 1898. Notar a edição de Henrique Plon, Paris, 1856.

(Coleção particular do autor)

A êsse tempo, possivelmente, Augusto sofrera um trauma emotivo, com a perda do seu primeiro amor.

Aos quinze anos, já iniciado na arte de versejar, êle havia produzido poemas cheios de sentimento, num dos quais, pedindo perdão à malograda dominadora dos seus afetos, confessava-lhe: “quando tu morreste, o meu sonho morreu”. É um verso de profundidade shakespeareana. O poeta dava um sentido de tanta espiritualidade ao afeto tributado à sua amada, que nela via a fonte de sua inspiração, a noite esplendorosa dos seus sonhos, o sentido de sua própria vida.

Ferido, assim, logo cêdo em sua vida sentimental, Augusto passou a escrever versos monistas, panteísticos, materialistas, resistindo, talvez sem se aperceber, à influência do círculo doméstico em que vivia.

Nobre de Melo, estudando *Augusto dos Anjos e as Origens de sua Arte Poética*, no capítulo Crença e Filosofia, observou:

“Assinale-se finalmente como nota de contraste das mais curiosas de observar na psicologia do ser humano em geral a flagrante antinomia entre a sua índole cristã, profundamente espiritualista e os seus pendores doutrinários no âmbito das ciências biológicas”.

Até aqui está Augusto mais ou menos situado nos horizontes onde transcorreram os primeiros lustres de sua existência. Nossa fase suportou êle os primeiros ajustamentos emocionais numa idade em que as impressões tão bem se acumulam na essência psíquica de cada um. E é nessa fase inicial e recuada de sua vida, que se devem encontrar as origens da sua religiosidade semente de que jamais inteiramente se desarraigou.

Concluído o curso de humanidades, encaminhou-se para o Recife a fim de continuar os estudos. E lá, na tradicional cidade Maurícia (que impressionante coincidência!) o poeta a quem caberia um título de príncipe entre os poetas paraibanos, – o

nobre solitário da dinastia das musas – hospedava-se na rua do *Príncipe*, bairro da *Soledade*, onde residia o seu tio, o major Alfredo Rodrigues dos Anjos. Homem progressista, o major Alfredo manifestava-se sempre contrário ao meio rústico e insípido em que o dr. Alexandre, seu irmão, criava os filhos. E, vez por outra, levava a sobrinha Iaiá, para passar tempos em sua casa alegando que “uma moça não podia infurnar-se nas brenhas do engenho Pau d’Arco”.

O século vinte, recebendo a herança bibliográfica, científica e filosófica de Spencer, Buchner, Haeckel, Darwin, Vogt, Huxley, Conte e outros, surgiu, criando nas elites culturais, o gôsto pelo sistema negativista da existência de Deus.

Na imprensa, na tribuna, na câtedra, no vestíbulo das Universidades, nas tertúlias, e até nos bailes e banquetes de alta linhagem, discutia-se e pregava-se a doutrina de que no homem só existe a unidade física, não sendo admitida a existência da alma.

Augusto, sequioso por adquirir conhecimento, vivia incessantemente a cultivar o espírito. Êle mesmo declarava:

“No auge de atordoadora e ávida sanha
Leu tudo, desde o mais pristino mito,
Por exemplo: o do boi Apis do Egitto,
Ao velho Niebelugen da Alemanha”.

De certo, herdara do velho pai êsse desejo de tudo saber.

Didata admirável, homem de grande erudição, o Dr. Alexandre, percebendo o talento promissor do filho, esmerou-se o quanto pôde por lhe dar aprimorado cultivo à inteligência. Recebia de Paris, por encomenda, quase todos os “vient de paraitre” sobre literatura e filosofia. E diga-se, assim, que em suas estantes numa casa de engenho, no interior da Paraíba, naquele crepúsculo do século XIX encontravam obras que, talvez so figurassem nas bibliotecas públicas, cuidadosas no provimento das atualidades literárias e científicas.

Destarte, sem precisar ausentar-se do seu Pau d'Arco, mesmo “Debaixo do Tamarindo”, Augusto poderia formar a sua vasta cultura.

Utilizando-se da biblioteca do pai lia no original Dante, Petrarca, Leopardi e Doliguere.

Grande atração para seu espírito também foram os poetas portugueses Antero de Quental, Antonio Nobre, Engenio de Castro, Guerra Junqueiro, João de Deus assim como os brasileiros Bilac e Raimundo Correia.

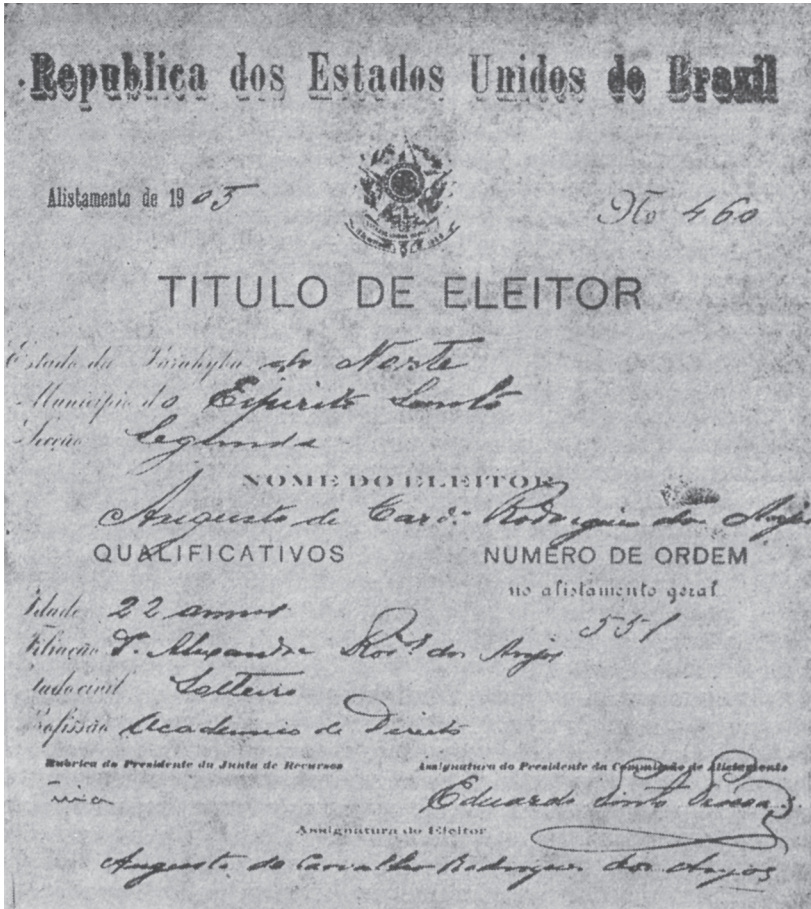
Chegou mesmo a confessar, respondendo a Licínio Santos por ocasião da *enquete* para “*A Loucura dos Intelectuais*”, terem sido Shakespeare e Edgar Poe os autores que mais o haviam impressionado. Não tinha, porém, preferências: “todos os bons autores me agradam”, aduziu.

Dentre os filósofos, mereciam-lhe especial afeição Darwin, Haeckel, Spencer, Goethe, Leibniz, Kant, Schopenhauer e Gustavo Le Bon.

Atraíam-no os livros de embriologia e ciências naturais e lia com frequência a *Bibliothèque Scientifique Contemporaine*. Muito amigo das obras de Felix Le Dantec, Dastre, Hovelacque, Lepebure, Elise Reclus, Humboldt e Clemence Royer, não dispensava também a leitura da *Revue des Deux Mondes e La Nature*.

Indo estudar no Recife, Augusto deve ter experimentado profundas modificações nos hábitos de sua vida. À austeridade do lar paterno sucedia a liberdade que reinava na rua do Príncipe, mansão do tio. A solidão do engenho, os costumes bucolicos, a placidez e simplicidade do meio rural fôram substituídos pelo dinamismo citadino, pelo convívio intelectual de estudantes e mestres, pelas múltiplas atrações do meio civilizado.

Amigo fraterno de Santos Neto, seu brilhante colega de turma, frequentava-lhe a “república”, onde permanecia dias seguidos a estudar.



Título de eleitor do poeta

As “repúblicas”, núcleos de estudantes de todos os recantos do país, gozavam, pode-se dizer, de alguns privilégios, por isso que olhadas com muita complascência e tolerância por parte das autoridades policiais.

Possivelmente, essa obrigatória e sensível mutação de hábitos repercutiu nas reações psíquicas do poeta, propiciando-lhe ambiente para se contrapor às influências espirituais da casa paterna.

Não há dúvida de que a Faculdade de Direito do Recife, onde conquistou o título de bacharel, sempre foi orientada por mestras conservadores, de formação católica em matéria religiosa e filosófica.

Todavia, um cintilante espírito, ali surgiu, dando uma paisagem nova ao mundo acadêmico daquele tempo. Foi Tobias Barreto.

Tobias não era um filósofo, no estrito sentido do vocábulo, mas um erudito divulgador dos princípios evolucionistas. Divulgador profundo, uma inteligência superior, um verdadeiro talento.

As duas tradicionais escolas jurídicas do país seguiram então orientações diferentes. São Paulo dava processualistas; Recife preparava cultores da filosofia.

Pelas condições ecológicas, pela situação geográfica, São Paulo, cidade interiorana, com paisagens mais de nuvens do que de sol, era forja de espíritos conservadores. Recife, cidade marítima, cidade nordestina de céu profundo, clara e ensolarada, parecia mais propícia à recepção das idéias novas agitadoras do século.

O pensamento científico do Velho Mundo, a dizer a cultura das universidades européias, chegava ao Recife, para, então, distender-se por todo o resto do país. O estudante paulistano tinha a visão como que interceptada pela névoa, pela cúpula de um céu carente de sol.

O estudante do Recife, porém, em contato com uma natureza mais liberta, a contemplar o brilho do sol, e o panorama do mar, parece que tinha o espírito voltado para um mundo de maior beleza e menos melancolia.

Será que Ratzel tinha razão?

Augusto, até então, na várzea do Paraíba, num trato de terra onde o homem ainda conservava costumes quase primitivos e onde um dos acontecimentos mais notáveis era a grande enchente que o rio trazia nos anos invernosos. Enchentes que arrastavam na voragem de suas águas revoltas, cadáveres humanos, animais mortos, arvores, casas, pontes, engenhos, e objetos outros que encontrados pela correnteza iam sendo levados de roldão.

Já conhecia, porém, por força dos exames que era obrigado a prestar no Liceu Paraibano, na capital do seu Estado, a então pacata e remansosa cidade da Paraíba. Depois, e de um modo mais ou menos rápido passa a visitar, a ter contato de morado com um centro de civilização muito maior, a trepidante cidade do Recife.

E tudo então se lhe transfigura! A velha capital pernambucana não se pode negar, retinha o eterno sentido da cristandade com suas igrejas e conventos, suas procissões e festas tradicionais, suas irmandades, seus padres, beatas e devotas e as missas cantadas. Mas a sua Faculdade de Direito, ainda sob o influxo das idéias de Tobias e agitada pelo espírito irreverente, era um foco de rebeldia, de descrença, e combate ao catolicismo.

Em meio ambiente bem diverso, frequentando “repúblicas”, de estudantes, livre das censuras e proibições do lar paterno, orientado por mestres estranhos à família, convivendo com colegas inteiramente desconhecidos, e ainda entregue a estudos de nível superior, Augusto, naturalmente, reagiu a seu modo, a tôda essa grande mutação.

Espírito dado às especulações filosóficas, procurou conhecer mais de perto a *causa das causas*, participando, assim, do snobismo da época. Da mesma sorte, adquiriu sólidos conhecimentos

das ciências naturais, tornando-se senhor de uma terminologia erudita, que aplicava com a devida propriedade, ao escandir os seus originalíssimos versos.

A cultura filosófica, jurídica e científica a que se dedicara fê-lo sectário da escola de Tobias. Tobias havia criado prosélitos, cujas idéias a mocidade acadêmica, acolhida como se constituíssem verdades apodíticas, inconcursas em assuntos filosóficos. Eram arautos desses princípios: Sílvio Romero, Martins Júnior, Laurindo Leão, Clovis Bevilacqua, Artur Orlando e vários outros.

Na coletânea de perfis dos bacharéis da turma de 1907, intitulada “Instantâneos”, Silveira Carvalho ao traçar o do paraninfo, Prof. Laurindo Leão, revela o grau de afeto e admiração que tinham os discípulos pelo mestre:

“O sábio paraninfo que elegemos
Tanto se impôs aos nossos corações,
Que, em nossa despedida, resolvemos
Ouvir mais uma vez suas lições.

Elegê-lo a consciência nos mandava,
Pois muita vez ouvimo-lo afirmar
Que a nossa turma ele considerava
Como um prolongamento do seu lar”.

José Lins do Rego, em trabalho que publicou, quando contava pouco mais de 20 anos de idade, sob o título “Algumas Notas Sobre a Faculdade de Direito do Recife”, afirma com aquela irreverência que bem o caracteriza que um dos grandes males daquela Escola veio de Tobias Barreto.

Reconhecia-lhe talento, erudição, dotes oratórios. Mas, atuando num centro ainda desprovido quase inteiramente de tradição de cultura, Tobias, afirmava aquêlê admirável romancista.

“Não lutou, não teve necessidade de levantar a voz para rebater arguição séria, quando tinha que se defender usava sarcasmo contra velhos

simplórios. Não os vencia, ridicularizava-os. Ainda hoje, Faculdade ouviu Tobias como se êle ainda tivesse a sua caldeira na congregação”.

Isto dizia José Lins do Rego, em 1924, quando transcorrido apenas um decênio da morte de Augusto. Reportando-se ao fascínio que sôbre o espírito dêste exer ceram as idéias do notável mestre sergipano, conclui o festejado romancista de Menino de Engenho:

“Coitado de Augusto, que teria sido o único grande poeta do seu país, se um amigo lhe houvesse arrancado das mãos finas os livros miseráveis de Haeckel”.

José Lins do Rego, certamente, não apreciou na íntegra a poesia de Augusto, porque se éste hauriu inspiração nas rebeldes teorias do irrequieto naturalista alemão, também se iluminou nos ensinamentos dos deuses.

Inobjetével é que a inteligência do vate acolheu com eletividade os preceitos tobianos. Mas a religiosidade de sua infância jamais fugiu por completo, de sua alma. Daí, o conflito e as contradições de sua musa. E tal fenômeno lembra e revela a verdade contida naquela advertência de Napoleão: “Não é ateu quem quer”.

Veja-se agora como Gilberto Freyre sentiu êsse evidente antagonismo:

“Havia em Augusto uma fome mal reprimida de valores espirituais; uma corrente de misticismo lutava dentro dêle contra a fortaleza kaeckeleana em que se refugiava com sua doença e com suas atitudes de sadista que fôsse também um masoquista, desejoso, talvez, de ser esmagado por uma filosofia contrária à sua. Em que direção o levaria aquela corrente, uma vez destruída a fortaleza? Provavelmente à Igreja Romana”.

Outro crítico que sentiu êsse choque ideológico, foi Antônio Torres. No seu estudo “O Poeta da Morte”, publicado à guiza de prefácio, a 4ª edição do EU E OUTRAS POESIAS, lê-se:

“Ora, Augusto dos Anjos, que, segundo parece, não cria em Deus pelo menos como o entendem os teólogos...”

Martirizava-o, sem dúvida, êsse embate da crença adquirida no lar com as teorias evolucionistas discutidos no ambiente universitário. E sentindo-se irreconciliável, – o poeta divagava pelo monismo, pelo evolucionismo, pelo transformismo, pelo politeísmo, pelo budismo, no intuito de disfarçar ao leitor as contradições do seu EU.

Stekel bem analisa e explica êste estado íntimo de conflito e contradição especialmente em matéria religiosa:

“Tôda essa gente, – refere-se aos portadores de parapatia de angústia – é no fundo muito piedoso e só se revelam livre-pensadores na aparência. Intelectualmente, sobrepõem sua crença; todavia na sua existência afetiva, conservam a velha fé de sua infância”.

Desaparecido, pode-se dizer, na juventude, sem ter tido tempo de depurar o teor de tôdas as suas idéias, Augusto não pôde atingir àquela sublimação espiritual de que se jactava Darwin:

“Formei o firme propósito de conservar meu cérebro livre de modo a renunciar a tôda hipótese por mais diletta, quando os fatos discordarem dela”.

Conta-se que aquêlê humilde polidor de lentes, mas soberbo pela construção de um sistema filosófico, que foi Spinoza, padecia de verdadeira angústia para extirpar os sentimentos do judaísmo

aninhado em sua alma desde a infância e que não podia subsistir diante da nova concepção formada de Deus.

Tristão de Ataíde, diz do poeta do EU:

“Sem uma fé religiosa, um credo filosófico ou literário, uma disciplina interior que o dominasse, deixava-se essa arca enfática indefesa levar por um ilimitado individualismo, pelo “culto de si mesmo”, que tanto distinguiu os poetas sob cuja ação, consciente ou inconscientemente lhe cresceu o estro”.

Pelo que acima ficou dito, não é inexequível esse princípio um tanto assente de só insinuar ateísmo coruscantes poesias de Augusto.

Em seu livro *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, Andrade Muricy, depõe:

“Aquêl monismo, filosofia simplista e primária, do naturalismo de Buchner e Haeckel; o transformismo darwiniano, e mais o influxo do contista iriam mais profundamente integrar-se e predominar nos fundamentos da obra desse grande poeta. Na poesia de Augusto dos Anjos (1894- 1913), aquêles elementos de exaltação ante as aquisições da ciência fôram caldeados com uma sensibilidade, uma imaginação superior”.

Inegável é que Augusto era discípulo de Haeckel, mas, a despeito disso era um vacilante em religião. Não era propriamente um agnóstico. Em algumas de suas produções a presença de Deus é bem nítida.

Exemplo convincente é o soneto que dedicou ao pai agonizante, onde chegou a invocar um dos episódios mais combatidos do

Velho Testamento, como o de haver Elias subido ao céu vivo sem passar pela provação da morte:

Madrugada de Treze de Janeiro
Rezo, sozinho, o ofício da agonia.

Meu Pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!

E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse a Minha Mãe que me dizia:

“Acorda-o!” deixa-o Mãe dormir primeiro!
E sai para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza.
Nem uma névoa no estrelado véu!

Mas pareceu-me, entre as estréias flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias.
Ver a alma de meu Pai subindo ao céu!

Aliás, na interpretação de Flóscolo da Nóbrega:

“...o seu tão apregoado materialismo era apenas um distúrbio de inteligência saturada de cienticismo, intoxicado com leitura de Haeckel, Buchner e Spencer”.

Efetivamente, na opinião abalizada de seus familiares, Augusto nunca abandonou o catolicismo.

Rômulo Pacheco, retrata-o como um temente a Deus, por princípio e educação. Vale transcrever, a êsse propósito, alguns excertos do seu trabalho “Augusto dos Anjos”. Será isto um tanto longo, porém, necessária:

“...O materialismo de Augusto revelava-se unicamente através de seus versos admiráveis, inconfundíveis, sem escola, das conhecidas e imitadas. Os seus versos reproduzem as impressões

que lhe causavam a natureza na sua mais pura realidade.

Tais impressões, exteriorizadas nas suas poesias, por isso mesmo materlialistas, não traduzem, entretanto, o seu sentimento, o que ia pela sua alma bonlissima, pelo seu eu, por princípio e por educação, desde o berço marcadamente espiritualista.

Que tropeços daí para os que, não tendo conhecido Augusto na in timidade, procuram decifra-lo, dispondo dos seus versos como elemento único para julgamento”.

“...Tendo tido esmerada educação religiosa, conservara o habito das orações e da frequência aos templos católicos.

Não lhe faltou, quando a morte rondava o seu leito, a assistência espiritual do Pe. Júlio Florentini acolhido prazeitosamente pelo Poeta”.

É êste um depoimento de substancial valor porquanto prestado por um dos amigos mais íntimos de Augusto, seu con-cunhado e colega na redação do Nonevar.

Francisca de Carvalho Rodrigues dos Anjos – Dona Iaiá, a irmã mais velha de Augusto, ainda vive e reside em João Pessoa, na avenida Maximiano de Figueiredo, 77. Dotada de grande inteligência, de notável acuidade mental e ótima memória, é, como os seus irmãos poetas Augusto e Aprígio, poetisa.

Por ela, que era sua única irmã, tinha Augusto especial atenção. Pedia-lhe as produções poéticas para ler, admirava-lhe a inteligência, fazia-lhe confidências e seguia-lhe a opinião em questões íntimas da vida familiar. Fixando a residência no sul, manteve com Iaiá assídua correspondência. E, se as aparências não mentem, é a mesma Iaiá aquela *Santa Francisca* que o poeta invoca em *INSÔNIA*, poemeto composto justamente na fase em que a irmã querida tinha o coração dilacenoado pela dor de um noivado desfeito. Se, Santa Francisca Ponciani, de acôrdo com a agiografia,

sofrera por haver casado sem vocação para o marimtônio, Iaiá – a querida irmã Francisca, sofria por haver perdido um casamento.

Excessivamente modesta, não divulga seus magníficos versos. Só após uma catequese de quase três anos e a muito custo, consentiu na publicação de um dêles, o seu:

IDEAL DE PERFEIÇÃO

Falei ao coração muito em segredo;
Porque preferes ser assim cativo
Quando tudo podes te mostrar altivo
Livre e feliz desconhecendo o medo?

Acaso pensas que êsse gôzo trêdo
Sempre ao teu lado fascinante vivo
Nunca propende a se fazer esquivo?
Como te enganas, passará bem cêdo.

Cala-te, escuta: nesta luta ardente
A que me entrego sem tremer, valente,
Magoado embora por terrível dano,

Procuro a glória de alcançar um dia,
Transfigurado em benfazejo guia
A perfeição do sentimento humano.

Nas longas e repetidas conversas que manteve com o autor dêste trabalho, Iaiá prestou informes preciosos e abundan tes sôbre o passado de sua família no Pau d'Arco e nas épocas posteriores. Bem viva e loquaz, reconstituiu o ambiente do engenho. Descreveu a casa-grande, a capela, o jardim, o quintal de fruteiras. Relembrou os estudos, os folguedos, as travessuras dos meninos, bem assim episódios pitorescos ou ilustrativos da vida familiar. Trouxe à memória os costumes então imperantes. O sistema observado por Sinhá Mocinha de admitir uma ama de leite para um dos filhos nascidos. A parcimônia e so briedade de Augusto. Sua precocidade. A atração que êle sentia pelo reino vegetal, pois muito criança, passava horas e mais horas no jardim da casa-grande “lendo

pedacinhos de papel”. Narrou as festas religiosas e profanas. As missas na botada do engenho e nos dias de Natal e Ano Bom. A chamada “procissão do povo”, em louvor a S. Sebastião. As orações coletivas na Capelinha durante os meses de maio e junho. As aulas de catecismo ministradas pelo dr. Aprígio.

A respeito das tendências religiosas de Augusto, asseverou que o irmão nunca deixou de ser católico, tanto que se confessou e comungou para casar. Batisava os filhos, frequentava as igrejas e recebeu o perdão divino dos lábios de um sacerdote na hora derradeira. São textualmente, palavras suas:

“Augusto, na sua poesia, estudou apenas a matéria e o seu desenvolvimento, o que não significa um divorciamento da doutrina cristã”.

Dona Djanira Pacheco Ribeiro, irmã de Rômulo Pacheco, amiga e confidente de Ester, privou, por muito tempo, com a família de Augusto. E ainda hoje conserva a mesma amizade com os filhos do poeta.

Entrevistada em sua residência no Leblon, sua palavra projetou elucidacões sobre vários assuntos. Exibiu farta documentação referente à vida de Augusto; e no que tange ao tema religioso seu depoimento afina com os de Rômulo e Iaiá. Afirmou que Augusto era católico, e até devoto de Nossa Senhora da Conceição. E a coincidir com êsse por menor há o fato de ter sido o casamento de Augusto realizado na Igreja da Conceição, nesta Capital.

Valioso testemunho sobre a vida e crença de Augusto é prestado por seu primo e contemporâneo, Alexandre Cunha Lima – inteligência arguta – expressando-se com fluência, e que revelou uma certa dose de orgulho ao fazer referência ao talentoso parente tão enaltecido pela crítica. Morador, naquele tempo, no engenho Taboca, que dista coisa de seis quilômetros do “Pau d’Arco”, Alexandre convivia frequentemente com o primo Augusto. Depois de referir-se ao “catolicismo excessivo” de D. Moça (Sinhá Mocinha) fez então essa interessante revelação:

“Augusto só era materialista nos versos que compunha, notadamente naqueles que produziu depois que ingressou na Faculdade de Direito”.

O ilustre conterrâneo Juvenal Coelho, lente jubilado da cadeira de latim do Colégio Estadual, poeta, cultor da sátira, conheceu bem de perto a Augusto de quem fôra companheiro nas labutas do periodismo local. Referindo-se ao lado espiritual do poeta, seu antigo confrade da *Gazeta do Comércio*, narra: certa vez, durante uma das discussões que com êle costumava amistosamente manter sôbre temas filológicos e filosóficos então muito em voga, Augusto lhe abriu as janelas da alma. Revelara dúvidas íntimas que lhe assaltavam o espírito, dizendo-lhe que muitas vêzes desconfiava da integridade de seus neurônios. E então recitava êstes versos, cuja autoria imputava a Medeiros de Albuquerque:

“Eu sinito que a razão em mim às vezes
Como um ébrio sem forças cambaleia”

Sempre que concluía um poema, informava-lhe o poeta, sentia voltar-lhe certa tranquilidade. E frisava: “Um mentecápto não comporia tais versos”.

Confortado pelo amigo que procurava convencê-lo de sua higidez mental, Augusto se despedia. No encontro seguinte, apresentava-se outro. Vinha alegre, jovial, comunicativo, e não tardou em declarar, que estava desfrutando uma grande paz de espírito em virtude da confissão que há dois dias havia feito com o Padre Vicente Pimentel.

Êsse padre, naturalmente, bem representava aquela classe de homens mui distinta, descrita por Nietzsche: sacerdotes de caráter indulgente, sérios, simples e castos, ante os quais o povo pode abrir o coração impunemente, descarregar seus pensamentos secretos, suas preocupações e coisas mais graves.

E, na realidade, diferente formação espiritual não é de esperar de quem procedente de família humilde, ingressara no Se-

minário, como simples empregado doméstico, e anos depois, graças ao seu esforço, aos seus estudos, às suas virtudes e, sobretudo, à sua vocação, de lá saíra ministro de Deus – *sacerdos in aeternum*.

Modesto, piedoso, tendo atingido na hierarquia canônica a dignidade de Cônego, ninguém o conhecia por êsse título. E nem mesmo de padre sempre o chamavam. Como se não houvesse recebido ordens sacras, atendia, com a mesma humildade pelos que o tratavam por “Seu Vicente”.

Sabia, porém, com bastante verve e presença de espírito, revidar os motejos e taunices, que por acaso lhe fôssem dirigidos. Célebre ficou nos anais da cidade a resposta que dera à pilhéria irreverente de José Joaquim Abreu. Êsse cidadão, um ante-clerical com intuito depreciativo, entendeu de recordar o passado pobre e obscuro do desprezencioso sacerdote, a esse tempo já vigário da Catedral de Nossa Senhora das Neves. Disse-lhe, então, em tom de zombaria: “Você foi criado do Bispo, não foi seu Vicente?” A resposta veio imediata: “Fui. E tenho mais satisfação nisso, do que se tivesse sido o Senhor do Seu Abreu”.

Imagine-se o que não teria sido aquêle encontro, ou melhor, a presença de Augusto no confessionário. O pecador desfolhando suas “cismas patológicas insanas”, e o Ministro de Deus a desfazê-las. certamente, dentro do “caminho da verdade e da vida”.

É um testemunho de muita credibilidade êste trazido pelo Professor Juvenal Coelho. Augusto, no apogeu do seu lirismo simbolista e materialista, genuflexo ante o representante do Senhor, a revelar em segredo sepulcral as suas angústias as suas fraquezas, dúvidas, aflições e temores.

E do confissãoário saindo reconfortado, seguro, feliz, por haver tirado de dentro de si o tumulto que lhe atormentava o espírito.

Sua tranquilidade interior foi tamanha que ele a registou em sua musa. Descrevendo o fato assim se expressou Juvenal Coelho:

“...Em seguida fez um soneto, um daqueles seus admiráveis sonetos e, enamorado da beleza da forma, como Narciso da própria imagem, exclamava eufórico, numa sensação de alívio:
“Não Eu estou perfeitamente lúcido
Padre Vicente tinha tôda razão!”

De um velho e humilde carpinteiro e agricultor, Valdevino Soares, falecido em janeiro de 1960, aos oitenta anos, todos vividos no Engenho Pau d’Arco, foi colhida boa cópia de informes relativos a aspectos e episódios da juventude de Augusto e da vida que eram levados no engenho.

Garoto de bagaceira, Valdevino passou tôda a meninice ao lado dos filhos de dr. Alexandre; e manteve-se ligado à família do patrão, mesmo depois que esta se transferiu para a Capital.

Êsse fato, a dizer, a notável convivência que, embora como serviçal, teve durante a infância, proporcionou-lhe nos dias da obscura velhice até evidência. Manteve palestra com José Lins do Rêgo, a quem fora apresentado pelo escritor Odilon Ribeiro Coutinho. Da mesma sorte, deu entrevistas à imprensa literária, através dos poetas Tiago de Melo e Celso Otávio de Novais, junto aos quais posou para a objetiva fotográfica. Narrando a ocorrência ao autor dêste livro, dizia entre orgulhoso e satisfeito: “Essa cara velha, seu doutor, por causa de Seu Nozinho, (era assim que chamava a Augusto), já saiu nas revistas do Rio e da Capital”.

O velho Valdevino tinha na memória todos os fatos ocorridos nos seus tempos de moço.

Contava que o corpo do dr. Alexandre fôra transportado, pelos moradores do engenho até a estação de Cobé, e, dali levado de trem para a Capital, onde foi sepultado, tendo sido êle, Valdevino, um dos condutores dos despojos mortais.

Repassava um por um os folguedos usado no engenho, pelos meninos daquela época, pondo em destaque a brincadeira das sessões de juri, realizadas quase na bagaceira, e nas quais êle,

Valdevino, muitas vezes fazia o papel de réu, acusado de crimes imaginários tendo Seu Nozinho como defensor. Esse simulado Tribunal de Juri, que funcionava ao ar livre. Era divertimento dos mais apreciados por Augusto, pois, ocupando sempre a tribuna da defesa tinha êle oportunidade de exercitar a arte oratória. Outro passa-tempo a que Augusto, quando criança, também se dedicava, lembra Valdevino, era andar pelo mato, para admirar as árvores de grande porte, e bem assim ficar horas e horas debaixo de um tamarindo no quintal da casa-grande.

No que concerne aos sentimentos religiosos da família, informa aquêle antigo morador, que o dr. Aprígio rezava o ofício do mês mariano, dava aulas de catecismo e recebia fidalgamente o Padre Antonio, vigário de S. Miguel de Taipú, em suas periódicas visitas ao engenho.

Ainda a elucidar êsse aspecto relativo a vida espiritual de Augusto, existe a palavra sóbria e abalizada de um dos seus alunos, no antigo Instituto Maciel Pinheiro. É o fazendeiro Severino Bonifácio da Nóbrega, residente no município de Santa Luzia, homem probo, comedido no falar e que conserva perfeita memória do seu tempo de estudante. Segundo o seu testemunho, Augusto além de respeitar as convicções religiosas dos seus discípulos, jamais abordara, no decorrer das aulas, quaisquer comentários em tórno de doutrinas ou sistemas religiosos. Sua persuasão era de que o mestre professava o catolicismo, até porque, por mais de uma vez o surpreendera concentrado, meditando e orando em plena Catedral de Nossa Senhora das Neves.

Augusto era um espírito privilegiado. Com a mesma proficiência e desembaraço com que ensinava as matérias do curso de humanidades, lecionava, particularmente, as disciplinas que compunham o curso jurídico.

Dr. Eurípedes Tavares, secretário aposentado do Tribunal de Justiça da Paraíba, homem austero e fidedigno em suas informações, conta que, quando acadêmico de direito, recebeu

aulas de diversas matérias do curso jurídico, dadas, em caráter particular, por Augusto. E adianta que, não obstante o convívio quase diário que mantinha com o mestre, de quem fôra ainda vizinho, jamais notou, em suas eruditas esplanasões, qualquer tendência materialista. Pelo contrário: da privança com o poeta, resta-lhe a convicção de que “Augusto não se divorciara da religião católica”. No entanto, no decorrer das aulas, oportunidades havia, muito propícias aliás, para que o poeta expuzesse ou pregasse a filosofia metafísica.

Vinte anos após la morte de Augusto, de quem fôra companheiro de Congregação no Liceu Paraibano, o Cônego Matias Freire, dedicou-lhe na secção literária de “A União”, interessante estudo, analisando-o como homem de pensamento, professor e ainda do ponto de vista religioso.

Matias, que foi uma das inteligências mais luminosas de sua geração, revelada na cátedra, no jornalismo, na poesia e na tribuna parlamentar, sob êste último prisma, declara ter visto várias vêzes Augusto assistindo missa, na igreja da Misericórdia. E refere que o poeta (no seu julgamento),

“nas dimensões aproximadas de Dante, Goethe, Shakespeare”, bom conhecedor da lingua de Cícero, certa ocasião lhe pediu emprestado o Breviário “para deliciar-se com a leitura do Antigo e Novo Testamento e com a vida dos Santos”.

Ainda são dêsse ilustrado e saudoso sacerdote, as palavras que se seguem:

“Quanto às idéias religiosas do poeta-filósofo, posso dizer, nada tinham de ateísmo. Sua família era cristã. Seus pais o educaram nos princípios do catolicismo. Augusto rezava as orações que sua mãe lhe ensinara “encontrando nisso um sabor divino”.

A êsse propósito, não é de se olvidar, dado o relêvo de sua procedência, a observação registrada por Manoel Bandeira. Ocupando-se êle do aspecto espiritual de Augusto, em “Apreciação da Poesia Brasileira”, escreveu:

“Acreditava em Deus? Acreditava e rezava as preces católicas. Mas, na sua poesia a concepção do Universo é ortodoxa, tem algo de maniqueista, opondo ao mundo da matéria, evoluindo segundo a teoria darwinista, o mundo da “fôrça cósmica furiosa”. A consciência poética dêsse duelo terrível é que alimentava a angústia metafísica de Augusto dos Anjos e o fazia delirar em cismas patológicas insanas”. A sua aspiração suprema, seria dominar todos os contrastes, resolvê-los na unidade do Grande Todo que sonhou culminar com a onipotência da divindade”.

Augusto, ao que se conclui, vivia em alternadas crises de consciência.

“Raciocinar – constituía-lhe – aziaga contingência”.

Em *Gemidos de Arte*, se maldizia:

“Por que Jeovah, maior do que Laplace,
Não fez cair o túmulo de Plínio
Por sobre todo o meu raciocinio
Para que eu nunca mais raciocinasse?!”

Joubert classificava os ateus em dois grupos distintos: o dos que prescindiam da idéia de Deus e o dos que prescindiam de suas manifestações. Augusto não pôde renunciar à concepção do Divino.

A fé adquirida na infância oscilava em seu espírito, mas dele não fugia completamente, tanto assim que a crença em Deus se manifesta bem nítida em,

ULTIMA VISIO

Quando homem, resgatado da cegueira
Vir Deus num simples grão de argila errante,
Terá nascido nêsse mesmo instante
A mineralogia derradeira!

A impérvia escuridão obnubilante
Há de cessar! Em sua glória inteira
Deus resplandecerá dentro da poeira
Como um gasofiláceo de diamante!

Nessa última visão já subterrânea
Um movimento universal de insânia
Arrancará da inocência o homem precito...

A Verdade virá das pedras mortas
E o homem compreenderá tôdas as portas.
Que ele ainda tem de abrir para o Infinito!

Efetivamente, a influência grandemente espiritualista em que formara a personalidade psicológica, de certo, não o deixaria envolto naquela perplexidade em que se encontrara Antero de Quental ao formular a chave do soneto “O Convertido”, “Mas me falta saber se Deus existe”.

O notável vate açoreano tivera também suas dúvidas íntimas, os seus conflitos espirituais. Perdera “a crença, a fé e a confiança” seus cristais de Poeta. E entretanto, revela-se crente, deísta, neste tópicico incisivo:

“Quanto num prato de balança eterna se lança toda essa massa espan tosa das desgraças humanas, tamanho peso só se compensa pondo no outro o amor infinito – Deus. Sim, Deus! Espírito, Fôrça, Princípio, Essências, Jeová, ou Brama, que me importa um nome? Eu clamo a Deus justiça! Na queda a triste ruína das ilusões antigas, das velhas crenças das gerações, fica-nos eterna essa grande palavra. E que está grava-

da no coração. Só arrancando-o a poderão tirar de lá. E nem assim. No deserto das alturas a água que o empolgar-se teria justa nas carnes palpitantes... e cairia assombrada!”

Quem se der ao trabalho de rever as coleções da antiga fô lha “O Comércio”, nela encontrará dentre outras produções de Augusto, o soneto AMOR E CRENÇA, estampado no exemplar de 4 de outubro de 1901.

Composto quando mal havia ultrapassado a fronteira dos 17 anos de idade, nêle aparece bem viva e indubitável a idéia de Deus, descrito como um ente supremo, criador de todos os sêres e de tôdas as coisas o que preside a todos os fenômenos universais. Nêle, o poeta encara o amor como criação divina – “hóstia que bendiz a crença” – e aconselha a ter fé na Divindade:

AMOR E CRENÇA

Sabes que é Deus! Esse infinito e santo
Sêr que preside e rege os outros sêres,
Que os encantos e a fôrça dos poderes
Reune tudo em si, num só encanto!

Esse mistério eterno e sacrossanto,
Essa sublime adoração do crente,
Esse manto de amor doce e clemente
Que lava as dores e que enxuga o pranto?

Ah! se queres saber a sua grandeza.
Estende o teu olhar à Natureza
Fita a cúpula do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura imensa,
O amor é a hóstia que bendiz a crença,
Ama, pois, crê em Deus e... sê bendita!

Não há negar que na sua obra poética o materialismo preenche espaços de maiores dimensões. Mas não a totaliza, não a domina completamente.

Os resquícios da religiosidade haurida na infância através dos ensinamentos do catecismo e das práticas católicas imperantes no lar paterno, fixaram-se e perduraram em sua alma em seu *ego*, por todo o tempo de sua vida.

O próprio título do seu livro – EU – parece refletir os tremendos conflitos íntimos em que se debatia seu espírito. “Vale – como observou Orris Soares – por uma auto-psicologia. É um monossílabo que fala. Êste aqui diz tudo, pintando a pincel a alma e o físico do autor”.

Companheiro de Augusto, no corpo docente do Pedro II, José de Oiticica, em trabalho que publicou sôbre a personalidade do poeta, deixa bem claro que êste vivia a buscar, baldamente, na ciência, a explicação para os fenômenos cósmicos, pois a própria ciência lhe punha ao descortínio uma sequência quase interminável de mundos.

“O espiritismo, o espiritualismo cristão, as filosofias não lhe matavam na consciência a interrogação fatal”. E mais além – “Suas tendências, entretanto, eram tôdas anti-materialistas, posso mesmo asseverar: acentuadamente espiritualistas. Em seus versos, nos póstumos, as intenções teosóficas são frequentes. Preocupava-o sempre a Unidade das coisas e dos sêres, a evolução do Todo, a independência do seu próprio EU, sua essência animica proveniente da **substância de todas as substâncias**”.

Ê esta a palavra de quem, tendo sido contemporâneo e amigo do poeta do “EU”, vivia a discutir com êle, na maior cordialidade. E como prova de estima especial lhe ofertara um exemplar da “La Geographic Humaine” de Jean Brunhes, com a seguinte dedicatória: “A Augusto dos Anjos, grande estudioso da geografia científica moderna, oferece José de Oiticica!”

Grande verdade, afirma Anatole France, ao proclamar que assim como o homem traz do berço certa predisposição para determinada doença, também já nasce devoto ou não devoto.

Augusto era católico. Sua descrença – rebeldia aparente, exteriorizada nos versos – surgiu depois de estudos superiores, manifestações do desejo de imprimir aos trabalhos um cunho nefelibático, original pela idéia e pela terminologia própria das ciências naturais.

Keyserling, que também perdeu a fé e depois procurou recupera-la, emitiu um conceito que bem se ajusta ao drama religioso de Augusto:

“únicamente os sêres superficiais permanecem na irreligião; quando a alma se aprofunda, surge a consciência de Deus”.

Êsse choque de sentimentos se vislumbra em alguns dos seus escritos.

Em *Eterna Mágua*, lastima:

“O homem por sôbre quem caiu a praga
Da tristeza do Mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crer em nada, pois, nada há que traga
Consôlo a Magna, a que só ele assiste.
Quer resistir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágua infinda assim não cabe
Na sua vida, é que essa mágua infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;
E quando êsse homem se transforma em verme
E essa mágua que o acompanha ainda!”

Êste soneto expressa uma confissão de sentido filosófico, reveladora do conflito que lavrava em sua mente.

Não pode firmar seu ponto de vista. Quis possivelmente ser o poeta que negava Deus. Mas foi contraditório, porque ora O negava ora O afirmava.

E realmente, por entre as trevas mais densas, quando o poeta parece resvalar para o materialismo integral, surge, aqui e ali, em seus versos, uma clarenra, um lampêjo de puro e indiscutível teísmo.

É a constante luta do *super-ego* com o *id*. Aquêle não podendo subtrair-se à influência dêste.

Algumas vêzes, quando se apresenta materialista absoluto, só vê o homem, depois da morte, através dos vermes que irão devora-lo.

Ei-lo em,

O DEUS VERME

Fator universal do transformismo,
Filho da teleológica matéria,
Na super abundância ou na miséria,
Verme – é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diaria ocupação funerária,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.
Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrôpicos, roi vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para êle é que carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!

Os Doentes são um poema de cunho acentuadamente materialista. Nêle o sêmen é comparado “à peçonha inicial de onde nascemos”, e da *Bíblia* colocada no mesmo pé de igualdade com a

Phedra, a conhecida tragédia de Racine. Todavia, no meio dêesses entre choques, o subconsciente lhe assoma, e sua pena escreve:

“Tentava compreender com as conceptivas
Funções do encéfalo as substancias ativas
Que nem Spencer, nem Haeckel compreenderam...”

Ocioso seria alinhar mais outros tópicos materialistas focalizados por sua musa. A crítica nacional já o fêz com profi ciência e detalhes. Trabalhos de mérito firmados por consagrados admiradores do *EU* não faltam. Mas, pautados unicamente nos subsídios fornecidos por aquêle livro majestoso, a todos es caparam certas nuances – filigranas do gênio augustiano, só trazidas à colação com a rebusca à velha gazeta humorística do *Nonevar*.

Por outro lado, fácil também é coligir do “EU” laivos de politeísmo e traços os mais rútilos de puro espiritualismo.

Resta dessa forma rebuscar no *EU* algum material esteriótico do espiritualismo de sua inspiração para maior segurança do ponto de vista exposto.

Mostremo-lo:

Analise-se *Ilha do Cipango*, versos em que o poeta trêmulos e de Joelhos reza ao Deus do Amor e de Respeito, invoca os Deuses salvadores do êrro:

“A agonia do sol vai ter começo!
Caio de joelhos, trêmulos... Ofereço
Preces a Deus de amor e de respeito
E o Ocaso que nas águas se retrata
Nitidamente reproduz, exata,
A saudade interior que há no meu peito...”

Invoco os Deuses salvadores do êrro.
A tarde morre. Passo o seu enterro!..
A luz descreve zig-zags tortos
Enviando a terra os derradeiros beijos,
Pela estrada feral dois realejos
Estão chorando meus amores mortos!

Panteísta ainda é o *Poema Negro*:

“Não! Jesus não morreu! vive na serra
Da Borborema, no ar de minha terra
Na molécula e no átomo... Resume
A espiritualidade da matéria
E êle é que embala o corpo da miséria
E faz da cloca uma urna de perfume!”

No soneto *A Um Carneiro Morto*, Augusto abraça um dogma da Igreja. Admite Deus no julgamento final dos vivos e dos mortos:

“Misericordiosíssimo carneiro
Esquartejado, a maldição de Pio
Décimo caia em teu algoz sombrio
E em todo aquêle que fôr herdeiro!

Maldito seja o mercador vadio
Que te vender as carnes por dinheiro,
Pois, tua lâ aquece o mundo inteiro
E guarda as carnes dos que estão com frio!

Quando a faca ranger no teu pescoço,
Ao monstro que espremer teu sangue grosso
– Teus olhos – fonte de perdão – perdoaram!

Oh! Tu que no Perdão eu simbolizo
Se fosses Deus, no Dia de Juízo,
Talvez perdoasses os que te mataram!”

Efetivamente, ante a colheita de todos êsses elementos que acabam de ser expostos, não há como fugir à justeza da interpretação que, a respeito da crença do poeta fez Nilo Pereira, na secção “Notas Avulsas”, do *Jornal do Comércio*, do Recife, de 11 de julho de 1956, afirmou:

“O EU - digo sem medo - não é um poema da incredulidade. Lá está, escondido sob o terror materialista do nada, sob carnes putrefatas, sob o

bisturi que corta a singularíssima pessoa, o mistério, o transcendente, o essencial”.

O tom de sua poesia é substancial. E mostra lampejos de genialidade nêsses assuntos, mesmo quando se contradizem.

Só uma fulguração intelectual como a sua conseguiria com tal versatilidade dominar temas que assim se entrechocam e o fazer evidenciando aquela grandiosidade que é o traço característico de tudo tocado por sua arte.

Qualquer vate medíocre tentando a um só tempo afirmar e negar a existência de Deus naufragaria pela ausência de nitidez de suas idéias.

Isto não aconteceu com Augusto. Éle sem se sentir confirmou aquêle conceito de Santo Agostinho: “Conhece-se melhor a Deus, negando-o”.

CAPÍTULO X
A AFEIÇÃO FAMILIAR
DE AUGUSTO



Augusto era profundamente afetuoso para com a família, os parentes, consanguíneos e afins, bem assim para com aqueles que lhe mereciam a estima.

Excetuada a espôsa, que lhe deu novo estado, três pessoas da família exerceram considerável influência em sua vida: Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Sinhá-Mocinha), sua genitora; Alexandre Rodrigues dos Anjos, seu pai e o dr. Aprígio Carlos Pessoa de Melo, padraço de d. Córdula, figura a quem todos os de casa veneravam como avô.

Aumentando êste rol, poder-se-ia ainda mencionar a figura de Rômulo Pacheco, concunhado do poeta. Rômulo tinha os diplomas de bacharel e farmacêutico, era bom jornalista e vivia com Augusto como se fôsse um irmão querido. Era o seu Fidas Achates. Sempre solidário com o poeta, confortando-o em tô das às vicissitudes, com êle deixou a Paraíba em demanda do sul. Com êle seguiu para Leopoldina, de onde era natural, e, companheiro leal e inseparável, assistiu aos últimos momentos do inditoso amigo que tão cêdo fôra levado para a outra vida.

Augusto traiu o afeto que tributava a Rômulo nesta quadrinha-perfil que lhe dedicou em o “Nonevar”, de 1909:

“Não perpetrou, horrendo e sanguinário,
O fratricídio trágico de Remo,
Dele diatribe de jogral não temo
Nem pedras negras de fundibulário”

Pelos irmãos, que eram seis, sentia Augusto, uma profunda afeição, exteriorizada ora em ternura, ora em conselhos e solidariedade, ora em ensinamentos e compreensão. A êles consagrou vários poemas através do jornal “O Comércio” e das páginas do “Nonevar”. Na passagem de um dos aniversários natalício do irmão mais moço ofereceu-lhe uma óde, em que proclamava:

“Para quem tem na vida compreendido
Toda a grandeza da fraternidade,
O aniversário do irmão querido,
A alma de alegres emoções invade”.



“Numa verdadeira superabundância de emoção incontida”, Augusto comunica à D. Iaiá, que fora nomeado para o “Ginásio Nacional”.

Invalidado o dr. Alexandre, em consequência de uma possível trombose cerebral, procurou o poeta substituí-lo nos deveres pedagógicos, avocando para si, o encargo de ensinar os irmãos menores.

Por Odilon, que lhe era mais velho apenas um ano, tinha Augusto uma afeição tôda especial.

Na Faculdade de Direito (aquêle ingressara um ano antes) se auxiliavam mutuamente. Até no problema da frequência às aulas, intentaram um revesamento entre ambos, de modo que os

dois pudessem se submeter aos exames na primeira época. Essa amizade mais se acendrou quando da publicação do “EU”.

A essa época, 1911-1912, o poeta, ainda menos adaptado ao utilitarismo da Metrópole, atravessava angustiante fase de dificuldades financeiras. Suas rendas, decorrentes do magistério que exercia no Ginário Nacional e na Escola Normal e do ensino particular a que também se dedicava, praticamente, só davam para o custeio das despesas essenciais. Mas era preciso imprimir o livro.

Nessa conjuntura é que Odilon, lhe presta eficiente assistência, tanto moral como material. Encoraja-o a frequentar os riscos da edição, propondo-lhe dividir as respectivas despesas, idéia que concretizou em um contrato escrito.

Vencida, assim, a primeira etapa, passaram os dois irmãos ao trabalho de selecionar a matéria prima, isto é, escolher os sonetos e os versos que deveriam figurar no livro. Essa tarefa, porém, não transcorreu sem rusga. Ao ser examinado o soneto “O Morcêgo”, Odilon criticou-o no tocante ao primeiro verso do segundo quarteto: “Vou mandar levantar uma parede”. Propôs, naquela ocasião, a Augusto que a substituisse. E por mais que insistisse, não foi atendido.

Côncio do valor estético de sua obra, o autor não consentiu em altera-la em ponto algum.

A correspondência de Augusto com as pessoas da família, escrita em linguagem tôda singular, é bem a amostra do afeto que êle tributava aos parentes com os quais convivia.

Francisca de Carvalho Rodrigues dos Anjos que, por influência das senzalas, tinha o doce apelido de Iaiá - sua irmã mais velha, ainda viva - merecia-lhe um estima toda especial.

Ao ser nomeado professor de Geografia do Ginásio Nacional do Rio de Janeiro, comunicou a ocorrência a essa irmã querida, enviando-lhe, em data de 29 de abril de 1911, expressivo bilhete em que dizia:

“Prezada Iaiá,

Abraço-a fraternalmente, numa verdadeira super-abundância de emoção incontida.

Após lutas aspérrimas, consegui plantar-me no Ginásio Nacional como lente de geografia, em uma das suas turmas suplementares.

Escreva-me sempre

Saudades de Esther.

Abraçe demoradamente o

(ass.) – Augusto”

Pelos traços fisionômicos e pelo indisfarçável talento, Iaiá bem representa as características de sua ilustre estirpe. Desconfiada, retraída, observadora, cheia de excentricidades, tem, porém, o dom da fina perspicácia. Aparenta uma certa melancolia mas o seu ar de tristeza logo se desfaz ao primeiro esboço de um sorriso. Sabe rir com espontaneidade, balançando todo o corpo, fechando as pálpebras e apertando as mãos, como a aplaudir a vivência de algum momento prazenteiro.

Aos primeiros contatos, mostra-se reservada. Fala pouco. E só após uma convivência maior é que revela sua grande capacidade de conversar, sua admirável fluência.

Sua vivenda lembra um museu de família. Conserva, com cuidado e carinho, um mundo de objetos e reminiscências. Em seus guardados, encontram-se livros e cadernos didáticos; métodos de piano e exercícios de música; albuns de velhas fotografias; miscelâneas de recortes de jornais; recibos de serviços médicos e dentários; notas de papelaria, casas de moda e mercearia, títulos de eleitor; peças de roupa e indumentárias antigas; farta correspondência epistolar e telegráfica, e várias coisas outras relativas aos Carvalhos dos Anjos, especialmente a Augusto. Tudo ali se encontra. Até o sabonete que serviu ao primeiro banho e a roupa do batizado dos irmãos acham-se conservados, com o mesmo desvêlo religioso que era mantido por Sinhá-Mocinha.

Em relação a Augusto, porém, não existe o enxoval do batizado. Ê que em virtude da excentricidade de uma promessa, a

S. João Batista - coisa ainda em voga entre os católicos, o poeta foi levado à pia batismal inteiramente sem roupa. Esse uso representa um voto de humildade cristã. Para a cerimônia do batismo é praxe preparar-se um enxoval esmeradamente bordado, guarnecido de fitas e outros enfeites. E Augusto, tenra criancinha, cumprindo o voto dos seus maiores, foi à igreja, em estado de nudez, puro, no banho lustral, expungir-se da mácula do pecado original.

Em carta de 15 de maio de 1911, Augusto retruca admoestações que lhe haviam sido feitas pela irmã, confessando-se incapaz de improvisar desculpas e, ao mesmo tempo, dando-lhe conta das agruras que estava passando lá na metrópole e das decepções que havia sofrido na própria terra natal. Faz refe rência à “nomeaçãozinha” que acabava de alcançar no Ginásio Nacional. E, por último, declara que estava “um tanto adoentado do estômago e dos nervos”, esperando, porém, um breve restabelecimento com o simples uso de remédios oficinais de propaganda popular.

Ora, segundo os ensinamentos da medicina psicossomática, é pela chamada *linhagem dos órgãos* que geralmente os indivíduos exteriorizam os conflitos e insatisfações emotivas que inconscientemente procuram esquecer. Recalcando as tensões e os choques emocionais, o somático reage por meio de um conjunto de sintomas que apenas aparentam perturbações físicas ou doenças orgânicas.

No conceito de Weiss e English,

“o trato gastro-intestinal é filogeneticamente o sistema mais velho do corpo, e daí ser muito usado para expressar uma emoção que se não pode manifestar pelas vias regulares”.

Stekel chega a afirmar que duas terças partes das queixas gastrológicas são de pessoas que, apenas sofrem de *parapatia de angústia*.

Certamente, não é de todo descabido, no bôjo dêste trabalho, aflorar o problema médico da neurose gástrica. Até por que, a missiva em análise, induz a diagnosticar êsse “pathos” na pessoa de Augusto.

O estômago tem função específica, definida, na economia animal ligada à digestão. E transformá-lo em caixa de ressonância de sentimentos reprimidos é exigir dêle um trabalho estranho à sua fisiologia. Em Augusto, existia terreno psicogênico propício às neu roses. Desde a infância, sofreu êle impactos favoráveis ao entretenimento de tais estados. O contrôle dos instintos, o sopi tar dos desejos, o esforço intelectual, os desgastes emocionais, os traumas da afetividade, as frustrações, as injustiças e as incompreensões, tudo isso fôram fatores que influíram poderosa mente na personalidade do poeta.

Por êste mecanismo, explicam-se suas queixas; E o inte resante, no caso, é êle associar estômago e nervos.

Na sua genialidade, interrelacionara o somático ao psíquico, declarando encontrar a causa dessa situação nas dificuldades materiais e nas desilusões.

Sua carta, abaixo trasladada, espelha um flagrante bem nítido de seu estado psicológico:

Rio, 15 - maio 1911.

Cara Iaiá,

Recebi tua cartinha de 2, cheia de azedumes acérrimos, contra o meu inofensivo ser.

Como sabes, não tenho lingua educada para a articulação de desculpas de improviso.

Deixei de te escrever assiduamente, por que mo obrigaram a isto, podes acreditar, umas tantas decepções quotidianas, na combatividade seca da vida material.

Prova-se em psicologia que o poder de uma decepção é bastante para anular tôdas as outras iniciativas do espirito. Foi o que sucedeu comigo.

Desempregado, com responsabilidades pesadas a me abarrotarem a alma, vítima de uma desilusão, na minha própria terra, tudo isto, como um amálgama negro, engendrou êsse silêncio malsinado, que não corresponde absolutamente a uma depressão quantitativa dos afectos à família, tanto por mim, estimada.

Agora, a nomeaçozinha que acabo de ter, veio sanear um pouco o meu abalado território cerebral.

Espero outras vantagens na existência, e daí, essa melhoria corres pondente nos dominios da vida intra-subjectiva.

Águas passadas não movem moinho.

O Arthur, a Nini e a Pupu se têm divertido muito aqui.

Tenho estado, por último, um tanto adoentado do estômago e nervos. Com uso da Magnésia, Bicarbonato e Bioplumina de Cola Fosfatada espero em breve restabelecer-me.

Saudades à. Sinhá-Mocinha, Alexandre e Aprígio.

Esther te abraça fraternalmente.

Um abraço do irmão

ex-acorde
Augusto dos Anjos

Dêsse mesmo teor de íntima afetividade, refeita de pequeninas notícias e doces recordações, são tôdas as demais epistolas dirigidas pelo poeta à irmã:

Rio, 17 - 7 - 1911.

Prezada Iaiá,

Eu e a Esther a abraçamos fraternalmente.

As preocupações insistentes da vida material me obrigam, bastas vêzes, a interromper o curso de minhas correspondências com as pessoas queridas daí..

Espero que não darás ao meu silêncio acidental qualquer interpretação incompatível com a segurança dos afectos ardentes que te consagro.

Desejo a saúde de todos daí.

Esta cidade continua, inalteravelmente atordoadora.

Há pouco tempo, o edifício da Imprensa Nacional - um monumento arquitetônico de primeira ordem, foi destruído, em quase tôda a sua integralidade, por um incêndio terrível. O Teatro Lírico que é contíguo aquêle edifício

participou também da fúria ignivoma das labaredas não sofrendo, entretanto, prejuízo apreciável.

Escreve-me sempre.

Saudades à boa Sinhá-Mocinha, a Alexandre e à família de Arthur.

Recomende-me aos conhecidos não esquecendo a velha Donata, que eu considero uma preciosidade inegalável do nosso passado infantil, nas terras do saudoso Pau d'Arco.

Abrace o

Irmão e amº certo

(ass.) - Augusto dos Anjos.

P. S. - Como já deves saber, morreu o Raimundo Correia em Paris.

Rio, 16 - Novembro - 1911.

Prezada Iaiá

Eu e Esther a abraçamos fraternalmente.

Desejo que V., Sinhá-Mocinha, Aprígio, Arthur e família continuem sem alteração.

Recebi seu cartãozinho último, onde V. manifesta agradecimentos múltiplos pelas saudações que lhe enviamos a 26 de outubro.

Ontem teve lugar, nesta Capital, a posse do Hermes. A chuva, porém, foi tão abundante, que dissolveu todos os festejos preparados. Co mo vão os tipos inalteráveis daí? Conte-me os acontecimentos novos dessa terra. Aceite lembranças de tio Bernardino, tia Alice, Odilon e Alfredo.

Escreve-me. Receba um apertado amplexo e muitas saudades.

Do Irmão e amigo ex-acorde

(ass.) - Augusto dos Anjos.

É de 23 de junho do ano seguinte a carta que se segue. Breve como as outras. Por ela, comprova-se que Sinhá-Mocinha recebia do poeta até recortes de jornais referentes ao “EU”, que acabava de sair do prelo. Desculpa-se da irregularidade na correspondência, e faz esta confissão evidenciadora do aprêço que consagrava aos seus:

“Nada pode arrefecer a amizade substancial que nos une, Augusto é sempre o mesmo com as pessoas idolatradas de sua família”.

Pede à mana lhe remeta sonetos por ela compostos.

A partir dessa carta uma nova pessoa surge a encher o seu mundo e a servir de carinhoso objeto de suas notícias: a filhinha Glória, a quem o poeta se refere, empregando sempre o superlativo “interessantíssima”:

Rio, 23 - 6 - 1912.

Carissima Iaiá,

Minhas saudações fraternas.

Enviei-lhe há alguns dias um exemplar do “EU”, livro de versos que acabo de publicar nesta Capital.

Leia as críticas que mando para Sinhá-Mocinha.

V. me desculpe o não lhe escrever com a assiduidade devida.

Nada pode arrefecer a amizade substancial que nos une.

Augusto é sempre o mesmo para com as pessoas idolatradas de sua família.

Mande-me, por obséquio, os sonetos que V. tem feito, o que muito lhe agradeço.

Esther passa regularmente e lhe envia apertado abraço.

Glorinha, que completou hoje 7 meses, está interessantíssima.

Vou tirar o retratinho dela brevemente.

Escreva-me sempre que lhe fôr possível.

Saudades a todos.

Abrace o

Irmão amaríssimo.

(ass.) Augusto dos Anjos

Iaiá, que também convivia com as musas e tinha sensibilidade de artista, mandou-lhe as impressões a respeito do “EU”, assinalando, porém, que as gazetas paraibanas não haviam se preocupado com o livro. Ciente da notícia, Augusto, deixando entrever uma certa mágua, responde que o fato muito pouco influiria na fixação do seu renome intelectual, conforme se de preende da carta seguinte:

Rio 24 - 7 - 1912.

Prezada Iaiá,

Recebi tua cartinha última e meu cálamu obscuro é insuficiente para assinalar com exatidão vigorosa a alegria profunda que ela veio trazer-me.

Agradeço-te os imerecidos elogios que fazes ao meu humilde livro de verso.

Quanto ao fato de os jornais dai não haverem aludido ao aparecimento do “EU”, creio que isto há de pesar muito pouco na balança de minhas vitórias e de minhas derrotas intelectuais.

Felizmente não soffro da **comichão** de ser célebre, máxime, aí na Paraíba do Norte, carinhosíssima terra de meu nascimento.

Transmiti o teu recado ao Odilon. Esther está acometida de **influenza**, o que me aborrece bastante.

Glorinha continua interessantíssima a encher de harmonias conso ladoras minha alma patologicamente sombria.

Nesta Capital a vida oferece o mesmo vaidoso aspecto diuturno.

Saudades a todos.

Recebe um abraço do

Amº e irmão ex-corde

(ass) Augusto dos Anjos

Após esta epístola, e a julgar pelos arquivos de dona Iaiá, (nesta parte incompleto), teria o autor do “EU” interrompido o curso de sua correspondência por um trato de tempo relativamente longo. Na verdade, sómente a 3 de abril do ano seguinte é que se encontra nova missiva sua endereçada à irmã:

Rio, 3 – Abril - 1913.

Caríssima Iaiá,

Minhas saudações fraternais.

Recebi tua cartinha última que me transmitiu a desagradável notícia do incômodo de nossa querida Sinhá-Mocinha. Desejo com veemência já se ache ela inteiramente restabelecida para a alegria dos que a idolatram.

Rio 24 - 7 1912
 Práximo Gays

Recebo tua cartinha ultima e meee
~~estava~~ obscuro e insufficiente, pa-
 ra assignar com exactidão re-
 gonal a alegria profunda que
 ella veio trazer-me.

agradeço te os innumerados
 elogios que fazes ao meu humil.
~~do~~ livro de ~~o~~

Quanto ao facto de os jornaes deli-
 nas haverem atizado as appa-
 recimentos do "Eu", creio que isto
 na de pesar muito pouco na
 balança de minhas victorias e
 de minhas derrotas intellectuaes,
 felizmente me soffro da comi-
 ção de ser celebre, maxime, ali
 na Paralyta do Norte, carinho
 issima terra de meu nascimento.
 Transmitti o teu recado ao Odilon.
 Ester esta occasiõtila de in-
 fluencia, o que me aborrece bastante.
 J. minha continua interessante,
 a escher de harmonias consoladoras.

Augusto comenta com Iaiá o descaso da Imprensa Paraibana quando da
 publicação do "EU".

Eu, Esther, Glorinha, D. Miquilina e Irene vamos caminhando sofrivelmente. A Irene esteve um tanto adoentada, mas readquiriu a validade física primitiva, e está pronta para outra.

Eu continuo a lutar com muito esforço, mas também com confiança no êxito de minha missão.

Quando estarás aqui, em nossa companhia?

O humílimo lar em que estamos é absolutamente teu e de todos de nossa cara família.

A Alexandrina deixou a Glorinha.

Saudades a todos.

Odilon está casado?

Escreve-me sempre.

Um grande abraço do

Grande amigo e irmão

(ass.) Augusto dos Anjos.

Nessa correspondência demonstra o vate o desvêlo que tinha pela saúde e bem estar de sua genitora. E referindo-se aos seus problemas individuais, fala na luta cotidiana, afanosa e árdua, e confia na vitória final. Não teme o futuro. Ao contrário, mostra-se seguro e cheio de fé.

Atente-se agora para o sentido das suas palavras: “eu continuo a lutar com muito esforço, mas também com confiança no êxito de minha missão”, patenteadoras de esperanças e cheias de firmeza no porvir. Claro que êsse modo de expressão jamais seria usado por um portador de doença contagiosa aguda, como a tuberculose que, por meras conjunturas ou aparências, lhe pretendem impingir.

Descendo aos pequeninos aspectos da vida cotidiana, da notícias de Alexandrina, a ama que cuidava de Glorinha, – Alexandrina, Conde de Bujarro – de procedência espanhola, pela retumbância da prosódia, servia de divertimento ao patrão, que, nas horas de bom humor, se comprazia em pedir que ela própria pronunciasse todo o nome em voz alta.

Logo a seguir, em data de 31 de maio, manda o poeta outra carta a Iaiá, na qual expressa a satisfação pelo restabelecimento de

Sinhá-Mocinha, para quem nunca deixou de ter uma referência, uma palavra de carinho, uma manifestação de filial interêsse:

Rio 31 de maio de 1913.

Prezada Iaiá,

Recebi seu cartãozinho de 20 do mês passado e muito lhe agradeço as felicitações pelo meu aniversário.

E meu desejo que V., Sinhá-Mocinha, Alexandre, Arthur e família e todos permaneçam com saúde.

Eu, Ester, Glorinha, D. Miquilina e Irene vamos passando sem alteração notável.

V. alude ao seu isolamento ai, nessa quase necrópole arrepiadora, onde as distrações são escassas, para não dizer, de todo inexistentes.

Logo que fôr possível dar um passeio até aqui, terá na minha pessoa, para acolhê-la, um amigo muito pobre, é verdade, mas também muito sincero.

Aprove-me saber que Sinhá-Mocinha já estava restabelecida dos incomodos de que ultimamente fôra acometida.

Escreva-me sempre, dando noticias gerais e se fôr possível especiais das coisas dai.

Soube que o Aprígio estava para casar em Mato Grosso com uma cunhada do Ivo Soares.

A família amarra-se cada vez mais.

Odilon e Dulce caminham em paz, na frescura do consórcio recente. Saudades a todos.

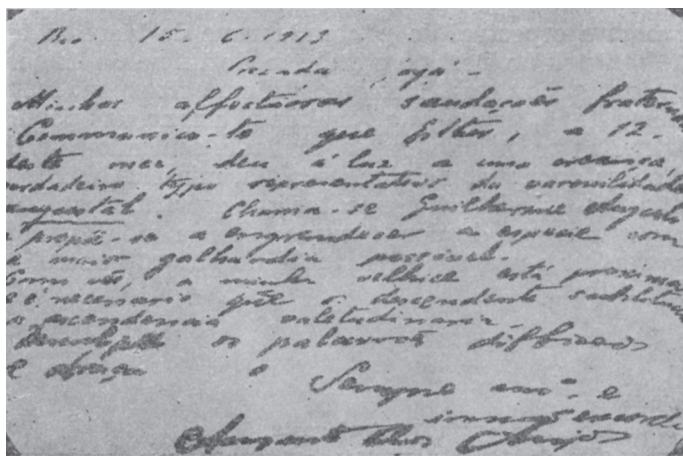
Abraços de Esther e Irene, recomendações de D. Miquilina, beijinhos da Glória e um amplexo fraternal de

(ass.) Augusto dos Anjos

O nascimento de Guilherme, ocorrido a 12 de junho, ensejou, como era natural, nova carta à prezada irmã. É uma epistola de poucas palavras e reveladora de muita satisfação. Consubstancia o orgulho de um pai que se vê realizado no parecimento do filho varão.

A sombra espectral da ponte Buarque de Macedo, quando o poeta “pensava no Destino e tinha mêdo”, nem de longe interferiu na concepção dessa harmoniosíssima correspondência. Lida e interpretada, avalía-se a tonalidade amena das pequeninas frases,

ditadas ao influxo da emotividade, sentindo-se a inexistência de qualquer resquício de tragédia, miséria, horror, sofrimento, doença ou tristeza, elementos que serviram para ocultar, sob o sudário negro da dor, o outro lado da vida augustiana, Ou para repetir a própria adjetivação do autor, o outro lado da vida “augustal”.



Três dias após o nascimento do filho varão, Augusto comunicou o acontecimento a D. Iaiá, dizendo-se valetudinário.

Rio, 15 - 6 - 1913

Prezada Iaiá,

Minhas afetuosas saudações fraternais.

Comunico-te que Ester, a 12 deste mês deu à luz a uma criança, verdadeiro tipo representativo da varonilidade augustal. Chama-se Guilherme Augusto e propõe-se a, engrandecer a espécie com a maior galhardia possível.

Como ves, a. minha velhice está próxima e é necessário que os descendentes vestulam a ascendência valetudinária.

Desculpe as palavras difíceis e abraçe o Sempre am° e irmão ex-corde

(ass.) – Augusto dos Anjos

No mês seguinte torna a escrever. Glorinha ainda é objeto de referências. Guilherme, porém, centraliza-lhe as atenções. Aprecie-se um pai embevecido:

Leopoldina - 26. outubro -
1914 -

A' muito idolatrada Yaiá
Augusto dos Anjos, Esther.
ADEOLDO
Gloria e Guilherme enviam -
grande abraço affectuoso pela -
seu natalício desejando-lhe
infinitas felicidades -

Última correspondência escrita por Augusto, três dias antes de se acamar, da doença que o levou ao túmulo.

Rio, 26 - 7 - 1913.

Boa Iaiá,
Minhas saudações fraternais.

Há muito que me não escreves. Ansioso, destarte, por ler cartas tuas, escrevo-te êste postal, na expectativa de serem meus desejos oportunamente satisfeitos.

Eu e todos, posta de parte a formidável constipação de que fomos acometidos, vamos passando regularmente.

Glorinha continua travessa e o Guilherme vai cada vez mais libertando-se da noute cerebral dos infantes. Já olha para a lua com insistência além de outras provas de firmeza de atenção e vida psíquica em exercício. Escreve-me. Abraça-me e a Esther, Irene e D. Miqilina. Recomendam-se

Irmão e amigo

(ass.) - Augusto dos Anjos.

Quatro dias após chegar a Leopoldina manda desta maneira suas impressões de viagem:

Leopoldina, 26 – 6 – 1914.

Boa Iaiá,

Aceite o meu abraço de profunda solidariedade fraterna.

Eu, Esther, Glória, Guilherme e Alexandrina chegamos a esta cidade,
a 22.

A viagem, por causa da muita poeira, tornou-se inconveniente de um certo ponto em diante. Todavia, como bonançosa compensação, tivemos a contemplação das margens formosíssimas do Paraíba do Sul e de seus afluentes.

O leito do rio oferece ao observador e a antena subjectiva dos artistas, as mais agradáveis sensações, pela policromia deslumbradora de suas variantes.

Tomei ante-ontem posse do emprêgo.

Todos me têm tratado com grande carinho.

Receba abraços afetuosos de Ester e creancas. Escreva-me.

Um abraço e as mais ardentes saudades do

(ass.) Augusto

Em agôsto fêz-lhe êsse cartão:

Em 15 – 8 – 1914.

Prezada Iaiá,

Saudações.

Faço votos pela sua felicidade.

Eu, Ester e as crianças caminhamos sem alteração.

Não tenho novidades para transmitir-lhe, excetuadas as da guerra de que, entretanto, V. pelos jornais já deve estar ciente.

Escreva-me sempre, o que me infundirá enormíssimo prazer.

Que há de novo por ai?

Ester e as crianças enviam-lhe abraços e saudades.

Abrace o

Irmão e amigo certo

(ass.) – Augusto dos Anjos.

No dia 26 de outubro, aniversário natalício de Iaiá, enviou-lhe um cartão de felicitações, por sinal a última correspondência dirigida à irmã a quem tanto queria.

Adoecendo logo depois, o poeta, em menos de um mês era roubado ao cultivo das Musas e ao convívio dos mortais.

Leopoldina - 26 de Outubro de 1914.

À muito idolatrada Iaiá,
Augusto, Ester, Glória e Guilherme enviam grande abraço afetuoso pelo seu natalício, desejando-lhe infindas felicidades.

Não menos tocada de carinhosa amizade era a correspondência do poeta com os outros irmãos. Documentam essa conduta fraternal as duas cartas reproduzidas a seguir e que ainda se achavam em poder de Iaiá, dirigidas, uma, a Aprígio e a outra a Alexandre:

Em Recife, 10 - Setembro - 1907.

Caríssimo Aprígio

Recebi tua longa carta de 6. Em breve te responderei. Eu e Iaiá fizemos desembaraçada viagem. Peço-te o favor de enviar para o engenho, com urgência, as cartas que te remeto pelo Armando Hardmann, bem assim, uma caixinha com remédios homeopáticos para Sinhá-Moci nha. Aguarda cartas minhas.

Abraça o

Augusto.

Rio 20 - Agosto - 1912.

Caro Alexandre

Recebi tua cartinha última, e recebi também os 100\$000 réis que o teu esforço diuturno e pachorrento pôde extrair das fracas energias monetárias dessa população laboriosa.

Semelhante dedicação de tua parte, para com minha pessoa, merece um registro especial, na história comovedora das abnegações humanas.

Não tenho palavras que expressem meu reconhecimento, perante a grandeza imensurável do teu sacrifício.

Eu, Ester e Glória caminhamos regularmente

Saudades a todos

Abraça o

Augusto dos Anjos.

Pelo que acima foi visto, e pela carta abaixo transcrita, força é proclamar, esse ascendrado afeto de Augusto pela família, era correspondido:

Minas Nova, 17 - 11 - 1914.

Querida Sinhá Mocinha.

Saudades minhas e da Duim. Bastante triste, estou a escrever esta a Vmcê. Desejaria, nunca ser obrigado a isto. Refiro-me a morte do nosso Augusto, meu irmão, meu mestre, meu amigo, que foi êle, em verdade. A morte do Augusto me pegou de chôfre; não o sabia doente, como ainda hoje ignoro a causa de sua morte. Sei, tão somente, que êle morreu no dia 12 dêste, desaparecimento cruel, para todos os que sabiam compreendê-lo, aquilatando a sua bondade e considerável talento, porque o Augusto foi grande mesmo. O sêco telegrama do Odilon, comunicando-me sem comentários a morte do Augusto, muito me impressionou e comove, tendo recebido o dito telegrama as nove horas do fatídico dia doze. Aqui tenho encontrado, por parte da minha mulher, da família desta e dos amigos, o confôrto necessário, animador, reclamado. A minha dor tem sido acompanhada, por todos os que, nesta Cidade, me admiram. Haverá amanhã, nesta Cidade missa do sétimo dia. Quero que Vmcê. me envie os jornais daí, que fizerem referência à morte de Augusto.

Depois escreverei com mais vagar.

Confirmando o meu telegrama último, eu e a Duim, compartilhamos da grande dor, que feriu a família Carvalho dos Anjos.

No dia 11 dêste, interinamente assumi o cargo de Juiz de Direito desta Comarca, por se ter licenciado o Juiz efetivo.

Saudades a todos.

Abrace e abençõe a Duim e

Ao filho do ex-corde

Alfredo Anjos.

Sinhá-Mocinha (D. Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos) ocupava uma vasta e profundíssima dimensão na afetividade do poeta. Frente à copiosa documentação manuseada, e ante o testemunho dos que melhor o conheceram na intimidade da família, dúvidas não devem ser suscitadas a respeito do amor, todo ternura e obediência, que êle dedicava à sua querida genitora.

T 207				Telegramma Particular	
G. W. B. R.	Prefixo	Estação	Data		N. do despacho
			de 12		N. de palavras
Procedencia			Observações		
A <i>distinção cadeiras</i>					
Assinatura do Remittente <i>Augusto</i>					
Taxa	2,000		Apresentado ás	7 e 40	
Entrega			Transmitido ás		
Outras Linhas			Recebido de	12 e 55	
Resposta			Entregue ás		
Repetição			Telegraphista		
TOTAL	Rs.	2,000			
A administração não é responsavel por equivoocos, demoras, ou faltas de entrega.					

Ao concluir o curso jurídico, Augusto telegrafia a Sinhá-Mocinha

A ela mandou, em primeiro lugar, a alviçareira notícia de haver concluído, com distinção, o curso jurídico. Naquele momento de emoção e alegria, lá na velha Faculdade de Direito do Recife, o poeta tinha o pensamento voltado para o ente que lhe dera o ser. Taxara no telégrafo da *Great Western of Brasil Railway* a seguinte mensagem:

Córdula Anjos
Estações Cobé Pau d' Arco
Distinção cadeiras
Augusto

A ela - Sinhá-Mocinha - ofereceu, antes de o fazer a qualquer outra pessoa, o retrato de formatura, com esta expressiva dedicatória:

“À sua querida Mãe, como representação de indestrutível amor filial”.

A ela, - sua querida mãe - comunicou imediatamente a chegada ao Rio, quando, em setembro de 1910, emigrara da Paraíba:

Córdula Anjos
Direita 103 – Paraíba
Saudades,
Chegamos bem Largo Machado 37
Augusto

Para ela - D. Córdula - reservou o primeiro exemplar da *edição princeps* do “EU”, marcando-o com estas palavras:

“A minha querida Mãe, com tôdas as forças do coração de filho extremoso”.

A ela - Sinhá-Mocinha - como prova maior de estima filial, elegeu madrinha do primeiro filho. Tão depressa Glória chegasse ao mundo, lá no Rio, e sua avó d. Córdula, na capital paraibana, recebia, pelo telégrafo, esta boa nova:

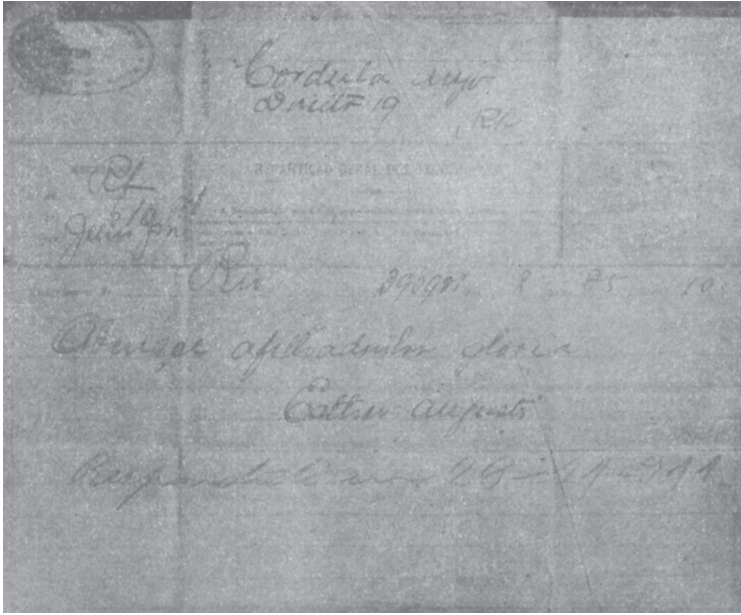
Córdula Anjos
Direita 19 – Paraíba
Abençõe afilhadinha Glória
Ester Augusto

Sentindo que o fluído da vida ía a pouco a pouco, se desprendendo, o poeta ao despedir-se da espôsa, dois dias antes de expirar, disse-lhe em tom comovido:

“Mande as minhas lágrimas para minha Mãe”.

Não é todo filho extremoso que sabe assim expressar, na ante-câmara da morte, a sua saudade, a sua dor, o seu bem querer pela Mãe distante!

Só o desconhecimento dêesses fatos explicaria o julgamento de alguns críticos, que afirmaram ter sido Augusto um inafetivo em relação a dona Córdula.



Telegrama de Augusto à Sinha-Mocinha comunicando-lhe o nascimento de Glória e convidando-a para madrinha da primogênita.

Álvaro de Carvalho, in “Augusto dos Anjos e Outros Ensaio”, foi peremptório:

“Como Leopardi, Augusto nunca demonstrou grande afeição a que lhe dera o ser. Chamava-a Sinhá-Mocinha a moda de sua ama de leite a Guilhermina. E nos telegramas e cartões, até aqui publicados, nunca se dirigiu diretamente a sua genetriz. A irmã, d. Francisca R. dos Anjos era prezada, idolatrada e ela apenas Sinhá-Mocinha, a quem certa vez, mandou de longe “um coração saudoso e a quem pedia a benção”, por intermédio da irmã”.

Como está bem patente, o saudoso ensaísta paraibano emitiu seu pronunciamento sem ter notícia desses elementos só agora aparecidos. Sua assertiva baseou-se, como êle próprio o confessa, “nos telegramas e cartões até aqui publicados”.

Augusto, efetivamente, tratava a autora de seus dias por Sinhá-Mocinha. E não se veja nisto a menor quebra de respeito e afeto. Todos os irmãos do poeta assim também a chamavam. E por Sinhá-Mocinha era d. Córdula conhecida, na intimidade. O marido, dr. Aprígio, os irmãos, os membros da família e, enfim as pessoas de sua amizade, não lhe davam outro tratamento.

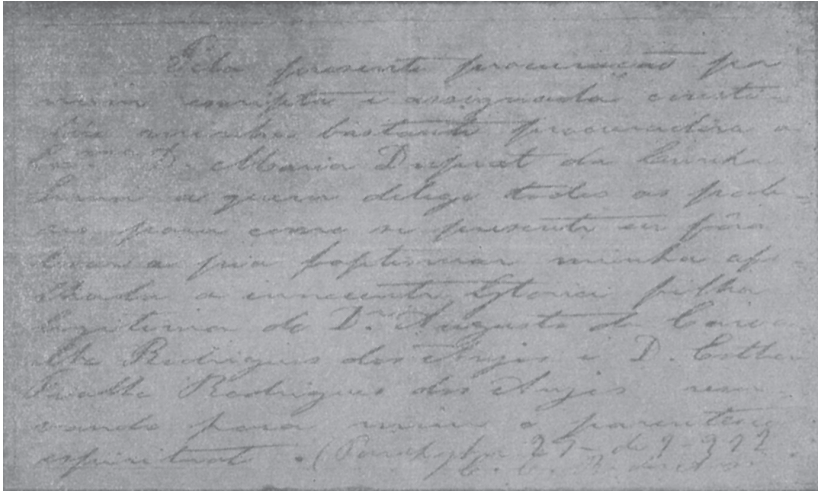
Mãe, mãe querida, o poeta só a chamava nas dedicatórias e aos documentos que, fora da órbita do sigilo epistolar, pudessem vir a público.

José Lins do Rego, outra vítima da irrevelação dêesses elementos, chegou a asseverar:

“O Augusto dos Anjos, o filho de Sinhá-Mocinha que esconde uma magoa secreta, um rancor que não confessa contra a própria mãe, o filho que mostra à **família** o leite que mamou na negra Guilhermina, roubando-o do filho, não pode ver o Pau d’Arco porque, o que é a sombra da sua vida é a mais vil tristeza das tristezas”.

A interpretação do autor de “Doidinho”, porém, não mereceu propriamente censura. Não tinha, êle, ao tempo em que escreveu, as fontes que vieram revelar (sob êsse aspecto do amor filial) o verdadeiro feitio psicológico do poeta. Daí, fantasioso que era, suprir a deficiência com os recursos de sua prodigiosa imaginação.

Agora, porém, a tentativa de interpretar e sintetizar essa faceta da personalidade do poeta toma sentido diferente. Os subsídios trazidos pelos documentos em poder da família retratam um Augusto cheio de afeto, dedicação e extremos para com a genetriz. E apontam, como que, um outro lado do cantor do tamarindo. Não aquêle lado terrível, tristonho, fantasmagórico, sibilino. Mas uma feição alegre, prazenteira, humana, terrena.



Procuração de próprio punho de Sinhá-Mocinha, de delegação de poderes, quando do batizado da neta Glória.

A desfazer o escólio meio leviano dos críticos que viam o poeta como um filho sem “grande afeição à que lhe dera o ser”, aí estão algumas amostras da sua correspondência dirigida à Sinhá-Mocinha.

Infelizmente, coisa muito pouca. Três cartas apenas. Um ex-aluno de Augusto, a pretexto de elaborar um trabalho, conseguiu de d. Córdula quase tôdas as missivas que o filho poeta lhe havia enviado. E, sem nada haver publicado até o presente, não restituiu ainda êsse precioso acervo epistolar.

É bom apreciar nessas três missivas que ficaram, a maneira carinhosa e obediente com que Augusto tratava a sua querida Sinhá-Mocinha:

Recife, 17 de abril de 1903.

Prezada Sinhá-Mocinha

Faço votos pela continuação da saúde robusta de Vmce., Dr. Aprigio, Acácio e os meninos e de todos em geral, desejando especialmente ao caro Ioiô uma série ininterrupta de melhoras, cada vez mais crescente, e condicionadas por uma acentuação gradual que tenda forçosamente a restabelecê-Lo.

Aqui todos marcham no mesmo terreno.

Vmce. já deve estar ciente da minha aprovação nas cadeiras do 1º ano, por uma carta que lhe dirigi neste sentido.

Comunico-lhe agora que com o dinheiro que daí trouxe para compra de palitos, mala e retrato (objetos para mim atualmente de manifesta frivolidade) resolvi matricular-me no 2º ano jurídico e assim fazer todo o possível em ordem e prestar o meu exame em dezembro, o que é de maior vantagem para o estudante que muita vez habilitado se expõe pela prevenção dos lentes a uma reprovação ex **abrupto** no exame vago que na segunda época tiver de prestar.

Ontem, à noite, estive aqui o Dr. Lima Borges, pai de José Carlos, e manifestou-nos a urgente necessidade duma pessoa que dirigisse um pequeno colégio que êle tem em Itambé, pedindo ao Juca fizesse indicação dum rapaz que pudesse coadjuvá-lo neste empreendimento. Ofereceu boas vantagens: 60\$000 mensais, casa, bom passadio, um clima importante, roupa engomada e lavada, número reduzido de alunos.

Odilon aceitou o emprêgo, mas como a sua permanência em Itam bé sem interrupção lhe proíbe a frequência das aulas na Faculdade, o que pode acarretar-lhe o inconveniente de perder o ano, deliberou então que eu e êle bem poderíamos desempenhar o emprêgo oferecido sem maior inconveniente, ambos estudando e auxiliando-se mutuamente pela alternção entre nós mantida para os trabalhos. Assim, não perderemos o ano; quando eu ficar aqui, farei tudo pelo Odilon, em ordem a que não lhe marquem faltas; **ipso facto**, o Odilon quando estiver aqui, fará o mesmo por mim.

Consulto agora a opinião de Vmce., da qual depende a minha resolução futura.

Acho que é de uma vantagem imensa para mim estudar deste modo e descanso na consciência de que um **veto** pronunciado por Vmce. Não venha desmoronar as minhas esperanças. Sei, porém, que Vmce. não deseja de nenhum modo a minha infelicidade e não há de opor-se aos meus desejos que julgo arrazoados.

Escreva-me, pois, em resposta. Adeus! Todos aqui lhe enviam saudosas lembranças. Iaiá e Odilon pedem-lhe a benção, bem assim ao Ioiô.

Ioiô que me abençoe. Vmce. abraçe e abençoe!

O filho ex-corde

Augusto dos Anjos

P.S. “A Desculpe a letra e a redação. Estou escrevendo, às pressas, para botar esta no Correio. Tenho cursado com assiduidade as aulas do 2º ano, que já foram abertas.

O mesmo.



Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos (Sinhá-Mocinha)

Paraíba, 25 de julho de 1907.

Prezada Sinhá-Mocinha

Recebi sua carta de ontem. Desejo que os seus incômodos nervosos hajam, si não de todo cessado, consideravelmente, ao menos adquirido tamanhas melhorias desopressoras.

Sou também interessado pelo bem-estar de quantos aí, fazem a integração constitutiva de minha família. Eu continuo na minha regularidade de existência, e nenhuma alteração tenho a assinalar, ulterior à minha chegada nesta Capital.

Aqui tudo se regula por uma craveira de provincianismo estafado, sabendo a coisa velha e sem futuro.

Há apenas a citar-se o barulho da politicagem local, que o Gama, e o Peregrino se apresentam como figuras tragicas de hostilização manifesta ao governo do Walfredo, de cujo poder administrativo pretendem os reacionários fazer partilha mútua.

O Baltar acompanha semelhante movimento, numa posição capciosa de velhaco, sem se decidir por nenhuma das facções políticas adversas.

Em todo caso, o governo, na arenga reservada dos seus conciliábulos, o considera suspeito e indigno da confiança pública.

Mau grado o meu programa pacifista, em que não incluo a força arregimentada dos ódios e das vinganças, de carater minúsculo e soez, anelo com veemência a fragmentação completa do Baltar nos entrechoques dos acontecimentos porvindouros.

Conversei com o Walfredo, acerca do assassinio de Chiquinho de tia Nana e lhe pedi às providências que o caso reclamava.

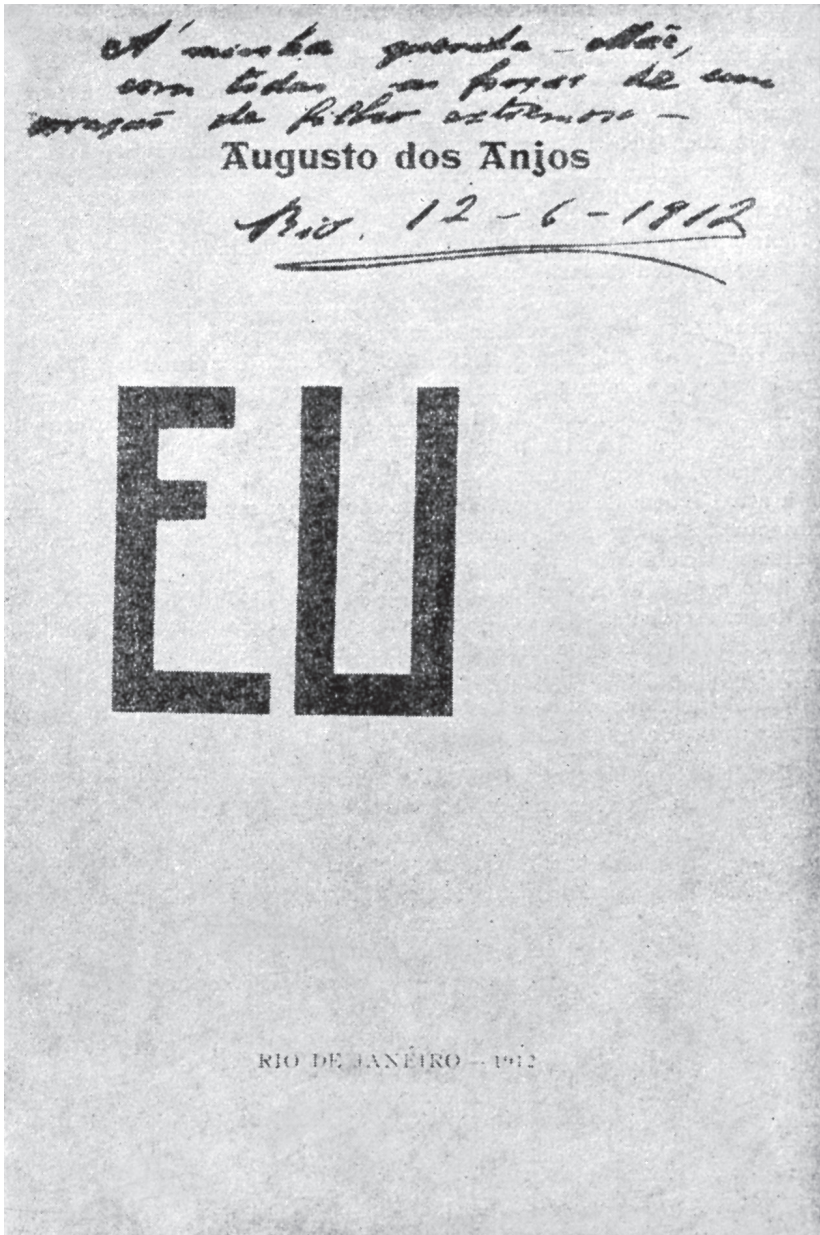
Ele prometeu dá-las.

Entretanto, por muito desconfiar dos homens de hoje, que eu reputo, verdadeiras máquinas gramofônicas de verbiagem artificiosa, escrevi uma notícia para ser publicada no **O Comércio**, devendo conforme me disse o Artur Aquiles, sair a lume, amanhã, sexta-feira.

Nessa notícia eu complico bastante o **Lima** de Cachoeira exorando incidam sôbre êle as vistas policiais. Isto posto, se por ventura nada colhermos de lidima vantagem, devido à atual ordem de cousas, falseadas crassamente nas suas premissas de orientação, restar-nos-á ainda no balanço final do apuramento um imconteste proveito.

Êste será o de havermos subtraído a pública indiferença uma das mais negras consumações delituosas da perversidade humana, em que caiu para sempre, como vítima desvalida, dentro do círculo vermelho de uma poça de sangue, uma das partes componentes de nossa família.

A notícia a que aludo, é dada pelo o **Comércio**, e por isto, não vem subscrita som a minha assinatura.



“Fac-Smile” da página de rosto do primeiro exemplar da edição “Principis” do “EU”, dedicado à Sinhá-Mocinha

Estive ontem, no bonde, com o Dr. Lima que, após haver feito indagações interessadas sôbre o seu estado de saúde, me perguntou por que Vmce. não vinha até esta Capital, onde lhe seria mais fácil e mais conveniente a iniciação de um tratamento eficaz.

Contrapus-lhe, certas razões que, a inibiam de, por ora, o fazer, mas, na minha réplica expositiva guardei o indefectível recato que deve sempre velar a face das particularidades íntimas.

Penso, porém, não estar longe o dia em que Vmce., noutra melo mais amplo, poderá curar-se mais a seu aprazimento, ou pelo menos desembaraçar-se, de modo notável, da grande atribulação cotidiana que essa revolta indomada de nervos lhe proporciona.

Remeto-lhe a conta das fazendas tomadas no estabelecimento do Maia, bem assim estas que aqui ficaram, a saber: 4 gravatas, 4 pares de punhos, 6 lenços e 8 pares de meias. O valor de sua respectiva montagem pecuniária não é tão exorbitante como o das vêzes transatas. Creia Vmce., que longamente questioneei acêrca de sua redução obtendo apenas diferenças pouco apreciáveis.

O Maia, ao que me parece, é um israelita deslocado na circunscrição geográfica de nioffa terra, a querer incessantemente equilibrar-se com a nocividade aguda das suas tendências usurárias.

E nós... isto é. Vmce. que **Pague o pato!**

A minha roupa de brim estará pronta amanhã.

Pagará de feitio a quantia de 12\$000.

A semana passada me olvidei de lhe dizer que, logo, no dia mesmo de minha chegada aqui, coloquei na posta as suas cartas. A gente está sujeita a essas deficiências de memória, das quais, com o intermédio dos nossos poderes volíticos, não somos absolutamente contribuintes. Quanto à roupa de casimira, o alfaiate da casa do Manoel Henriques prometeu dar-ma somente, como já lhe mandei comunicar a 30 dêste mês.

Por êste motivo deverei ou deveria regressar a esse engenho, no dia 31 dêste mês, à tarde.

Mas o meu voto deliberativo, no caso vertente, esta a depender da sua decisão.

É que a Festa das Neves se aproxima e eu fui convidado para constituir uma das principais partes colaboradoras de um jornalzinho elegante que se propõe a ser a delícia espiritual do novenário festivo. Esse Jornalzinho sairá tôdas as noites, e através do pretexto literário que o recomenda, esconde intuitos puramente financeiros.

Ora, após o término da festa, poderei recolher às minhas areas particulares de bacharelado necessitando alguma pecúnia consoladora.

O jornal em questão não trará alusões deprimentes a pessoa alguma, e será impresso na redação da **A União**.

Na hipótese de Vmce. concordar, aí estarei imediatamente, no dia 6 de agosto, que é o que se segue ao da festa.

Disse-me o Luís Izidora que os meninos vêm sábado. Queira Vmce., por ele cientificar-me do seu parecer a respeito do meu retorno a êsse engenho, no dia que lhe aprouver. Fique certa de que, si julgar necessária a minha presença aí no dia 31, de nenhum modo faltarei aos seus desejos.

Falo-lhe sinceramente e sem vislumbre de falácia lisonjeira.

Responda-me pois.

O Benjamim Fernandes casa-se hoje.

Tenciono comparecer no ato civil e religioso, visto me haver o Piragipe Lemos me emprestado um **smoking**.

Odilon escreveu de último a Arthur e passa sem novidade.

O Mário de Nascimento acha-se nesta Capital desde ontem e envia recomendações a todos daí.

Si porventura eu ficar para ir somente no dia 6, não usarei a minha roupa nova, conservando-a assim num **noli me tangere** especial.

Adeus! Saudades a todos.

Nini e a família se lhe recomendam.

Sra. Lili lhe manda lembranças.

Abrace e abençõe o

Amo e filho do coração

Augusto dos Anjos

Uma coisa chama logo a atenção na leitura desta carta como nas outras conhecidas: – a falta de invocação ao nome de Deus, o que evidentemente destoa da praxe adotada no estilo epistolar de então. “Se Deus quiser”, “graças a Deus”, “Deo juvante”, “provera Deus”, “se Deus fôr servido”, eram expressões usadas a miúdo em quase tôdas as cartas entre amigos e parentes.

Parece mesmo que o poeta vivia num mundo de flutuações em matéria de crenças. Ora cria, ora descreia em Deus. Enquanto, rompendo com a tradição ímperante na época, em sua correspondia com a família, omitia o nome da Divindade, em polémica jornalística, de público, confessava:

“Glórias só apetece na viagem sinistra do além-túmulo”. “Na hora triste da noite em que escrevemos, seja Deus testemunha e seja o Céu atalaia do que deixamos afirmado”.

Da linguagem meio empolada e das divagações filosóficas usadas nesta longa missiva (encheu onze laudas) pode-se concluir que d. Córdula era criatura de um certo cultivo intelectual. Se assim não fôra, o filho não lhe escreveria, procurando fazer estilo, empregando retóricas e sinônimos de uso exclusivamente literário.

Efetivamente, a espôsa do dr. Alexandre recebera educação bem esmerada. Cursou como aluna interna, os melhores colégios do Recife. Inteligente, tinha conhecimentos gerais, e dominava perfeitamente o idioma francês.

De gênio forte, impetuosa, (herança que lhe viera da avó materna) era, todavia, uma escrava dos seus nervos.

Habituada à vida ativa atraente do meio recifense, a solidão, a pacatez, do Pau d’Arco, de certo, a enervava. Em vez de concertos no Teatro Santa Isabel, ouvia o rouco coaxar dos sapos no açude da Casa Grande.

Augusto, na carta, mais de uma vez se refere à

“grande atribulação cotidiana que essa revolta indomada de nervos lhe proporciona”

Contrastando com o seu físico *mignon*, d. Córdula era forte e vigorosa na disciplinação dos filhos e no govêrno da casa. Dotada de um acendrado espírito de justiça, sempre que necessário, exemplava as crianças de acôrdo com a falta cometida e jamais demonstrara predileção por qualquer delas.

Apreciava mudar de ambiente e gostava de passar os domingos fora de casa, com tôda a família, em algum recanto pitoresco do Engenho. Para êsses piqueniques familiares, mandara até restaurar a casa que pertencera a Guilhermina, em frente da qual havia um genipapeiro, árvore a que dedicava especiais cuidados.

As árvores sempre constituíram objeto de carinho para os Carvalhos da Várzea do Paraíba. Aliás, o próprio nome da família já lembra um precioso espécime do reino vegetal.

Os Rodrigues dos Anjos não eram muito chegados à fitolatria. Mas o sangue dos Carvalhos defendia, “contra os golpes do machado bronco”, os cedros, onde “Deus pôs alma”, ao mesmo tempo em que também a colocou “no junquilha”.

Em casa, d. Córdula era muito querida e respeitada. Na carta em análise, Augusto, já às vésperas de colar grau de bacharel em direito, se revela submisso à autoridade materna. Relata episódios sociais da província, divaga sobre política, fala em negócios, e dá conta de pequeninos atos de sua vida, como se fôra um estudante ainda de menoridade.

Por fim, esta outra carta, aliás já divulgada por João Condé, nos “Arquivos Implacáveis”, de “O Cruzeiro”, edição de 1 de maio de 1954, ainda confirma o elevado e afetuoso diapasão de linguagem que o poeta usava nas suas comunicações com d. Córdula:

Rio, 18 de setembro de 1911.

Prezada Sinhá-Mocinha

Seguem hoje par' aí Artur, Nini e Pupu.

Aproveito-os, logrando dest'arte o benefício sumamente moral de escrever a Vmce. Eu e Ester continuamos bem.

Nesta cidade os acontecimentos sensacionais são nenhuns, revertendo todos os fatos diários ao escoadouro promíscuo das velharias do costume.

Merecem apenas citação excepcional os discursos do Rui Barbosa, no Senado, sobre o fuzilamento dos marinheiros.

O resto é a banalidade irrisória dessa vida de aparência imanente aos hábitos da população fluminense.

No que se refere, de modo específico, à minha pessoa, mantem-se esta, na mesma firmeza de princípios e de critério inflexível.

Hei procurado mover as fôrças de minha atividade **quantum satis**, e além das funções de professor, quero outras, de amplitude mais desenvolvida, sob o ponto de vista da remuneração material. E possível que, em parte sejam bem sucedidos os meus legítimos desejos.

Alfredo, como já deve saber, fêz viagem para os confins mineiros.

O cargo que êle vai desempenhar é assaz proveitoso, o que proporcionaria a qualquer harpagão o muito apetecido ensejo de acumular moedas egoísticas, vai falando nas provisões de toucinho e banha de porco, abundantíssimos naquela afastada terra telúrica.

Fiquei bastante regozijado com essa nomeação.

Soube que o Aprígio vai para Cuiabá, introduzir a instrução pública na **psique** escuríssima do povo mato-grossense.

Conquanto se trate de um Estado vago, e atualmente despejado de umas tantas exigências da vida moderna, creio que o Aprígio não deixará de prosperar, atentas as suas inegáveis aptidões de espirito nervosamente polimorficamente superior.

Recomende-me às famílias do Sr. Almeida e Corinha, Ritinha, especialmente a Acácio, cuja benção paraninfica desejo receber.

Escreva-me sempre, contando-me tôdas as particularidades dessa vida doméstica que, durante muito tempo, foi a luz aquecedora do meu ser, e continua a refletir-se mau grado aos tantos quilômetros de distancia, na maior parte de minhas situações psíquicas, iluminando-as a todo o momento com um grande socorro infalível, nas paragens mais dolorosas.

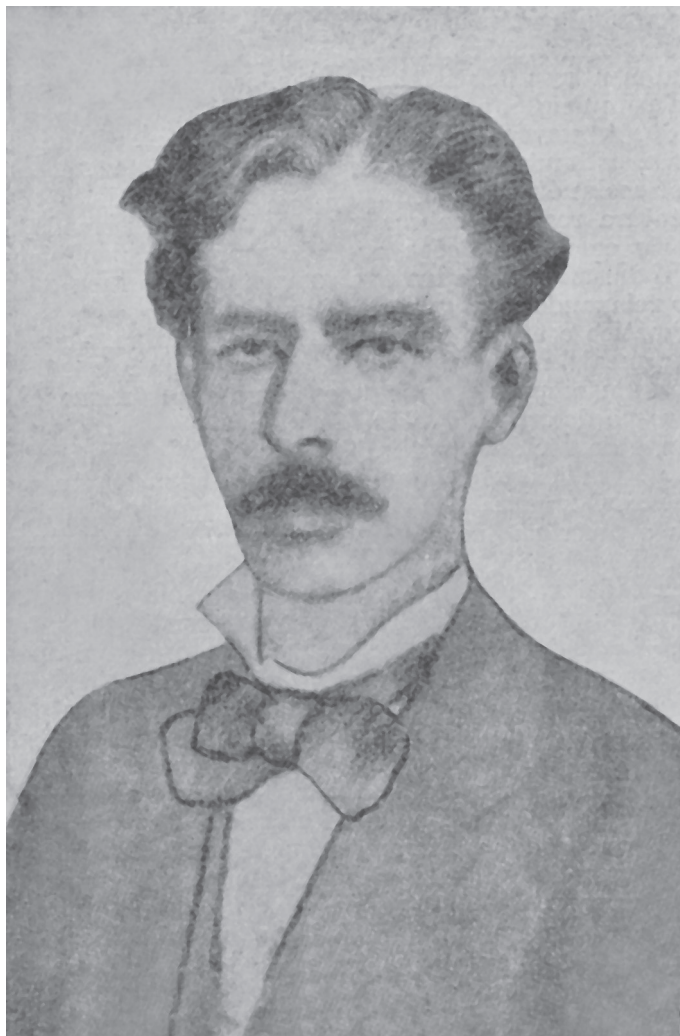
Abençoe-me e a Ester

Creia no seu filho do coração
Augusto dos Anjos

Dr. Alexandre (Alexandre Rodrigues dos Anjos Júnior) foi, sem dúvida, a pessoa a quem Augusto mais se dedicou e que exerceu maior influência na sua formação intelectual. Era uma figura humana das mais interessantes, a quem a natureza, agraciara com admiráveis dotes físicos e apreciáveis qualidades morais e intelectuais.

Nascido em 1850, bacharelou-se em direito aos 22 anos de idade, demonstrando assim, inteligência, capacidade e amor aos estudos.

Era um homem ilustrado. Morando num engenho, afastado dos centros urbanos, vivia, entretanto, atualizado com o pensamento literário e científico do mundo. Mantinha contrato com livreiros da Europa, para receber as novidades bibliográficas de maior sucesso. Humanista, detentor de sólida cultura clássica,



Alexandre Rodrigues dos Anjos

tinha capacidade para ensinar qualquer das disciplinas do curso do Liceu Paraibano, tanto que, por ocasião das bancas examinadoras substituiu, com proficiência, o professor, fosse qual fôsse a cadeira.

Nos arquivos da Diretoria do Ensino Secundário – Ministério de Educação e Cultura encontram-se atas de bancas examinadoras de que êle fez parte, realizadas há mais de sessenta anos.

Um dos estudantes examinados pelo dr. Alexandre é hoje o dr. Otávio Celso de Novais, proecto advogado paraibano. Com a segurança e o brilho que costuma dar à sua palestra, êsse causídico relembra, com tôda exação, a maneira lhana, didática e sapiente com que o velho mestre arguia os examinados.

Começava por formular, sôbre o ponto sorteado, perguntas fáceis, rudimentares. Satisfeitas estas, ía aos poucos aprofundando a perquirição, até exaurir a matéria em debate. E tudo isso, o dr. Alexandre o fazia, sem afetações ou vaidades, e de maneira a estimular o aluno, infundindo-lhe calma e colocando-o, por assim dizer, à larga.

Estatura regular, cabeça grande, bem conformada, cabeleira basta com ondulações, rosto comprido afinando para o queixo, o dr. Alexandre trajava sempre com aprumo e elegância, não relaxando uma gravata tipo *papillon*.

Simpático e afável nas bancas examinadoras, seus conhecimentos gerais, muito admirados, despertaram nos estudantes da época um empenhado movimento em prol de sua entrada para o corpo docente do velho Liceu.

Mas, é de ver que, àquêle tempo, para a obtenção de uma cátedra no tradicional educandário pouco importavam o saber e a didática. O que valia, com os efeitos de uma varinha de condão, era o prestígio junto ao poder oficial, o apadrinhamento político.

Uma cadeira de professor no velho ginásio estadual constituía um dos mais apetecidos empregos: rendia duzentos mil reis (Cr\$ 200,00) por mês e o nomeado se obrigava apenas a dar três aulas semanais!

Sob o especioso pretexto de que era “um candidato rico e não precisava”, o dr. Alexandre deixou de ser contemplado, ficando, assim, frustrada a aspiração dos moços.

Em política, era um desambicioso. Dava ao Partido toda a dedicação, todo o idealismo, e nada reclamava em contraprestação. Pertencia ao rol daqueles que, fitando unicamente as altas finalidades da agremiação partidária, não se apercebia de que ia servindo de degrau para a ascensão dos mais afortunados, vale dizer dos mais ardilosos no meneio da ciência do govêrno.

Naquela época, como ainda hoje, o Parlamento projetava vultos que, não fôsse a política, permaneceriam na obscuridade provinciana. E se o dr. Alexandre houvesse desejado, facilmente teria ascendido às Casas do Legislativo, pois para integrá-las qualidades não lhe faltavam.

No entanto, e a despeito de ter vivido numa fase em que o poder econômico dos engenhos dominavam, conformava-se em não ser eleito, para tornar-se eleitor do coronelismo que então imperava na várzea da Paraíba. A chave dos problemas políticos estava com os representantes do patriarcalismo rural. Os altos postos do Poder Judiciário e do Poder Legislativo, na Assembléia local, como na Câmara e no Senado, eram ocupados pelos senhores de engenho, ou por figuras de sua indicação.

A atuação dos chefes de outras zonas, quase não pesava nos comentículos da política. O trem de ferro ainda não havia chegado a Campina Grande, ponto de irradiação para as diferentes regiões fisiográficas do Estado. A influência do político sertanejo era uma exceção. Apenas as famílias Leite, Maia, Dantas e Nóbrega, por serem muito numerosas e detentoras da força econômica proveniente da pecuária, gozavam de relativo prestígio.

Dr. Alexandre abraçara, por convicção, as idéias republicanas, embora suas manifestações nesse sentido, como a de quase todos os propugnadores desse credo político, fôssem, por assim dizer, platônicas.

Na quadra histórica, dentre os paraibanos que se distinguiram na campanha pela implantação do novo regime, citam-se além de outros Aristides Lobo, Coelho Lisboa, Sá Andrade, Albino Meira e Antônio Massa.

Coelho Lisboa, espírito brilhante e cheio de idealismo, feito chefe de polícia do Governo Provisório local, por imposição do seu grande amigo e correligionário Aristides Lobo, então Ministro do Interior, desempenhou a contento a missão que, lhe fôra cometida, de organizar a política do Estado, dentro dos moldes da nova ordem estabelecida. E Sá Andrade, ao tempo acadêmico de medicina, pagou, pelo seu entusiasmo, um contributo de sangue, gravemente ferido, que foi, quando saudava Silva Jardim, no momento em que este republicano histórico passava pela cidade de Salvador, no mesmo navio em que viajava o Conde d'Eu.

Não se pode dizer que o pai do poeta tivesse sido um jornalista militante. Sua colaboração nos periódicos da época era prestada por mero diletantismo, com o intuito, talvez de fazer profilaxia de um possível atrofiamento mental.

Contudo, não será. despicienda a leitura de dois trabalhos seus dirigidos, em forma de carta, ao historiador pernambucano Pereira da Costa Filho, e publicados na imprensa do Recife. Fôram encontrados nas velhas gavetas de sua veneranda filha dona Iaiá, em recortes de jornais, um deles, – ligeira crítica a um livro de Oliveira Lima e o outro, – ligeiro testemunho sobre o lugar de nascimento do bispo D. Vital:

Em 2 – 8 – 1897.

Meu caro Pereira da Costa Filho,

Recebi com prazer o seu “Último Livro do Dr. Oliveira Lima”, no qual fazendo algumas considerações sobre os “Aspectos da Literatura Colonial Brasileira”, expõe com franqueza a sua opinião acerca do merecimento do livro.

Não conheço este livro, porém, louvo-me nas suas sinféricas palavras para, considera-lo um trabalho somenos, apesar do apregoado talento o ilustração do seu autor.

As suas considerações são na verdade procedentes com relação a escassez dos pontos históricos de que trata o Dr. Oliveira Lima no seu livro.

Penso que para escrever-se a história pátria, é preciso ter-se certo critério na investigação dos fatos históricos, moldando-os ao espirito da época em que se passaram, suas causas e suas conseqüências.

Só assim o fato histórico terá um valor intrínseco e um certo mérito, e poderá ser entendido com justeza por aquêles que procuram descortinar a verdade.

Não basta que um historiador cite fatos para constituir-se nessa categoria, não; a missão do historiador é investigar o passado, estudá-lo e compará-lo com o presente, tirando de seus conceitos proveitosos ensinamentos que sirvam de norma aos vindouros.

Daí diz o positivismo - que o passado ensina o presente e os mortos governam os vivos.

Não é isto uma verdade?

A história, pois, que considero como uma grande ciência, porque supõe preceitos e regras, deve ser estudada, a luz dos fatos com todo critério e circunspeção.

Mas, o livro do Dr. Oliveira Lima está nestas condições?

Moldou êle os fatos históricos com certa critica filosófica?

Dí-lo o amigo francamente que não; e até mostra que o Dr. Oliveira foi infeliz em suas investigações, quando teve de tratar do poeta José Basílio da Gama, o imortal cantor do poema "Uruguai" e de muitos outros.

Semelhante livro, a meu ver, é um trabalho incompleto, merecendo o escarpelo da crítica, o que o amigo fez em suas notas.

Eu faria o mesmo, se conhecesse este livro e o estudasse a fundo.

Traço-lhe estas linhas que tomará na devida consideração que entender: assim penso.

Agradeço-lhe a fineza de me ter enviado as suas notas, e recomende-me a sua Exma. Família.

Assim fica respondida a sua estimada carta de 18 do mês último.

Subscrevo-me - Seu amigo ex-córde -

Alexandre Rodrigues dos Anjos.

Pau d'Arco, 28 de setembro de 1897.

Meu caro Pereira da Costa Filho,

Tendo lido na Revista do Instituto Arqueológico Geográfico Pernambucano, transcrita na Província de 17 do corrente, uma discussão sôbre o fato de saber-se ao certo em que Estado nasceu Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, então venerando Bispo da Diocese de Olinda, e, opinando o mesmo Instituto que o referido Bispo é natural de Pernambuco, por ter nascido no Itambé, Comarca desse Estado, onde seu pai exerceu emprêgo público, dou-lhe o meu testemunho, como pernambucano que sou, afirmando-lhe que, na qualidade de Promotor Público da comarca de Pedras de Fogo, cujo cargo exerci por alguns anos, sempre ouvi dizer por pessoas gradas e antigas de Itambé e Pedras de Fogo, quando se tratava do Bispo D. Vital, que éste era natural da Paraíba e não de Pernambuco, visto ter nascido do lado pertencente a Pedras de Fogo.

Vejo, porém, agora que o Sr. Francisco Freire de Andrade levantou perante o Instituto esta questão, oferecendo-lhe, como documento uma carta do Sr. José Joaquim Bezerra Chaves, morador em Pedras de Fogo (do lado da Paraíba) dirigida ao pai do mencionado Bispo, Antonio Gonçalves de Oliveira, morador hoje em Itabaiana, e que respondeu-lhe, que Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira era efetivamente natural do Estado da Paraíba.

Não se podendo por em dúvida o testemunho do Sr. Antonio Gonçalves de Oliveira, na qualidade de pai, penso que ele é o único competente para resolver a questão.

Assim pois, o Instituto não pode contestar um fato que o próprio pai afirma.

E esta a minha opinião.

Seu amigo Ex-corde

Alexandre Rodrigues dos Anjos

Era ainda, o dr. Alexandre, um varão de excepcional probidade. Não se lhe apontam, na vida social, como na vida privada, deslizes que causem rubor aos seus descendentes.

Compreensivo e cheio de cordura para com os filhos, era terno e afetuoso no trato com a espôsa, qualidades estas que ele cultivava, mesmo a distância. As cartas que do Recife dirigira à Sinhá-Mocinha, bem traduzem e atestam o alto grau daqueles sentimentos.

Permanecendo longos meses, em tratamento de saúde, na Capital pernambucana, de lá mantinha assídua correspondência COËTI a espôsa, relatando-lhe, com graça e minúcias, tôdas as principais ocorrências da vida diária. Assim, dava conta do tratamento carinhoso que lhe dispensavam na casa do irmão Alfredo; dos passeios que êste e seu filho Odilon lhe proporcionavam; das palestras que entretinha com os parentes e amigos; das visitas que fazia ao “dr. Mário casado com a bacharela Maria Augusta”, ao General Costa e ao sr. Hildebrando Guimarães. Da mesma sorte trazia Sinhá-Mocinha ao corrente da opinião dos médicos aos quais fazia consultas, citando-os nominalmente (Rodolfo Galvão, Carneiro da Cunha, Pontual, Ermínio Coutinho) das receitas que lhe haviam sido prescritas, com os respectivos modos de usar, do regime dietético, de que constava a proibição de chupar laranjas porque “modificavam um pouco o efeito do xarope de iodureto de potássio”, das excursões ao Hospital Pedro Segundo, Igreja da Penha, Quartel do Corpo de Bombeiros, Forno de Incineração de Lixo; das despesas pessoais; enfim, fazia nas cartas uma como reportagem pormenorizada de todos os fatos que lhe diziam respeito, não esquecendo de mandar bençãos para cada um dos filhos e carinhosas lembranças para o doutor Aprígio.

Outra facêta bem saliente do carater do dr. Alexandre era a sinceridade. Sinceridade nunca fementida e que, para afirmar-se, não temia sacrifícios.

Além da vivacidade de inteligência, Augusto herdou do pai o sentimento de dignidade, em consequência do qual se revelou, várias vêzes, desprendido e abnegado. Num pequeno atrito com o Presidente João Machado, o poeta preferiu perder o emprêgo a se submeter aos caprichos dos potentados. Também, para não faltar a compromissos assumidos com a sua eleita, contrariando desejos da família, despresou êle a oportunidade de se tornar professor da Faculdade de Direito do Recife. Eram desta têmpera os Rodrigues dos Anjos.

Dr. Alexandre faleceu a 13 de janeiro de 1905. Registrando o óbito, a imprensa traçou-lhe o seguinte necrológico:

DESAPARECIDOS

Por telegrama particular, que nos foi obsequiosamente mostrado, sabemos que na madrugada de ontem, vitimado por antigos padecimentos, faleceu no engenho Pau d'Arco, do Estado da Paraíba, onde há longos anos residia, o dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos.

Nascido em Pernambuco, em 9 de maio de 1850, bacharelou-se em direito pela Faculdade do Recife em 1872.

Em 9 de Outubro de 1875 casou-se com a exma. sra. d. Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos e do seu consórcio teve nove filhos, dos quais dois já falecidos, contando-se entre os existentes o dr. Artur de Carvalho Rodrigues dos Anjos, promotor da capital da Paraíba, Odilom e Augusto dos Anjos, acadêmicos de direito.

Exerceu os cargos de promotor público de Granja e Acaraú no Ceará, Atalaia em Alagoas e Pedras de Fogo na Paraíba e de juiz municipal de Ipu no Ceará, abraçando depois a vida da agricultura.

O extinto, que a uma sólida ilustração aliava qualidades morais que o faziam geralmente estimado nos círculos sociais em que viveu, era irmão do nosso companheiro, sr. major Alfredo dos Anjos, do dr. Generino dos Santos, morador na Capital federal e de d. Maria Carolina Rodrigues Temporal.

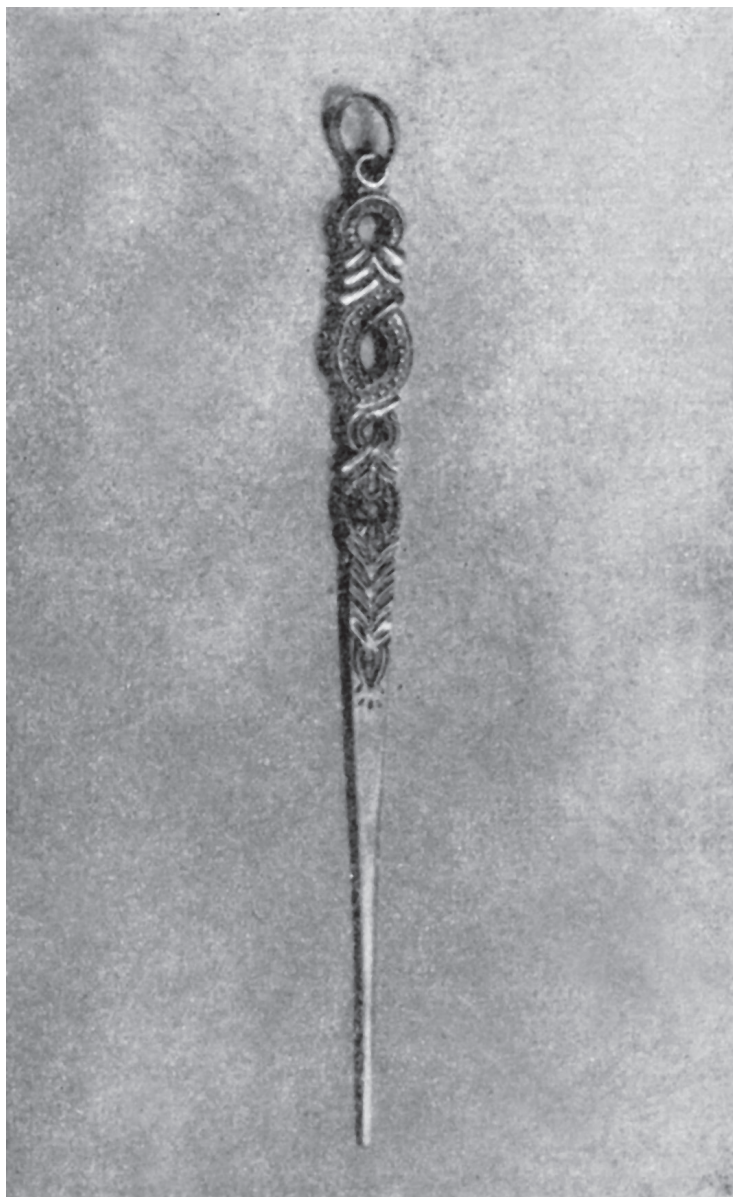
Pêsames à sua exma. família.

Desapareceu aos 55 anos, prematuridade incomum nos homens da vida rural.

Ao que parece, as dificuldades financeiras (o Engenho Pau d'Arco estava gravado de uma hipoteca ao Banco Emissor de Pernambuco), adunadas à absorvente preocupação de bem educar a família, concorreram para a diminuição dos seus dias.

Infelizmente, não quis o destino que êle chegasse a ver todos os filhos formados, feitos bacharéis em direito, todos vitoriosos, e, dentre êstes, um mais elevado pelo talento poético.

Talvez que hoje se possa acoimar de excessiva a maneira por que o dr. Alexandre cuidava da preparação intelectual do poeta. Êste, mesmo, não ocultou as suas queixas, como o fêz, "*Debaixo do Tamarindo*":



Apontador de Letras que pertenceu ao poeta

Evidentemente, do ponto de vista do preparo intelectual aquê preceptor deve ter utilizado método pedagógico bem severo. Todavia o sistema aplicado influiu, de modo decisivo, para a rápida assimilação do privilegiado aluno.

Convém, no entanto, salientar, que a capacidade perceptiva de que Augusto era dotado contribuiu bastante para a aquisição de sua notável cultura.

Não se limitava o dr. Alexandre a transmitir-lhe noções adequadas aos níveis de ensino primário e secundário. Ia mais além. Subia e complementava suas preleções, como que abusando da inteligência do filho, com ensinamentos filosóficos e conceituações mais vastas e mais profundas. Parecia querer inculcar no espírito do estra ordinário discípulo a idéia de que o saber humano, qualquer que seja o seu objeto, admite sempre horizontes amplos e dilatados.

Enquanto os outros filhos cabriolavam em derredor da casa-grande, em brincadeiras próprias da meninice, Augusto de livro aberto, como que concretizava o verso do poeta latino “In angello cum libello”.

Quando cessavam os estudos de letras, o poeta era sobre carregado com aulas de música.

Por isso mesmo, êle assim descreveu sua infância:

“Dêsde a mais tenra idade eu me entreguei exclusivamente aos estudos, relegando por completo tudo quanto concerne ao desenvolvimento numa amosfera de religiosíssima moralidade, da chamada vida física”.

Foi, não há negar, um tanto rigorosa a didática aplicada aquê inteligente menino.

Feito homem, êle sem o querer, traiu a mágua que guardava intimamente, dessa espécie de tirania educativa a que fôra submetido. Na verdade, dando resposta à pergunta “*Onde e como*

foi educado?”, na *enquete* promovida por Licínio Santos, disse apenas: “Na Paraíba do Norte, no Engenho Pau d’Arco”.

Como se está a ver deixou de se pronunciar sôbre a segunda parte do quesito, justamente a que tem relação com a pedagogia adotada pelo pai e mestre. Isto, sem dúvida, para não desabafar os recalques, e não melindrar a idolatrada memória daquele a quem tanto invocou em seus versos e a quem dedicou êste soneto:

AO SÊTIMO DIA DO SEU FALECIMENTO

E êle morreu. Ele que foi um forte
Que nunca se quebrou pelo Desgôsto
Morreu... mas não deixou na ara do rosto
Um só vestígio que acusasse a morte!

O anatomista que investiga a sorte
Das vidas que se abismam no Sol-Posto
Ficaria admirado do seu rosto,
Vendo-o tão belo, tão sereno e forte!

Quando meu Pai deixou o lar amigo
Um sabia da casa muito antigo
Que há muito tempo não cantava Já,

Diluiu o silêncio em litânia...
E hoje, poetas, já faz sete dias
Que eu ouço o canto dêsse sabiá!

Outro vulto da família, a quem Augusto tributou especial estima, foi o padrasto de sua mãe, o dr. Aprígio Carlos Pessoa de Melo, um dos condôminos do engenho Pau d’Arco D. Juliana de Carvalho Pessoa de Melo, mãe de d. Córdula, contraiu segundas núpcias com o dr. Aprígio em 1872, deixando-o, porém, viúvo onze meses após o enlace conjugal. Apesar de ainda jovem, pois contava apenas 33 anos de idade, o dr. Aprígio conservou-se em estado de viuvez por todo o resto da vida, tendo após o desaparecimento da esposa, assumido o compromisso, que jamais traiu, de cuidar

da educação dos enteados que eram: Acácio, Antônio, Odilon, Córdula e Augusto Fernandes de Carvalho.

Homem prático, não desejando afastar-se da vida rural, nem dar ensanchas a comentários equívocos a respeito do seu padrão de austeridade, divisou que a melhor solução para o seu caso seria casar Córdula, a quem dedicava paternal afeto, atraí-la para o Engenho e entregar-lhe a direção da casa. Para a feliz execução do seu plano lembrou-se do primo Alexandre, moço inteligente, insinuante e que representava, na verdade um ótimo partido. Aproximou-os, e não tardou em vê-los casados.

Assim o romance dos pais de Augusto emanou de uma inspiração do dr. Aprígio. Foi um passo acertado e de visão. Dêsse casamento, que foi celebrado no Recife, a 9 de outubro de 1875, adveio uma prole numerosa e ilustre.

Movido a fôrça hidráulica, produzindo açúcar mascavo e aguardente, o Engenho Pau d'Arco era otimamente montado para o tempo. A avaliação dos bens descritos no inventário de d. Juliana, atingiu a cifra de 58:833\$322, ou Cr\$ 58.833,32, figurando entre êles os engenhos "Pau d'Arco" e "Coité".

No soneto *Recordanza della mia geoventu*, Augusto cita o padrasto cognominando-o "o doutor", sem acrescentar-lhe o nome. Bem se vê que assim procedeu para facilitar a rima, e também em virtude de ser esta a designação por que era o dr. Aprígio conhecido, lá no Engenho. Pernambucano, nascido em 1840, o dr. Aprígio bacharelou-se em 1859, tendo exercido a magistratura nas províncias de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Era juiz do termo de Pedras de Fogo, quando conheceu d. Juliana. Casando-se, abandonou a judicatura, radicando-se no Pau d'Arco, dêle só se retirando para morrer na capital paraibana, fato ocorrido a 9 de outubro de 1908.

Idolatrava a Augusto e aos outros filhos de d. Córdula, para os quais tinha carinhos de avô, presenteando-os sempre, com moedas de prata.



Aprígio Carlos Pessoa de Melo “O Doutor”

Era de pouca vivacidade intelectual comparativamente ao dr. Alexandre. Depois de se haver fixado no Pau d'Arco, sua leitura, por assim dizer circunscrevia-se à Bíblia, à almanaques e a alguns jornais.

Filiado ao Partido Liberal, em cujo seio disputava real prestígio, não se conservava alheio às trincas políticas. No alistamento geral monárquico da Paróquia de N. S. Rainha dos Anjos, de Taipu, município de Pedras de Fogo, seu título recebera o número 26.

O Barão do Abiaí, chefe conservador, hábil político, ao re-organizar suas hostes para medir fôrças com o então Presidente Venâncio Neiva, na primeira eleição republicana a se ferir no Estado, atraiu para o seu partido liberais de reconhecido prestígio. Um dêles, foi o dr. Aprígio que integrou a chapa de deputados ao Congresso Constituinte Nacional. Naquela época, governo não perdia eleição. E o “doutor”, opositorista que fôra, não se elegeu.

Conta-se que estando, certa vez, com Augusto nos braços, o dr. Aprígio surpreendeu-o a identificar uma por uma, em um jornal as letras do alfabeto. Entusiasmado com a precocidade do menino, que ia apenas completar quatro anos, chamou a enteada para assistir à admirável e graciosa cena. Duvidando do que acabava de ver, d. Córdula passou a perguntar salteadamente, à criança o nome dos caracteres gráficos, tendo obtido respostas absolutamente corretas. O menino já conhecia todo o abecedário.

Presente a essa prova, o Major José de Almeida e Albuquerque, senhor do “Engenho Papo da Coruja”, casado com uma tia-avó de Augusto, de nome Tranquilina, – homem arraigado a velhas superstições, não se conteve e sentenciou: “êste menino não se cria”. Ao ouvir êsse palpite agoureiro, d. Córdula, sempre nervosa, caiu em pranto. Procurando, então, corrigir a gafe, o Major, sem perda de tempo, afirmou “Sinhá-Mocinha, não se preocupe, êste menino vai ser desembargador”.

A dedicação de Augusto à família não se limitava aos parentes mais próximos, aquêles que viviam sob o mesmo teto. Extendia-se também aos outros parentes mais distantes.

Quando do brutal assassinio de um seu primo, crime ocorrido em 1907, o poeta, sentindo-se profundamente ofendido, desenvolveu grande atividade no sentido de ser efetuada, pela justiça, a punição dos indigitados criminosos. Entendeu-se pessoalmente com o Presidente do Estado, clamando por providências adequadas ao caso. E, como alimentasse pouca confiança na atuação oficial dos agentes da autoridade pública denunciou o fato pelas colunas de “O Comércio”, apontando, de modo bem claro e persuassivo, os responsáveis pelo delito.

Augusto era, portanto um afetuoso, cheio de coração para com os seus. Um filho amantíssimo. Um irmão desvelado. Um parente amigo e dedicado.

CAPÍTULO XI
AUGUSTO, PROFESSOR,
CRÍTICO LITERÁRIO E
POLEMISTA



Não é um depoimento de ciência própria êste que se vai ler a respeito de alguns aspectos e episódios da vida de Augusto. Quem, por pertencer a uma geração posterior, ficou na impossibilidade de conhecer o poeta, em sua existência objetiva, material, sôbre êle só poderá mesmo falar com base na credulidade alheia.

E a êsse propósito, os elementos coligidos, mercê das fontes de onde dimanaram, se apresentam revestidos da maior valia. São êles relatos de pessoas fidedignas, que conviveram com o poeta, como seus alunos ou amigos particulares. Ê a palavra insuspeita do dr. Manoel Ribeiro de Moraes, paraibano de elevado conceito nas esferas políticas, sociais e comerciais da terra. Ê o testemunho indubitado do professor Juvenal Coelho, velho latinista, que, já retirado do magistério público, dedica o seu *otium cum dignitate* a traduzir Cícero, Horácio, Ovídio, Virgílio e outros clássicos. Ê ainda, sem aludir a outros informantes igualmente merecedores de fé, a declaração consciente do cônego José Ribeiro Leitão, secretário do bispado e vigário geral de Leopoldina – a histórica cidade mineira onde o poeta exerceu o magistério e onde entregou o corpo à sepultura.

Em erudita carta, que nos enviou, vazada em linguagem do mais fino lavor literário, Manoel Moraes, um dos alunos de Augusto, no Liceu Paraibano, faz alusões verdadeiramente espantosas à cultura e à capacidade intelectual do poeta.

Apesar de ser um introvertido, retraindo-se do mundo e vivendo para seus próprios pensamentos, Augusto, como preceptor, era expansivo e profundamente atraente. Seu método pedagógico

era inigualável. E a soma imensa de seus conhecimentos motivava a admiração não só dos alunos como de todos aqueles que frequentavam aquele velho educandário.

Até então, as aulas eram como que ministradas pelos discípulos. O mestre, de caneta em punho, chamava um determinado número de estudantes e estes é que davam a lição do dia. O professor limitava-se a fazer corrigendas e a elucidar alguns tópicos de maior importância.

Augusto, porém, quebrou essa rotina. Instituiu outro sistema. Tomou a si a responsabilidade da explanação. Suas aulas, pronunciadas com muito brilho e saber, mais pareciam conferências, tal o número de estudantes e pessoas outras que afluíam, e o silêncio e a atenção com que eram ouvidas.

J. Veiga Júnior, da Academia Paraibana de Letras, ex-aluno de Augusto, lembrando o professor, assim se refere:

“...Na aula, so êle falava. Os alunos limitavam-se a ouvir-lhe a prolixa preleção, tôda ela abusivamente gesticulada. O estudante chamado à lição quase não turgia nem mugia, não porque não a soubesse, mas porque não tinha tempo de falar. Augusto dos Anjos pontilhava a preleção com o irritante cacoete: – “Não é exatamente? O arguido tinha que responder “sim” ou “não”. E, com essa resposta monossilábica, o incomparável poeta colhia elementos para a justa atribuição de nota quase sempre boa”.

Pelo seu assombroso conhecimento, frequentemente recorria a citações eruditas. Seu estilo será, por isso, em alguns pontos, pouco compreensivo e obscuro, mas suas aulas eram intuitivas. Facilmente compreensível a todos os ouvintes”.

A maneira clara e objetiva com que o professor Augusto dos Anjos se exprimia em suas aulas, em suas preleções, contrasta

com o estilo do Augusto conferencista. A êsse respeito considere-se a conferência que êle pronunciou no Teatro Santa Rosa, sôbre a Abolição da Escravatura, escrita que foi em linguagem ramalhuda, tresadjetivada, meio sibilina, reveladora enfim da preocupação de ineditismo e originalidade.

Quase da mesma sorte, suas crônicas não metrificadas, feitas especialmente para o “Nonevar”, padecem de um certo re barbativismo vocabular.

Aliás, raro é o grande poeta que também é grande prosador. E vice-versa.

A Machado de Assis, como escritor, poucos e insignificantes são os deslizes que se lhe apontam. Sua prosa é translúcida e encantadora. Mas, nos domínios da poética suas produções, com exceção de “Mosca Azul”, “Círculo Vicioso”, “Natal”, “Carolina” e poucos mais são frágeis. Não correspondem ao nível do prosador.

Com Augusto, todos o sabem, o fenômeno ocorreu pelo in verso. O prosador é rasteiro, não acompanha os remígios alcançados do poeta.

Por um dêsses caprichos da sorte, Augusto não pôde realizar o sonho de sua genitora – ocupar uma catedra na Faculdade de Direito do Recife, onde, com certeza, iria firmar o nome como homem de talento naquele grande centro de cultura jurídica.

Ficou na sua modesta província, feito professor de humanidades, no Liceu Paraibano, dedicando-se ainda ao ensino particular, inclusive da ciência do Direito. Em sua própria residência, à rua Nova, lecionava tôdas as matérias do curso jurídico. Catarina Moura, Eurípedes Tavares, Olinto Medeiros e Artur Urano de Carvalho, então acadêmicos, foram seus alunos, mediante retribuição mensal de cinco mil reis (Cr\$ 5,00) *per capita*.

Embora na obscuridade, sem ambições de fortuna, Augusto sentia-se mais ou menos conformado com a vida que ía levando na sua província natal. O meio dava-lhe algumas compensações. Estava no seio da família e tinha a possibilidade de, quando em

vez, visitar o “Pau d’ Arco”, para contemplar os seus luares, fazer evocações e inspirar-se à sombra do decantado “tamarindo”.

A perda, porém, do seu querido engenho, alienado por fôrça de duras circunstâncias de ordem econômica, em concomi tância com o choque de um outro acontecimento de natureza imprevista, impeliu-o a emigrar para o Sul, a aceitar o exílio – êsse exílio sulino que tem sido a ventura de tantos e tantos paraibanos.

Era 1910. Governava a Paraíba o dr. João Machado, médico da Saúde dos Portos, no Rio de Janeiro, eleito para a alta magistratura do Estado, por obra e graça do prestígio político do seu irmão o senador Álvaro Machado.

Homem público, de probidade ilibada e notável visão administrativa, João Machado fez um govêrno dos mais fecundos sob o ponto de vista das realizações materiais. A Capital do Estado ficou a dever-lhe os serviços de abastecimento d’água, de iluminação e bondes elétricos.

Construiu êle a primeira grande estrada de rodagem do nordeste; fundou, na propriedade Imbiribeira uma Escola Agro-Pecuária e, no Espírito Santo, o “Campo de Demonstração Agrícola de Puchi”.

A seu pesar, porém, não tinha a mesma percepção, a mesma acuidade para as coisas imateriais, para as coisas do espírito.

Aquela época, preocupado com os novos encargos advindos do casamento, Augusto projetou viajar para o Rio de Janeiro, a fim de submeter-se a concurso de catedrático no Ginásio Nacional, como era então denominado o atual Colégio Pedro II.

Não podendo, porém, como era lógico, contar, aprioristicamente, com o êxito de seu desiderato, procurou garantir-se na cadeira que, em carater interino, ocupava no Liceu, mediante um pedido de licença, aliás sem vencimentos, de vez que formulada para tratar de interêsses particulares. E tinha como certo o deferimento da pretensão, já porque havia precedentes seme lhantes, já em virtude da velha amizade que mantinha com o presidente

João Machado, amizade esta, solidificada por laços de contra parentesco.

Augusto lecionava a Afonsinho, filho do presidente. E d. Débora, madrasta de João Machado, era tia de d. Miquelina, sogra do poeta.

Apesar disto, para frustrar o intento, perfeitamente atendível, atravessou-se a figura do prestigioso político Mons. Walfredo Leal, a pleitear a cadeira para o sobrinho de um dos paredros do Partido Republicano, então dominante. Com semelhante atitude, o velho sacerdote tinha oportunidade de, numa só vez, satisfazer ao desejo do correligionario e poder exercer uma pontinha de vingança, magoado que estava com a família de Augusto, cujo padrasto, dr. Aprígio, falecera devendo-lhe uma letra no valor de dois contos de reis...(Cr\$ 2.000,00).

A fôrça política do Monsenhor era considerável. Tão grande que, às vêzes, sobrepujava os próprios interesses coletivos!...

E o presidente João Machado, com todo o poder e com todo o prestígio não foi capaz de resistir às exigências do respeitável Cura.

De sorte que, procurado, dias depois pelo poeta, encerrou o assunto com esta frase ríspida e contundente:

“Sabe de uma cousa, seu Augusto, não me amole”.

A respeito dêsse lamentável episódio, não é despidendo transcrever a alusão feita por Alexandre dos Anjos (irmão do poeta), em carta que, a 6 de setembro de 1910, datada do Recife, onde se encontrava, dirigiu à Sinhá-Mocinha:

“...O Augusto me enviou pelo Quincas uma carta que durante o resto da noite em que a recebi fiquei muito impressionado. Comunicou-me ele que indo solicitar do João Machado uma licença, este lhe dirigiu acérrimas censuras, exprobando-lhe o procedimento e declarando-lhe francamente ser impossível tal concessão.

Disse-me o Augusto que em vista de tanta incivilidade, teve que reagir energeticamente solicitando-lhe imediatamente a sua exoneração de lente substituto, e como o João Machado demorasse dois dias e nada resolvesse, dirigiu-lhe então um ofício, pedindo a referida demissão que foi logo atendida”.

Os chefes de governo tôda vez que querem praticar um ato de seu interêsse, seja qual fôr, encontram sempre justificativa em alguma legislação já esquecida ou em algum regulamento obsoleto. No caso de Augusto o indeferimento da licença baseou-se no fato de ser êle professor interino. Fundamento, seja dito, de certa relevância, mas não contemplado para a decisão de vários casos idênticos anteriores.

Sentindo-se injustiçado e profundamente ofendido com a desconsideração que sofrera, Augusto, cheio de altivez, como sempre viveu, tomou uma resolução extremada: exonerou-se e dirigiu-se para o Rio.

Sua mágua foi tão profunda e duradoura que indo certa feita ao cais do Pharoux, em companhia da espôsa e da cunhada Irene, receber um amigo que chegava da Paraíba, isto após o decurso de quase quatro anos, ficou lívido e visivelmente contrariado ao avistar o ex-presidente João Machado, que relegado ao ostracismo, ali estava no desempenho de suas funções de médico da Saúde dos Portos. E não esperou que o navio atracasse. Aquela presença lhe fazia mal. Retirou-se imediatamente.

Assinalando o travor que o poeta teria sentido com a proscricção da terra natal, o escritor José Américo, ao fazer-lhe o necrológio, deixou cair de sua pena estas palavras:

“Deus haja na sua mansão de eleitos êsse formoso e iluminado espirito que a Paraíba não soube abrigar com o seu carinho maternal, ao menos para ter a fortuna de guardar-lhe os restos”.

Fixando-se, primeiramente, na cidade do Rio de Janeiro, onde permaneceu de setembro de 1910 a junho de 1914, Augusto não mudou de profissão. Continuou a lecionar.

A 21 de setembro de 1910, do então Distrito Federal, seu irmão Odilon, escrevia a Sinhá-Mocinha:

“...O Augusto esta cavando com bastante regularidade, já tendo algumas esperanças, via João Maximiano de Figueiredo que o tem tratado muito bem.

Ele esta com a Ester em uma pensão regular, por cima da casa em que os tios residem e com quem residem, pagando mensalmente, ambos Rs 300\$000”.

Assim por intermédio, possivelmente de Maximiano de Figueiredo, Augusto obteve uma cátedra.

Maximiano de Figueiredo tanto política como socialmente falando, foi um paraibano dos mais proeminentes do seu tempo. Parlamentar erudito e diligente, representou a Paraíba com brilho e eficiência, nas duas casas do Congresso Nacional. Jornalista militante, exerceu a direção de “O País”, a gazeta, talvez, de maior relêvo na República Velha. À sua banca de advogado eram clientes as mais poderosas organizações comerciais e industriais na Capital da República. Era ainda banqueiro. E o invulgar prestígio que desfrutava, fruto dessa múltipla e marcante atividade, êle sabia empregar em benefício da terra na tal e de seus conterrâneos.

Aberto o ano letivo de 1911 o poeta-professor conseguiu seu primeiro emprêgo público no Rio. Em carta de 1º de maio daquele ano. Ester sua esposa comunicava à sogra o acontecimento:

“Tenho hoje a satisfação de lhe dirigir essa cartinha comunicando-lhe que no dia 28 do próximo passado, o Augusto recebeu nomeação para exercer o cargo de lente de Geografia, Cosmografia e Corografia do Brasil. de uma das turmas do Ginásio Nacional.

Há alguns dias tencionava lhe escrever, porém esperei mais um tempo, até que o Augusto tivesse solução desse problema, para mandar uma boa notícia”.

Ao lado da função pública Augusto continuou a ensinar particularmente e no exercício desse magistério, teve oportunidade de travar conhecimento com Agripino Grieco. Êste, referindo-se ao fato, diz:


“...Revejo aquela singular figura, qual a vi em 1912, nas vizinhanças da Muda da Tijuca, onde o pobre Augusto ía, premido pela necessidade dar aulas a uma família abastada do bairro”.

Feito simples professor, na, então capital federal, vivendo exclusivamente do ensino que ministrava, Augusto sofreu juntamente com a esposa, provações e privações bem amargas.

Obrigado a peregrinar pelos subúrbios para lecionar em domicílio, morava em modestas pensões, onde lhe nasceram os filhos. De uma feita tomou casa, o que causou um certo desafogo conforme se depreende dessas palavras de Ester a D. Moça

“Estamos residindo atualmente numa casinha muito boa e muito bem arranjada. É dono um moço amigo de Odilom e do Augusto, que tendo preparado a casa para se casar e tendo de ir ao Recife a êsse fim, pediu que ficássemos nela até que voltasse com a família. Ficamos bem instalados e fazemos bastante economia”.

Em meio de tôdas essas aflições, julgando-se banido do seu querido rincão, jamais deixou de cultivar e cultuar a belíssima arte do verso. E como a dor é uma sublime e perene fonte de inspiração, parece, que são dessa época de sofrimento as suas mais perfeitas e mais bonitas poesias.



Salva da Presidência do Estado de São Paulo

O Presidente do Estado de São Paulo, tendo em vista o disposto no Regulamento de Instrução em vigor, resolve nomear o Sr. Augusto para o cargo de diretor do grupo escolar de Leopoldina, Estado de São Paulo, em 1914.

Presidência do Estado de São Paulo
15 de junho de 1914.

Travessia: anuaal 3.000.000.
1-225 N. J. União Itálica

O Presidente Bueno Brandão nomeia Augusto diretor do Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira” em Leopoldina.

Em 1912 editou o “EU”, obra que o projetou, entre os princípios da poesia nacional. O livro ainda hoje preocupa vivamente a críticos, psicólogos e sociólogos, e já conta quase com três dezenas de edições.

A crítica nacional recebeu o livro com grandes aplausos. O “Jornal do Comércio” do Rio, em sua secção “Noticias Literárias”, de responsabilidade de J. C., assim se exprimiu sobre o “EU”:

“No nosso meio literário, tão intolerante, tão rebelde às grandes comoções, raras obras terão obtido, nos últimos dez ou quinze anos, o êxito de agitação e barulho, de controvérsia, de opiniões variadas, desde a adoração a descompostura e desde a apoteose ao escárnio – o êxito dizíamos, que pelos jornais e nas rodas de arte se formou em torno deste livro privilegiado. (. . .) Quem é este poeta que assim vem, no apaixonado delírio da própria contemplação, resumindo tôdas as belas e grandes coisas, todos os assuntos dignos da consagração da rima, tôdas as pessoas capazes de inspirar um poema na sua incomparável pessoa?”

Impressionado com a leitura do “EU”, Max dos Vasconcelos em *La Renascenza Latina* de 31 Gennaio 1914 assim se expressa sobre o poeta:

“Entre nós, hoje, o tipo mais complexo de **Nôvo** é Augusto dos Anjos, o iniciador duma poesia que causou espanto aos resignados e mansos adeptos dos assuntos imutáveis, mas que ecoou na Alma dos moços com o som vermelho dum toque de clarim e consagrou desde logo o seu autor como o chefe natural de sua geração”.

E Alberto de Oliveira, que ao lado de Bilac e Raimundo Coreia integrava a denominada tríade mais representativa do parnasianismo brasileiro, não pôde ocultar a sua admiração pelo poeta do “EU”, quando em “Cismas do Destino”, sem mais rodeios, afirmava que Augusto “é um rapaz de extraordinário talento”.

No certame realizado em 1913, sob os auspícios da revista carioca Fon-Fon, para a eleição do príncipe dos poetas brasileiros, Augusto foi um dos participantes do júri, que se compunha de 180 intelectuais, tendo sido também dos nomes vota dos. Ê que os seus versos, o eco do seu “EU” ressoavam em vibrações bem intensas pelos quatro cantos do país. Assim, na edição de 15 de abril do mesmo magazine, estampou o voto de um eleitor gaúcho nestes termos concebido:

“Na opinião de minha humildade, o príncipe dos poetas brasileiros que ainda há de ser Imperador, quando menos jovem, e mais expungido de demasias tem o nome solenissimo de Augusto dos Anjos, mas um augusto na linha dos anjos a que se prende um tal de Baudelaire e um tal Dante Gabriel Rosetti”.

Até nas rodas políticas, a penetração do “EU” era impressionante. Veja-se êsse tópico de “A Tribuna”, do Rio de Janeiro de 1912, sob o titulo “O Dia na Câmara”:

“Como se discutia a politica do Ceará em tôdas as rodas, menos num grupo, em que o Sr. Carlos Peixoto fazia francos elogios ao recente livro do Sr. Augusto dos Anjos”.

Nada obstante a *Notícia Literária* do “Jornal do Comércio”, o “EU” não levou Augusto às colunas dos jornais para travar guerras de pena. Prodigalizou-lhe, sim, glória, triunfo espiritual, imortalidade, embora sem lhe trazer na mesma pro porção réditos materiais.

Não podendo arrostar com as dificuldades financeiras, abandonou o Rio em direitura das montanhas de Minas Gerais, numa predestinação de que devia morrer nas regiões alterosas, mais perto do céu. Céu, cuja existência por vêzes, êle negara. Verdadeiro paradoxo!

Chegou a Leopoldina a 23 de junho de 1914. Instalou-se com a família num chalé de duas águas, à rua Cotegipe nº 11, hoje 386 e pertencente ao advogado Abrahão Chede, seu ex-alu no e grande admirador. Bem provavel é que Abrahão tenha adquirido aquêl chalé em homenagem ao mestre na quem tanto deve a sua formação moral. Ali faleceu Augusto, às 4 horas da madrugada de 12 de novembro daquele ano.

Os jornais cariocas registraram-lhe a partida para a terra das alterosas. Eis a notícia de “O País” de 22 de junho:

“Para Leopoldina, Minas Gerais, onde vai dirigir o grupo escolar local, por acertada nomeação do governo do Estado, parte hoje o Dr. Augusto dos Anjos, conceituado advogado, até agora residente nesta Capital e festejado homem de letras de grande valor intelectual.

Valiosíssima é, para a localidade mineira a que se destina o Dr Augusto dos Anjos, a sua aquisição: ele é um elemento de primeira ordem, que muito poderá contribuir para a florescência do estabelecimento que vai dirigir, pois é um espirito brilhante e grandemente erudito”.

A “Êpoca”, estampando-lhe o *clichê*, escreveu longa nota, com êste fêcho:

“...Caracteriza-o, sobretudo, uma grande modéstia, que é a condição dos espíritos rútilos e cultivados como o seu.

Melhor aquisição não poderia ter feito a instrução pública mineira, colocando à frente do grupo escolar de Leopoldina o festejado intelectual”.

E la, na cognominada Atenas mineira, o poeta, que tinha saber e competência para assumir a reitoria de uma Universidade, foi ser diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, em substituto ao professor de curso primário Reynaldo Mattola.

O livro nº 1, de “Compromissos e Termos de Posse e Anotação Pessoal” daquele educandário consigna, à folha 10, o seguinte registro:

“Aos vinte e quatro dias do mês de junho de mil novecentos e quatorze compareceu a minha presença o Dr. Augusto dos Anjos e, exibindo o decreto de sua nomeação de Diretor do Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira”, datado de 1º de junho do corrente ano, expedido pelo Governo do Estado, ao mesmo deferi o compromisso legal, empossando-o naquele cargo. E para constar lavrei êste termo, que vai por mim e pelo Dr. Diretor assinado. Leopoldina, 24 de junho de 1914. (a) O Inspetor escolar municipal Aristides Sica. Augusto dos Anjos”.

O novo diretor começou a trabalhar com o mesmo entusiasmo e senso de responsabilidade que sempre aplicava no de sempenho de suas atividades. Decorridos apenas seis dias da posse a “Gazeta de Leopoldina” noticiava:

GRUPO ESCOLAR

“O Dr. Augusto dos Anjos, diretor do Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira”, desta cidade, já representou ao governo do Estado sôbre o mau estado em que se encontra o prédio onde funciona aquele edificio, mos trando ao mesmo tempo a necessidade da construção de um outro prédio que satisfaça às exigências regulamentares.

Fêz ver a improficuidade de um reparo no prédio atual, tal o seu estado e insuficiência de acomodações.

Encerrou-se ontem a matrícula suplementar neste estabelecimento.

O número de matriculados eleva-se a mais de cinquenta.

Hoje reabrem-se as aulas”.

Normalizada a vida do Grupo, seu novel diretor voltou as vistas para a Caixa Escolar. É que investigando a razão da falta de frequência de alguns alunos, chegou à dolorosa conclusão de que, pobres como eram, não tinham êles roupas para com parecerem às aulas.

E para obviar a êsse estado de pobreza, reuniu a 23 de agosto a sociedade local para tratar da reorganização da Caixa Escolar, conseguindo cinco dias após, em solene reunião, dar-lhe nova diretoria, que muito trabalhou e era assim constituída;

Presidente: Custódio Ribeiro; Secretário: Dr. Augusto dos Anjos; Tesoureiro: Nestor Capdeville; Fiscais: Dr. Rômulo Pacheco, Dr. Alípio do Araújo Silva e Antônio de Andrade Ribeiro.

O Grupo tomara novos rumos. O diretor revelara-se dos mais prósperos para os alunos.

Depondo para o cônego Ribeiro Leitão, o dr. Abrahão Chede, ilustre filho da cidade de Leopoldina, afirma, a respeito de Augusto na direção do estabelecimento escolar:

“O Diretor que o antecederá (a Augusto) era um homem rispido e bilioso. A idéia de diretor naturalmente se associou à idéia de tipo indesejável. Veio Augusto. Os meninos se admiravam: como era diferente o novo diretor.

– Um dia houve uma briga comum. Dr. Abrahão estava no meio, Foram chamados à diretoria. Augusto perguntou, por que brigaram? Coi sas de somenos: bolas de gude.

– Após ouvir razões de um e de outro, separadamente, chamou os dois brigões e fê-los se abraçarem dizendo-lhes: aqui vocês são irmãos, eu os quero como pai, e por isso tenho a certeza doravante saberão viver bem.

– Olhou o relógio A turma já havia entrado para as classes. E disse-lhes: como vocês dois perderam alguns minutos do recreio para vir

conversar comigo, podem ir ao pátio jogar gude mais um pouquinho. Des necessário concluir – disse-me Dr. Abrahão – foi a minha última briga no Grupo”.

Que bela e edificante lição de psicologia educacional ministrou o mestre ao solucionar o entrevêro infantil!

Outro depoimento que testifica a modificação ocorrida no “Ribeiro Junqueira”, sob a nova direção, está no artigo *Recordando a Morte de Augusto dos Anjos*, escrito por Barroso Júnior.

“Conta-se que uma vez fôra levado a presença do diretor um menino dos mais travessos. Estava Augusto dos Anjos na diretoria carinhosamente repreendendo ao aluno insubordinado, quando lhe entra pela sala a dentro sua auxiliar de disciplina. Ao vê-lo assim, diretor e aluno, tão calmamente palestrando, não se conteve a senhora: – Dr. Augusto, assim não vai. Êsses meninos precisam de arrancos. Eles zombam de nós. Augusto dos Anjos fêz sair o aluno relapso, o depois com aquela doçura e modo de falar que lhe eram peculiares, disse à professora: Dona Brígida, se fôra preciso mais do que palavras para manter minha autoridade, pediria demissão”.

Sem dúvida, naquele momento a floraram no poeta as latentes recordações do tempo do seu querido Pau d’Arco, quando aprendia com o velho pai grande mestre, paciente e erudito.

Certamente, acudiu-lhe à memória a lembrança de, após o desaparecimento do dr. Alexandre, haverias sumido, ainda no verdor dos anos, o encargo de preceptor dos irmãos mais moços. Ficaram-lhe, assim, dentro da alma, sérios reflexos de sentimento paternal, a espera de oportunidade para confirmar o pensamento de Quintiliano, a respeito da educação segundo o qual: “um vaso conserva sempre o primeiro perfume que recebeu”.

Aponta-se, em Leopoldina, um bancário que fôra endiabrado aluno do Grupo Escolar. Comportamento mau. Notas péssimas. Augusto observou na criança um certo desajustamento. Chamou-o à diretoria. Convenceu-o do desacerto de suas reações. E o menor se emendou. Hoje, cidadão de irrecusáveis virtudes cívicas e pessoais, rende grande preito de reconhecimento ao antigo mestre.

É ainda o cônego Leitão quem nos revela um outro exemplo de magnanimidade da alma do poeta. Declara o pároco da matriz de Leopoldina que

“Augusto jamais erguia a voz para falar com quem quer que fôsse. Certa feita, teve de admoestar um dos empregados do Grupo. O moço se alteou. Augusto pôs-lhe a mão no ombro e disse-lhe: vá, meu filho, descansar um pouco. Seu serviço é penoso. Depois nós conversaremos com mais alegria”.

Fixando-se em Leopoldina, procurou logo radicar-se ao meio. Criou seu círculo de relações, conquistando varias simpatias e amizades, dentre as quais a do Pe. Julio Fiorentini, do farmacêutico João Teixeira de Moura Guimarães e do fiscal do Estado Domingos Ribeiro, pessoas de sua convivência quase diária. Empreendeu, com sucesso, o ensino particular.

No dia 30 de julho, a “Gazeta de Leopoldina” anunciava:

“PROFESSOR”

“O Dr. Augusto dos Anjos da explicações de português, francês, latim, aritmética, álgebra, geografia, história e ciências físicas e naturais.

Pode ser procurado na rua Cotegipe nº 11”.

Alunos não lhe faltaram. E só deixou de lecionar, quando, ardendo em febre, recolheu-se ao leito para receber a visita da Parca cruel e inexorável, essa a que já havia chamado:

“Faminta e atra mulher que, a 1º de janeiro,
Sai para assassinar o mundo inteiro,
E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”

Como diretor do Grupo Escolar (conforme anotação do Livro de Pagamento, arquivado na Coletoria Estadual de Leopoldina), Augusto percebia mensalmente trezentos e trinta mil reis (Cr\$ 330,00).

Sendo apenas diretor, sem obrigação de dar aulas, teve como seus alunos naquela cidade os que particularmente compareciam à sua residência. Três dêesses seus alunos ainda vivem, para cultivar, como efetivamente cultivam, lá na cidade mineira, a memória do talentoso mestre. São êles: os bachareis em direito Abrahão Chede, José Domingos Gomes e o professor de contabilidade Milton Ovídio Lima.

Apesar de haver passado muito pouco tempo em Leopoldina (cêrca de quatro mêses apenas), Augusto integrou-se perfeitamente no meio. Tornou-se colaborador da imprensa local. Prestigiu com o seu comparecimento às solenidades cívicas e às reuniões sociais. Esteve presente à inauguração do abastecimento dágua do então distrito de Alegrete, e chegou até a acompanhar um entêrro, o do último remanescente dos fundadores da cidade.

Para a “Casa de Caridade Leopoldinense”, compôs a letra de um hino, que, musicado por J. Tavares Pinheiro, foi cantado, pela primeira vez, no dia 14 de agôsto de 1914, em uma festa de beneficência, promovida pelo espôsa do dr. Custódio Junqueira, seu médico assistente.

São êstes os versos:

No Universo a Caridade
Em contraste ao vicio infando
E como astro brilhando
Sôbre a dor da humanidade.

CORO:

Cantemos todos os anos
Na Festa da Caridade
A solidariedade
Dos sentimentos humanos.
Nos mais sombrios horrores,
Por entre a mágoa nefasta
A caridade se arrasta
Toda coberta de flores

Semeadora de carinhos,
Ela abre todas as portas,
E no horror das horas mortas
Vai beijar os pobrezinhos.

Torna os tormentos mais calmos,
Ouve o soluço do mundo,
E dentro do amor profundo,
Abrange todas as almas.

O céu de estrélasse veste
E em flúidos de misticismo
Vibra no nosso organismo
Um sentimento celeste.

A alegria mais acesa
Nossas cabeças invade
Glória, pois, a Caridade
No seio da Natureza.

Vivia, assim, feliz o proscrito do Pau d'Arco. Encontrará-lá no interior das Minas Gerais, um ambiente de calma e de trabalho, onde poderia dedicar-se melhor à família e aos estudos os eternos enamorados de sua alma. E com uma cultura que abrangia quase a universalidade dos conhecimentos humanos, semelhante aos homens do renascimento - Augusto, com sua propensão inata e atávica para o mgistério dêle fêz o sus tentáculo econômico de sua vida.

Agora, reapareça Augusto na terra natal, na Paraíba, a fazer crítica literária, atividade a que se dedicava por mero desfastio,

de vez que a poesia é que era o seu gênero favorito. Para matar o tempo nas horas de solidão, lá no Pau d'Arco, entregava-se o poeta, a título de diletantismo, o comentar livros e produções literárias surgidas na província. Não eram trabalhos sistemáticos, publicados com regularidade. Eram obras de amadorismo. Artigos esparsos, um dos quais arrastou-o à acirrada polêmica.

Veemente e, às vezes, impiedoso na apreciação, não poupava os deslizos e as inseguranças do autor focalizado.

Em comento a dois livros, um de poesia e outro de prosa, de certo plumitivo, a quem averbou de “contrabandista literário”, escreveu, a respeito do primeiro:

“...são 112 paginas, excetuadas as que compreendem o itinerário de sua viagem a pé, à volta do mundo, enfeixando 73 aberrações poéticas, que o analitismo imparcial, abstraindo-se, em reserva simultânea, do ofício de maldizente gratuito e de incensador assalariado, lamento o havê-las Sr.....escrito em linguagem tão adaptável às manifestações proteiformes do verdadeiro gênio, como o é a portuguesa.

“Nada que exija maior soma de atenção concentrada, de acuidade completa, de zelo mesmo, do que a Poesia, e S. S. fêz desta um objeto de carrilho, uma espécie de missanga falsificada, que expõe à venda em todos os lugares, onde 3, sua máquina ambulatória momentaneamente poussa. S.S., seguindo o programa de sua audaz excursão, há de levar no seio de muitos países êsse produto bastardo de contrafação capciosa”.

E assim prossegue na exegese. O maior elogio que fêz ao autor, foi reconhecer-lhe “algum pendor mecânico para o versejar medíocre de simples fabrico material”.

E em apreciação ao segundo, que tinha o romântico título de “Crimes do Coração”, disse:

O **conteur** não é menos desastrado do que o poeta.

Há uma equivalência de chatice em ambos.

O Sr., no intróito dos “Crimes” aplica de propósito uma filosofia impossível sôbre a paciência do leitor, acabando por esgotá-la, como aparelho pneumático, na michórdia dos periodos finais.

A gente respira mal, ao desobrigar-se de semelhante leitura.

Quanto ao entrecho da novela, pertence ao elenco dos velhos temas.

A frase, apertada numa estreiteza de conventículo, não ascende a alti tudes soberbas, nem toma aspectos flexuosos, ora, ostentando a formação inamoldavel dos broquéis galhardos, ora quebrando-se ao toque mágico da palhêta, num feixe tenuíssimo de fulgurações suaves.

Nos “Crimes do Coração”, ao contrário, tudo é sombrio e vulgar, como a passagem de uma padiola, em Paris, para o “Hospital dos Inválidos”.

Vejamos, a seguir, uma das incursões de Augusto na crônica do jornalismo local.

Releia-se, em “O Comércio”, de 5 de outubro de 1905, a colaboração que enviou, lá do seu engenho Pau d’Arco:

“Agora, um rápido lance de olhos sôbre a literatura paraibana.

Esta, pesa-nos dizê-lo, é quase tôda fragmentária.

O trabalho de unidades ainda se não operou em suas provincias.

Algumas disposições promissoras, contam-se ai isoladamente por par celas.

Dir-se-ia que a luto dos desânimos caiu como um pedaço do gangrena sobre a floração de nossa juvenilidade.

A Paraiba inteira se limita hoje a satisfazer com exatidão isócrona sollicitações materiais.

Nada que ultrapasse a meta dos instintos vulgares.

Cultura de espírito, fetichismo de Arte, nevrose de perfeição – tudo isto encerra uma gigantesca mole para a nossa pequena liliputiana.

As carnes gordas e as guloseimas – eis o bezerro áureo apetecido por todos.

Ninguém, por exemplo, se recusa a alardear ventres, pondo-os à mostra como pandeiros, na área comum das superfluidades públicas.

Urge assim que um pensamento uniforme de reação sinérgica se estabeleça, mormente num lugar, como êste, em que salvo meia dúzia de exceções, magras, os eclipses de inteligência são proverbiais, e a nossa ignorância nativa já vai logrando nos centros vizinhos verdadeiras proporções diomáticas.

Arrebente-se de vez, na convulsão íntima do desespero da terra, essa montanha sinistra, de flancos aspérrimos, que nos impede o caminhar tranquilo.

Nosso dever coletivo, a menos que no-lo proibam circunstâncias hostis, é desobrigarmo-nos o mais breve possível dêsse plantão subalterno que nos há reduzido ao mesmo nível das bestas do mercado, esfalfadas, sob o acicate dos pampilhos, no duro serviço dos transportes.

Então, soberana e clara, sem rebuços veladores que a interceptem, caia por sobre todos nós, como uma coluna de salvatério comum, a grande, a inefável luz que ao longe se nos anuncia, e que, genuflexos, reclamamos com aquela mesma insistência do velho Goethe moribundo:

Mehr Licht.

Grande prazer de espírito para o poeta era bordar comentários, pelos jornais, em tórno de fatos e ocorrências que quebravam o marasmo da vida cultural e social da província. E algumas de suas críticas, pela aspereza das apreciações, levaram-no ao ingrato terreno das polémicas.

Em virtude de seus comentários ao desempenho cênico da companhia dramática “Francisco Santos” à peça teatral de Júlio Dantas *Rosas de Todo o Ano*, Augusto foi obrigado a manter acirrada controvérsia com o velho Santos – diretor artístico e empresário, homem que se jactava de conhecer, profundamente, a arte de representar, na teoria e na prática.

Fiado no cabedal de sua pretendida cultura artística, Francisco Santos lançou ao poeta um agressivo cartel convidando-o para uma justa verbal, a ser realizada publicamente. Augusto não se amedrontou. Aceitou a luva e, no momento e lugar pre-fixados, defrontou-se com o artista.

A expectativa era de que iria até ocorrer uma cena de vias de fato, tal a irritação e a impetuosidade do ator. Mas, à medida que os debates foram-se desenvolvendo, e que o poeta-polemista, usando admirável dialética, revelava a vastidão de seus conhecimentos de arte, a exaltação e o entusiasmo do opositor iam arrefecendo, até que éste, numa louvável e heroica atitude, se deu por completamente vencido.

Testemunha ocular dessa empolgante cena, Manoel Ribeiro de Moraes, assim relata o seu dramático epílogo:

“...Mas, com surpresa para todos os presentes, o velho Santos, baixando o topête, confessou lealmente que estava rendido às argumentações do poeta-professor e que daí por diante, podia afirmar que de teatro só sabia entrar em cena e representar seu papel.

– E os estudantes, penalizados, viram o velho português, humilhado, retirar-se cabisbaixo e triste. A vaia programada, por isso, morreu ao nascedouro”.

Naquêlé momento, que lhe foi profundamente amargo, o velho Santos, sem dúvida, teria sentido o teor de verdade contido na advertência de Cervantes quando aconselha:

“Que nunca se tome por farsante quem é gente favorecida”.

De outra feita, surgiu na imprensa local, verrinosa contenda entre os poetas praiheiros Antonio Elias Pessoa e Américo Falcão. O móvel, questiúnculas gramaticais.

Essas discussões, de sabor meramente bizantino, estiveram muito em voga, durante o primeiro quartel dêste século, entre os intelectuais paraibanos. Hoje, relendo-as, os próprios autores, muitos dos quais espíritos fulgurantes e cultos, talvez sejam os primeiros a lastimar o tempo perdido a discutir sobre topologia pronominal, colocação de vírgulas, grafia de vocá-

THEATRO SANTA ROSA

GRANDE COMPANHIA DRAMATICA
FUNDADA E DIRIGIDA PELO NOTAVEL ACTOR
Francisco Santos

QUINTA-FEIRA — 30 de Junho — QUINTA-FEIRA
Espectaculo em beneficio da actriz
CLEMENTINA DOS SANTOS
Pela primeira vez sera representado o bellissimo trabalho de
JULIO DANTAS

ROSAS DE TODO O ANNO

Interpretado pelas actrizes Clementina dos Santos e En-
lina Barreto.

REPRISE DO PIPERLIN QUE NOTAVEL SUCCESSO ALCAN-
ÇOU NA PERMIÈRE.

O espectaculo deve terminar com a recitação da bella poesia:
NA CAMPA DE TIRADENTES, especialmente escripta para a
beneficiada, pelo poeta **Mucio Teixeira**.

*A beneficiada p-ahora os seus melhores agradecimentos á captivante plotós
parahybana, notavel pela galhardia do acolhimento que sabe fazer aos artistas que
têm a fortuna de visitá-la.*

Nos guardados de Dona Iaiá, havia um programa as Companhia Dramática dirigida pelo velho Francisco Santos.

bulos (se escritos com f ou ph, com ch ou x, com um ou dois t, etc.) e enfim sôbre casos outros relativos a regras e construções vernaculares.

Eram polêmicas em que, a bem dizer, não havia vencedor nem vencido, mesmo porque, ante o exemplo dos clássicos e o confucionismo dos gramáticos, nem sempre é fácil ou possível distinguir o êrro do acêrto.

Antonio Elias, professor de primeiras letras, recebera instrução do próprio pai, de quem herdara o nome, o talento e o pendor para a poesia. Boêmio inveterado, sabia fazer, no gênero lírico, versos bem apreciáveis. Redator, que foi de “A União”, escrevia com muita facilidade, e, por isso, levava vantagem sôbre o seu rival e, aliás cunhado, Américo Falcão, que, não obstante o grande talento com que fôra agraciado, da lingua materna sabia apenas o suficiente para exprimir, com elegância e acêrto, as belezas de sua imaginação artística.

Enquanto Elias demonstrava fluência e segurança na argumentação, Américo, sentindo-se em *déficit*, recorria ao ridículo, arma que sabia manobrar com admirável maestria.

Vendo a dificuldade em que se encontrava êste seu fraternal amigo, Augusto entrou na liça, passando a escrever sob o pseudônimo de “Poeta Raquíto”. Américo afastou-se. Elias, porém, continuou na testilha, respondendo ao nôvo adversário, em artigos que tinham o título de “Carta Aberta a um Poeta Raquíto”, e eram subscritas por “Um Professor”.

A sorte do debate, dantes favorável ao Professor, com a intervenção de Augusto, tomou sentido inverso. Inverteu-se.

Nesse comenos, aparece a figura de José Vieira Coelho (Senior), homem de boa ilustração, que, toma partido ao lado de Elias e começa a escrever com o criptônimo de “Outro Professor”.

José Vieira Coelho era um valor moral. Modesto funcionário do “Liceu Paraibano”, não se limitava a dar cumprimento, com zêlo e dedicação aos deveres do ofício. Dotado de admirável

fôrça de vontade, dedicava-se afincadamente ao estudo, e estudava tudo o que podia. Daí, haver chegado a ocupar a cátedra de alemão daquele educandário, em substituição ao pouco assíduo Ernest Kauffmann. Isto, note-se bem, numa época em que a cultura das línguas germânicas, era muito rara na província.

Nesse comenos, aparece a figura de José Vieira Coelho (Senior), homem de boa ilustração, que, toma partido ao lado.

Para se aquilatar a inanidade da discussão basta que se leiam êstes excertos de alguns artigos de Augusto:

“As células cerebrais que durante o dia funcionavam como órgãos ativos de suas afanosas pesquisas, mantinham-se **despertas**, para levar a efeito a defensibilidade do cronista com os lapsos e erros de revisão, aos quais, entretanto, todos nós estamos sujeitos, o que equivale a uma adul teração quase irremediável do nosso pendor voluntário.

– Vamos provar que a notação sintática que esta precedendo o vocábulo pluralizado **despertas**, se não é de rigor puro, entretanto, não constitui anomalia notável, acarretadora do descrédito de quem quer seja que a empregue”.

“Taine, interpretando o ateísmo de Darwin, resumiu-o belamente na síntese dessas palavras encantadoras: “A alma é a resultante do organismo, que parece com êle, como a harmonia da lira se parece com a lira”.

– Este asserto é uma sublimidade viva. A mentira humana tem desses brilhos fortes. Muita vez extravasa, como uma caudal insubmissa, jorrando irradiações de fogo, capazes de ofuscar a verdade serena.

– Que é, porém, que justifica o servimo-nos de expedientes filosóficos para autopsiar a miséria mental de professorzinho beócio, fedendo a coisa morta, a apodrecer todos os dias nas câmaras lóbregas da imundície da terra?!

– E eu vos direi que apotegma de Taine, com seu antipodo manifesto dos, em absolutos, hauridos na pureza de nossas crenças, atestam claramente o desvalor de certos indivíduos inúteis a sí, nocivos à comunhão social e portadores de títulos fúnebres em qualquer parte onde chegam.

– Tais se nos afiguram os **ex-homens** de que nos falava Maximo Gorki.

– Com efeito, a alma desses indivíduos parece apenas adstringir-se a uma simples função da substância animada.

– Lâme est la fonction do cerveau afirmava o materialista Ferriere.

Contam as bôcas supersticiosas, num clangor de tiorba profeta, que o Diabo empunha também o estilete da crítica, quando lhe apetece tentar as criaturas.

Há tantas almas na Terra, impunes,
Mais criminosas do que Caim

Almas raquiticas
Vis e asquerosas como um tumor
Almas danadas que fazem críticas
E exprobam tudo de modo ruim
Almas impunes
Viúvas da fé
Quem sabe até
Se essa antiqualha de professor
Não será a alma de Castro Nunes
Aboletada num botequim?

Essa referência ao nome de Castro Nunes provém da mania que tinha Antonio Elias de, em abono das teses que defendia em suas “Cartas Abertas”, invocar sempre a opinião do velho gramático sulista. Para o professor Elias, Castro Nunes era *o ipse dixit*.

Augusto, porém, tinha vôos mais amplos. Robustecia seus pontos de vista com citação de grande número de gramáticos. A respeito da colocação de uma vírgula, Augusto dera-se a canseira de martelar, de insistir várias vezes em seus artigos.

Veja-se quanta energia dispersa!

“Segundo Roesch, (o **professor** há de sentir grande dificuldade em pronunciar este nome) o emprego da vírgula, é admissível, quando se pretende, dar clareza muita vez enfática, a certas palavras.

– Fique, pois, sabendo o professor essa novidade gramatical, a menos que lhe não seja aprazível, por um genero moderno de **sport** linguístico, **encostar** a sapiência de Roesch.

Poderíamos transcrever de algumas gramaticas importantes, tudo quanto diz respeito à vírgula e seus emprego conveniente, na construção racional.

– Mas para que trazer a baila regrinhas conhecidas de todo o mundo e que somente no cérebro alucinado desse pseudo-filólogo rabugento, assumem proporções de pirâmides e enveredam por uma estrada labiríntica, de que se não conhece o fio de Ariadne?!

– Vá esse professor **catar pulgas...**

“Se uma virgula (Jesus!)
Faz correr qualquer Antonio
De certo a vírgula é a cruz
E o professor o demônio”.

Custou bem caro a Antonio Elias o descuido de pontuação em referência a uma simples coma!

Augusto, depois, passou a dar às suas respostas à epígrafe de *Punhaladas*. Na verdade, seus artigos equivaliam a golpes de profundo ridículos nos seus opositores. Para tornar mais grotesca a posição do adversário, amiudou o uso de entremear a prosa com alguns versos.

No que tange ao problema da colocação dos pronomes, Augusto também não o deixou desprezado. Pilhando o conteúdo êrro, exprobrou-o de maneira quase impiedosa:

“A expressão que apraz-me é despautério grosso”.

E mais além:

“Não é anti-eufônica, deturpando assim a beleza da prosódia e expressão **me apraz**, ao envez de **apraz-me** no caso referido?

– Está, portanto, constatado em linguagem acessível a qualquer entendimento que o velho professor deu uma rata de todos os diabos.

– Melhor se exprimiria esse decano da imbecilidade pública, valendo-se dos acessos de sua vesânia aguda, para cantar esta quadrinha suave.

– Gozem-na as gentis leitoras:

Tenho cinqüenta anos francos
Mas o que ainda me apraz
É fingir-me de rapaz
Pintando os cabelos brancos”.

Depois, nova estirada em virtude desta construção do opositor:

“...concluir logicamente que o dito meu cunhado escanchou-se”.

– Reincidência esta que bem demonstra a falta de preparo vulgar, revelada por esse nôvo Castro Nunes na observância da sintaxe prono minal.

– Opinam assim os melhores gramáticos, a saber: Julio Ribeiro, Alfredo Gomes e outros a que nos abstermos de referir para não escandalizar com alguns nomes estrangeiros e fraquíssima bagagem intelectual dösse professor amarelo.

Sei que a velhice desmancha
O **tribofe** mais bonito

Seja portanto, maldito
Quem na velhice se **escanCHA**.

Outros trechos de fogo aparecem contra a frase “*agora diga-me*” e bem assim contra a pouca importância que o professor dava a “eufonia” à “moralidade das expressões” e ao emprego das “reticências pornográficas” que encham a maior parte de sua *carta aberta*.

Somente um espirito envenenado pelo bafo dos botequins, e afeito aos vocábulos torpes da gíria pejorativa, sustentaria polémica e debates cotidianos com êsse porcalhão incorrigível. Rematemos a coisa num versinho, amenizando com pilhéria suil, que não ofende a moral, as agruras dessa moxifinada tediosa.

Agora velho, **me diga**
Com seus beiços esquisitos
Para que serve a barriga
De um professor das estradas
Senão para bengaladas
Dos macacos eruditos?

E continuam os remoques ao linguajar do professor, a quem, por sátira, atribui capacidade para ser nomeado “ministro da instrução universal”.

O modo de grafar as palavras também foi motivo de réplicas e trélicas.

“Não escrevemos **monosillabo** com dois s, e sim com um s e dois I.

– Entretanto, é verdade que o descuido do revisor deturpou a grafia idônea daquele vocábulo.

– Não temos culpa disto, assim como S.S. declarou também não ter culpa dos êrros de revisão, de que se acham prenes as suas “análises despreziosas”.

– Em as nossas primeiras “Punhaladas” saíram ainda outros êrros gráficos: **reavtado**, em vez de reatado; **espressasse**, em vez de expressasse, etc.

– S.S. aconselha que se deve escrever monosilabo, apenas com um I, pois, é composto de prefixo **mono** e **sillabano** compreender.

– A origem etmológica dêste prefixo é monos, palavra que em grego significa único.

– Quanto ao segundo elemento morfológica, sustentamos que êste deve incluir dois I, por causa da origem grega.

- Em grego, **syllabano** se escreve com dois lambda. Cândido de Figueiredo escreve silaba, substituindo assim o y por i e fazendo eliminação de um l.
- Não dispomos de força autoritária precisa para contradizê-lo, porque o mestre observa na maior parte dos seus escritos o sistema fonético.
- Sucederá o mesmo com o “Outro Professor”?”.

E, por fim, profligando o desacêrto da expressao: “quando sentir-se prestes”, escreveu:

“Êsse governador da república das letras, se não quisesse incorrer no vício de colisão, escrevendo quando **se sentir**, fizesse ao menos esforços desesperados na **cachimônia** e desta arrancasse ainda com todos os infernos um verbo qualquer, sinônimo de **sentir**, e de cuja concorrência com a variação pronominal se não surgisse atrito enfadonho dos mesmos valores fonéticos.

- Ora bolas!
- Perdõem-nos a colisão.

Quando a bôca agenebrada
 Dêsse velho, se sentir
 Com vontade de cuspir
 Nas faces da gente honrada
 Transviando a direção
 Em vez de nos atingir
 Há de a suja cusparada
 Bater-lhe na própria mão”.

As transcrições que aí ficam dão bem a medida dos conhecimentos vernaculares de Augusto e do estilo por êle usado no gênero polemístico.

Curioso é observar o pseudônimo que êle adotou para enfrentar o duelo. Pressentindo que a discussão poderia resvalar para o terreno das retaliações pessoais, em que até os defeitos físicos do opositor são lançados ao rosto, Augusto, que não tinha vícios, nem os chamados sociais elegantes, crismou-lhe de *Poeta Raquíptico*, como para prevenir possíveis alusões desprimorosas ao seu tipo somático, que era franzino.

CAPÍTULO XII
O SOCIALISMO NA POESIA
DE AUGUSTO



Augusto não nasceu no esplendor da riqueza. A maior fonte de rendas de sua família era o engenho Pau d'Arco, em cujas terras se cultivava a lavoura da cana de açúcar, além de outras pequenas agriculturas. Com suas matas virgens, seus olhos d'água, seu rio Una (rio preto), perene afluente do Paraíba, aquele engenho tornou-se uma das mais fecundas propriedades da nossa Província.

Embora fôsse, assim, possuidor de tão dadivoso trato de terra, o Dr. Alexandre não era rico, nem se esforçava por adquirir fortuna. Do mesmo modo, não encaminhara qualquer dos filhos para as atividades da vida rural.

Fenômeno raro e, talvez, único na história da Várzea do Paraíba, êsse de um senhor de engenho não ter a preocupação de preparar, na pessoa, de um dos filhos, um sucessor no comando da terra. Parece que o velho Alexandre estava a antever o ocaso da antiga aristocracia rural.

O Senhor do Pau d'Arco não adestrou nenhum descendente para a vida do campo, para a direção do engenho. Não os preparou para o manejo das máquinas agrícolas, para os mistérios da fabricação do açúcar ou mesmo para os negócios comerciais. As mãos dos seus filhos eram para a pena, para os livros e para o teclado do piano.

Os filhos do Dr. Alexandre fôram orientados para o estudo, para o cultivo das letras. Todos êles, os varões, conquistaram o título de bacharel em ciências jurídicas e sociais. E a filha, uma única filha, teve aprimorada instrução, chegando a preparar-se para ingressar na tradicional Faculdade de Direito do Recife. O

velho progenitor de Augusto quebrava, assim uma rotina. Naquela época, como ainda hoje em determinadas regiões do nosso Estado, a aspiração máxima dos chefes de família, mormente dos senhores das “Casas Grandes”, era fazer dos filhos, padres e doutores, mas destinando sempre um deles para continuar a vida agrícola.

Dir-se-ia que o Dr. Alexandre estava a pressentir a absorção dos engenhos pelas usinas. E, nesse pressuposto, quem sabe, teria procurado evitar que os filhos viessem a assistir à decadência do próprio engenho, reduzido a um “engenho de fogo morto”, com as moêdas paradas. E, bem assim, chegassem a passar pela humilhação de se tornarem simples fornecedores de cana – vassalo das usinas.

Inegável é que o senhor de Pau d’Aro o anteviu, com muita clareza, o destino que estava reservado para seus domínios territoriais. Depois de sua morte, que se seguiu à do Dr. Aprígio, o Pau d’Arco passou, logo, ao poder de terceiro tendo sido seu adquirente o Dr. Joaquim Francisco Vieira de Melo. E, em 1922, quando, sob o domínio de Gentil Lins, genro do Dr. Quincas, o velho Pau d’Arco teve restabelecido o seu primitivo nome de Bom Fim, transformado em moderna e florescente usina.

É de ver que esta tononímia não se adjectiva com o berço de Augusto. E isto porque, logo mais, a usina foi crismada com uma outra denominação: SANTA HELENA.

O certo, porém, é que tudo ali se transfigurou. A casa grande, de estilo colonial, com sua calçada alta, vastos salões, longos corredores e muitos quartos sombrios, é hoje um apra zível e alegre sobrado. O lugar onde fôra a senzala está ocupado por uma rua de casas e de relativo conforto. Demoliram a casa de farinha. Afastaram o curral para bem longe da sede da fazenda. Disciplinaram o rio Una, com uma grande barragem, pouco abaixo de sua nascente, barragem que ainda recolhe as águas de diversos rios pequenos. As antigas matas do Engenho são agora extensos canaviais, todos cortados por canais de irrigação tecnicamente

dispostos. A casa tósca de quatro águas, que abrigava o engenho, com tôdas as suas máquinas e pertences, transformou-se num amplo edifício, com a moderna instalação da usina.

Lembrança dos velhos tempos, ainda restava no local, há poucos anos, a chaminé do primitivo engenho, que foi destruída em virtude da reforma realizada pelos atuais proprietários. E, como única testemunha – testemunha muda e queda do passado augustiano, lá apenas existe o velho tamarindo – “a árvore de amplos agasalhos” – conservada em carinhosa homenagem ao Poeta do *EU*, que, à sua sombra, talvez lembrando-se das palavras de Virgílio “*sub tegmine fagi*”, compunha versos eternos.

Durante a infância e até a juventude, Augusto viveu em um ambiente de aristocracia rural. Na idade adulta, porém, ao atingir a plenitude de sua vida de poeta, teve oportunidade de testemunhar os primeiros anseios das reivindicações sociais.

Êle próprio manteve contacto direto com as classes menos favorecidas, auscultando o doloroso problema do proletariado, porquanto presenciou o trabalho em regime de servidão, apesar de abolida a escravatura.

No engenho, divisava a miséria dos párias. Via-os sujos, andrajosos, raquíticos, hospedeiros de vermes (vermes que aparecem constantemente em sua poesia), contribuindo com o seu eito, para o aumento dos rebanhos e para a expansão dos partidos de cana. Escutava-lhes o chôro, enxugava-lhes as lágrimas que, as mais das vêzes, corriam tão abundantes quanto o suor que derramavam sôbre a terra.

Eram os trabalhadores de enxada, já corroídos pela doença, baldos de ilusões, e sacrificados em todos os anseios e aspectos da vida.

Contudo, não foi Augusto um poeta de penetração socialista, sem embargo de haver deixado o ambiente do engenho na fase adulta da existência. Lá, sempre foi um recluso, absorvido em seus pensamentos, vivendo no materialismo daquele mundo sem

se influenciar por êle, e com o sentimento elevado sómente pela arte, pela harmonia do piano e pelo canto dos pássaros.

Amava o Pau d'Arco pela beleza incomparável da paisagem que o circundava.

Afastado de sua terra, desligou-se do vínculo da aristocracia. Nenhuma palavra, porém, proferiu sôbre os humildes, sobre os infortunados na ordem econômica. Tirante o soneto que dedicou à sua ama de leite, Guilhermina, “Ricordanza dela mia Gioventu”, e um outro que compôs inspirado em “Poemas de Maio”, livro de Rodrigues de Carvalho, nada mais escreveu que demonstrasse preocupação do problema social.

Não é curial supor-se que, sendo sua musa tão ampla como um cosmos, tendo abordado tematologia a mais variada, e extraído das nônanes e das trivilidades, nefelibáticas estrofes, plenas de encanto e originalidade, se deslembrasse êle dos pobres entes que nascem e vivem esmagados pelas desigualdades sociais.

A poesia de Castro Alves não tocou às culminâncias apenas pela forma e pela portentosa imaginação do poeta. Ela chegou ao galarim do esplendor, mais e mais, em virtude da grandeza do conteúdo da sua ideologia – o combate a uma ignomínia social, – a luta pela abolição da escravatura.

Gonçalves Dias avulta por decantar a figura do índio brasileiro, com suas revoltas, suas angústias e sua insubmissão ao servilismo.

O comunismo, como teoria, todos o sabem, remonta ao tempo dos gregos. Platão, em “República”, estabelece as primícias dessa doutrina.

No tempo do poeta, as doutrinas sociais já contavam, entre nós, com número de prosélitos. Já possuía uma corte de adeptos, em constante atuação.

No velho mundo, sua fase de maior relêvo, adveio após o manifesto lançado por Karl Max, em 1848. A *Primeira Internacional* constituiu-se em Genebra, em 1866, e se dissolveu em 1874. Nesse

meio tempo, seus filiados reuniram-se em Lousanne, Bruxelas, Basiléia, e a “Comuna de Paris” fizera o mo vimento armado de França, de 1871.

No ano do falecimento de Augusto, ocorreu o choque entre mencheviques e bolcheviques, do qual resultou a dissociação das duas correntes ideológicas, socialistas e comunistas, estabelecendo-se o término da segunda Internacional Comunista, organizada desde 1889.

Espírito servido por vasta cultura e atualizado com o pensamento científico de sua época, certo, Augusto não ignorava às teorias do comunismo e do socialismo. Entretanto, sua formação e seus sentimentos aristocráticos resistiram à influência daquelas idéias.

Dotado de excepcional talento, bem poderia êle ter abordado êsses assuntos de maneira a mais surpreendente, em sua incomparável poesia.

Todavia, não o fêz. Mas, não se pense ter sido com receio de investir contra a burguesia. Quem teve, como Augusto, a coragem de, embora contraditôriamente, negar a própria existência de Deus, não poderia temer a ordem social e econômica então reinantes.

Faltou-lhe, possivelmente, ambiente de condições contrárias à aristocracia, para que dela se desligasse em definitivo.

Houvesse, na Faculdade de Direito do Recife, adeptos da teoria de Max, tal qual ocorria com a de Darwin, e, por certo a poesia de Augusto teria feito profundas incursões no socialismo, tornando-se então um eco de revolta do operário universal.

Em apreciável trabalho, que publicou na *Revista Brasileira*, nº 11, sob o título “As Quatro Vidas de Augusto dos Anjos”, o crítico José Paulo Pais, profundo conhecedor da filosofia socialista, vislumbrou, laivos de comunismo, nos seguintes versos do poeta paraibano:

“Creio, perante a evolução imensa,
Que o homem universal de amanhã vença
O homem particular que ontem fui”.

Não me parece, entretanto, que o escólio do exímio beletista traduza, com fidelidade, o pensamento do poeta.

Os versos citados são o segundo terceto do Último Credo, soneto um pouco confuso, para não dizer obscuro, porque nêle, de qualquer modo, Augusto espargiu algumas centelhas do seu admirável talento.

No primeiro quarteto, o vate mostra a morbidez dos amores ocasionados pelo vício. O amor do adúltero pelo adultério. O do ébrio pela garrafa tóxica de *rhum*. E, sem nenhuma relação com os versos anteriores, numa forma muito original, diz da sua admiração pelo “coveiro – êsse ladrão comum que arrasta a gente para o cemitério”.

Augusto entoava sempre hinos à morte. Em toda a sua poesia, não se acha uma única manifestação de receio pelo além-túmulo.

No segundo quarteto, fala ainda da morte, que para êle é um “trancendentalíssimo mistério”.

Aqui, Augusto mostra-se contraditório, pois, enquanto de monstra afeição ao coveiro, censura a morte, “que matou Cristo, e que matou Tibério”.

Os tercetos possuem grande fôrça poética. Falam na evolução da substância cósmica, na “evolução imensa” no “homem universal”. Não se referem propriamente à humanidade, nem dêles se pode deduzir qualquer alusão às idéias socialistas pelo simples emprego da expressão “homem universal”.

Apreciemo-lo na íntegra:

ÚLTIMO CREDO

Como ama o homem adúltero o adultério
E o ébrio a garrafa tóxica do rhum,
Amo o coveiro – êste ladrão comum.
Que arrasta a gente para o cemitério!

E o trancendentalíssimo mistério!
E o **nous**, é o **pneuma**, é o **ego sum qui sum**

E a morte, é esse danado número Um
Que matou Cristo e que matou Tibério!

Creio como o filósofo mais crente.
Na generalidade decrescente
Com que a substância cósmica evolui...
Creio, perante a evolução imensa.
Que o homem universal de amanhã vença
O homem particular que eu ontem fui!

Em meu sentir, o que se pode inferir do soneto é que o poeta crê na evolução da natureza, dentro da qual deve ser o homem senão mais feliz, pelo menos mais perfeito.

Mas as poesias de Augusto em que se encontram, mesmo vislumbres de comunismo vêm a ser, além de “Ricordanza della Mia Gioventu”, o “Soneto”, composição publicada em “O Comércio”, de 9 de outubro de 1901, e “Os Doentes”. Na primeira, há expressa referência do poeta ao furto, por parte de sua ama de leite, das moedas que o Doutor lhe dava (no caso, o dr. Aprígio, padraсто de sua genitora).

A admissão de uma nutriz era prática adotada e mui comum na sociedade local, antes da existência dos *bancos de leite humano*.

Na família Rodrigues dos Anjos, cada um dos nove filhos de Sinhá Mocinha teve sua própria ama de leite, sua Mãe Preta, salvo Juliana e Augusto, que fôram amamentados por uma só – Guilhermina.

Nessa poesia, Augusto procura por em relêvo, na figura de Guilhermina, as vítimas dos múltiplos desajustamentos da organização social.

Assim diz:

RICORDANZA DELLA MIA GIOVENTU

A minha ama de leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me dava.

Sinhá-Mocinha, minha Mãe, ralhava...
Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita, afetava
Susceptilidades de menina:
“Não, não fôra ela!” E maldizia a sina,
Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,
Que a mim sómente cabe o furto feito...
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,
Eu furtei mais, porque furtei o peito
Que dava leite para tua filha!

Não se pode dizer que Guilhermina tenha entrado nos versos de Augusto como Pilatos no Credo, por mera alusão sem cunho de religiosidade.

Guilhermina participa dos versos de Augusto como se fora uma fonte inspiradora de remorso. Remorso que o poeta confessa sentir, por haver aceito a increpação feita por Sinhá-Mocinha, de ser sua Mãe Preta uma ladra.

Além de haver sugerido ao poeta um profundo sentido social, Guilhermina encarna um desses símbolos de mulher perdida. De mulher que ama a muitos homens e depois, logo cedo, atingida pela doença, cai no abismo da morte.

Nascida em Alagoa Nova, bem jovem ainda, ganhara o mundo.

“Funcionária dos instintos”, pouca importância dava aos bens materiais. Foi a única ama de leite que amamentou mais de um filho de D. Moça. Sempre bem humorada, serviçal, prestativa a mais não poder, desfrutava as simpatias gerais na “Casa Grande”. A patroa tudo fazia para melhor encaminha-la na vida. Aconselhava-a. Reprendí-a. Abria-lhe os olhos quanto ao futuro que a aguardava. Ela, porém, se mostrava pouco sensível às admoestações.

A ama Guilhermina recebeu a
 sua primeira remuneração no dia 29 (vinte)
 de abril de 1884
 — Dinheiro q' tomou em conta:
 No dia 17 de Junho — 2.000
 francos que são a soma cantada)
 No dia 12 de Junho de 1885 a quan-
 tia de 5.000 fr., que impuzo a u-
 ma cantada —
 No dia 6 de Fevereiro de 1885
 a quantia de 20.000 fr., para
 dar a irma Carochela.
 Em duas de Junho de 1885 a
 quantia de 44.000 fr., q' man-
 deu a irma Carochela p'le-

Anotações de dinheiro fornecido à Guilhermina, pelos cuidados dispensados ao poeta, nos primeiros 2 meses de vida. Recebeu nesse interregno CR\$ 22,00. Notar inicialmente a letra de Dr. Alexandre, depois, de Sinhá-Mocinha.

Dr. Aprígio, colaborando nesse intento de minorar-lhe a existência, reservou-lhe uma das mais aprazíveis casas do engenho. Vivenda tão atrativa que, depois, se transformou em local onde a família de Dr. Alexandre ía passar os domingos e realizar piqueniques.

Guilhermina, coitada, não se coadunou como recato que a austeridade de vida no Pau d'Arco estava a exigir. Preferiu, cumprindo sua predestinação, ir morar na “rua dos destinos desgraçados”.

Vítima da sorte, infeliz de seus pais e de seus avós. Era descendente de escravos. Nasceu livre, mas continuou na escravidão. Não dos senhores, mas do próprio destino. Dos maus fados que a acompanharam desde seus ancestrais.

Bonita, de côr morena, bem escura, chegou ao Pau d'Arco, em plena adolescência, e, muito não demorou, veio a ter filhos dos “cabras” da bagaceira. Pobre Guilhermina! Não teve, sequer, a ventura de conhecer os encantos de um lar. Mas o destino deu-lhe a glória de ter sido ama de leite de um dos maiores poetas dêste século.

Infortunada Guilhermina! Nunca soube da grandeza de Augusto, a quem dera tanta seiva, seiva sem a qual, talvez, o poeta não houvesse sobrevivido. Augusto, quando homem feito, condeu-se do seu destino. Estabeleceu um paralelo entre o furto de que fora vítima – as moedas que o Doutor lhe dava, – e a subtração da seiva que por direito pertencia à filhinha de Guilhermina – o leite. E, revoltado contra a acusação materna, absolveu a pobre ladra.

Por isso, recrimina e verbera a própria burguesia, que pressionava a pobreza irremediável de Guilhermina para obriga-la a trocar, por dinheiro, a seiva vital de suas mamas. E ela nem mercenária era!

Amamentado por Guilhermina, Augusto sentía-se como tendo praticado um esbulho contra a filha de sua nutriz, toman-

do-lhe êsse sangue que, no dizer de Ambroise Paré, “sobe ao seio e se transforma em seiva”. Se lhe tivesse ocorrido a idéia, talvez, houvesse exaltado a aquela Mãe-Preta, tal qual o povo da Galiléia exaltava a Virgem Santíssima, na paisagem de Jesus: “bendito seja o seio que vos amamentou”.

E parece que, com o furto daquelas moedas, Guilhermina nada mais fizera do que praticar uma justiça social. Era a vingança da plebe contra a aristocracia.

A perda das moedas representava, para o “Doutor” um prejuízo de pouca monta. Êle poderia substitua-las. A perda do leite materno, porém, era irreparável. Já Tinard dizia: “o seio e o coração materno são insubstituíveis”.

Vítima, pois, na sua inocência de uma sociedade defeituosamente organizada, Augusto prejudicava, de modo bem sensível a sua irmã colaça, a filha de Guilhermina, forçando-a a repartir consigo a vivificante ração alimentar.

Imerso nessas reflexões, procurou então redimir sua desprotegida “Mãe-Preta” do furto perpetrado, proclamando que sómente êle representara o papel de ladrão, pois, mais do que as moedas, furtava o leite.

Foi, portanto, através dêsse modelar soneto “Ricordanza della Mia Gioventu” que Augusto deixou vazar sua indignação contra o individualismo burguês.

Como poeta e polemista dado a assuntos de cunho filológico, Augusto, bem jovem ainda, colaborou nas páginas de “O Comércio”, fôlha que, no começo do século exerceu, do ponto de vista social, político, econômico e literário, considerável influência na vida da província.

Foi a fase de sua iniciação nas musas. Seu aprendizado. Nas suas produções, embora eivadas dos defeitos peculiares aos neófitos, já se percebia, de quando em quando, o reluzir das centelhas de um invulgar talento.

Nota-se, que a êsse tempo, Augusto, a despeito de não haver abandonado a leitura de Castro Alves, Alvares de Azevedo,

Cassimiro de Abreu e Fagundes Varela, lia muito Cruz e Souza. Daí as influências do romantismo e do simbolismo em suas diversas composições.

Analistem-se êste sonetos:

SOFREDORA

Cobre-lhe a fria palidez do rosto
O sendal da tristeza que a desola;
Chora – o orvalho do pranto lhe perola
As faces maceradas de desgosto.

Quando o rosário do seu rosto rola
Das brancas rosas do seu triste rosto,
Que rolam muchas como um sol já posto
Um perfume de lágrimas se evola.

Tenta, às vêzes, porém, nervosa e louca
Esquecer por momento a mágua intensa
Arrancando um sorriso a flor da boca.

Mas volta logo ao negro desconforto
Bela na Dor, sublime na Descrença:
Como Jesus a soluçar no Horto.

Puro romantismo.

IDEAL

Quero-te assim, formosa entre as formosas,
No olhar d'amor a mística fulgência
E o misticismo candido das rosas,
Plena de graca, santa de inocência!

Anjo de luz de austral auri-fulgência,
Etério como Willis vaporosas,
Embaladas no albor da adolescência,
Virgem filha das virgens nebulosas!

Quero-te assim, formosa, entre esplendores
Cobrindo o seio de virentes flores,

A alma deluida em etéreos cismares. . .

Quero-te assim, e que bendita sejas
 Como as aras sagradas das igrejas,
 Como Cristo sagrado dos altares!

Marcante, bem marcante, aí nestes versos, o influxo do simbolismo revelado nesta exclamação: “Virgem filha das virgens nebulosas!”. E veja-se que, em um outro soneto, “O Riso”, êle utilizou, como epígrafe, um lindo verso do alforreado autor de “Broqués”, o poeta considerado pioneiro do movimento simbolista em nossa pátria.

Dessa primeira fase de sua poesia pouco deixou de apreciável.

Ê o pipilar da ave antes de atingir a plenitude do gorgoeio. O próprio Augusto fez a crítica dessas produções iniciais, deixando-as fora do “EU”.

E estoutro:

O Riso

Ri, coração, tristíssimo palhaço Cruz e Souza

O riso – o voltairesco **clown** – quem mede-o?!
 Ele que no frio alvor da Mágua Humana
 Na Via.Lactea do Nirvana,
 Alenta a vida que tombou no Tédio!

Que a Dor se prende, e a tudo o seu assédio,
 E ergue à sombra da dor que se irmana
 Láureas de sangue de volúpia insana
 Clarões de sonho em nimbos de epicídio!

Bendito sejas, Riso, clown da Sorte
 Fogo sagrado dos festins da Morte
 Eterno fogo saturnal do Inferno!

Eu te bendigo! No mundano cúmulo
 És a Ironia que tombou no túmulo

Nas sombras mortas dum desgosto eterno!

Nesse período ainda hesitante de sua concepção artística, Augusto também versou um tema de caráter socialista, no

SONETO

(Lendo o “Poema de Maio”)

Na rua em funeral, êi-la que passa
A romaria eterna dos aflitos,
A procissão dos tristes, dos procritos,
Dos romeiros saudosos da desgraça.

E na choça a lamúria que traspassa
O coração, além, âncias e gritos
De mães que arquejam sôbre os pobrezitos
Filhos que a Fome derrubou na praça.

Entre todas, porém, lânguida e bela
Da juventude a virginal capela
A lhe cingir na frente baça,

Vai Corina mendiga e esfarrapada,
A alma saudosa pelo amor vibrada,
A Stela Matutina da Desgraça!

Neste seu canto, o poeta traz à tona o sofrimento das crianças pobres e, em linguagem reticente, profliga a injustiça das desigualdades econômicas.

O último verso do segundo quarteto – “Filhos que a Fome derrubou na praça” – lembra o estro de Castro Alves. E Castro Alves foi o poeta da Abolição, que era um problema social.

Por aí se vê que, apesar da Lei Áurea, munificência da Princesa Isabel, que deveria ter melhorado a ordem econômica, a fome, bem o compreendia Augusto, ainda derrubava seres humanos.

E de onde essa fome? Certo que originada do fato de não disporem os povos do direito ao trabalho. O vocábulo “filhos” é,

ali, empregado como sinônimo de meninos, porquanto o poeta alude às mães que arquejam sôbre os pobrezitos”.

A outra poesia em que Augusto ventila tese socialista tem o título “Os Doentes”. O poeta, por amor à verdade, não temeu nenhum preconceito social. Sua musa, – harpa eólia a vibrar nas transcendências magnas do espírito – voltou-se então para o sofrimento, para a degradação da infeliz mulher perdida e entre outras objurgações, apostrofou:

Talvez tivésseis fome, e as mãos, em balde,
Estendentes ao mundo, até que, a tóa,
Fôstes vender a virginal coroa
Ao primeiro bandido do arrabalde.

Também Whitman sem a menor cerimônia e com grande expressão poética, falou admiravelmente sobre a hetaira, dizendo em “To a Common Prostitute”:

Enquanto o sol não te excluir, eu não te excluirei
Enquanto as águas não se recusarem a cintilar para ti
Enquanto as fôlhas continuarem a fremir para ti
As minhas palavras não se recusarão a fulgir e a ressoar
Para ti.

Ao passo que Whitman saúda a prostituta, em versos cheios de volúpia e admiração, Augusto trata-a com recato, sem lubricidade, expressando até sentimentos castos. Lamenta-lhe o destino. E, embora hesitante, aponta a fome como genetriz da prostituição.

O ignóbil comércio da carne, todavia, tão velho quanto a humanidade, tem etiologia muito mais ampla.

Para Augusto, porém, a “decaída” vendeu a sua honra a fim de atender à subsistência. Fazendo lembrar as frustrações e os desencantos da vida da meretriz, exclama o poeta:

E estais velha! – De vós o mundo é farto,
E hoje, que a sociedade vos enxota,

Somente as bruxas negras da derrota
Frequentam diariamente vosso quarto!

Prometem-vos (quem sabe?!) entre os ciprestes
Longe da mancebia dos alcouces,
Nas quietudes nirvânicas mais doces,
O noivado que em vida não tivestes!

Na morte via êle a felicidade da mulher perdida – o seu noivado não obtido em vida.

Pena é que Augusto na urdidura dos seus versos aqui transcritos, só ao leve ferisse assuntos de carater socialista e, posteriormente não mais persistisse no tema, em outras produções, além do soneto dedicado à Guilhermina.

Nascido no Nordeste, onde passou quase tôda a sua vida, Augusto bem devia ter conhecido, o fenômeno climático e social do êxodo das sêcas, quando, tangidas pela miséria e pela fome, famílias e mais famílias, descem do sertão para as zonas do brejo e litoral em busca de meios de subsistência. Talvez tenha mesmo presenciado a passagem pelo engenho Pau d’Arco, de algumas levas de retirantes, famintos, andrajosos, humilhados, reunidos em uma promiscuidade forçada e ultrajante. Tal vês tenha visto jovens a procurar abrigo em casas de família umas, e outras, mais infelizes, a imolar a própria honra para não sucumbir à mingua de alimentação.

Augusto, porém, não tratou dêsse tema. Poeta do sofrimento, da amargura e da miséria, poeta das culminâncias, belíssimas e surpreendentes seriam suas descrições dessas *retiradas* que tanto envergonham nossa Pátria.

Augusto não devia ser jejuno na doutrina de Marx. De seu pai, que foi seu mestre, teria, de certo, recebido ensinamentos a êsse respeito.

O dr. Alexandre, homem de muita vivacidade intelectual, possuidor de sólida cultura humanística, não se despreocupava das leituras socialistas tanto que em artigo publicado no “Almanaque da Paraíba”, escrevia:

“Os salários devem-se gradual sôbre a produtividade do trabalho, sobre o valor de uma **fôrça de trabalho**, na linguagem sugestionadora de Karl Max”.

É fora de dúvida, portanto, que, na biblioteca da casa-grande do Pau d’Arco, já existia o “Capital” de Max, – obra que Augusto, sequioso de saber, naturalmente deveria ter lido.

E, então, por que não se identificou mais profundamente com os problemas sociais?

“Outrem, que não eu, a pena tome. . .”

CAPÍTULO XIII
AUGUSTO E A ALIENAÇÃO DO
ENGENHO DO PAU D'ARCO



Estudando as origens de sua própria formação, Nabuco escreveu:

“O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual êle terá sempre que se cingir sem o saber. . .”

Ensinam os psicanalistas: que as sensações experimentadas no começo da existência, são as que mais indelevelmente se fixam no espírito. “As primeiras impressões, deixam rastros duradouros”.

Augusto, nascido e criado no engenho Pau d’Arco, teve da vida de menino de engenho.

Naquele ambiente tudo lhe sorria. Como se não fossem bastante os cuidados da família, ainda teve a infância acariciada pela ternura e pelos desvelos da mãe-preta. Guilhermina fazia-lhe todos os gostos. Furtava-lhe, é verdade, suas moedas. Mas envolvia-o de carinhos e felicidade.

Em Pau d’Arco, na própria casa paterna, iniciou êle, em tenra idade o estudo de letras e de rudimentos de música.

Em Pau d’Arco, onde a paisagem é uma festa para os olhos, passou êle a maior parte de sua existência.

Silveira Carvalho, perfilando seus colegas, da Faculdade de Direito do Recife, bacharelados de 1907, ao chegar a vez de Augusto, escreveu:

“Em nossa Faculdade, eu digo-o ufano,
Sua passagem deixa um grande marco,
E pena que sómente de ano, em ano
Saia do seu retiro do **Pau d’Arco**
Posso afirmar daqui (não lisonjeio)
Que êle entre os **novos** é o Augusto da Arte,
E se não fôsse tão modesto, creio
Seria um nome augusto em tôda parte”.

O verde perene dos canaviais, os rios Una e Cúmbí, com seus meandros e pequenos afluentes, irrigando e fertilizando aquelas terras; os vales, as campinas, a mata bem espessa, povoada de guaribas, saguins, pássaros e aves canoras, tudo lá no engenho dos pais do poeta, conspirava para dar ao ambiente uns ares de primitiva e natural beleza.

Augusto, desde a adolescência, habituara-se a andar pela mata, talvez para observar e estudar “o pássaro da Flora Brasileira e a paleontologia dos Carvalhos”.

O meio vegetal, era o seu ambiente;

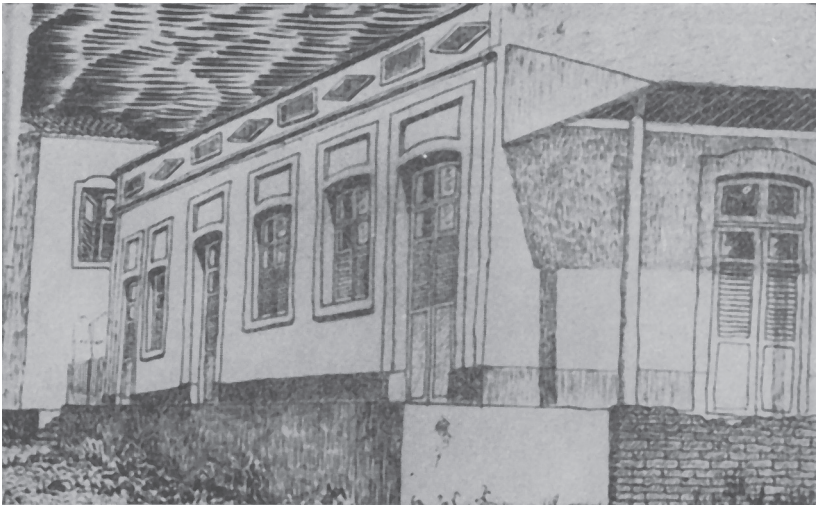
“... eu vivo pelos matos, magro, roendo a substância córnea das unhas”.

E sendo pela linha materna CARVALHO, em *Gemidos de Arte*, exclamou:

Eu, depois de morrer, depois de tanta
Tristeza, quero, em vez do nome – **Augusto**,
Possuir aí o nome dum arbusto
Qualquer ou de qualquer obscura planta!

O tamarindo, sem dúvida, constituía a sua mais viva reminiscência. Cenário de suas travessuras de criança, “escola socrática” onde o Dr. Alexandre lhe descortinara o mundo das letras, e refúgio de suas abstrações para idealização de tantas de suas poesias!

Para o poeta, o sossêgo e a beleza daquêle meio campestre sôbre modo concorreram para a perfeição de suas criações artísticas.



Detalhe da “Casa Grande” do Engenho Pau D’Arco, onde nasceu o poeta, feito por Arnaldo Tavares. A única fotografia obtida pelo autor, antiga e mal tratada pelo tempo, não permitiu ao artista, realizar sua completa reprodução.

A sombra do tamarindo, – refrigério de suas canseiras pelos “inexorabilíssimos trabalhos” – acolhe-o e viu-o chorar, se não bilhões de vezes, como dentro das presilhas da métrica, pelo menos algumas dezenas de ocasiões.

O engenho, a roda d’água, o terno da moenda, a roda de esporo, o cozimento, a fornalha, tôdas essas coisas ficaram gravadas para sempre em sua retentiva.

Seu olfato guardava ainda o cheiro característico de cada uma das dependências da casa rústica onde estava instalado o engenho. O cheiro de caldo, no “*paiol*”; o de melado, no *assentamento*; o da garapa, na *distilação*; o de aguardente, no enchimento e de açúcar bruto ou purgado, no *armazém*.

Na casa-grande havia salões bem espaçosos. O de visitas onde dr. Aprígio recebia os amigos e pessoas de cerimônia, ornado com mobília de jacarandá, o piano vertical, retratos e quadros pregados à parede. O que servia de escritório, onde eram colhidas as informações do andamento dos trabalhos e transmitir ordens aos feitores. A “sala do padre” só franqueada ao vigário nos dias de missa e festas religiosas e algumas pessoas de maior consideração. O “Quarto de cimento” onde dr. Alexandre tinha a biblioteca e dava aulas aos filhos. Os outros compartimentos também amplos e agasalhadores, tudo em consonância com a índole hospitaleira da família e os hábitos então vigorantes.

Era na verdade um lar bem vasto, acolhedor da gente humilde da Várzea do Una. Ali Sinhá-Mocinha, enérgica, bondosa e compreensiva, exercia o seu domínio.

Dr. Aprígio, tendo deixado a magistratura, não se revelou um bom gerente nos negócios do engenho. Agia mais com o coração do que com o cérebro.

Era um guia e um conselheiro para aquela gente. Enquanto isto, o dr. Alexandre dedicava-se a ensinar a Augusto e aos outros filhos, preparando-os em tôdas as humanidades, sem esquecer o estudo da música. Entre os seus livros estava

O *MÉDICO DO LAR*, cujas prescrições aplicava juntamente com doses de homeopatia, para amenizar tantos sofrimentos. Sua experiência e suas habilidades eram conhecidos na redondeza. Tinha bons conhecimentos de agrimensura. Pos suía instrumental para demarcação de terras. Por isso constituiu-se um inato, e solicito juiz de paz, a resolver questões de limites e invasão de animais domésticos em pequenos sítios; e a conciliar vizinhos desavindos e casais desajustados.

À direita da casa-grande da qual era separada apenas por um parreiral, erguia-se a capela em honra ao Senhor do Bom Fim. Era uma pequena e sólida construção de alvenaria de pedra e tijolo, em estilo romano e que tinha a singularidade de possuir o sino colocado externamente na fachada.

Nesse singelo templo, Augusto foi levado à pia batismal, fizera a primeira comunhão, orou muitas e muitas vêzes e, por certo entregou-se a profundas meditações.

A bela imagem de N. S. do Rosário – sua madrinha, talhada em madeira – de feições ternas, olhar meigo e discreto manto, como as do Senhor do Bom Fim e Santo Antonio, era um constante chamamento ao culto do Mártir de Gólgota.

O tôsko jardim em frente à casa, e o pomar a desenhar sombras no quintal que se estendia até o açude-grande, em cujas margens floria o “tamarindo”, eram verdadeiros desafios ao seu fecundo estro poético.

Recordando aquêles aspectos, os planos e os castelos que ali engendrara, a beleza das noites enluaradas, a quietude das águas, só perturbada pela atividade das aves aquáticas, os folguedos de “*galinha-gorda*”, o prazenteiro banho e a lavagem das alimárias - tôdas essas lembranças ditosas levaram-no a com por O LAGO ENCANTADO, versos que sómente agora saem do silêncio do ineditismo graças a generosidade de Guilherme Augusto dos Anjos.

O LAGO ENCANTADO

Vamos, meu desgraçado tamarindo,
Por esta grande noite abandonada...
As árvores da terra estão dormindo
E a mãe-da-lua já cantou na estrada!

Quantos laboratórios subterrâneos
E heterogêneos mecanismos varios
A decomposição de muitos craneos,
Montões de ruínas e montões de estrago
Não foram, porventura, necessários,
Para formar as aguas dêste lago!

As suas atrações ninguém resiste:
Este é o lago de todos os destinos...
O luar o beija; o circulo dos matos
Abrange-o e êle é triste, e êle é mais triste
Do que a porta fatal dos Mogrebinos
Que levou Cristo a casa de Pilatos!

Rolam no mundo um canto da saudade!
Tamarindo da minha mocidade,
Vamos nele saber nossos destinos!?

O tamarindo está sempre presente na dendolatria de Augusto. Neste poemeto, além de dirigir-se a esta árvore, tão sua amiga, o poeta que tanto exaltou o sofrimento, fala em “mãe-da-lua”, ave noturna que, na descrição folclórica de Câmara Cascudo, tem um canto melancólico e estranho a lembrar uma gargalhada de dor.

O curral, onde tôdas as manhãs, a família tomava o *leito ao pé da vaca*, e as crianças se distraíam com a ordenha, formulando apostas sôbre a quantidade de leite a ser colhida naquele dia; a *casa de farinha* com a maravilha dos seus beijos e a estrebaria fôram outros tantos quadros que se gravaram para sempre no espírito do poeta. Augusto, não era um grande apreciador da equitação, porém gostava de observar a cavalaria.



Candeeiro a querosene, que no Engenho “Pau D’Arco” servia ao poeta.

A estima pelo cavalo, no meio canavieiro nordestino era grande e impressionante, e até agora não desapareceu de todo. Ainda é Câmara Cascudo quem afirma:

“Até a segunda década do século XX pelos sertões do nordeste brasileiro o cavalo de sela, cavalo de montada pessoal, era índice indiscutível de estado social. Dizia-se, como elogio: “Fulano não é rico mas é boa pessoa, tem em casa, seu cavalo de sela...”. Estava o homem credenciado indiscutivelmente”.

Poucos anos faz, o autor dêste trabalho foi testemunha do desapontamento de um senhor de engenho ante a morte do seu animal de montaria. Pesaroso, comovido, chegou a dar ordem ao feitor para que sepultasse o ginete, exclamando: “aquele, urubú não há de comer”.

Tavares Cavalcanti, declarou (talvez pelo atavismo de nascido no Engenho Geraldo, em Alagoa Nova), ser o cavalo seu animal predileto. E justificou:

“é um colaborador esquecido de todas as ações épicas e de tôdas as conquistas úteis”.

E que dizer do prestígio de Pigarço – o confidente da paixão de Juca Mulato pela *“filha da patroa?”*

Juca Mulato todo o dia vinha vê-lo..
Afaça-lhe o dorso, acamava-lhe o pêlo,
e êle, baixando, quieto, as pálpebras vermelhas,
nutrindo e resfolgando, espetava as orelhas..
Juca Mulato, então, numa voz doce e calma,
dizia-lhe baixinho, o que êle tinha nalma.

Para as crianças, daquele tempo, o sonho dos primeiros anos era montar no seu carneiro, selado e devidamente ajaeza-do. Cuidar dêle, penteá-lo, cavalgá-lo, representava, na verdade, um imenso prazer para os meninos no meio rural.

Enquanto isto o Senhor do Engenho sentia-se ufano em percorrer os seus domínios no dorso de um possante quartau. A boa montaria completava a magestade patriarcal do dono da terra.

Possuir um fogoso cavalo baixeiro, meieiro ou esquipador, de pêlo luzidio, lustroso, crinas voltadas para direita, rabo comprido sem jamais ser aparado, tratado com ração de milho, capim e mel de furo, constituía uma das características marcantes do fausto da vida rural.

Até o emprêgo da espora encerrava um ritual. O próprio tinir da roseta de prata no ladrilho de tijolo ou no soalho de pinho de riga, tinha sua significação. Só os íntimos poderiam entrar na casa-grande de esporas ajustadas às botas. Usá-las nos dois pés, concomitantemente, era sinal de distinção. Ao serviçal, só se permitia andar com uma.

Às vêzes, mui raramente, é verdade, dava-se Augusto ao mister de olhar o eito. Essa atividade braçal tinha início, quase sempre, ao raiar do dia e terminava ao cair da noite. Ia de sol a sol.

Não cantou, não fez versos ao trabalho pesado dos fortes e explorados “cabras do eito”. Todavia não os esqueceu.

A morte de um dêsses homens causou-lhe forte abalo emocional, levando-o a escrever esta crônica:

JOÃO FRANCISCO

João Francisco viveu sempre obscuro, no achincalhamento ingênuo da bonhomia plebéia, arredio de ambições, preso à dura gleba do anônimo, êste que a cascavel insidiosa roubou em dias transactos, neste engenho, ao seio nobre do proletariado brasileiro.

Em tórno de sua cova, onde a nobreza não escreveu letras de epitáfio, nem os padres fidalgos cantaram versículos de bíblia lamentosa, lá ficou, sozinho balando em surdina, na areia triste do saudoso cemitério das Consolações, o lamento ferido de uma família paupérrima.

E que bom que êle estava!... Vinha vindo satisfeito, ressarcir-se da pesada estafa daquele dia, de volta ao lar modesto, ao sol posto, quando o réptil danado, de improviso, tocando chocalho, lhe plantou a morte no sangue!

Hoje, o seu braço morto, apodrecido na combustão da terra, não mais se levantara para o trabalho rude.

O outrora, êle empunhava o machado, ereto, reluzente como uma estrêla, e ia no carro de sua coragem, desbatar as florestas opulentas que ainda guardam no cerne carcomido dos velhos troncos a marca do seu suor! . . .

Pobre João Francisco! . . .

Da mesma sorte, não foram objeto de sua musa a bagaceira e a senzala – pontos onde, em seus tempos de criança, deve ter escutado narrativas de aparições sobrenaturais, abusões, contos populares e aprendido histórias de trancoso.

Augusto se afeiçoara a tudo aquilo. Não esquecia o canto das cigarras no verão. O coaxar dos sapos no inverno. O grito dos carros de boi. O aboio dos vaqueiros com suas modulações tristes e saudosas. O rangido da moenda. As trovas e as “em boladas” dos cambiteiros e, as toadas lânguidas dos negros do engenho, ficaram bailando em sua alma como se fôssem verdadeiras sinfonias agrestes.

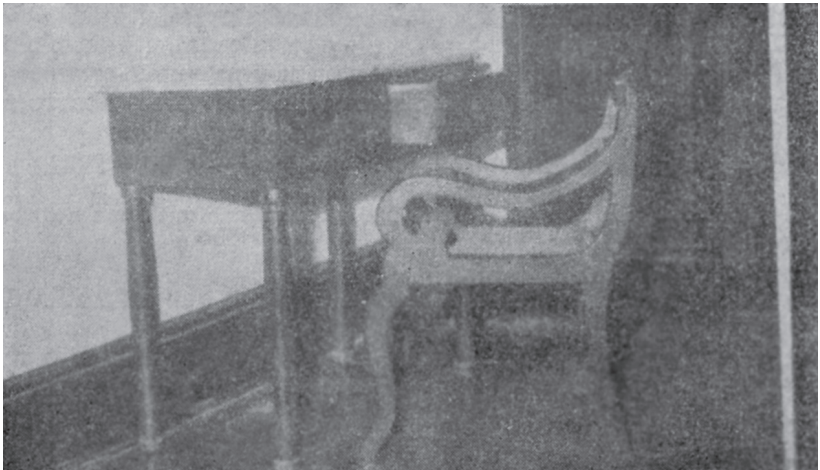
Augusto queria um bem todo especial à gente, à terra e até mesmo aos usos e costumes do seu amado Pau d’Arco. Jamais os esqueceu!...

Do Rio, escrevendo a Iaiá, deixou escapar êsse transbordamento íntimo a respeito de uma doméstica que cuidava do dr. Aprígio:

“Recomende-me aos conhecidos, não esquecendo a velha Donata que eu considero uma preciosidade inigualável do nosso passado infantil, nas terras do saudoso Pau d’Arco”.

O engenho ia caminhando para o *fogo morto*.

O cultivo da terra diminuiu e o canavial recebia poucas limpas. As socas, persistentes e como que amigas das moendas, é que teimavam em não deixar parar, definitivamente o engenho. O mata-pasto já ia invadindo aquêles terrenos, onde, outrora se via a exuberância clorofílica dos canaviais.



Mesa e cadeira em que o poeta, criança, estudava no Engenho “Pau D’Arco”.

O melão de São Caetano, clássico manto verde a alcatifar as construções abandonadas, lançava seus ramos em direitura da cumieira do próprio engenho. E ao vir alimentar-se das rubras sementes dessa curcubitácea ornamentadora das antígalhas, o sabiá desferia seus gorjeios, pressagiando o malogro financeiro e a derrocada daquela organização agro-industrial.

Os Carvalhos dos Anjos, de tanta vocação para as coisas do espírito, não davam para a vida do campo. Mas não sómente à frustração da família na agricultura se deve responsabilizar o fracasso da empresa.

Fatôres outros de natureza racial e econômica, contribuíram para esse melancólico fim.

A abolição da escravatura, acarretara considerável transtorno às atividades agrícolas, mormente à cultura da cana de açúcar.

O senhor de engenho, era figura de prestígio nas altas esferas políticas e sociais do tempo. Por isso, todo aquele que melhorava de situação econômica e financeira aspirava a pertencer à classe. E assim, os engenhos de açúcar que, no fim do século XVIII, atingiam nas terras paraibanas, a cifra de cem, nos albores deste século perfaziam o total de trezentos.

Além disso, de simples engrenagem movida à tração animal, e posteriormente à força hidráulica, a indústria açucareira, aqui no Estado, foi se modernizando e atraindo capitais estrangeiros.

Em 1882, a Companhia Engenhos Centrais, integrada por fundos holandeses, lançava as bases da atual Usina São João, inaugurando em 1888 o Engenho Central, que veio revolucionar a técnica da fabricação de açúcar.

Os Carvalhos dos Anjos, sem bossa para comércio e muito menos para os mistérios da agricultura e da indústria, fracassaram no amanhã da terra.

E as safras começaram a cair. E as despesas cresciam.

Não se adstringiam apenas aos gastos com o engenho e a manutenção da família. Os meninos principiaram a frequentar a

Faculdade, e deviam se apresentar melhor. Já tinham sua representação.

A doença do dr. Alexandre exigindo com viagens para esta Capital e para o Recife, consultas médicas, remédios, dieta, etc., sobrecarregava o parco orçamento doméstico.

A proliferação dos engenhos e o aperfeiçoamento da técnica da indústria açucareira determinaram uma super-produção.

A lavoura canavieira entrava, assim, em crise com o abarrotamento do mercado, sem possibilidade de exportação.

José Lins do Rêgo, referindo-se a esta fase, escreveu:

“...O açúcar bruto não dava quase nada, era mesmo que lama nos trapiches da Paraíba”.

Justamente, nessa hora pouca propícia é que a família de Augusto viera explorar êsse ramo de negócios.

Minguando a receita e avultando os compromissos, o remédio não houve senão lançar mão dos bens alienáveis, porque a simples restrição das despesas não se patenteava suficiente.

Só com uma coisa não se fazia economia: a educação dos filhos. Que se sacrificasse tudo; mas fôssem todos os meninos para a Faculdade.

E começou, então, a venda dos bens que integravam o patrimônio da família. Primeiro foi o Engenho Coité. Depois, as casas na capital. A seguir os semoventes. E por último, chegou a vez dos agiotas. Amigos cheios de cupidez, correligionários políticos impiedosos e até um ministro de Deus, quais irmãos de Shylock, fizeram usura.

Tudo se ia. Apenas o *Pau d'Arco* como a incitar o ânimo da família, ainda resistia ao impacto da crise. Mas logo a ganância desmedida dos usurários começou de vencer o esforço dos donos da relação aquêle imóvel – que foi gravado de ônus real.

O dr. Aprígio, abatido física e moralmente pela luta sem trégua para salvar o patrimônio, adoeceu. Tratado de longe, me-

dicina em absentismo, sem exame de sua resistência no momento, prescreveram-lhe um drástico. Foi a conta. Baqueara-lhe a resistência. Faleceu.

E a situação, de conseguinte mais se agrava.

Sinhá-Mocinha transferiu a residência para a Capital.

A morte do “doutor” encontrou o Pau d’Arco com uma hipoteca já vencida no “Banco Emissor de Pernambuco”.

Os herdeiros se reúnem, tudo fazem para saldar o compromisso e salvar o engenho. Esforço vão. Outros credores aparecem, e o remédio que houve foi a alienação da propriedade – “o saudoso Pau d’Arco” – para pagar ao Banco e satisfazer às outras dívidas.

Foi comprador Joaquim Francisco Vieira de Melo, o conhecido “dr. Quincas do Engenho Novo”, que assumiu por fôrça da escritura, todos os débitos.

E, desta sorte, no térmo do Espírito Santo, lá no cartório do tabelião Francisco Inácio Carneiro, a 10 de agosto de 1910, lavrava-se a escritura de compra e venda do Engenho Pau d’Arco, na qual figura como um dos condôminos vendedores dr. Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos.

Nesse ato, o poeta de “O Lamento das Coisas”, teria lamentado a alienação de sua parte naquele prédio rural como se fôra a alienação de uma parte de sua própria existência.

Na verdade o Pau d’Arco se imaterializara em sua paixão. E aquêles hectares de terra, tão intimamente ligados à sua vida e às suas concepções poéticas, encarnavam algo do seu próprio ser.

O engenho, pelo seu bucolismo, devia ser-lhe uma recordação constante dos versos de Virgílio. Encerrava, portanto, um preço, uma significação, uma valia espiritual, incomparavelmente maior do que seu custo pecuniário, seu valor reduzido a moeda.

Rememorava-lhe uma quadra das mais ditosas de sua vida.

O Pau d'Arco não era apenas a terra de seu nascimento objetivo. Ali, êle nascera também para o mundo subjetivo das letras e das artes, e, (quem sabe) do amor.

Ali, aspirava exalar o último suspiro. Ali, *Debaixo do Tamarindo*, jazeria para sempre o seu espírito.

“Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à patria da homogeneidade,
Abraçado com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!”

Mas e a falta de vocação ou de preparação psicológica e profissional de sua família para as atividades agrícolas, de parceria a outros fatores adversos, levaram àquela derrocada.

Interessante: os Carvalhos dos Anjos, tão capazes em outros empreendimentos, vitoriosos nas profissões liberais, em que brilharam uns e outros fizeram fortuna, falharam na gestão de suas propriedades rurais.

Parecia que o poeta descrevia o panorama dêsse revés, quando cinzelou,

GEMIDOS DE ARTE

“Nos outros tempos e nas outras eras,
Quantas flôres!! Agora, em vez de flores,
Os musgos, como exóticos pintores,
Pintam caretas verdes nas taperas.

Na bruta dispersão de vitreos cacos,
À dura luz do sol resplandecente,
Trópega e antiga, uma parede doente
Mostra a cara medonha dos buracos.

O cupim negro broca o âmago fino
Do teto. E traça trombas de elefantes
Com as circunsvoluções extravagantes
Do seu complicadíssimo intestino.

O lôdo obscuro trepa-se nas portas.
Amontoados em grossos feixes rijos,
As lagartixas dos esconderijos
Estão olhando àquelas coisas mortas!

Súbito, arrebetando a horrenda calma,
Grito, e se grito é para que meu grito
Seja a revelação dêste Infinito
Que eu trago encarcerado na minha alma!

E em *TRISTEZAS DE UM QUARTO MINGUANTE*, em que êle fala do Engenho Pau d'Arco, bramia:

Ah! Minha ruína é peor do que a de Tebas!
Quisera ser, numa última cobiça,
A fatia esponjosa de carniça
Que os corvos comem sôbre as jurubebas!

A frustração econômica e conseqüente venda do engenho Pau d'Arco, foram dissabores que ulceraram profundamente a alma do poeta.

E não se pode negar, constituíram motivos que, adicionados a desconsideração que lhe fizera o Presidente João Machado, indeferindo-lhe um pedido de licença do cargo de professor do Liceu, muito influíram na sua decisão de deixar, para sem pre, a terra natal. Até porque, apenas decorridos dezoito dias de consumada a venda, o poeta exonerava-se da cátedra do Liceu Paraibano, e rumava para o Sul, levando consigo o propósito de não mais pisar a gleba do seu nascimento.

Se essa licença lhe houvesse sido negada noutra ocasião, de certo, bem diverso teria sido o seu modo de reagir. Leva-lo-ía quando muito, a demitir-se, pois o seu preparo humanístico, seus conhecimentos da ciência do direito aliados ao seu pendor didático e capacidade de trabalho, permitir-lhe-iam ganhar a vida da mesma maneira.



Tamarindo de Augusto

(Fotografia batuda por Damásio Franca, a 12 de novembro de 1960, no Engenho “Pau D’Arco”, hoje, Usina “Santa Helena”).

Sua fortaleza de ânimo e seu espírito de decisão já os havia demonstrado quando, desprezando os conselhos maternos e a possibilidade de vir a ser professor da Faculdade de Direito do Recife, resolvera casar-se. Fôsse apenas a crise com a administração Estadual, o mo tivo principal de sua partida da Paraíba, não teria emigrado daquela maneira tão rápida e precipitada.

Pouco tempo faltava para as férias escolares e, quem necessitasse de aulas particulares, de certo já as teria contratado.

Estudar para concurso, na província ser-lhe-ia muito melhor, notadamente naquele período em que teria contraído núpcias fazia pouco mais de um mês e suas reservas monetárias deveriam estar desfalcadas.

Assim, as circunstâncias estavam a indicar que essa viagem era de ser empreendida mais adiante quando outras e mais favoráveis fôsem as possibilidades.

Contudo, a perda do seu querido Pau d'Arco, determinou um impacto emocional tão forte que o afastou definitivamente do torrão natal.

Há ainda um outro indício que atesta o amargor que essa mal sina da venda causou no espírito do poeta.

Em 1910, Augusto, diretor do NONEVAR, era responsável pela crônica da Festa das Neves. Tinha, como já vimos, sua secção própria diária em que assinava Cavaradossi. Pois bem: a partir do dia 2 de agosto, data em que entrara em polícias para a venda do Pau d'Arco, sua pena deixara naquele periódico. Substituiu-o o jornalista "Silvio", pseudônimo de Leonardo Smith, que justificou seu aparecimento já no lusco-fusco da Festa, com estas palavras:

"O pobre cálamo, há tempo retraído dêste amargurado e inglório serviço a que há muito se devotara, com inabilidade, porém, com amoroso respeito, aqui está novamente, agora em substituição a um cronista de pulso firme e decidido mérito, que ia nesta secção deixando umas coisas sérias sôbre Filosofia e Arte".

Objetar-se-á, talvez, que tendo abandonado a sua secção em prosa, continuou Augusto a publicar, naquele jornalzinho, perfis em versos, e assim o caso da alienação do Pau d'Arco não teria ferido tão acentuadamente a sua emotividade.

A objeção, porém, cede sem nenhum esforço, ante a consideração de que tais perfis, já estavam escritos, ao passo que as crônicas referiam-se, sempre e obrigatoriamente, aos acontecimentos ocorridos na noite anterior. Traumatizado, cheio de angústias, a carpir saudades, Au gosto retirou-se de sua Paraíba, tendo porém conservado para sempre, na tela da memória, todos os aspectos, tôdas as paisagens do velho Engenho Pau d'Arco.

E semelhantemente a Nabuco, poderia dizer:

“Foi ali que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infância, insondável na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz dele para sempre em certas horas um oásis sedutor”.

CAPÍTULO XIV
AUGUSTO NÃO FOI
TUBERCULOSO



Ainda hoje é idéia geralmente aceita como verdadeira, entre os estudiosos ou admiradores de Augusto, que o vate sofrera por muito tempo de tuberculose, moléstia que lhe causara a morte. Mas é um equívoco. Êle jamais fôra tísico.

Autoriza e abona essa assertiva não sómente a reconstituição do seu passado mórbido, como também os depoimentos conscientes de seus parentes e amigos: Irene Fialho, sua cunhada; Djanira Pacheco Ribeiro, irmã de seu concunhado Rômulo Pacheco; sua própria irmã, Iaiá de Carvalho Rodrigues dos Anjos; Dulce Silva dos Anjos, viúva de seu irmão Odilon de Carvalho Rodrigues dos Anjos; pessoas estas que privaram com o poeta e com êle conviveram na intimidade do lar.

As duas primeiras, cumpre assinalar, assistiram aos seus últimos quinze dias passados no leito, e presenciaram o momento extremo de sua morte.

A palavra de Irene, circunstanciosa, cheia de minúcias, é das mais valiosas. Inteligente, erudita e, sobretudo, dotada de notável memória, é ela, como a chamam na intimidade “a tira-teima da família”. É ela a voz que sabia quitar tôdas as dúvidas, reconstituindo com a precisão de uma objetiva fotográfica, datas e fatos os mais complexos e recuados.

Rômulo Pacheco, em trabalho publicado em “A UNIÃO”, de 4 de fevereiro de 1937, sob o título AUGUSTO DOS ANJOS, presta importantes esclarecimentos sôbre vários aspectos da vida do fraternal amigo inclusive do estado físico e da doença que vitimou o aedo conterrâneo.

No sentido de afastar a tão apregoada hipótese de tuberculose, outros estudos e depoimentos ainda podem ser invocados. A própria resposta de Augusto (que era dotado de uma franquesa quase agressiva) ao questionário de um inquérito sômato-psíquico feito sobre os intelectuais brasileiros; a interpretação de alguns trechos e expressões de poemas enfeixados no EU, e o próprio atestado de óbito firmado pelo clínico que o assistira na última doença. Ao lado disso, uma análise interpretativa das condições epidemiológicas da tuberculose, em nosso meio, no começo do século, robustece a opinião, ora sustentada de não ter sido o genial Augusto, um portador da fimatose.

É coisa por demais sabida que a elucidação de determinados estados patológicos é tarefa bem difícil e nem sempre atingida, mesmo por técnicos dos mais competentes e experimentados.

A ciência do diagnóstico no autorizado opinar de MARTINET, está muito longe ainda de alcançar a perfeição desejada.

Vem a pêlo também o conceito de BURGER, no seu tratado: *Erros de Diagnóstico Clínico*.

“Não devemos esquecer que as verdades de hoje são os erros de amanhã. Flaubert reuniu uma coleção documental de faltas de habilidade de homens eminentes, para a qual propôs Guy de Maupassant o sub-título: “POR FALTA DE MÉTODO NO ESTUDO DAS CIÊNCIAS HUMANAS”. Dada a super-abundância de material, não foi possível ainda concluir a coleção”.

Quantas e quantas vèzes ao médico deparam-se conjunturas, ante as quais, à vista do doente recorrendo a todos os exames objetivos e complementares, inclusive ao auxílio de colegas em conferência, não consegue a elucidação cabal do caso, em seus diferentes aspectos, clínico, anatômico, fisio-patológico e etiológico!

Se assim ocorre quando o esculápio dispõe de todos esses elementos semióticos, imagine-se agora a dificuldade para

estabelecer um chamado diagnóstico post mortem. E principalmente se êste diagnóstico, como no caso em tela, discrepa por completo de um conceito que adquiriu foros de verdade e conquistou visos de exatidão científica até entre espíritos esclarecidos e eminentes!

Entretanto uma análise profunda e bem acurada sôbre Augusto, situado no seu tempo, na sua poesia, nas suas condições físicas e no juízo dos seus amigos e contemporâneos mais familiares, enseja o necessário substrato para afirmar que êle jamais fôra tuberculoso.

O errôneo juízo tomou contextura e vulgarizou-se, sem dúvida, do fato de apresentar o genial poeta um *facies* descarnado e da preocupação que êle sempre teve de fazer, em seus versos magistrais, alusões à tísica pulmonar. Bem assim da circunstância de serem encontradas, a cada momento, no EU, descrições de estados patológicos, feitas em terminologia científica, nas quais a peste branca era como que, liricamente, atribuída a si próprio pelo autor.

Lá está em

MONÓLOGO DE UMA SOMBRA

E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das fôrças subterrâneas,
E a morbidez dos sêres ilusórios!...

A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia.

A tuberculose foi ali um tema dos mais referidos. É que até o poeta, manifestando uma sintomatologia que oportunamente será focalizada, presumía-se um fimatoso.

E assim começa em:

AS CISMAS DO DESTINO

Recife. Ponte Buarque de Macedo.
Eu, indo em direção à casa do Agra,
Assombrado com a minha sombra magra,
Pensava no Destino, e tinha medo!

Para mais adiante apostrofar:

Na ascensão barométrica da calma,
Eu bem sabia, anciado e contrafeito,
Que uma população doente do peito
Tossia sem remédio na minha alma!

E o cuspo que essa hereditária tosse
Golfava, à guiza de ácido resíduo,
Não era o cuspo só de um indivíduo
Minado pela tísica precoce.

Não! Não era o meu cuspo, com certeza
Era a expectoração pútrida e crassa
Dos brônquios pulmonares de uma raça
Que violou as leis da Natureza!

Era antes uma tosse úbiqua, estranha,
Igual ao ruído de um calhau redondo
Arremessado no apogeu do estrondo,
Pelos fundibulários da montanha!

E a saliva daqueles infelizes
Inchava, em minha boca, de tal arte,
Que eu, para não cuspir por toda parte,
Ia engulindo, aos poucos as hemoptises!

Escarrar de um abismo noutra abismo,
Mandar ao Céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia nesse escarro
Do que em tôda a moral do cristianismo!

Todavia não se induza daí que êle tenha sido tuberculoso.

Os ensinamentos da ciência médica, ante os elementos que se apresentam e que irão ser, mais de espaço, estudados, não autorizam semelhante diagnóstico. Pena é que os melhores críticos hajam incidido nêsse engano, conforme será demonstrado em vários tópicos dêste capítulo.

Medeiros e Albuquerque chegou mesmo a asseverar:

“Essa moléstia (a tuberculose) o minou durante muitos anos e acabou por dar-lhe a sua obsessão”.

Em 1928, após uma releitura do EU, Agripino Grieco, escreveu interessante estudo qualificando-o de um livro imortal. É um notável trabalho de interpretação em que o renomado escritor, considera Augusto “talento aberrante que desconcerta os críticos acadêmicos”, e no qual se encontra êste trecho:

“A vida lhe foi uma constante moléstia porque um tuberculoso como êle não podia furtar-se a visão, ao horror do pus e sangue em que se desfazia”.

Em *Poesia Brasileira*, Manoel Bandeira, ao focalizar Augusto, asseverou:

“Atacado de tuberculose, procurou os bonsares de Minas Gerais, fixando residência na cidade de Leopoldina, onde exercia as funções de diretor de um grupo escolar”.

Quando Augusto morreu, a imprensa do País foi quase uníssona em afirmar que êle transferira a residência para Minas Gerais em busca do ar da montanha. É que, àquela época, ainda de restritos recursos terapêuticos, o clima da altitude constituía uma das melhores curas contra a “peste branca”.

Na verdade, liam-se como chavão, no seu necrológio, estes períodos:

“Acometido o ano passado de pertinaz moléstia, o notável poeta paraibano teve que se retirar, do Rio para tratamento, sendo então nomeado para Leopoldina, onde acaba de falecer, diretor do Grupo Escolar naquela cidade. Ali, porém, não obteve as melhoras que esperava”.

Essa notícia, quase com as mesmas palavras, foi repetida pelos periódicos cariocas “Jornal do Comércio”, “Correio da Manhã”, “Gazeta de Notícias” e revista “Mar e Terra”. O “Correio de Minas”, por sua vez, também reproduziu a mesma versão.

“O Verbo”, que se editava em Recreio, então distrito de Leopoldina, foi mais discreto:

“Dizem que moléstia pertinaz lhe vinha minando o organismo. Isto não sabemos. O certo é, porém que quando o vimos pela primeira vez, por ocasião da inauguração da água neste distrito, achamo-lo com um ar de tristeza, com um tom de certa melancolia, na expressão suave e bondosa do seu rosto”.

Ainda recentemente, no transcurso do septuagésimo sexto aniversário natalício de Augusto, o Correio da Manhã, do Rio, em sua coluna *Vida Cultural*, noticiou:

“... a vida trabalhosa que levava agravou a tuberculose que adquirira (...) Evidentemente a sua amargura, a sua revolta, a inconformidade com a vida, resultaram da moléstia que cedo o acometeu, das dificuldades que encontrou, das responsabilidades de família que teve de enfrentar”.

A tuberculose pulmonar é, sabidamente, um mal crônico. Mas o momento epidemiológico do Brasil no começo deste século, não permite admitir uma duração mui prolongada para um portador desta moléstia. Juan Carlos Alvarez, estudando em

Rosário, Argentina, “A TUBERCULOSE E OS “PARENTES POBRES” DO INTERIOR”, estimava a vida média de um tuberculoso, ali, no início desta centúria, em apenas pouco mais de um ano de sôbrevida.

Não se deve esquecer que Augusto era um homem do campo. No *Engenho Pau d’Arco*, transcorreu a maior parte de seus dias.

Só esporadicamente dali se afastava para vir a esta cidade ou ao Recife, a fim de prestar exames escolares. Com a morte de dr. Aprígio, verificada em fins de 1908 é que Sinhá-Mocinha transferiu com os filhos solteiros, a residência para esta Capital.

O autor dêste ensaio, que foi, durante vários anos, médico da Usina Santa Helena – emprêsa estabelecida nas mesmas terras e no mesmo lugar do antigo Engenho Pau d’Arco – teve oportunidade de examinar clinicamente a quase totalidade da gente que ali habita. Não se recorda de haver então constatado casos de tuberculose. Assim, nada mais lícito do que conjecturar, hoje, que Augusto frente a bacilose de Koch, apresentava-se como um terreno virgem, na conceituação de Sayagó:

“indivíduo não infectado dos povos primitivos, ou de região não contaminada dos povos civilizados”.

Ora, a *Mycobacterium tuberculosis*, encontrando um terreno assim virgem, determina um quadro gravíssimo e quase sempre, mortal.

Sem dúvida, não é aqui o momento cômgruo para abordar os problemas da imunologia na tuberculose, do complexo primário de Ranke, das questões de alergia, etc. Apenas cumpre assinalar a malignidade do germem perante o organismo humano até então sem nenhum contato com êle.

Os islandeses e italianos que, deixando suas pátrias, foram fixar-se em New York, nos primeiros anos dêste século, pagaram sério tributo a essa doença, inexistente nas regiões de onde provinham.

Na primeira grande guerra, o fato se repetiu com os soldados africanos do Senegal, enviados à França, nos quais se assinalou acentuada incidência da enfermidade. Entre nos, em consequência do último conflito mundial, quando as populações campesinas foram atraídas em massa para os centros urbanos, o mesmo fenômeno se constatou, conforme observação de Reginaldo Fernandes, em sua *Clinica da Tuberculose Primaria Pulmonar do Adulto*.

Noel Nutels, o idealizador e dirigente das Unidades Sanitárias Aéreas, – cita entre outros, o exemplo do extermínio quase absoluto do aldeamento de Meruri, as margens do rio das Graças, em Mato Grosso, em virtude do contato dos autóctones com um padre salesiano, tuberculoso, que ali estabelecera um núcleo de catequese. E em pouco tempo, de uma tribo de seis mil pessoas,

“restam apenas algumas centenas de índios tristes, que odeiam a nossa civilização”.

Estas divagações, um tanto longas, são para provar que, epidemiologicamente, Augusto não foi tuberculoso. Maximé um tuberculoso crônico, arrastando essa doença por longos anos.

Nesta Capital, êle fixou-se por pouco tempo, pois, em setembro de 1910, recém-casado, foi morar no Rio.

Transferindo sua residência para uma grande cidade, para um meio cosmopolita, onde por sinal, arrastou uma vida afanosa, de privações e dificuldades, Augusto se tuberculose fôsse, ou houvesse ali contraído essa moléstia, pouco, muito pouco, teria resistido, dadas as desfavoráveis condições ambientais, a par do desconforto em que vivia e das estafantes atividades que fôra obrigado a desenvolver.

Sua vida na “Cidade Maravilhosa” foi das menos invejáveis. Êle mesmo o declara em carta à irmã Iaiá:

“Deixei de te escrever assiduamente, porque m’o obrigaram a isto, podes acreditar, umas tantas decepções quotidianas, na combatividade

sêca da vida material. (...) Desempregado, com responsabilidades pesadas a me abarrotarem a alma, vtima de uma desilusão, na minha própria terra, tudo isto, como um amalga negro, engendrou êsse silêncio malsinado”.

No Rio de Janeiro, o poeta passou eêrca de quatro anos, talvez os mais ingratos de sua atribulada existênciã. Habitando, com a família, estreitos e pobres cômodos de insalubres pensões; nascendo-lhe ali os filhos; perdendo o primeiro; vivendo em constantes correrias pelos pontos opostos da cidade, para atender a alunos particulares; em atividade intelectual igualmente intensa, compondo seus poemas, imprimindo o EU, frequentando as rodas literárias, etc., só mesmo um individuo que dispusesse de razoáveis reservas físicas, poderia resistir.

Objetar-se-á – e cabe a indagação - por que aquela preocupação do vate com a tuberculose, a ponto de se dizer, êle mesmo, portador de tão horrível doença?

Por que suas constantes alusões à hemoptise, à tosse, à expectoração, à saliva, ao catarro, à escarradeira, à golfada, ao desespero das pessoas tísicas, à população doente do peito, etc.?

Observando-se atentamente às condições clinico-epidemiológicas de Augusto no transcorrer da sua vida, óbvio será concluir que êle desde a infância foi acometido de uma afecção do aparelho respiratório, permanente, irreversível, ligada à árvore brônquica, porém, etiológicamente não vinculada a tuberculose.

O mal que o acometeu, foi sem dúvida a Doença de Laennec, isto é, uma bronquiectasia. Esta, sim, é conciliável com o viver atormentado e torturado, como foi a existênciã do poeta.

Ramon preleccionava:

“a bronquiectasia é compatível com uma existênciã normal, freqüentemente mesmo, com uma vida fatigante e penosa”.

Desta sorte, não é fora de propósito nem será uma heresiano terreno médico científico afirmar que Augusto, muito jovem, talvez mesmo como complicação das infecções infantis – coqueluche ou febres eruptivas - tenha sofrido uma dilatação brônquica irreversível.

A bronquiectasia, achado freqüente na patologia pulmonar, ataca em tôdas as idades, sendo, todavia, mais comum, surgir na infância e adolescência. A sintomatologia é característica: acessos de tosse não quintosa, com horário bem firmado, abundante expectoração, estratificada em camadas, inódora ou às vêzes fétida, pútrida, e também vômica, sôbre tudo matutina, escarros hemoptóidos ou a própria hemoptise. Esta, na opinião de Albrecht, é observada

“com mais freqüência na bronquiectasia do que na tuberculose pulmonar”.

Moersch, analisando no serviço de cirurgia torácica da *Mayo Clinic*, duzentas observações de hemótises, cujos portadores foram encaminhados à broncoscopia, (amostra, é bom assinalar, selecionada, e portanto não representativa do universo estatístico), encontrou a tuberculose pulmonar apenas responsável por 5,5% desta casuística. Enquanto isto, a bronquiectasia contribuiu com 26,5% como etiologia dessas perdas sanguíneas.

Sonders e Smith, em Boston, assinalaram a dilatação brônquica como a causa predominante da hemoptise, pois, dentre os 105 portadores deste sintoma, registrados na Lahey Clinic, 30 padeciam de bronquiectasia.

E Mazzei é peremptório:

“a tuberculose pulmonar, as bronquiectasias e o cancer broncogênico, são os maiores responsáveis pelas hemoptises”.

A doença apresenta, ainda, períodos de remissões e de agudização estacional.

O estado geral, é sempre bom, raramente há exacerbação da temperatura. Às vêzes tendência à cianose e hipocratismo digital.

Fernando Paulino descreve bem o quadro clínico:

“O drama psicológico dos bronquiectasicos, atormentado na infância e adolescência pela inferioridade em face de seus colegas para jogos esportivos e os estudos, envergonhado na juventude quando se torna maior o entusiasmo pelo sexo oposto, pela tosse inoportuna e expectoração quase sempre fétida, é reconhecida por todos que têm experiência do assunto e foi descrito por Bradshaw, O’Neil e Chuschell”.

Para reconstituir a vida pregressa de Augusto, foi ouvida Irene Fialho. Disse, então que o cunhado

“tinha tôda manhã um invariável acesso de tosse, seguido de abundante expectoração. Era uma baba misturada com catarro viscoso, grosso, por vêzes exalando mau cheiro; por isto não se separava de um vidro de Bromil”.

É bem possível que nesta “toilette matinal dos brônquios”, (sinal de Larèque, da bronquiectasia), Augusto eliminasse vez por outra, um pouco de sangue, pois em tais casos, a expectoração é muco-purulenta ou muco-hemoptoica.

De certo, o espumar sanguinolento, aos seus olhos de leigo, o impressionava. Foi talvez após a observação de uma dessas ocorrências, inspirado por ela, que o autor do *EU*, compôs *OS DOENTES*, belo poema cheio de pessimismo, onde se encontram:

Oh! desespêro das pessoas tísicas,
Advinhanda o frio que há nas lousas
Maior felicidade é a destas cousas
Submetidas apenas às leis físicas!

Descender de macacos catarríneos.
Cair doente e passar a vida inteira
Com a bôca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sanguíneos!

Atento-se para o sentido dêsse poema. Descreve o sofrimento do bronquiectásico...

O “desespêro das pessoas tísicas”, bem podemos identificar naquêle “drama psicológico” aludido por Paulino. Augusto, ignorando o verdadeiro diagnóstico da sua doença – tossindo, expectorando, exalando mau cheiro, às vêzes, eliminando um pouco de sangue, – julgava-se um tuberculoso. Mas, este mal, no seu tempo, não poderia ter uma duração prolongada. Não é admissível, tão longo padecimento. Depois de “cair doente”, passar a vida inteira / com a bôca junto de uma escarradeira / pintando o chão de coágulos sanguíneos”.

A bronquiectasia, sim, é moléstia que se prolonga, que du ra muito, com abundante expectoração, chegando um doente a eliminar, nas 24 horas, cêrca de um litro e meio de secreção brônquica. Observa-se mesmo aquêle estado de “piorréia bronquiectásica” referido por Achard.

O sialismo o preocupava. Em Monólogo de uma Sombra, dizia:

Com um pouco de saliva quotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana
A podridão me sirva de Evangelho...

A cor lívida da pele (a cianose por vêzes se constata na bronquiectásia) também o desassossejavam. Augusto, como já vimos, costumava trazer no bolso da lapela um espelinho para observar a côr e o aspecto do rosto e procurar sinais de alteração da saúde.

No último tercêto do *Noli me Tangere*, advertia:

Ah! não toqueis em minhas faces verdes,
Sob pena, homens felizes, de sofrerdes
A sensações de tôdas as misérias!

Para finalizar êste tópico sôbre a bronquiectasia é conveniente lembrar que Augusto faleceu mal havia transposto a terceira década da existência.

Pois bem, em recente constatação “baseada em vários autores”, Brea concluiu que o bronquiectásico sofre uma redução de sua capacidade física e social e, até mesmo, na sobrevivência e, *“os que a padecem desde a infância, não sôbrepagam os trinta anos de vida”*.

Dêste feitio, em que pese a opinião geralmente aceita e divulgada, Augusto não foi tuberculose.

Um tanto desprovido de tecido adiposo, encatarroado, tossindo, expectorando, e ainda aproveitando nos lampejos de sua arte, o sofrimento dos tísicos, – o cinzelador das *“Queixas Noturnas”* fornecia, assim, a seu respeito, elementos que conduzem a uma distorção diagnóstica.

Orris Soares, – o elegante e terso prefaciador do EU, – conviveu com o poeta na maior intimidade, e no seu magnífico *ELOGIO DE AUGUSTO DOS ANJOS*, o retrata:

“Foi magro meu desventurado amigo, de magreza esquelética, faces recentrantes, olhos fundos, olheiras violáceas e testa descalvada (...) A clavícula, arqueada. No omoplata, o corpo estreito quebrava-se numa curva para diante”.

Mais recentemente, De Castro e Silva, o pintou:

“magro, esquelético, esquelético, Augusto vivia preocupado com doença”.

Outro conterrâneo que lhe dedicou um acurado estudo foi o poeta Raul Machado. Amigo e companheiro de Augusto,

com quem se comprazia em trocar perfis em versos, nas páginas do *NONEVAR*, Raul, talvez para imprimir um tom de certo romantismo aos momentos finais do colega de musa, filiara-se, a princípio, à corrente que o considerava tuberculoso.

Tanto que, em interessante trabalho sôbre a personalidade de Augusto, publicado, cinco anos após sua morte, sob o título “*Em tórno de um nome à margem de um Livro*”. Raul, o esteta criador de “Lágrimas de Cêra”, escrevia:

“Quando, há tempos, em terras patricias do norte, fui apresentado a Augusto dos Anjos, o mal aventurado poeta que se findou há cinco anos numa hemoptise cruel, força é confessar que tive um sentimento misto de pesar e decepção diante de seu magríssimo todo e a palidez doentia do seu semblante”.

E depois de se referir ao “rosto macilento de tísico”, explicava:

“E, especialmente neste fato idiossincrásico que devem encontrar, portanto, as determinantes de sua feição de poetar, daquela maneira de sentir e descrever os fenômenos que lhe afetavam a emotividade exagera da pelo desastre da economia biológica que o levou a tísica pulmonar, coma o poderia ter levado a loucura, para a qual – é bem que afirmamos em discreta passagem – não lhe faltaram sequer antecedentes hereditários”.

Com o dobrar dos tempos, porém, decorridos vinte anos da publicação dêsse trabalho, Raul houve por bem refundí-lo, e o fêz procurando retificar essa versão de tuberculose àquela época esposada.

Raul estava então em plena maturidade. Era Ministro-Corregedor da Justiça Militar. Não era mais o Raul divagador,

romântico, fácil de se impressionar com o aspecto físico e com lírica e as lendas que se criaram em torno da doença de Augusto.

E, após maiores reflexões e melhores estudos, declara em seu livro *“Dança de Idéias”*:

“Conheci Augusto dos Anjos na Paraíba do Norte. E ao vê-lo, pela primeira vez, força é confessar que, diante o seu corpo esguio e a palidez doentia do seu semblante, me assaltou o espírito um sentimento misto de decepção e tristeza”.

E o outro período:

“E especialmente neste fato que se devem buscar as determinantes de sua feição de poeta, daquela maneira de sentir e descrever os fenômenos que afetavam a emotividade, exagerada pela falência orgânica, pelo desastre da economia biológica, que o levou à insidiosa doença, como o poderia ter levado à loucura, para a qual não lhe faltariam, sequer, antecedentes hereditários. . .”.

NOTE-SE : – Já agora, na reprodução do trabalho, o bar do autor de *“POSTUMA”*, não mais alude *“ao rosto macilento de tísico, à hemoptise cruel, à tísica pulmonar”*.

Jorge Jobim, poeta e prosador primoroso, falando sobre Augusto disse:

“Este rapaz, com os pulmões despedaçados pelas garras de uma doença inexorável, via-se obrigado, para manter-se e à família, a passar o dia inteiro, falando alto, desperdiçando as energias agonizantes no sagrado labor de ensinar. Sua existência foi assim verdadeiramente paradoxal: morria aos poucos para poder viver. . .”.

E concluindo:

“Nos últimos dias de sua vida foi pedir aos climas amenas das Minas Gerais alívio à sua angústia. Lá, na suavidade de um fim outono, se finou numa hemoptise, na hora em que o sol tingia de sangue o crepúsculo mineiro”.

Tôdas as pessoas que presenciaram os últimos momentos de Augusto, e o assistiram nos derradeiros dias, contestam, peremptôriamente, essa assoalhada versão da hemoptise in extremis.

Um acidente dessa natureza – perda de sangue pela boca – de caráter fulminante, cataclísmico, é um espetáculo tétrico, que emociona e que se fixa de modo indelével, no espírito de quantos o presenciam. Quando ocorrido, nos sanatórios, causa pavor nos próprios enfermeiros e atendentes.

Observação interessante é feita pelo ilustre tisiologista guanabarinense José Machado Filho, ao referir à insistência daquêles auxiliares e profissionais para médicos, em se transferirem do setor de doentes acamados, sempre que testemunham um dêsses horrorosos quadros.

Augusto, depoem seus parentes e amigos, despediu-se da vida tranqüilamente. Com dignidade e estoicismo. Teve a iniciativa de pedir um padre. Recebeu os últimos sacramentos da igreja católica. Orientou a família sôbre como deveria proceder após seu desaparecimento. Recomendou cuidados especiais para seus versos que “deveriam ser reeditados no Rio”. Dirigiu palavras de adeus a cada uma das pessoas amigas. A esposa disse:

“Tanto que trabalhei e nada deixo para vocês; mas, não se aperreiem lá do alto os protegerei”.

Pediu-lhe comprasse uma boneca para Glória e uma corneta para Guilherme. Pegou do seu inseparável espelhinho, mirou-se pela derradeira vez, proferiu seu último e eterno pensamento:

“Esta centelha não se apagará jamais”

e, a seguir balbuciando versos bem baixinho, em tom quase imperceptível, viveu o momento extremo! Como poderia tudo isto fazer, uma pessoa que estivesse a esvaír-se em sangue?!

Felizmente, outros intelectuais que tiveram a mesma sorte de conviver com o desventurado autor do EU, refutam essas afirmações de ter sido êle um tipo excessivamente magro e portador de tuberculose.

Álvaro de Carvalho, deixou-nos êste fiel testemunho:

“Nem física, nem mentalmente, era Augusto um deformado.

Era um esquisitão, um tanto original, notado apenas pelos que o conheciam de perto, ou o liam, com atenção.

Também não era magro, de magreza aterradora, como, com evidente exagêro, dêle disse Orris Soares, transcrito por De Castro e Silva.

Era magro. Mas êsse emagrecimento, como sintoma, não chegava a ser aterrador”.

O renomado autor da *ODE AO SOL*, José Oiticica, na congregação de professôres do Ginásio Nacional, foi de todos os lentes o mais chegado a Augusto.

As aperturas pecuniárias que então sofreram juntos melhor os irmanaram.

Muito posteriormente – nome já consagrado nas letras nacionais dedicou-lhe um ótimo estudo, onde se encontra um depoimento de real valor.

Após aludir à fase difícil da existência de ambos, relata:

“Augusto se moía, concentrava a sua pena, embora uma vez ou outra, me revelasse as suas condições. O que mais o amargurava era a injustiça social, solicita em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e coração”.

“Essa revolta íntima o levara a descrer do mundo, a ver em tudo podridão física e moral”.
“Nunca me falou em doença: jamais o vi doente. Referiu-me apenas uma neurastenia antiga, passada inteiramente, e seguiu para Leopoldina por necessidade pecuniária: foi dirigir uma casa de instrução”.

Diagnosticar como tuberculosa uma pessoa, apenas pelo seu aspecto físico, coisa é hoje que mais não se adjetiva com os conhecimentos da ciência médica. Outrora, isto seria admissível.

A magreza, nos tempos antigos, era sintoma quase patognômico, maximé se aliado à tosse.

São de Rist, os conceitos subsequentes:

“Alguns médicos sofrem da obsessão da tuberculose. Na presença de um doente tossindo, ou emagrecendo ou com alteração de temperatura a primeira questão a aflorar ao seu espírito é: **Que será?** E depois: **E ou não é tuberculose?** (...) Como se a tuberculose fôsse necessariamente, por definição, uma alternativa. Como se vê, sôbre um prato da balança ficando a tuberculose, sobre o outro colocar-se-i-a todo o resto da patologia!”.

O *deficit* ponderável, portanto, só por si não pode induzir a um diagnóstico de tuberculose.

A coincidência de notáveis artistas e grandes vultos da humanidade terem sucumbido de tuberculose, é um fator a ser ponderado nessa insistente atribuição de tísica pulmonar de Augusto.

A tradição secular consagrara o mal de Koch a doença da aristocracia espiritual.

Gastão Pereira da Silva diz:

“sendo a tuberculose talvez a mais lírica de todas as enfermidades, pensam alguns autores que quando ela ataca os artistas, aumenta o grau e afina a potencialidade emocional da personalidade”.

Chopin morreu tísico aos 39 anos de idade. O diabólico Paganini vibrava o arco do seu violino, reprimindo os acessos de tosse provocados por esta bacilose.

Bichat, o genial Bichat, fôra vítima da mesma doença, com apenas 31 primaveras.

E seu discípulo Laennec, tão grande quanto o mestre, –idealizador da auscultação armada, que tanto progresso trouxe a medicina, especialmente à semiologia cardio-pulmonar, há quem afirme, – deve sua morte à mesma causa.

E no domínio específico da poesia, Byron, Schiller, Elizabeth Barret, Browning, tal como seus irmãos da musa e de infortúnio, os nossos sublimes Castro Alves, Cassimiro de Abreu e Cruz e Souza apesar de vítimas da febre héctica, empolgaram o mundo pela singularidade de suas concepções rimadas.

Essa coincidência, êsse infortúnio que tem irmanado tantos poetas, não constitui elemento suficiente para ensejar a assertiva de que Augusto era um tísico procurando um clima para restaurar suas energias, mesmo que se tenha em apreço a sua emaciação e se considere ainda o tom de tristeza estampado nas poesias do Eu.

Não. Êle nao se encaminhou para Leopoldina levado por motivos de saúde. Para lá demandou arrastado pelo fator econômico, em busca de melhores proventos, com que ocorrer à subsistência própria e da família.

No Rio de Janeiro, a trabalhadeira era estafante e pouco rendosa. O concurso, a que pretendia submeter-se, no Pedro Segundo, não se realizou. De função pública o mais que conseguira, “para sanear um pouco o seu abalado território cerebral”, foi uma precária interinidade para lecionar turmas suplementares. Êle

mesmo se queixou, em correspondência à família, das decepções quotidianas anuladoras de suas iniciativas espirituais.

Habitando em uma cidade grande, com alunos particulares em bairros distantes, como Santa Tereza e Tijuca, fazendo longos percursos de bonde ou às vezes, por economia, a pé, não poderia ele sentir-se satisfeito com tal maneira de viver.

Rômulo Pacheco, em setembro de 1913, voltou a Leopoldina, sua terra natal, para exercer o cargo de delegado de polícia. Por sua influência junto ao político Ribeiro Junqueira, obteve para Augusto o lugar de diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira.

Esta a história da permanência do nosso poeta na *Atenas Mineira*. Nada de clima. Nada de cura. Nada de doença.

Faça-se justiça ao reconhecido bom-senso mineiro. Não é curial supor que as autoridades daquele Estado chegassem a nomear um tuberculoso para dirigir uma escola, e se, por engano ou por desconhecimento da doença, houvessem feito a no meação, claro que o estabelecimento em sinal de protesto e como medida de defesa da população escolar, ter-se-ia despovoado. Entretanto, êsse despovoamento não ocorreu. Bem ao revés, durante a administração de Augusto, que curta de quatro meses, tanto a matrícula como a freqüência aumentam consideravelmente.

Ademais, cumpre notar que, no Rio desde 1902, por iniciativa do médico e eminente legislador Azevedo Lima, existia uma lei especial que determinava a compulsória aposentadoria do professor e o cancelamento da matrícula em relação aqueles que fôssem diagnosticada a tuberculose pulmonar.

Ora, Augusto durante cêrca de quatro anos, foi professor naquela cidade, onde chegou a lecionar na Escola Normal, estabelecimento da municipalidade. Assim estava diretamente exposto às proibitivas sanções da aludida lei.

E se tuberculose fôsse, lógico que o teriam afastado da cátedra, impedido de lecionar, e em conseqüência, aposentado compulsôriamente.

Imagine-se, também, que, em sua casa, entre os componentes de sua família, nenhuma separação houve de objetos de uso pessoal, de um e de outros. E note-se, que àquê tempo, como ainda hoje, impera uma espécie de tabu contra a tuberculose, que é inegavelmente uma moléstia infecto-contagiosa altamente transmissível.

Apesar disso, apesar dessa quase promiscuidade entre o pseudo doente Augusto e os demais membros da sua família, não se registrou, em nenhum deles – mulher, filhos, sogra, cunhada e domésticos – um caso de tuberculose.

Verdade seja que Olga, espôsa de Rômulo Pacheco e cunhada de Augusto, apresentou-se em 1926, com tuberculose Óssea, moléstia da qual veio a falecer quatro anos depois.

Mas, verdade também seja que, depois de tanto tempo, de corridos doze longos anos, atribuída não pode ser a Augusto (falecido em 1914) a fonte de infecção de Olga. O mal de Pott, se transmitido por Augusto, teria eclodido muito antes, e a bacilose, do ponto de vista epidemiológico apresentaria característica bem mais graves.

Por outro lado, não se deve menosprezar o contato íntimo que o poeta sempre manteve com os integrantes de sua família, notadamente os filhos, então crianças de um e dois anos de idade. As crianças, nem é preciso dizer, têm assinalada receptividade para o bacilo de Koch. Pois bem, os filhos de Augusto criaram-se sadios, fortes e sem qualquer manifestação denunciadora daquela infecção.

É manifesto, portanto, que a doença que vitimou Olga não procedeu de Augusto.

A título ilustrativo e para debater o assunto sob outros aspectos, serão também focalizados, suscintamente embora, asreações psíquicas do tuberculose, em cotejo com o comportamento habitual do grande vate. Citado por Lourival Ribeiro, Menzel, o renomado tisiologista austríaco dividia os portadores da bacilose de Koch em três grupos bem distintos:

- a) – a **forma abortiva**, na qual o paciente se apresenta neurótico, hipochondriaco, traindo a cada momento um exagerado receio da moléstia;
- b) – a de **proliferação virulenta**, caracterizada pelo evidente contraste entre a gravidade do caso e as manifestações de euforia e otimismo do doente, e
- c) – a **tuberculose crônica, fibro-caseosa**, onde igualmente o indivíduo em constante estado de satisfação, é extravagante, rebelde às prescrições terapêuticas e aos cuidados dos seus.

Evidentemente, não há negar, Augusto jamais se apresentara um bonacheirão, prazenteiro, a irradiar alegria, de modo a manifestar indiferença pela própria saúde. Fora do círculo do sântimos, era meio grave, circunspecto, caladão, introvertido.

E de tal arte, analisado ao clarão do seu estro magnificamente projetado no EU, como situá-lo na classificação de MENZEL? Indubitavelmente no item a da chave.

O velho mestre da psiquiatria nacional, Henrique Roxo, por seu turno, pôs em relêvo êsse contraste entre as condições físicas do tuberculoso e panglossionismo pelo mesmo apresentado. Leiam-se as suas palavras:

“O estudo do psiquismo do fimatoso chamou em todos os tempos a atenção para o contraste entre a severidade da doença e o otimismo do humor. Em geral o tuberculoso atribui seu mal a outra viscera que não o pulmão”.

Ora, Augusto, que via na alegria uma doença, tinha conforme anotara Medeiros e Albuquerque, “a obsessão da tuberculose”.

Por outro lado, é sabido através de Maurício Knobel, in “*Medicina Psico-somática de la Tuberculose*”, que:

“O aparelho respiratório é dos que mais se prestam para simbolizar situações conflitivas inconscientes, como o demonstram sobremodo as numerosas investigações sôbre asma brônquica”.

Assim encarado, sob o prisma das reações psíquicas, Augusto como se está a ver não se enquadra no rol dos típicos crônicos.

Às vêzes, diante da análise bem meditada dos fatos, chega-se a evidência de que o próprio poeta não se julgava um tuberculoso. A Ele era um cidadão profundamente humano. Um homem de estranha sensibilidade. Provido como quem mais o fôsse, no cumprimento de seus deveres, perante à família e a sociedade.

Repugna, pois, admitir que, sabendo-se portador de uma doença de tanta contagiosidade e conhecendo o perigo de transmití-lo, fôsse lecionar, lidar com crianças.

Diante disso, dada a ilustração do seu espírito, tão difícil não lhe teria sido a obtenção de um outro cargo, por meio do qual pudesse ganhar a vida de maneira menos estafante e que mais condísse com uma tuberculose evolutiva.

Na farta correspondência epistolar de Augusto e de Ester, não se encontra entre as queixas e achaques confessados pelo poeta ou revelado pela espôsa, uma única alusão, um único fato ou ocorrência que faça lembrar a tuberculose. Fala-se ali, sim, em nervosismo, preocupações com a saúde, padecimentos gastricos.

Na amiudada correspondência de Ester com a sogra, há invariavelmente notícias do espôso. A 1º de maio de 1911:

“O Augusto tem tido ligeiras perturbações do estômago, porém não dão nenhum cuidado, porque de um dia para outro fica bom”.

No mês seguinte:

“O Augusto tem ultimamente, passado bem do estômago e está um pouco mais gordo”.

Quando o estômago não o molesta, esquece o resto:

“O Augusto continua a ensinar e tem gozado saúde” (carta de 31.01.1914).

Em setembro daquele ano:

“O Augusto e eu continuamos a passar bem”.

Mesmo a viuvez não interrompe essa regular troca de cartas.

Um documento impressionante pelo estilo e pelo sentido humano em que é vazada é a epístola que endereçou a D. Córdula treze dias após a morte do marido. Nela se toma conhecimento em minúcias desde os prodómos da doença ao momento extremo do poeta. Nela a família distante inteirou-se inteiramente do trágico evolver daqueles dias crueis.

Fala sem afetação, mas com extremos a respeito da cruel separação do seu “querido e venerado Augusto”, da terapêutica instituída; dos exames praticados; do abatimento físico que diariamente se agravava em contraposição à fortaleza de ânimo e lucidez mantida pelo doente “até vinte minutos antes de expirar”, da despedida dos entes queridos e suas últimas vontades; a dedicação dos médicos, amigos e discípulos. Tudo ali se encontra, mas para afastar a suspeita.

Vejamos a carta na íntegra:

Leopoldina 27 de novembro de 1914.

Caríssima D. Mocinha

Não me é possível descrever-lhe a grande dor que me tem causado a separação eterna do nosso querido e venerado Augusto!

Nunca imaginei que tão depressa Deus me reservasse um golpe tão terrível!

Quando vivíamos com descanso, gozando da companhia alegre dos nossos estremecidos filhinhos, eis que uma congestão pulmonar, que de generou em pneumonia rouba-me bruscamente o Augusto, deixando-me na mais desoladora situação.

Todos os recursos da medicina acompanhados dos meus carinhos e cuidados, foram baldados diante da moléstia atroz, que me privou, para sempre, de quem fazia a minha felicidade e a minha alegria.

Hoje seu sómente um elemento de amparo e de vigilância para os meus filhinhos, que não têm consciência do precioso tesouro de virtudes que perderam.

O nosso querido Augusto em meado de outubro adoeceu de um resfriamento, comum, tendo feito uso de alguns remédios.

No dia 29 caiu na cama com muita febre, frio e dor de cabeça. Mandeí chamar o médico, que imediatamente examinou-o, auscultou-o, encontrando a base do pulmão direito congestionada.

Passados dois dias, não cedendo a congestão, o médico fez o exame de escarro, encontrando o bacilo da pneumonia. O Augusto perguntou se o exame bacteriológico não demonstrava o bacilo da tuberculose. O médico disse que êle ficasse tranquilo que nada tinha de tuberculose.

Apesar da moléstia ter atacado somente o pulmão direito, e não pensarmos que ela lhe fôsse fatal, não perdemos um instante sequer para medicar o nosso tão bom Augusto.

Tudo foi empregado: compressas frias; banhos mornos; cataplasmas sinapisadas; injeções intravenosas de electrargol; injeções hipodérmica de óleo canforado, de caféina, de esparteina; lavagens intestinais; laxativos e grande quantidade de poções e outros remédios internos.

Além das pessoas da família que se dedicavam sinceramente ao nosso Augusto, êle encontrou no Sr. Domingos Ribeiro, primo de Rômulo, um grande amigo e enfermeiro delicadissimo.

Êste homem não poupava esforços para ser útil ao Augusto e a mim. Vinha para a nossa casa às 5 horas da manhã e saía às 13 e 14 da madrugada. Quando o Augusto piorou êle vinha a qualquer hora da noite em que se chamava.

A medicação e a alimentação do nosso querido Augusto eram feitas com o máximo cuidado. Tudo era escrito, desde o grau da temperatura até a água que tomava.

Apesar de todos êstes cuidados e carinhos de que era muitíssimo merecedor, a moléstia progredia terrivelmente. Nos últimos dias o nosso caro Augusto tinha tamanha fraqueza, que tomou injeções de sôro fisiológico com rhum, e tão enérgico remédio, não o pôde reanima-lo.

A doença abateu o seu corpo franzino, não conseguindo entretanto abater-lhe o espírito que lhe conservou lúcido até 20 minutos antes de expirar!

Quando adoeceu disse-me logo que morria e começou a me determinar tudo. No dia 11 chamou-me, despediu-se de mim, dizendo-me:

“Mande as minhas lágrimas para a minha mãe; mande lembranças para os meus amigos do Rio; trate bem as criancinhas Glória e Guilher me; de lembranças as meninas do Grupo; pediu-me finalmente que não ficasse aqui, senão a Glória e o Guilherme morriam de pneumonia como êle e disse-me que fosse para o Norte! Recomendou-me que guardasse com cuidado todos os seus versos e os mandasse para serem editados no Rio.

Pediu-me para chamar o vigário, e confessou-se tranquila e calmamente”.

Quem o ouvisse falar não diria que se extinguisse tão depressa! Tinha uma calma e resignação que admirava. Quando me ouviu chorar uma noite em que teve uma crise muito forte, entre todos os seus pedecimentos, mandou-me pedir que não sofresse tanto por êle!

Ah! D. Mocinha, o seu querido filho tinha uma alma augusto, e toda a dedicação que eu lhe dedicava e dedico à sua memória, acho que ainda é pouca para êle.

Ninguém pode imaginar o grau de amizade e de simpatia em que o Augusto era tido aqui, com tão poucos meses de nossa residência nesta Cidade.

Durante os dias em que estive doente, a nossa casa era visitada por todos que o conheciam.

As menores e mais pobres crianças do Grupo vinham saber se o Dr. Augusto estava melhor. Muitas entravam e ficavam perto da cama, olhando; êle ria para tôdas.

Uma das professoras do Grupo disse-me que: uma criatura tão justa e tão boa como Dr. Augusto, não era para sofrer reveses dêste mundo!

Não sei se bons deixam êste vale de lágrimas, para serem melhor recompensados na presença de Deus!

Ainda assim, a eterna separação é a realidade cruel, difficil de se aceitar.

Tenho desejo de voltar para ai para satisfazer a última vontade do meu inesquecível Augusto. Acho porém difficil uma colocação aí, na Capital, mas, quando Deus quer, o homem tudo faz.

Recebi, ontem a cartinha da Sra., uma de Alexandre e outra de Artur e Nini. A todos escreverei, agradecendo os pêsames e o interesse que tomam por mim e pelos meus inocentes filhinhos.

A mamãe, Irene, Olga e Rômulo muito se recomendam à Sra. e a todos.

Abençõe e abrace os seus netinhos e filhos do coração Glorinha e Guilherme Augusto.

Abençoe a filha que será sempre amiga

Ester Fialho dos Anjos

Fosse Augusto portador de peste branca, mesmo que o clínico para não afligir o doente, lhe ocultasse o verdadeiro resultado dos exames praticados, nada levaria Ester naquêle depoimento, a não dizer a família o que de real havia ocorrido. E por que não o fêz? Claro, porque não existiu êsse diagnóstico de tuberculose em Augusto.

Outra prova significativa informatória dessa imaginária bacilose de Koch é a carta de Alfredo dos Anjos, à sua mãe Sinhá-Mocinha, comentando o infausto passamento do poeta.⁶

Nela o irmão é incisivo.

“A morte de Augusto me pegou de chôfre; não o sabia doente, como ainda hoje ignoro a causa de sua morte”.

Quarenta e oito horas apenas transcorridas do desaparecimento de Augusto, sentimentando à genitora Alfredo lastima não haver sabido que o irmão esteve doente. Que ignorância era, essa da família, a respeito do estado real de um, dos seus mais destacados componentes?

Não. Augusto não foi tuberculoso. E a bronquiectasia que lhe acompanhava desde a infância não trazia preocupações aos seus. Daí esse desabafo de Alfredo. Iaiá, da interrupção de suas cartas, alegou necessidades materiais, desilusões, decepções, desemprego.

Mas não aludiu ao seu estado-físico. Se este fosse realmente grave, como o de um tuberculoso, certo teria servido de motivo para justificar, em meio à troca de carta, os seus periódicos silêncios.

Para robustecer este tópico, há ainda um documento que não deve ser subestimado. Vem a ser a palavra do poeta, depondo a respeito de si próprio, em resposta interessante enquête formulada por Licínio Santos, para estudar “os intelectuais brasileiros sob o ponto de vista médico”.⁷

Augusto foi um dos dezoito homens de letras que se submeteu ao inquérito psíco-literário.

Só uma pergunta êle deixou em branco: a relativa aos antecedentes pessoais. Se sofrêsse de uma grave moléstia orgânica, claro

6 Carta transcrita na página.

7 Licínio Santos – “A Loucura dos Intelectuais”, Rio de Janeiro, 1914

que teria tido bastante dignidade e coragem moral para a revelar, êle que não ocultou a paralisia geral do pai, nem o nervosismo de que sofria a própria genitora. Se procedêsse, pêjo também não teria de se confessar um tuberculoso, se convicto estivesse de ser portador dessa moléstia.

E lá estão, na íntegra, as páginas 201 *usque* 203, as respostas do poeta paraibano, dadas mais ou menos um ano antes de sua morte:

Nome: Augusto dos Anjos.

Idade: 28 anos.

Profissão: Professor e advogado.

Filiação: Filho legítimo do bacharel Alexandre R. dos Anjos e D. Córdula C. R. dos Anjos.

Estado civil: Casado.

Antecedentes hereditários: Meu pai, vítima da “surmenage” morreu de paralisia geral e minha mãe é excessivamente nervosa.

Antecedentes pessoais:

O que me poue adiantar sobre sua infância: Desde a mais tenra idade eu me entreguei exclusivamente aos estudos, relegando por completo tudo quanto concerne ao desenvolvimento, numa atmosfera rigorosíssima moralidade, da chamada vida física.

Onde e como foi educado: Na Paraíba do Norte, Engenho Pau d’Arco. Quais os autores que mais o impressionaram: Shakespeare e Edgar Poe.

Qual o seu autor favorito: Todos os bons autores me agradam.

Como faz o seu trabalho intelectual: Durante o dia, quase sempre andando no meio de toda azáfama ambiente ou à noite deitado. Conservo de memória tudo quanto produzo. São muito poucas vezes que me sento a mesa para produzir.

Quais as horas que dedica ao seu trabalho intelectual: Não tenho horas metódicamente preferidas para o meu trabalho mental.

O que sente de anormal quando está produzindo: Uma série indescrevível de fenômenos nervosos, acompanhados muitas vezes de uma vontade de chorar.

Em que idade começou a produzir: Se me não falha o poder de reminiscência, presumo, comecei a produzir muito antes dos 9 anos.

Quais os trabalhos que deu à luz até a presente data: Um livro de versos “EU”.

Quais as cores de sua predileção: A vermelha e a azul.

Quantas horas repousa: Meu repouso varia de 7 a 8 horas.

Sofre de insônia, cefaléia e amnésia: Até esta data não sofro absolutamente de amnésia. Tenho insônia raras vezes, mas a cefalalgia persegue-me constantemente.

Tem continuados sonhos fantásticos: Quanto a sonhos fantásticos é tam bém muito raramente que os tenho.

Faz as suas refeições com irregularidade: Sim.

Tem muito apetite: Regular.

Faz uso desregrado do fumo: Não.

Faz uso do álcool? Não.

Faz uso excessivo do café, chá outro excitante intelectual: Sou contra os excessos, o que não impede, entretanto, de abusar um pouco de café.

Augusto não morreu de tuberculose.

O atestado de óbito do poeta, firmado pelo dr. Custódio Junqueira, conforme reza a certidão do Cartório de Registro Civil de Leopoldina, dá como *causa mortis*: PNEUMONIA.

Tendo êle passado cêrca de quinze dias doente, é de crer, que a sua morte ocorrera já por uma complicação do processo pneumônico. Uma quinzena, é prazo muito longo para êsse tipo de infecção.

Que êle contraiu uma pneumonia não ha dúvida. A sintomatologia descrita é a clássica. Clássico, também para o tempo, era o tratamento por hidroterapia. E Irene narra que

“veio do sítio **Desengano** uma banheira emprestada para dar banhos em Augusto, logo que se manifestou o mal”.

Outros argumentos que corroboram o diagnóstico de pneumonia inicial são a freqüência com que essa doença castiga os bronquiectásicos e o fato de ter ela, no outono de 1914, grassa do em forma epidêmica, lá em Leopoldina.

Não é portanto de se admitir que o médico assistente de Augusto quisesse, com tal atestado, encobrir uma bacilose de Koch.

Aqui não cabe invocar o precedente histórico de Castro Alves que para se matricular na quarta série da Faculdade de Direito de São Paulo, instruiu o requerimento com um atestado do

seu clínico datado de 13 de maio de 1869, declarando-o portador de uma:

“artrite traumática na articulação túbio tarsiana esquerda”, estando “impossibilitado de sair à rua”.

É coisa sabida que, a essa época já o incomparável autor de *Espumas Flutuantes* se debatia com a terrível tísica pulmonar, e havia até composto seu belíssimo poema *MOCIDADE E MORTE*, no qual tristemente confessava:

“Eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida”.

Quanto a Augusto, porém a situação é diferente.

A se acolher imprecisão diagnóstica, esta seria em relação à determinante causal. Nosso desventurado patrício faleceu de pneumonia, possivelmente complicada de pleurisia (Irene aludiu a “uma tosse sêca nos últimos dias”) ou de outra pneumopatia aguda.

Ainda uma outra prova eloqüente, se bem que indireta, informativa dessa suposta tuberculose vem a ser o fato de terem sido guardados e conservados as roupas e objetos de uso pessoal de Augusto, sabido como é que lá em Minas Gerais, especialmente na zona da Mata, há o hábito sécular de se queimarem os pertences e as vestimentas das vítimas da peste branca.

É uma tradição oriunda de Jerusalém, de Nápoles, Sicília e Espanha, terras que existiam éditos que obrigavam a desinfecção da casa e a incineração em praça pública, de tudo que tivesse sido manuseado por um tuberculoso. E aquela região do Estado montanhês recebeu forte corrente imigratória de espanhóis e, sobretudo, de italianos do sul, gente que observava, com bastante rigor, o édito profilático.

Na Paraíba, antigamente, também se pretendeu implantar tal usança.

O demografista da Diretoria de Higiene do Estado, dr. Manoel Azevedo, em 1914, informava:

“Já vão produzindo ótimos resultados as medidas postas em prática pela Repartição de Higiene mandando fazer a desinfecção das casas onde se deram Óbitos por tuberculose e obrigando o proprietário a fazer a caiação e pintura do prédio”.

George Sand narra o desespero porque passou, juntamente com Chopin, em virtude da rigidez com que se cumpria na Espanha e possessões, àquela lei de proteção contra a tuberculose, quando se tornou conhecido que o genial autor das Polonaises sofria de fimatose.

Vejamos:

“Eis-me de volta em França, apos a mais infeliz viagem que se pode imaginar. À custa de mil incômodos e grandes despesas tínhamos chegado a instalar-nos em Maiorca, região magnifica mais inospitaleira por excelência. Ao cabo de um mês, o pobre Chopin piorou e mandamos chamar os médicos. Cada qual mais asno que os outros, fôram espalhar na ilha a nova de que o doente era “tuberculoso” e no último grau. A tísica é rara nesses climas e passa por ser contagiosa. O proprietário da pequena casa que tínhamos alugado pôs-nos na rua violentamente e quis nos intentar processo para nos obrigar a rebocar de nôvo sua casa in feccionada pelo contágio.

Instalamo-nos no convento dos Cartuxos de Valdemosa. Não conseguimos obter criados, porque ninguém queria servir a um tuberculoso. A umidade do Convento era tal que resolvemos partir a todo preço ainda que Chopin já não tivesse fôrças para se arrastar.

Pedimos um único, um primeiro, um último favor: carruagem para o transportar até Palma, onde queríamos embarcar. Este favor nos foi recusado, se bem que todos os nossos amigos tivessem carruagem e fortuna correspondente. Foi-nos preciso fazer três léguas por sôbre caminhos intransitáveis em **birloche**, isto é, cadeira de rodas.

Chegando a Palma, Chopin teve um escarro de sangue terrível. Embarcamos no dia seguinte no único navio a vapor da ilha, que faz o transporte de porcos para Barcelona; nenhuma outra forma havia de fugir àquela terra maldita.

No momento em que deixamos o albergue em Barcelona, o proprietário queria nos fazer pagar a cama em que Chopin tinha dormido, sob pretexto de que estava infeccionada e que a polícia ordenaria que a queimasse”.

Fechemos êste parêntese, longo mas expressivo, por demonstrar os preceitos de higiene existentes entre aquêles povos do Mediterrâneo, preceitos que se transplantaram, através da corrente migratória para a ubérrima zona da mata das Alterosas.

E voltemos ao autor do “EU”.

Comecemos pelo eclodir da doença que o levou ao túmulo.

Apesar de, em sua inspiração, tanto falar em a cemitério e a coveiro, o poeta, que era nervoso, tinha horror a frequentar necrópoles.

Em 27 de outubro de 1913, faleceu, em Leopoldina, João Lourenço, figura patriarcal, único remanescente dos fundadores da cidade. Seu sepultamento, numa manhã chuvosa, constituiu verdadeira consagração pública. Os alunos do Grupo Escolar compareceram incorporados aos seus professôres.

Augusto, embora acometido de “resfriado” e sem embargo de sua idiossincrasia aquêle ambiente, não se furtou ao cumprimento dos nobres deveres de solidariedade humana.

Era do ritual da inumação o vêzo de cada circundante jogar sôbre o ataúde um punhado de terra. Êle não poude livrar-se dêsse cerimonial. Regressando à casa (relembra Djanira Pacheco) lavou as mãos, desinfectando-as com álcool e criolina. Repetiu várias vezes essa precaução higiênica. Se fôsse tuberculoso para que tanta cautela?

À tarde, sentiu arrepios denunciadores do início da doença. Chamou Ester e disse-lhe que estava com pneumonia e dêsse mal ía morrer.

Contudo, após o jantar, deu sua última aula. Com um lenço escuro enrolado ao pescoço e quase afônico, lecionou português a um grupo de moças e rapazes.

Uma hora depois, mandava chamar Rômulo Pacheco, bacharel em direito e que era também diplomado em farmácia. Rômulo encontrou-o ardendo em febre, com dor nas costas e uma tosse sêca, e alarmado com a sintomatologia, convocou o Dr. Custódio Junqueira, abalisado clínico local. Êste capacitando-se da gravidade do caso e da responsabilidade pelo tratamento do ilustre doente, por sua vez, promoveu uma conferência com os colegas Francisco Botelho, Costa Velho e Nunes Pereira.

Sob a orientação do primeiro, os quatro clínicos se reve-savam na cabeceira do doente.

No laboratório da Faculdade de Farmácia de Leopoldina, João Teixeira de Moura Guimarães, Euclides de Freitas Leite Guimarães, Rômulo Pacheco faziam os exames complementares, acompanhando a evolução do caso e procurando esclarecê-lo em tôdas as suas minúcias.

Uma das pesquisas mais reiteradas foi a do bacilo de Koch nunca, aliás, identificado.

Rômulo Pacheco, em artigo de jornal, depois de declinar o nome daquêles facultativos, escreveu:

“Os repetidos exames feitos, então, nos labora-tórios da Escola de Farmácia de Leopoldina, a cargo dos farmacêuticos Antônio Machado, Lei-te Guimarães e o signatário dêste, foram absolu-tamente negativos para o bacilo da tuberculose.

Os exames clínicos, por sua vez, nada revelaram quanto a lesões pulmonares.

Invoco o testemunho de quantos acabo de citar em favor de minha narrativa”.

Pois bem, se Rômulo sabia que o concunhado era um velho tísico, se os médicos que o assistiam, igualmente não ignoravam o fato, para que se perder tempo nessas pesquisas?! Ademais, como se explicar essa reiterada negatividade, se é conhecido que nos surtos tuberculosos violentos, a população bacilífica eliminada é

sempre abundante, ultrapassando de muito aqueles sete milhões de germens que, segundo os cálculos de FRANKEL a média dos doentes expelle diariamente do organismo?!

Não se diga que os meios de investigação foram por demais precários. Os exames se realizaram numa Faculdade de Farmácia por profissionais vivamente interessados em escla recimento do caso em tôdas as suas facêtas.

Não é de ser deprezada também, a conhecida capacidade dos farmacêuticos do interior, no diagnóstico da tuberculose, no seu período final.

João Teixeira que ao lado de Domingos Ribeiro e Pe. Júlio Fiorentine era, dos amigos locais, o mais ligado ao poeta, ficou fazendo as vêzes de enfermeiro. A êle ditou Augusto, pouco antes de expirar

O ÚLTIMO NÚMERO

Hora de minha morte. Hirta, ao meu lado,
A Idéia estertorava-se. .. No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

Era de vê-lo, imóvel, resignado,
Trágicamente de si mesmo oriundo,
Fora da sucessão, estranho ao mundo,
Como o reflexo fúnebre do Increado:

Bradei: Que fazes ainda no meu crâneo?
E o Último Número, atro e subterrâneo,
Parecia dizer.me: “É tarde, amigo!”

Pois que a minha autogênita Grandeza
Nunca vibrou em tua lingua presa,
Não te abandono mais! Morro contigo!...

Foi, igualmente, João Teixeira quem o convenceu de que devia publicar, na *Gazeta de Leopoldina*, um dos seus inigualáveis sonêtos.

Queria o autor que o sonêto ficasse inédito. Mas cedeu às ponderações do amigo. Certos professôres do “Ginásio Leopoldinense”, não alcançaram ou não quiseram alcançar a profundidade filosófica dos versos. Criticaram-nos asperamente. E êle, o Augusto não compreendido daqueles professôres, com grandeza d’alma e bonomia que lhe modelavam o feitio, reclamava humoristicamente: “tomei a tunda, João; mas você é quem merecia”.

A doença não lhe tirara o hábito de ler, nem lhe abatera a índole de poetar.

Às recomendações do farmacêutico, seu dedicado enfermeiro, para que repousasse mais, lendo menos: êle retorquia: “mas, João, essa é a minha única distração”.

Tôda a população da cidade tomou vivo interêsse pela saúde do poeta.

A Gazeta de Leopoldina, de 8 de novembro de 1914 noticiava:

“O sr. Diretor do Grupo Escolar “Ribeiro Junqueira”, Dr. Augusto dos Anjos, que se encontra enfermo, obteve ontem algumas melhoras, cansando êsse fato viva satisfação a sociedade Leopoldinense que vem acompanhando com grande interesse e carinho a marcha da moléstia do ilustre homem de letras”.

A situação se exacerbava. No dia 10, volta aquêle jornal a informar sôbre a situação do doente:

“O sr. Dr. Augusto dos Anjos passou todo o dia de ontem em estado grave, com algumas alternativas.

À noite, a hora em que fazemos esta, era ainda mal, infelizmente, o seu estado, havendo porém esperanças de melhoras.

A residência do ilustre enfermo tem estado constantemente cheia de pessoas amigas, sendo-lhe prodigalizado todos os carinhos e recursos da ciência.

As professoras do Grupo Escolar fizeram ontem uma visita coletiva ao seu Diretor sendo recebidas por pessoas da família”.

As esperadas melhoras não chegavam. O prognóstico se tornava mais e mais sombrio.

Augusto, porém, não perdia a calma.

Em Leopoldina, existia uma senhora, verdadeira coruja agourenta, dado o seu hábito de só visitar os enfermos, mas só quando inteiramente desenganados. No cumprimento dêsse seu fadário, esteve ela em casa de Augusto que ainda a reconheceu. Com um ar de profunda tristeza, procurou o poeta dissimular a emoção daquela indesejável visita macabra, e um pouco chistosamente disse para Irene:

“Fulana já está me rondando”.

A hora final de Augusto se aproximava.

A doença progredia. Os sintomas tóxicos se complicavam. Quinze dias de moléstia venceram suas resistências orgânicas.

Na madrugada de 12 de novembro de 1914, o poeta mira-se no seu inseparável espelho de bolso, e exclama: “esta centelha não se apagará”. Em seguida, começa a balbuciar versos com voz quase imperceptível. E, às 4 horas da manhã, Augusto de Carvalho dos Anjos era levado pela “terrível mensageira de além túmulo”.

Assistiram-lhe os instantes finais Ester, Olga, Irene, D. Miquelina, Rômulo, Alexandrina, os médicos Custódio Junqueira e Costa Velho, João Moura e Otávio Lacerda.

E, assim aquêle que começou a fazer versos, muito antes dos 9 anos de idade, deixou a vida fazendo versos e recitando-os em murmúrio.

O Presidente Carlos Luz, de saudosa memória, preclaro filho da cidade de Leopoldina, presta a tal propósito êste depoimento, ouvido de Otávio Lacerda:

“Os versos que pronunciou ao morrer e que não fôram colhidos pelos assistentes, eram talvez a sua última poesia, que gostaria de passar para o papel, mas a morte o impediu de fazê-lo”.

O desenlace, não obstante, esperado, abalou profundamente a sociedade leopoldinense, e teve nas esferas literárias as proporções de uma catástrofe.

Pe. Júlio Fiorentine é então convocado. Prestou-lhe toda a assistência espiritual. Conhecia-o de perto, desde sua chegada aquela cidade. Costumava freqüentar o Grupo Escolar, mantendo, durante horas seguidas, com seu diretor, animadas palestras. O pároco de Leopoldina, que durante vinte anos, teve com zelo e virtude sob seu sacro ministério o pastoreio daquele rebanho de almas, era além de culto, um admirável anedotista. Das salas de aula, consoante declaração do atual vigário da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, de Leopoldina, cônego Ribeiro Leitão, ouviam-se as estrepitosas gargalhadas dos dois amigos.

Augusto possuía o senso de humor. Sabia apreciar uma boa pilhéria ou engraçado episódio. Não se dava ao vulgar. Nem se expandia com todo mundo. Daí ser pouco conhecida esta apreciável facêta de seu espírito. Na própria correspondência íntima, não deixava êle de explorar o gênero. Numa das cartas a Ester dizia:

“Em atinência à folha de bem viver de que V. me fala, assino-a previa mente, pondo-me assim a salvo da contingência castigadora da multa”.

E na mesma missiva, mais adiante, respondia a um motê-jo da cunhada:

“Diga a Olga que o meu procedimento até aqui tem sido irrepreensível, não sabendo porém, se com a chegada próxima do Rômulo, a minha impecabilidade será a mesma”.

Encerremos a digressão, de uma grande perda.

Jornais dos mais longínquos rincões brasileiros, noticiando com imenso pesar o infausto acontecimento, dedicando expressivos necrológios ao poeta ainda não imitado, criador de uma escola que até hoje não encontrou continuadores à sua altura.

Às 17 horas daquele dia, dia, a sepultura nº 149 do *Cemitério de Nossa Senhora do Carmo*, se fechava, guardando os despejos mortais daquele que, tão dotado de vida intelectual, fez da morte um dos temas preferidos.

Chegou-lhe finalmente a morte:

“Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! É essa futura
Ultra-fatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!”

Seu enterro teve grande acompanhamento, reinando na cidade a maior consternação. Inúmeras coroas, com sentidas de dicatórias cobriram-lhe o esquife, que foi conduzido pelos docentes do Grupo Escolar.

Compareceu a banda de música Santa Cecília, executando marcha funeral. O Pe. Júlio Fiorentine fez a encomendação e orou à beira do túmulo.

Nêsses últimos tempos, a Paraíba, pelos seus homens de Estado e pelos seus intelectuais, vindicou o direito de guardar os restos do seu genial filho.

Mas suas cinzas continuam em Leopoldina num jazigo meio tôsco, humilde, quase rústico, onde se lê apenas esta singelíssima inscrição:

“AUGUSTO DOS ANJOS POETA PARAIBANO”

Por mais de uma vez, as autoridades mineiras tentaram levantar naquele Campo Santo, um mausoleu que correspon desse à grandeza intelectual do poeta. Ate hoje, porém, pouco fizeram além da cova rasa em que êle dormitou por vários anos.

O então Ministro de Educação e Cultura, Clovis Salgado, radicado àquela cidade, pretendeu erigir um monumento funerário a Augusto, chegando a encarregar a execução da obra a um escritório especializado dos arquitetos Luiz Carlos Freitas, J. M. Tibau e J. Getúlio Lima Júnior.

Ante o desfilar de tôdas estas circunstâncias, ante a eloqüência de todos êstes elementos de natureza semiótica e epidemiológica, claro que não é preciso apurar muito a vista para, embora num diagnóstico *postmortem*, afirmar que o alcandorado poeta do EU não sofreu nem sucumbiu de tuberculose pulmonar.

SOBRE O AUTOR

Rosane Pereira

HUMBERTO CARNEIRO DA CUNHA NÓBREGA, sexto filho do casal Francisco de Gouveia Nóbrega e Maria da Cunha Nóbrega, nasceu dia 03 de fevereiro de 2012, na antiga cidade da Parahyba (hoje, João Pessoa). Desde cedo apresentou um viés de enorme criatividade. Com aparente ar de fragilidade, chegava a surpreender quando expunha as ideias: de forma contundente, embasada e segura. Era, contudo, cordial, comedido nas palavras, com raciocínio lógico moderado e de voz branda e gestos lentos e cautelosos.

Ainda menino, apresentou comportamento irreverente e vivaz. Na adolescência, chegou a levar um peru vivo e uma folha de coqueiro para a sala de aula, quando o professor de ciências naturais pediu para cada aluno trazer uma ave e classificar uma folha na aula de botânica. De humor aguçado, gostava de pregar peças nas pessoas do seu relacionamento. Poucos era os que escaparam dos seus trotes e brincadeiras.

Casado com Maria Nazaré de Novais, o casal teve como filhos Maria Piedade Novais Nóbrega e José Francisco de Novais Nóbrega.

Diplomado pela Faculdade de Medicina de Salvador/BA, em 1923, especializando-se em Proctologia.

Pesquisador nato, ele acordava às 5 da manhã para ir à sua biblioteca. Na busca da história de Augusto dos Anjos, percorreu bibliotecas públicas e privadas, arquivos eclesiásticos, fez buscas em cartórios, folheou inventários, localizou ancestrais até 4º grau de escritor de Sapé e chegou, até mesmo, a pesquisar 600 documentos e objetos da família do autor do “Eu”.

Professor, Humberto de Almeida definia-se como historiador/médico. No dizer de suas próprias palavras, era um “servo fiel da Mestra vida que é a história fiel”.

Idealista, tinha aspirações que não conheciam limite. Em 1950, aliou-se aos colegas de profissão/ideais – a exemplo de Lauro Guimarães Wanderley – e, juntos, fundaram as Faculdades de Medicina, Odontologia e Farmácia, com verbas oriundas de iniciativa privada. Posteriormente, dirigiu e lecionou essas instituições de ensino superior.

Reitor da Universidade Federal da Paraíba, em 1971, durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici, escolheu para ocupar cargos pessoas inteligentes e capazes. Arguto e perspicaz, ele não relutou em convidar pessoas de outra linha ideológica para compor sua equipe de trabalho.

Homem extremamente escrupuloso, Humberto de Almeida não permitia que seus livros fossem editados antes dos que já estavam no cronograma da Editora Universitária. Durante sua Reitoria, também implantou um democrático sistema de compra: qualquer objeto de grande valor tinha que ter a aprovação dos vice-reitores.

A leitura e a escrita eram seus hobbies. Acordava às 05h30, para a leitura matinal. Escrevia os próprios textos à mão. Mesmo sendo destro, também aprendeu a usar a mão esquerda. Ou seja: quando a mão direita cansava, não precisava parar.

Sua biblioteca era composta de incontáveis obras, dos mais variados gêneros. Garimpava, em todo o mundo, os livros já fora de catálogo. Também os recebia dos amigos que conheciam sua afeição pela coleção literária.

Ocupou cadeira na Academia Paraibana de Letras (APL) e Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). Recebeu os Títulos de Cidadão Soledadense e Bananeirense. Foi eleito Presidente de Honra do IV Congresso Brasileiro de Análise Clínica.

Proferiu incontáveis discursos de formatura, seminários e assembleias. Humberto Nóbrega era excelente orador!

Títulos da Coleção Nordestina

A Coleção Nordestina foi criada em 1999 e contempla a publicação anual das editoras das Universidades brasileiras do Nordeste, editando ou reeditando obras representativas da produção intelectual da região, preferencialmente nas áreas de Literatura, Ciências Sociais, Antropologia e Folclore. O objetivo é constituir, no futuro, um repositório bibliográfico da Arte, da Cultura e da Ciência regionais, apto a preservar esse patrimônio e difundi-lo permanentemente, em âmbito nacional.

01 - Joaquim Nabuco: abolição e a república

Manuel Correia de Andrade

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

02 - A ciência e os sistemas

Pedro Américo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

03 - A Escrita da História na Casa de Sergipe - 1913/ 1999

Itamar Freitas (Org.)

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

04 - Flor de romances trágicos

Luis da Câmara Cascudo

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

05 - História da minha infância

Gilberto Amado

Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

06 - Cancioneiro Geral

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

07 - Cartas Literárias

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

- 08 - Imagens de um Tempo em movimento - Cinema e Cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)**
Maria do Socorro Silva Carvalho
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 09 - Canais e Lagoas**
Octávio Brandão
Editora da Universidade Federal da Alagoas/EDUFAL
- 10 - Cordéis**
Patativa do Assaré
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC
- 11 - Frei Caneca: acusação e defesa**
Socorro Ferraz (org.)
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 12 - Zé Limeira: o poeta do absurdo**
Orlando Tejo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 13 - Um códice setencista inédito de Gregório de Matos**
Fernando da Rocha Peres e Silvia la Regina (Orgs.)
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 14 - Os Índios Tupi-Guarani na Pré-História, suas invasões do Brasil e o Paraguai, seu destino após descobrimento**
Moacyr Soares Pereira
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 15 - A Ciência e os Sistemas: Questões de História e Filosofia Natural**
Pedro Américo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 16 - Macau**
Aurélio Pinheiro
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN
- 17 - Os Portugueses no Brasil - Estudo Histórico e Crítico (séc. XVI ao séc. XIX)**
Felisberto Freire
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS

18 - Cancioneiro Geral Vol. 2

Martins Napoleão

Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI

19 - O conto em 25 baianos

Cyro de Mattos (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz- EDITUS/UESC

20 - Antecipações

Gilberto Freyre

Editora da Universidade Estadual de Pernambuco/EDUPE

21 - Naufrágio e prosopopéia

Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

22 - Horto

Autá de Souza

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

23 - Apontamentos de Folclore

Frederico Edelweiss

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

24 - Maceió de outrora (Org. e apresentação de Raquel Rocha)

Felix Lima Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

25 - José Lins do Rego: modernismo e regionalismo

José Aderaldo Castelo

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

26 - Delírio da Solidão

Jader de Carvalho

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

27 - O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social

Thales de Azevedo

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

28 - Contos

Adolfo Caminha

Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC

- 29 - O bangüê nas Alagoas: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional**
Manoel Diegues Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 30 - Nossa Senhora dos Guararapes**
Bernardino Freire de F. A. e Castro
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 31 - História do Modernismo em Alagoas**
Moacir Medeiros de Sant'ana
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 32 - Economia pernambucana no século XVII**
Manoel Correia de Andrade
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 33 - O Príncipe de Joinville na Bahia, na Ilha de Santa Helena e no Golfo da Guiné**
Waldir Freitas Oliveira
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 34 - Dias e noites**
Tobias Barreto (Org. Luiz Antonio Barreto)
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS
- 35 - Aves de arribação**
Antonio Sales
Editora da Universidade Federal do Ceará/EDUFC
- 36 - Memórias: antes que me esqueça**
José Américo de Almeida
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPPB
- 37 - Termos tupi na geografia de Sergipe**
Armindo Guaraná
Editora da Universidade Federal de Sergipe/EDUFS
- 38 - Antologia panorâmica do conto baiano - século XX**
Gerana Damulakis (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC /EDITUS
- 39 - Como melhorar a escravidão**
Henry Koster (trad. Prefácio e notas:
Nelson Patriota - estudo introdutório Manuela Carneiro da Cunha)
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

- 40 - Naufrágio e prosopopéia**
Afonso Luiz Piloto e Bento Teixeira
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 41 - Acusação e Defesa**
Frei Caneca
Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE
- 42 - O Catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**
Thales de Azevedo
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 43 - O Engenho de Açúcar no Nordeste**
Manuel Diegues Júnior
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 44 - O Brasil, o Poder e o Povo**
Miguel Arraes de Alencar
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 45 - Ação da Bahia na obra da independência nacional Braz do Amaral**
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 46 - Reisado Alagoano**
Théo Brandão
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 47 - Gestos e Vozes de Pernambuco**
Luiz Delgado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 48 - A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral**
Julie Cavignac
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- 49 - Os Cinemas da Bahia 1897-1918**
Silio Boccanera Júnior
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 50 - A Mestiçagem. no Brasil**
Arthur Ramos
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

- 51 - Cachaça: contos**
Francisco Julião
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 52 - Utopia Armada**
Dirceu Lindoso
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 53 - O Theatro na Bahia da Colônia à República (1800-1923)**
Silio Boccanera Júnior
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 54 - Paremiologia Nordestina - 2ª. Edição Ampliada**
Fontes Ibiapina
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI
- 55 - Nelson Chaves - O homem além do tempo: A palavra de um cientista que amava sua terra e sua gente.**
Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago.(Org.)
Editora da Universidade de Pernambuco/EDUFPE
- 56 - Resistência Indígena no Piauí Colonial: 1718-1774 - 2ª. Edição**
João Renor F. de Carvalho
Editora da Universidade Federal do Piauí/EDUFPI
- 57 - A Língua do Nordeste - 4ª. Edição**
Mário Marroquim
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 57 - Gestos e Vozes de Pernambuco**
Luiz Delgado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 58 - A Pré-Revolução Brasileira**
Celso Furtado
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 59 - Casa e Balcão: os caixeiros de Salvador (1890-1930)**
Mario Augusto da Silva Santos.
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 60 - Costumes Africanos no Brasil**
Manuel Querino
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

61 - A Testemunha na História e no Direito

Jayme de Altavila

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

62 - Poemário de Cordéis v.1

Pedro Nonato Costa

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

63 - Matas do Sertão de Baixo

Isaías Alves

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

64 - O Sertão

Carlota Freitas

Editora da Universidade Federal do Piauí /EDUFPI

65 - Arquitetura colonial baiana: alguns aspectos de sua história

Robert C. Smith

Editora da Universidade Federal da Bahia /EDUFBA

66 - Folclore Negro das Alagoas

Abelardo Duarte

Editora da Universidade Federal de Alagoas / EDUFAL

67 - Universidade e democracia

Luis de Magalhães Melo

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

68 - Artigos e Crônicas de Edgar Barbosa. Volume I (1927-1938)

Organização, seleção, apresentação e notas de Nelson Patriota

Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/EDUFRN

69 - Contos Reunidos

Aramis Ribeiro Costa

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

**70 - Portugueses na Bahia na segunda metade do séc. XIX:
emigração e comércio**

Tania Risério d'Almeida Gandon

Editora da Universidade do Estado da Bahia /EDUNEB

71 - Plínio de Almeida: obra reunida

Flávio J. Simões Costa (Org.)

Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz /EDITUS

72 - O Teatro de Anchieta

Joel Pontes

Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE

73 - Fernão Cabral de Ataíde e a Santidade de Jaguaripe

José Calasans

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

74 - Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & outros ensaios

João Craveiro Costa

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

75 - Bêabá da Bahia - Guia Turístico

José Valadares Ilustrações de Carlos Thiré

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

76 - Notas dominicais: tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818

L. F. de Tollenare

Editora da Universidade de Pernambuco/EDUPE

77 - Brados Retumbantes de uma vida: trajetória de Pedro Jaime, o primogênito de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe

Maria Helena Alencar Guarani Valença de Araripe

Editora da Universidade Estadual do Ceará/EDUECE

78 - População e açúcar no nordeste do Brasil

Manuel Diégues Júnior

Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL

79 - História da Faculdade de Direito

Clóvis Beviláqua

Editora Universitária da UFPE/EDUFPE

80 - Ecológico

Cyro de Mattos

Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB

81 - Quase Biografias de Jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro

José Calasans

Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA

- 82 - Culturas Negras do Novo Mundo**
Arthur Ramos
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 83 - Recife, o Carangueijo, o Viaduto**
Denis Bernardes
Editora da Universidade Federal de Pernambuco/EDUFPE
- 84 - Os Analfabetos**
João Gumes
Editora da Universidade do Estado da Bahia/EDUNEB
- 85 - Navegação a vapor na Bahia oitocentista (1839-1894)**
Marcos Guedes Vaz Sampaio
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 86 - As vilas do ouro: sociedade e trabalho na economia escravista mineradora (Bahia, século XVIII)**
Albertina Lima Vasconcelos
Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB
- 87 - O triunfo de Sosígenes Costa**
Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS Editora
- 88 - Minelvino trovador apóstolo**
Jorge de Souza Araujo
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 89 - Cancioneiro do cacau 2ª edição**
Cyro de Mattos
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 90 - A História de Alagoas e o Baixo São Francisco**
Moreno Brandão
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 91 - A História das Idéias de Paulo Freire e a Atual Crise de Paradigmas**
Afonso Celso Scocuglia
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB
- 92. O Holocausto**
Pedro Américo Figueiredo de Melo
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

- 93 - A Praia - Espaço da Sociabilidade**
Thales de Azevedo
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 94 - História dos Mares da Bahia**
Cyro de Mattos (Org.)
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 95 - José Dantas de Andrade, Dantinhas, Zé das Antas: um olhar sobre o campo e a cidade**
Jorge de Souza Araújo
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz/EDITUS
- 96 - Gregório de Matos e Guerra: uma re-visão biográfica**
Fernando da Rocha Peres
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
- 97 - Margarida, Margaridas**
Ana Paula Romão de Souza Ferreira
Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUEPB
- 98 - O Anjo da Morte contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia**
Isnara Pereira Ivo
Edições UESB
- 99 - O Sábio e a Floresta: A extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro**
Moacir Werneck de Castro
Editora da Universidade Estadual da Paraíba/EdUEPB
- 100 - A província**
Elcio Verçosa
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
- 101 - Cultura e Educação nas Alagoas - 2ª edição**
Tavares Bastos
Editora da Universidade Federal de Alagoas/EDUFAL
Editora da Universidade Estadual de Alagoas/EDUNEAL
- 102 - O Sampauleiro - Romance de Costumes Sertanejos - 2ª edição**
João Gumes
Editora da Universidade Federal da Bahia/EDUFBA
Editora da Universidade Estado da Bahia/EDUNEB

103 - Augusto dos Anjos e Sua Época - 2ª edição

Humberto Nóbrega

Editora da Universidade Federal da Paraíba/EDUFPB

EU

Este livro foi diagramado pela Editora UFPB em 2018,
utilizando a família da fonte Minion Pro e Stag. Impresso em papel
Pólen Soft 80 g/m² e capa em papel Supremo 250 g/m².

O livro aborda conceitos até agora vigentes em torno da personalidade de Augusto dos Anjos. Ele aqui aparece bem diverso de como tem sido divisado nos quadros da crítica literária e nas pesquisas científicas que a sua figura de homem e de poeta tem provocado. Para tanto, o autor da presente obra recorreu às bibliotecas públicas e às particulares, a fim de embrenhar-se em pesquisas revolvendo livros de tomo, coleções de jornais e assentamentos eclesiásticos, além de buscas em cartórios e entrevistas com familiares e amigos de Augusto dos Anjos. Com isso, o autor alcançou informações pertinentes acerca da vida e obra do referido poeta, até a última fase de sua existência. O estudo constitui, portanto, uma homenagem à memória de Augusto dos Anjos, um dos maiores poetas paraibanos, um dos maiores poetas do século.

ISBN 978-85-237-1355-3



9 788523 713553